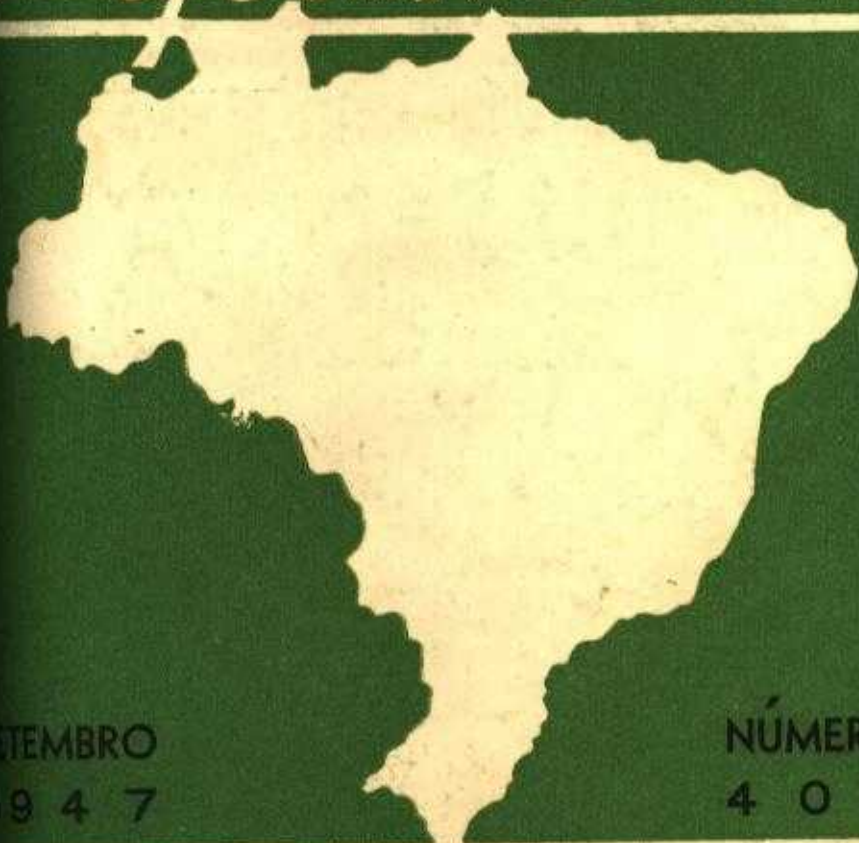


A Defesa Nacional



SETEMBRO

1947

NÚMERO

400

Coronel RENATO BAPTISTA NUNES Diretor-Presidente
Coronel ARMANDO VILANOVA P. DE VASCONCELOS Diretor-Secretário
Major BELLARMINO NEVES GALVÃO Diretor-Gerente
Major JOSÉ CODECEIRA LOPES Auxiliar
Capitão OCTAVIO ALVES VELHO Auxiliar
Capitão I. E. JOAO CAPISTRANO MARTINS RIBEIRO Tesoureiro

RIO DE JANEIRO

B R A S I L

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 Outubro de 1913

Ano XXXIV

Brasil — Rio de Janeiro, Setembro de 1947

N. 400

SUMARIO

	Página
EDITORIAL	3
ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL — A cavalaria sob o ponto de vista de sua organização — General Teodoro Barbosa	9
O R. I. no combate defensivo — Ten. Cel. J. B. Mattos	33
A 4.ª Seção na Campanha da Itália — Ten. Cel. A Seena Campos	57
Um estudo sobre o deslocamento e o estacionamento no quadro do R. C. — Major Codeceira Lopes	67
O pelotão de minas do Regimento Sampaio — Cap. Freitas Lima Serpa	83
Atuação do observador avançando na A. de apoio direto 1.º Ten. Rubens Nessel	99
Síntese da conferência de A. de Campanha — Major Hei- ter Lyra	105
Prática de eletricidade — Cap. Cesar Neves	113
A instrução de patrulha e do pelotão de reconhecimento motorizado — Cap. Arnaldo Calderari	127
Problemas médicos nas selvas do Pacífico — Cap. Dr. As- tor de Carvalho	139
Centralização do tiro	151
ASSUNTOS DE CULTURA GERAL — Plano básico dos tra- balhos do C. N. P. e suas realizações — General J. Carlos Barreto	173
A disciplina e seu sentido filosófico — Ten. Luiz Almeida Barreto	179
Dia da Pátria — Cel. Felício Lima	183
A História Militar e o preparo profissional dos oficiais — Major Omar Emir Chaves	183
ASSUNTOS DIVERSOS — Boletim	205
Noticias Militares	217
Aos colaboradores	223
Livros Novos	225
Legislação Militar	229
Representantes	235

ED

As comem-
veram um real-
grata para nós
guerra.

Não foi só
unificando o se-
bém o prestígio
tência soberana
ral, se rendeu e
a nossa formosa
cendente conclui-
sob a presidência
tados marcaram
internacionais, p-
aos ditames da
tos essenciais pa-
povos e, mais que
timentos fratern-
ções amantes da
privilegiado do m-
Vitória incor-
dade e da sincer-
das consciências
tadas pelas deleg-
canos.

EDITORIAL

As comemorações do dia da Pátria este ano tiveram um realce especial e uma significação muito grata para nós brasileiros, neste atormentado após guerra.

Não foi só a efeméride que nos congregou, unificando o sentimento nacional. Festejou-se também o prestígio inconfundível do Brasil como potência soberana, a cujo destemor e autoridade moral, se rendeu excepcional homenagem, escolhendo a nossa formosa capital para sede do mais transcendente conclave internacional de nossos tempos, sob a presidência de nosso chanceler. Seus resultados marcaram uma nova fase para as relações internacionais, porque consultaram exclusivamente aos ditames da razão e da justiça como fundamentos essenciais para a consecução da paz entre os povos e, mais que isso, serviram de vínculo aos sentimentos fraternais da solidariedade entre as Nações amantes da paz e do progresso, neste recanto privilegiado do mundo.

Vitória incontestável da boa vontade, da lealdade e da sinceridade que foi a força aglutinadora das consciências livres tão superiormente representadas pelas delegações de todos os povos americanos.

Oxalá, êsse exemplo de compreensão e de amizade frutifique e inspire os responsáveis pelos destinos da civilização, restabelecendo a força criadora do espírito e do coração para permitir a realização dos ideais de liberdade e dignidade humanas, tão deploravelmente renegadas na maledorada Europa, tanto pelos pangermanistas de ontem como pelos panslavistas de hoje.

Esquecem-se das lições da História!

Um de nossos pensadores modernos, já disse a propósito: "No mundo atual, dada a profunda osmose política, econômica e cultural entre os povos e, acentuando-se cada vez mais a interdependência das nações, devido ao primado dos princípios jurídicos sobre a política da força e ao encurtamento das distâncias por meio da aviação, poderemos notar que uma teoria política, econômica ou filosófica é quase simultaneamente discutida nos principais centros políticos ou culturais do mundo".

Daí o conceito novo da guerra que bem precisamos assimilar e que justifica todo o esplendor com que foi aplaudido o conclave de Petrópolis.

Foi essa a razão de termos tido o ambiente de paz e de concórdia em que se desenvolveu aquela conferência que procurou, antes de mais nada, congrega em um bloco uniforme os povos americanos para a salvaguarda e defesa do patrimônio moral, material e político dêste Continente. Foi êsse mesmo ambiente que permitiu à nossa brava e generosa gente festejar sem restrições os atores dêsse grande palco, no dia mais grato às suas tra-

dições de
ção eloquente
nhecendo
triotas e a
ções com o
em u'a hon
cional, tod
América,
Presidente
basta a sa
bém medita
nos impõe
perigos que

A prop
mos, data v
entre dois g
e o sr. Cós
acerca dos p
para infelic
nevo os hori

O Marec
COMO VÊ o

"1.º) E
grande Exérc
tencial nacion

2.º) é r
tífica;

3.º) par
inimiga, é in
vel o potencia

4.º) deve
cercado por p

5.º) deve
renos para a ev

dições de patriotismo e de glórias, numa afirmação eloqüente da consciência nacional. E foi, reconhecendo as nossas qualidades de povo livre e patriota e a elevação de nossos propósitos nas relações com os outros povos, que aqui permaneceram, em u'a homenagem muito sensível ao orgulho nacional, todos os representantes dos povos irmãos da América, confraternizando conosco, inclusive o Presidente da Grande Nação do Norte. Mas não basta a satisfação de um dia feliz, é preciso também meditar sôbre os deveres que a hora presente nos impõe como Nação Soberana, em face dos perigos que nos cercam.

A propósito, para essa meditação, reproduzimos, data vênica, a troca de idéias havida em Paris entre dois grandes Chefes o Marechal Montgomery e o sr. Côté Forêt, Ministro da Guerra francês — acerca dos problemas sôbre a futura guerra que, para infelicidade de nossa geração, já tolda de novo os horizontes.

O Marechal Montgomery expoz aos franceses COMO VÊ o poderio militar de uma grande Nação:

“1.º) Em tempo de paz, é inútil manter um grande Exército, o que é preciso é organizar o “potencial nacional”;

2.º) é necessário organizar a pesquisa científica;

3.º) para livrá-lo (potencial militar) da ação inimiga, é indispensável disseminar o mais possível o potencial industrial da nação;

4.º) deve-se criar um núcleo de especialistas, cercado por poderosas reservas bem instruídas;

5.º) deve-se estar preparado em todos os terrenos para a eventualidade de um conflito armado.”

Excelentes conceitos, gerados em uma mentalidade bem formada, mas que, por parecerem judiciosos, mereceram a crítica objetiva do Ministro da Guerra francês que definiu com toda a pujança da inteligência gaulesa, a doutrina francesa na sua aplicação.

O Ministro Lorêt assim se expressou:

"Concordo convosco Marechal nos 2.º, 3.º e 5.º pontos, e em particular quando encareceis a importância da pesquisa científica que o governo da França julga fundamental. E por certo quando afirmastes ser essencial a preparação da Nação para a guerra, pois daqui por diante a guerra moderna é uma luta de Nação contra Nação; as frentes continuas não existem mais e a defesa do país se faz em superfície, de modo que todas as energias devem ser mobilizadas ao serviço do ideal, se amanhã quisermos estar preparados.

Discordo, porém, respeitosamente e espero que m'o permitais, quando dizeis que o "Exército Forte" não é talvez indispensável e que, afinal, a guerra se prepara hoje em dia tanto nos laboratórios como nas casernas". "Na França não participamos dessa espécie de delírio atômico que se desencadeou sobre os países anglo-saxões, primeiro porque acreditamos (e a história moderna nos ensina) que o meio de defesa está sempre muito próximo do início do ataque. Sou daqueles que pensam que a guerra atômica não se realizará e, precisamente, porque a preparamos. Assim se passou com os gases de combate na última guerra."

"Penso que a guerra de amanhã será uma batalha de engenhos auto-propulsados. Mas creio também que, depois dos projéteis sem piloto, é necessário que se ocupe o território inimigo, e para isso,

é preciso
poderoso"

"Como
é o que diz
estou de a
que não con
acreditamos
vocação anu
sar que o I
acreditamos
modernos é
classe. Acha
francês deve
soldados de
que fêz ganh
qual o Exérc
única entida
parte, o Exérc
vocação anual
basear a organ
Façamos
ceando nossos
dades nacional
tarefa que é ta
ser vencida con
tinos e na inteli
Temos motivos
nós mesmos e d
devoção pelo no
O problema
ção de todos.

Que Deus i
faça dignos das
grandioso 7de s
marcha no conce

é preciso dispôr de um Exército e um Exército poderoso”.

“Como renovar um Exército, como constituí-lo é o que dizeis no 4.º princípio. E se, de minha parte, estou de acôrdo quanto à forma, devo acentuar que não concordo com a substância, pois na França acreditamos que o Exército deve basear-se na convocação anual do contingente. Continuamos a pensar que o Exército deve ser popular. Na França acreditamos, e profundamente, que com métodos modernos é possível instruir em seis meses uma classe. Achamos que a reorganização do Exército francês deve fundar-se nesse princípio que fez os soldados de Valmy, os soldados do Imperador e que fêz ganhar a guerra de 1914-1918, segundo o qual o Exército e Nação devem constituir uma única entidade. Condeno totalmente, de minha parte, o Exército profissional e creio que é na convocação anual do Contingente popular que se deve basear a organização do Exército francês”.

Façamos agora a nossa crítica honesta, balanceando nossos próprios atos, tendências e as realidades nacionais para chegarmos a acelerar nossa tarefa que é também vasta e difícil, mas que há de ser vencida com a fé e a esperança nos nossos destinos e na inteligência e capacidade de nossa gente. Temos motivos bastantes para nos orgulharmos de nós mesmos e da obra de civilização construída com devoção pelo nosso povo.

O problema que se nos apresenta é da cogitação de todos.

Que Deus ilumine nossas consciências e nos faça dignos das bênçãos que nos concedeu nesse grandioso 7 de setembro, porque também o Brasil marcha no concerto das Nações Unidas.

ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

"Não há, no combate regras de jogo. Toda formula abso-
luta, toda teoria rígida num campo é perniciosa.
Para a guerra, não pode existir doutrina imutável. Todo ra-
ciocínio baseado em princípios, só conduz ao erro.
Somente o método é capaz de dar a situação dos problemas
infinitamente variados que a guerra apresenta, porque so-
mente elle considera com exatidão os fatos, as situações e
os meios. Procurai raciocinar e agir com método".

Cel. PERRIER DE LA BATHIE

"A boa disciplina do Exército demanda bons quartéis,
campos de instrução e de manobras; requer que os chefes,
os generais e os officiaes convivam com os soldados".

Gen. OSÓRIO

"Não bata extinguir o corpo de bombeiros para evi-
tar incêndios e a policia para evitar crimes, como tão pou-
co desarmar o Exército para evitar que outras nações se
avantejem sobre nós".

Gen. MAC ARTHUR

A Cavalaria sob o ponto de vista de sua organização, emprêgo e preparo

Pelo Gen. **JOÃO TEODURETO BARBOSA**

Cmt. da 3.^a Div de Cavalaria

I

INTRODUÇÃO

Tôdas as guerras de vulto, pelo aproveitamento e introdu-
ção de instrumentos novos no seu aparelhamento, têm exercido
influência decisiva e repercutido fundamentalmente na fisio-
nomia dos Exércitos, realmente mantidos para a defesa de seus
países.

Não há, por essa razão, instituição militar digna dêsse nome,
que não tenha transformado sua feição aparente, embora a es-
trutura, e a verdadeira armadura em que se estratifica a Defesa
das Nações, permaneçam quasi intáctas à ação renovadora.

Não é oportuno, nem cabe aos limites acanhados destas apreciações, o exame completo desses dois aspectos distintos das organizações militares, os quais vêm sendo registados, sem quebra de continuidade, pela História, após o desfecho de cada conflito mundial.

É evidente, porém, que a essência dessa diferenciação repousa em fatores próprios e específicos, pois, enquanto os equipamentos dos Exércitos decidem dos processos de combate e influem nos contornos de sua organização, os princípios da Arte da Guerra conservam-se imutáveis, exercendo sobre o arcabouço da segurança de cada país, um influxo que não tem variado, sinão na expansão e revigoramento da ação conjunta das forças do Ar, de Terra e do Mar.

Infere-se destas afirmações, que não é a natureza do material empregado pelas corporações militares, que repercute na sua repartição e constituição própria, tanto assim que, no último quarto de século, alianças de numerosas nações, sob as mais típicas organizações, alcançaram as vitórias mais retumbantes. Eram, antes, o respeito às tradições históricas, a ânsia de conservar a liberdade e a consciência de nacionalidade desses povos, que lhes despertavam a capacidade bélica, refletida no poder armado peculiar a cada um e lhes infundia a confiança e o patriotismo inquebrantáveis.

O mesmo já se não pode avançar, quanto á diversificação das Armas, em que o material utilizado tem um domínio soberano. À medida que os conflitos avançam com os dias da era contemporânea, mais sensíveis e acentuadas são as transformações que elas experimentam, perdendo, até, quase ao desconhecimento completo, a índole própria e inerente a cada uma, sem contudo se despojarem — o que é singular — de suas características peculiares.

Sob os efeitos do emprego de um material, cada dia mais arrasador, os combatentes vão-se adaptando às circunstâncias, seja acionando meios mais eficazes ao ataque e á defesa, ou recorrendo a transportes mais rápidos, e que lhes assegure melhor mobilidade, em benefício da surpresa, que é quase tudo na guerra.

Essa capacidade de ajustamento ás injunções do campo de batalha, verdadeiro e perfeito mimetismo a que o combatente fica adstrito, erigindo-o dos mais complicados instrumentos técnico-científicos, transforma-o num ouriço agressivo, que pode sobreviver por mais surpreendentes que sejam as contingências do combate.

Em substâncias, mas, em es-
adversário e com
mesma, embora a
novação dos pet-

Assim, o qu-
te, que é a unid-
glomerados em o-
imposições dom-
Mais para aciona-
para fugir aos m-
cessidade de mo-
bate para enfren-
a essas transform-
ficuldades que se-

Tôdas elas v-
no aspecto de con-
nhuma, inclusive
alternativas, abdic-

A Cavalaria, a-
dres de certos m-
suas formações, q-
te, ela, como suas i-
rapidez apreciável
dispensáveis ao ata-
essenciais, ela esp-
ários á continuidade
precisa de uma org-
mento desse mater-
mais numeroso.

Se lhe dermos
carmos o espírito d-
e capazes de compr-
em vista a complex-
mos dúvida, a Cava-
gativas tradicionais
to combatente, em t-

Tôdas as Arma-
cas e ninguém pode
vulneráveis á Aviaç-
tente á Cavalaria.

Admitido como
vem sob um céu lim-

Em substância, as mudanças têm sido para êle quase radicais, mas, em essência, a luta travada para o aniquilamento do adversário e conquista do terreno disputado, continúa quase a mesma, embora os processos não cessem de variar, devido à renovação dos petrechos empregados.

Assim, o que se constata individualmente com o combatente, que é a unidade, verifica-se com as Armas, que são os conglomerados em que êles agem associados, segundo às mesmas imposições dominantes dos modernos teatros de operações. Mais para acionar o material de que são dotados, do que mesmo para fugir aos meios de agressão do inimigo, elas têm tido necessidade de modificar constantemente seus processos de combate para enfrentar vantajosamente a luta e poder sobrepôr-se a essas transformações, persistindo, a despeito de tôdas as dificuldades que se lhes deparam.

Tôdas elas vão experimentando modificações substanciais, no aspecto de conjunto do seu apetrechamento bélico, mas, nenhuma, inclusive a Engenharia que tem sofrido as mais fortes alternativas, abdicam das prerrogativas, de Arma Combatente.

A Cavalaria, é obvio, não podia escapar aos efeitos arrazadores de certos materiais. Sem desprezar a vulnerabilidade de suas formações, que sua mobilidade pode atenuar sensivelmente, ela, como suas irmãs, possui ainda a capacidade de levar, com rapidez apreciável, até o ponto desejado, todos os recursos indispensáveis ao ataque ou à defesa. A despeito desses atributos essenciais, ela espera ser dotada dos recursos orgânicos necessários à continuidade de sua atuação nos teatros de operações, e precisa de uma organização mais flexível, adequada ao acionamento desse material, que será, certamente, pesado e cada vez mais numeroso.

Se lhe dermos essas duas condições indispensáveis e vivificarmos o espirito dos Quadros que a servem, tornando-os áptos e capazes de compreender o desempenho de suas funções, tendo em vista a complexidade orgânica da Arma, então, não tenhamos dúvida, a Cavalaria não perderá nenhuma de suas prerrogativas tradicionais e afirmará sua sobrevivência, como elemento combatente, em todos os teatros de operações.

Tôdas as Armas vão experimentando modificações idênticas e ninguém poderá contestar o quanto elas se vão tornando vulneráveis à Aviação, sem, em troca, dispôr da mobilidade inerente à Cavalaria.

Admitido como argumento pacífico, que os combates se travem sob um céu limpo da Aviação inimiga ou com fraca obser-

vação aéro-terrestre, como sóe acontecer atualmente, há, ainda, para a tradicional Arma de OSORIO, um campo de ação em que poderá praticar façanhas análogas à dos seus tempos heróicos, se for conscientemente preparada e bem empregada.

Conceituado mestre de tática de Cavalaria, da Escola Superior de Paris, o General RENÉ ALTMAYER, afirmou, com grande acerto e sabedoria, que as armas antes de serem caracterizadas pelos seus processos de combate, são definidas pelas missões que terão de cumprir no Campo de Batalha. Essa expressão encerra, para os Cavalários, um mundo de ensinamentos e deve levá-los à meditação, para que se não entreguem a um desânimo inexplicável e debilitante, em vez de soerguerem sua Arma e reivindicarem para ela, o lugar que sempre lhe coube no conjunto das Armas nacionais.

O que se depreende, pela lógica cartesiana do conceito lapidar do mestre francês, é que, se perduram as missões clássicas da Cavalaria — reconhecer, cobrir e combater em ligação com as outras armas — ela ainda existe, e, então, têm de preparar-se para cumprir as missões, que só a ela devem ser atribuídas...

Este raciocínio nos traz ao ponto sensível da questão, que consiste em saber como organizá-lo, a fim de que possa preparar-se para o desempenho cabal de seu papel.

Antes de mais nada, o que lhe importa, para cumprir essas missões, é levar ao ponto desejado e em tempo útil, o material de que dispõe para agir, a despeito da ação contrária do inimigo. Para isso, ela deve ser dotada de todos os meios orgânicos necessários, em condições de lhe dar capacidade operativa, independente dos reforços com que eventualmente deva contar, em circunstâncias particulares.

Essa foi a tendência das organizações da Cavalaria dos grandes Exércitos, e á qual não podemos fugir. Ao contrário, devemos adotá-los, imprimindo-lhe um cunho mais acentuado de pujança, em detrimento mesmo da velocidade, quer recorrendo ao aumento de sua potência de fogo e de armas anti-carro mais eficazes e numerosas, quer pela motorização dos seus serviços, para compensar a perda de mobilidade que a nova feição lhe acarretará, mas não pode ser desprezada.

A par dessa Cavalaria potentemente constituída devemos possuir a Cavalaria blindada, como seu complemento e como garantia de que suas missões, quaisquer que sejam as contingências do campo de Batalha, ou o equipamento que o inimigo lhe

depare, serão cu
em cooperação c

Chegaremos
nos elementos d
ramente hipo-mó
justapostos, com
exploração obtv
pense na perman

Essas combi
guerra, notadame
obstante, motivad

A ORGANIZ

Examinemos

Esta questão
tocados, sinão cor
rir com a ética m

Temos de pis
lise serena e sem e
e nem sempre pro

Nos últimos
amudado as nossa
encontra similitud
de uniformes. Alg
garam a transpirar
ponto foi útil, por
aparelhamento de

Com exceção
HERMES DA FO
cito às nossas fôrç
de que são em gran
tra, mais rara com
revestido quase sem
o mais prejudicial d
muito do gosto de a

A Cavalaria, an
sofrido atrozmente
espera, agora, porém
vigore o espírito, tor
dicionais.

depare, serão cumpridas, em benefício dos grossos amigos, ou em cooperação com eles.

Chegaremos assim, à composição dos verdadeiros e modernos elementos de Cavalaria, que tanto poderão permanecer puramente hipo-móveis, como exclusivamente blindados, ou ainda justapostos, com a aplicação do combinado cavalo-motor, cuja exploração obteve resultados tão eficientes que justificam se pense na permanência do seu emprego.

Essas combinações, tôdas elas experimentadas na última guerra, notadamente no teatro de operações europeu, têm, nada obstante, motivado veementes debates nos meios militares.

II

A ORGANIZAÇÃO DA CAVALARIA BRASILEIRA

Examinemos agora a organização da Cavalaria no Brasil.

Esta questão é delicada e tem melindres que não podem ser tocados, sinão com grande tato e precaução, para não interferir com a ética militar.

Temos de pisar, é certo, o terreno da crítica, mas, em análise serena e sem enveredar pelo caminho da censura, que irrita e nem sempre produz frutos compensadores.

Nos últimos decênios, sob várias denominações, têm-se amiudado as nossas reorganizações militares, num ritmo que só encontra similitude, nas constantes e intermináveis mudanças de uniformes. Algumas, tiveram vida tão efêmera, que não chegaram a transpirar do papel que as continha, o que até certo ponto foi útil, porque não afetaram, nem comprometeram, o aparelhamento de nossa defesa.

Com exceção da organização empreendida pelo Marechal HERMES DA FONSECA, que deu realmente forma de Exército às nossas forças militares de terra e dotou-as do material de que são em grande parte, ainda armadas hoje, e uma ou outra, mais rara com êsse caráter, as nossas reorganizações se têm revestido quase sempre de cunho essencialmente político, que é o mais prejudicial de todos os critérios a escolher, embora seja muito do gosto de alguns dos seus aproveitadores.

A Cavalaria, arma difícil de organizar e de manter, tem sofrido atrozmente as consequências dessas vacilações e ainda espera, agora, porém, confiadamente, um dispositivo que lhe revigore o espírito, tornando-a capaz de cumprir suas missões tradicionais.

Sem aumentar sensivelmente o arcabouço, já existente, dessa Arma, poder-se-ia dar-lhe feição muito mais eficiente, acrescentando-a dos morteiros leves e pesados, de tôdas as armas necessárias à defesa contra-carro e anti-aérea e alguns canhões orgânicos, leves e de pequeno alcance. Em troca, para dar-lhe flexibilidade e atenuar a possível perda de parte da sua mobilidade, dever-se-ia imprimir-lhe nova fisionomia, reduzindo os regimentos a três Esqs. Fuz. e estes a 3 Pels. Em compensação as D.C. teriam 3 Bdas., estas passariam a 3 Regimentos, criando-se uma quarta D.C. sem retirar os Regimentos das D.I., os quais passariam a ser mistos, com a incorporação dos Grupos de Reconhecimento.

Ficariamos também integrados na ordem ternária, como vamos vêr :

Presentemente possuímos :

3 D.C. a 2 Bda. C. a 2 Reg. a 4 Esq.	= 48 Esq. Fuz.
1 Bda. C. Mista (M. Grosso) a 2 Reg. a 4 Esq.	= 8 " "
5 R. C. de D. I. a 4 Esq.	= 20 " "
R.A.N. a 4 Esq. (ou equivalentes) ,	= 4 " "
15 R.C. a 4 Esq.	= 4 " "
<hr/>	
21 Reg. a 4 Esq. Fuz.	= 84 Esq. Fuz.

Todos os Regimentos passando a 3 Esq. Fuz. e os Esq. a 3 Pel. ficariamos : $84 + 28 = 112$ Esq. correspondendo a última parcela aos 28 Pel. obtidos com a redução dos Esq. a 3 Pel..

Para a organização proposta, precisamos :

3 D.C. x 3 Bda. C. x 3 Reg. x 3 Esq.	= 81 Esq. Fuz.
Bda. C. Mista x 2 Reg. x 3 Esq. X	= 6 " "
5 R.C. D.I.	= 15 " "
R. A. N.	= 3 " "
15 R. C.	= 3 " "
<hr/>	
21 R. C.	= 102 Esq. Fuz.

Verifica-se, assim, um excesso de 10 Esq. Fuz. ou sejam mais 3 Regimentos, que reunidos ao R.A.N. e 15 R.C. e a outros elementos economizados dentro dos Regimentos, com a absorção de fatores inúteis, constituiriam o núcleo de formação

da 4.^a D.C. laria. Ao c Grupos de bilidade.

Semelh só lhe acre mentando s meios indis bilidade dos mínimo, um

Além d ganização, c as unidades uma miniatu mais uniform teriais, em c

Há outr ciada. Ao q desapareceu, conheciment Semelha vel. E' també elemento dif ra, como pela

Admitam haja normalm de que ela ex constituida e mecanizada, não só as D. esclareciment disponíveis, p atribuir.

Não se p tuídos sob o de mobilidade Cmts. de C.E. está em que é da Cavalaria, carro, de mort junto lhes des

A rapidez gurada por Seq

da 4.^a D.C., sem necessidade de privar-se as D.I. de sua Cavalaria. Ao contrário, ela seria reforçada com a aglutinação dos Grupos de Reconhecimento, dando-lhe maior potência e mobilidade.

Semelhante organização revigorará a nossa Cavalaria, não só lhe acrescentando uma potência respeitável de fogo, como aumentando sua capacidade combativa, tanto pelo suprimento de meios indispensáveis à rapidez de sua ação, quanto pela flexibilidade dos Comandos, o que lhe permitiria acionar, em tempo mínimo, um potencial de considerável importância.

Além dessas vantagens que constituem a essência da sua organização, com ele obteríamos uma feição homogênea, porque as unidades isoladas teriam a ossatura das G.U., de que seriam uma miniatura, e a instrução, além de simplificar-se, poderia ser mais uniformizada e facilitada, pela presença de todos os materiais, em quase todas as guarnições da Arma.

Há outra face deste problema que não pode ser negligenciada. Ao que parece, é certo que a Cavalaria das nossas D.I. desapareceu, praticamente, cedendo o passo aos Grupos de reconhecimento mecanizados.

Semelhante solução não se nos afigura apenas, desaconselhável. É também perigosa, tanto pela redução injustificável de um elemento difícil de constituir e preparar, sob a pressão da guerra, como pela ausência irreparável de uma Cavalaria de C. Ex..

Admitamos de bom grado, que nas D.I. enquadradas não haja normalmente incumbências para a Cavalaria. Contudo, desde que ela exista, bem apetrechada para as operações modernas, constituída em condições de agir em conjunto, a cavalo e moto-mecanizada, ou com estes elementos operando isoladamente, não só as D.I. ficariam dotadas dos órgãos essenciais ao seu esclarecimento e segurança, como haveria, sempre elementos disponíveis, para os quais os C. Ex. tem igualmente missões a atribuir.

Não se pode desdenhar da atuação, que organismos constituídos sob o ângulo de uma poderosa potência de fogo e grande mobilidade, poderiam ter à frente das D.I., ou na mão dos Cmts. de C. Ex., quando àquelas estivessem em linha. O ponto está em que esses Regimentos em tudo uma miniatura da G.U. da Cavalaria, possuíssem uma forte dotação de armas contra-carro, de morteiros e até canhões de pequeno alcance, cujo conjunto lhes desse, de fato, um poder ofensivo respeitável.

A rapidez de operações em todos os terrenos lhes seria assegurada por Seções de transmissões dotadas de bom material, por

elementos de Sapadores providos de material adequado, principalmente ferramenta e meios orgânicos para destruição e passagem de rios. O restante seria obra de uma instrução intensiva e avançada, empreendida em campos de instrução dignos deste nome, sob a direção de quadros conscienciosos e que tenham amor ao trabalho.

Unidades arcabouçadas com essa flexibilidade e valor intrínseco, e impregnadas do verdadeiro espírito combativo que deve animar o bom cavalarião, são elementos preciosos em todas as situações, como mostraram a cavalaria alemã, enquanto existiu, e a Rússia durante toda a Guerra.

Para completar o valor de uma estrutura dessa natureza, é preciso voltar as vistas para as Armas que devem integrar o seu poderio: a Artilharia, Engenharia e Transmissões, sem esquecer os órgãos de Serviços que alimentam sua capacidade combativa.

Segundo o nosso compasso de apreciação do problema, as unidades de Cavalaria já devem possuir um escalão orgânico desses meios preciosos, afim de se tirarem, com os seus próprios recursos, das pequenas dificuldades encontradas. Dessarte, o Comando da G.U. teria sempre em mão, elementos potentes, móveis e flexíveis, com que exerceria sua ação no ponto e momento desejados. Mas, para esse mister, é preciso que desde o tempo de paz existam os dois escalões e uma Artilharia potente Hipo e rebocada — assim como uma Engenharia e Transmissões bem aparelhadas e motorizadas, que acompanhem e participem dos repetidos exercícios da Cavalaria, em terreno escolhido e variado.

Por outro lado, os Serviços, tanto dos Corpos de Tropa, como das G.U., precisam ser, a seu turno, igualmente motorizados.

Esse vigoroso arcabouço da Cavalaria deve ser inteirado pelo seu remate natural — as formações blindadas, quer constituindo os elementos orgânicos de suas G.U., quer estruturando as Divisões Blindadas da Reserva Geral, conjunto que pela harmonia de suas características, deve constituir a nossa moderna arma de Cavalaria.

Acostumado às ações profundas, ou em grandes linhas, com flancos abertos, o cavalarião mais de que qualquer outro combatente, possui a mentalidade própria para impelir profundamente os elementos a motor no coração da resistência inimiga e desmantelá-la.

Mas é mis
hipo, fonte da
alma e princip

Essa é um
nização exista
nente e essa se

Para que s
indispensável q
sobre a Arte de

Este preceit
cerca lições que
de uma organiza
só existem para
sentidos.

Em face da s
as improvisações
cia, do movimen
seu papel na guer
da e exercitando
os meios orgânicos
mos, exagerando u

O E

Aparelhada nes
como deve ser emp
dejar-se, em dia que

Seu emprego n
ção da organização
por isso, uma conce
respeitar os ensinam
desenvolvimento dos
gresso incessante do
conhecimentos cientí

Impõe-se para ch
meticuloso, com o esp
do papel desempenha
tre os exércitos de d
Deixaremos de pa
reos em que ela decidi
os intrépidos cavaleir

Mas é mistér que não se abandonem de vez, as formações hipo, fonte das decisões ousadas e seguras, nem o cavalo, sua alma e principal instrumento da formação do cavalheiro.

Essa é uma das faces do problema. A outra é que a organização exista real e materialmente, isto é, tenha vida permanente e essa se exerça em toda sua plenitude.

Para que se tenha uma Cavalaria aguerrida e agressiva, é indispensável que a formemos, segundo o conceito de Napoleão sobre a Arte de Guerra — que ela seja *simples e só de execução*.

Este preceito cuja última parte é geralmente esquecida, encerra lições que não devem ser desprezadas, quando se cogite de uma organização militar qualquer, de vez que os Exércitos só existem para fazer a guerra. *E a guerra é ação em todos os sentidos*.

Em face da significação desses princípios, segundo os quais as improvisações não passam de um crime, a Arma por excelência, do movimento não pode ser improvisada. Para desempenhar seu papel na guerra, ela deve estar permanentemente aparelhada e exercitando nos campos de instrução, ininterruptamente, os meios orgânicos de suas ações normais. E' como se dissessemos, exagerando um tanto — *deve conservar-se em pé de guerra*.

III

O EMPREGO DA CAVALARIA

Aparelhada nesse pé a Cavalaria, é natural que indaguemos como deve ser empregada em um eventual conflito a desencaixar-se, em dia que não poderia ser fixado com segurança.

Seu emprego nessa guerra futura, tanto quanto a elaboração da organização que o visa, tem de ser prescrito a priori. E', por isso, uma concepção ousada e de risco, não só porque deve respeitar os ensinamentos do passado, como condicionar-se ao desenvolvimento dos processos de combate, imposto pelo progresso incessante do aparelhamento militar, influenciado pelos conhecimentos científicos aplicados à guerra.

Impõe-se para chegar a um resultado defensável, um estudo metódico, com o espírito desarmado e sem ideia pre-concebida, do papel desempenhado pela Cavalaria, em antigos choques entre os exércitos de duas Nações, ou dois grupos de Nações.

Deixaremos de parte a atuação da Cavalaria, nos tempos áureos em que ela decidia das batalhas, tomando praças fortes com os intrépidos cavaleiros dos Lassales, ou marchetava de novos

lampejos as Águias Napoleônicas, com as fações fascinantes dos Murat. Essa época heróica encerrou-se definitivamente, por volta de 1870, nos campos europeus, na batalha de Saint Privat, onde a Cavalaria alemã se bate leoninamente, reparando as falhas de uma estratégia débil e a francesa se cobre de glórias, com a imperecível carga Marguerite, com que, em vão, procurou atenuar o desastre de Bazaine.

Na América, os fatos não se passam de maneira diferente. Com o Gen. Lee, na Guerra de Secessão, ela viveu dias em que floresceram a sua eficiência e potencialidade, ao passo que em Avai, fascinada pela magia de Osório, e depois de Câmara, ela encerra, no pampa Sul Americano, o seu ciclo glorioso e começa a adaptar-se às ações de que temos sido testemunhas, nos últimos tempos.

Aquelas ações, honrosas, sem dúvida, passaram ao nosso patrimônio histórico, bem como de outros povos. O nosso interesse, hoje, sendo mais objetivo e utilitário, volta-se para os dois últimos conflitos mundiais, em que a tática sofre revoluções, que deixaram atônitos quase todos os Exércitos do mundo.

Não é de admirar que a esses acontecimentos e sob a influência inaudita da ação destruidora de um material algo desconhecido, o emprego da Cavalaria experimentasse vacilações e desacertos, que ainda se discutem, sem se vislumbrar uma solução de equilíbrio, que harmonize as opiniões.

Examinando a primeira grande Guerra Mundial (a de 1914-1918), sem descer a detalhes que ultrapassem os limites alcançados deste trabalho, poderemos ver a atuação da Cavalaria sob três ângulos diferentes.

O primeiro, inerente à campanha da Prússia Oriental, em que apenas se verifica a ação frustrada da excelente Cavalaria Russa, anulando-se até o aniquilamento, nas mãos de chefes, que não souberam tirar dela nenhum partido, senão para reparar as falhas do Comando.

Nessa eventualidade, não poderia escapar ao golpe que feriu seu Exército, naquela frente, deixando de desempenhar o papel, de que se podesse inferir qualquer ensinamento consistente e estável.

O segundo aspeto nos é dado, no teatro ocidental — o principal — pelas duas melhores Cavalarias da Europa, as soberbas e rivais, Cavalarias francesa e alemã.

Ambas apresentam-se em campo com uma preparação, que atingira o apogeu e o máximo refinamento, figurados na legítima expressão da fama, que aureolava os Corpos Sordet e de

Marwitz. Infelizmente, sonhando com cavalgatas que ha-

Nenhum de
horizonte dos seus
ros à lança e a c
Apesar da evidência
as duas Cavalarias
ção exaltada pelos
episódios tentam r

Precedendo os
as duas admiráveis
batalha da frente
designação de TO

As ideias de q
a doutrina quanto
não uma organizaçã
terial era a mais p

Equipadas e in
suas atuações não p
Enquanto a Cavalari
procurando o comb
cooperando na mem
lhor armada, manob
a seu respeito se di

Ao fim da batal
à altura, para o apre
vida, ao esmagament
ção, pelo arrasament
mente derrotado.

Do lado alemão,
são, cabendo aos C. C.
refa de tapar a brécha
permitindo-lhe a reti
darmas, não há dúvida
por falta de uma Cav

Posteriormente, r
outro emprego espor
necessidade de efetivo
Exércitos despojaram
quências para ambos,
campanha, ao se regis
mada a participar da e

Marwitz. Infelizmente, porém, alimentavam-se do mesmo equívoco, sonhando reviver nas planícies da Europa Ocidental, as cavalgatas que haviam imortalizado seus antepassados.

Nenhum de seus brilhantes Chefes havia vislumbrado no horizonte dos seus destinos, que os tempos épicos dos entevêros à lança e a cavalo pertenciam definitivamente à legenda. Apesar da evidência dos fatos e de uma outra fraca advertência, as duas Cavalarias defrontam-se em Charleroi, com a imaginação exaltada pelos carroceiros à moda dos sucessos de 1870, cujos episódios tentam reconstituir.

Precedendo os seus Exércitos, segundo o emprego clássico, as duas admiráveis Cavalarias esgotaram-se prematuramente, na batalha da fronteira, nas ações que passaram a História com a designação de **TORNEIO DE CHALEROI**.

As ideias de que se achavam impregnadas e que formavam a doutrina quanto ao seu emprego, não podiam empreender senão uma organização defeituosa da Arma, em que a dotação material era a mais pobre e inadequada à guerra que se iniciava.

Equipadas e instruídas de maneira sensivelmente diferente, suas atuações não podiam deixar de ser igualmente, distintas. Enquanto a Cavalaria francesa, agindo mais agressivamente e procurando o combate a arma branca, se aniquilou no Marne, cooperando na memorável retirada, a alemã, mais prudente, melhor armada, manobrava "entre as pernas da infantaria" como a seu respeito se dizia, com desprezo.

Ao fim da batalha, os franceses não tinham uma cavalaria, à altura, para o aproveitamento do êxito, que levaria, sem dúvida, ao esmagamento completo da ala direita do exército alemão, pelo arrazamento do seu poderoso I Exército, francamente derrotado.

Do lado alemão, ela cumpria uma bela, mas ingloriosa missão, cabendo aos C. C. dos Gen. de Marwitz e Rickthofen a tarefa de tapar a brécha aberta pela manobra desastrada de Kluck, permitindo-lhe a retirada sobre Chateau-Thierry, notável feito d'armas, não há dúvida, mas que só chegou a termo com sucesso, por falta de uma Cavalaria ousada, no campo adversário.

Posteriormente, no decorrer da guerra, registou-se um ou outro emprego esporádico, verdadeiramente de cavalaria. Por necessidade de efetivos e de animais em outros mistéres, os dois Exércitos despojaram-se de suas Cavalarias, com graves consequências para ambos, na vitória e nos revêses. Só no fim da campanha, ao se registrar a vitória aliada, a Cavalaria foi chamada a participar da exploração do êxito, mas o ímpeto dos ma-

gníficos C.C. de Féraud e Robillot, impulsionados pela contra-ofensiva de Mangin, são detidos pelo Armistício, deixando intacto o Exército alemão, cujo espírito tramou e alimentou a 2.^a Conflagração mundial.

Por último, surge à nossa apreciação, o desempenho que no teatro balcânico a cavalaria dá às suas missões.

Fosse a cavalaria alemã habilmente manejada pela perícia do Gen. Mackenzie, ou a excelente tropa de Junot — Gambetta, que cumpriu uma das tarefas mais brilhantes dessa Guerra, nenhuma deixou ensinamentos positivos, que possam ser generalizados como normas de ação correntes à Cavalaria Moderna. Operando em teatros restritos e particularíssimos, fazendo uma guerra de características próprias e especiais, sem embargo dos notáveis episódios ali registados, seria arriscado extrair dessa atuação, preceitos formais para aplicações definitivas.

Pelas mesmas razões, isto é, por se terem processado em teatros típicos e restritos, não apreciaremos as operações de cavalaria de certas regiões, notadamente na Palestina, por que não se prestam, igualmente, a conclusões gerais.

Depreende-se da análise ligeira desses acontecimentos e dos debates que suscitaram, que a Cavalaria entrou na Primeira Grande Guerra sob a influência de ideias preconcebidas, sem um plano judicioso quanto ao seu emprego, nem uma organização flexível, que a tornasse apta a receber os influxos dos processos de combate, que os novos materiais impunham.

Da fixidez desses fatores e de suas consequências resultou a impressão sumária de que era preciso extingui-la, ou então transformá-la totalmente à base de motor. Poucos pensaram sinceramente na sua re-estruturação, tendo em vista os materiais utilizados, e alguns, até, obstinaram-se em mantê-la segundo o padrão 914-918, ou caricatura, como os poloneses.

O fato é que quando irrompeu a esperada Segunda Conflagração Mundial, a Organização da Cavalaria não se havia, ainda, cristalizado em uma forma definitiva, porquanto as opiniões se mantinham vacilantes e variava de país a país a sua fisionomia própria.

O tratado de VERSAILLES impôs a Alemanha uma organização militar de caráter policial. Para 21 regimentos de infantaria havia 18 de Cavalaria, o que condicionou a constituição de um exército em que a proporção entre as divisões era de 7 D.I. para 3 D.C.. Em compensação, à margem do mesmo tratado, foi possível dar à defesa anti-carro e à Aviação, um desen-

volvimento
quina, que

Mais ta
tando o p
Seekt apare
nhã constit
der militar
preendido e
dez, que atin

A caval
do seu copie
mou-se de m
blindadas e
tadear as ve
exércitos da
mentalidade,
seus chefes :
turas moto-m
sado, o desen
tos dispõem d

Foi assoc
contudo, que
preponderânci
ra teve, premi
para aproveita
tarefas vitais.

As famosa
ções subsequen
co que pôs ter

Do lado fr
dar em estrutu
despeito, porém
mestres experin
linhas, que tant

Essa estrutu
presentemente,
te, em face de s
lamento para o
autor a que já n
Cavalaria para a

"Esta Caval
destacamentos à
sobre lagarta. E

volvimento imprevisto e qu efoi o embrião da formidável máquina, que depois assolou o mundo.

Mais tarde, burladas as disposições dêsse tratado e aproveitando o poderoso núcleo de cem mil homens, que o Gen. de Seekt aparelhou e aguerriu de maneira inacreditável, a Alemanha constituiu, à base de motor, o mais agressivo e potente poder militar de que o homem tem conhecimento. Tudo foi empreendido e exercitado, para dar às futuras operações uma rapidez, que atingiu as raias de um verdadeiro misticismo.

A cavalaria alemã beneficiou-se dessa tendência e ao lado do seu copioso e variado material anti-carro, já existente, armou-se de meios pesados e potentes, que aliados às formações blindadas e à Aviação, permitiu ao Exército germânico desencadear as vertiginosas operações, com que aniquilou todos os exércitos da Europa. Naquele tempo, essa cavalaria possuía a mentalidade, que pode ser expressa por estas palavras de um dos seus chefes: "Nossa Cavalaria não tem nem Aviação, nem viaturas moto-mecanizadas. Mas é a ela que cumpre, como no passado, o desempenho de missões, para as quais os outros exércitos dispõem de meios mecânicos".

Foi associada a poderosos meios mecânicos e a Aviação, contudo, que ela se apresentou e desempenhou um papel de preponderância marcante, até o dia em que a Direção da Guerra teve, premida por necessidades imperiosas, de dissolvê-la, para aproveitar seus recursos em homens e animais, em outras tarefas vitais.

As famosas formações blindadas substituíram-na nas operações subseqüentes mas, todos nós sabemos qual foi o fim trágico que pôs termo aos seus movimentados dias.

Do lado francês, houve, é certo, maior facilidade para moldar em estrutura mais sólida e eficiente, a sua Cavalaria. A despeito, porém, das ensanchas de que dispôs, e dos pareceres de mestres experimentados, o alto Comando organizou-a segundo linhas, que tanto têm de tímidas, quanto de imprecisas.

Essa estrutura tem alguma semelhança com a que adotamos, presentemente, para nossa Cavalaria e sua debilidade é evidente, em face de seu emprego, magistralmente delineado no Regulamento para o Emprego Tático das G.U.. A seu respeito, o autor a que já nos referimos, dizia em 1930, que ela não seria a Cavalaria para a guerra de 1935, e menos para a de 1940.

"Esta Cavalaria terá interesse em utilizar nas Descobertas, destacamentos à base de carros de reconhecimento e elementos sobre lagarta. E' provável que ela constitua seu primeiro esca-

lão com elementos motorizados, apoiados por Artilharia rebocada, esclarecido pelos carros de reconhecimento e moto-ciclistas, reservada a ação de força às Bdas. a cavalo e Artilharia hipomovel.

Dêsse modo assegura mais rapidez na posse dos pontos importantes e mais velocidade de marcha, uma vez que o jôgo da segurança é mais rápido".

Quanto ao emprego, acrescentava : um Exército possuindo uma pequena Cavalaria não pode pensar em dispersá-la por Divisões isoladas, em frente de seus Exércitos, mas, ao contrário, deve mantê-la nas alas do dispositivo, ou concentrá-la em DIREÇÃO ESTRATÉGICA, que interessem ao alto Comando".

Na verdade, porém, com exceção do Exército Russo, que organizou sua Cavalaria à base de cavalo e motor, à semelhança alemã, nenhum outro empregou judiciosamente esta Arma.

A polonêsa, mal dosada e mediocremente equipada, sela a sua sorte à do seu Exército, deixando-se heróicamente aniquilar pelas formidáveis formações blindadas de Guderian, Rommel e Reinhardt. Sucumbiu, assim, com a Polônia que, depois de talada e retalhada, nunca mais recuperou sua liberdade e soberania.

Já vimos como a Cavalaria alemã foi dissolvida, para utilizar seus recursos em proveito de finalidades mais prementes, mas, também, é sabido quanta falta ela fez ao Exército germânico, quando começaram os seus dias amargos.

Não teve fim mais brilhante a Cavalaria francesa. A História da derrota da França, ainda não chegou ao seu termo, e é possível que os políticos responsáveis, cubram a verdade com a fumaça da confusão.

Contudo, é corrente a debilidade de sua organização e o emprego discutível que lhe deram. Com efeito, as fronteiras belgo-francesas com a Alemanha, estavam defendidas pela Linha Maginot e as excelentes fortificações belgas das linhas do Canal Albert e Dyle, havendo uma interrupção entre LONGUYON e NAMUR, defendida pela Mosa. Entre esta praça e Wavre existia uma linha completamente seca e sem fortificações que foi entregue ao Corpo de Cavalaria do Gen. Prioux, ao passo que por detraz da Linha Maginot, permaneceram 2 Gr. Exércitos inativos.

Como é sabido, os alemães se desviaram das principais fortificações, atacaram na direção de SEDAM, descarregando contra os Exércitos Belga, Inglês e ala direita francesa compreendendo 3 D.I.M., 7 M. Mot. e 5 D.C. o peso dos seus 2 Grupos

principais
famoso co

As co
mento de
caiu em 2 h

Na Rú
ta a experi

Exército V
ta da sua c

suas tradiçõ
do motor, u

ra sempre g

O Com
passivo, dia

dadas e mac
fica cavalari

22 de junho
lhes opuzera

minou em T
palmo a palm

Dezembro, Z
tropas frescas

Cavalaria.
Nessa últ

ximo de pen

onde aperava
ordenar a ret

Rússia, transf

gorosa derrot

A falta d

em vão, procu

magnificas D

de efetivos, de

foi uma reafin

equipada e nu

mão de um co

Contudo, f

ísticas peculia

emprego do bi

bre os alemães

Exército de V

E' pena qu

telado, nos tent

principais de forças, apoiados pelos 4 mil tanques de Kleist, o famoso corpo blindado que havia aniquilado a Polônia.

As consequências desse choque arrasador são do conhecimento de todos e dispensam comentários. A defesa do Mosa caiu em 2 horas.

Na Rússia, os fatos passaram-se de maneira diferente. Feita a experiência da FINLÂNDIA e a partilha da POLÔNIA, o Exército Vermelho não parou de aparelhar-se, ficando à espreita da sua oportunidade. A Cavalaria russa havia recuperado suas tradições cossacas e atingira com a combinação do cavalo e do motor, um grau de eficiência como nunca conhecera, embora sempre gozasse de merecida fama.

O Comando Vermelho não ficara de olhos vendados, nem passivo, diante das ofensivas fulminantes das formações blindadas e maciças alemãs, nem pensou pará-las com a sua magnífica cavalaria. Ao contrário, quando as arrogantes formações, a 22 de junho de 1941, iniciam sua monstruosa ofensiva, os russos lhes opuseram uma defensiva elástica de 900 Kms., que só terminou em Tula, às portas de Moscou. Enquanto se disputava palmo a palmo o terreno, em operações que duraram até 6 de Dezembro, Zhukov reunia nas florestas da Capital Soviética as tropas frescas dos seus sete Exércitos e seus dois Corpos de Cavalaria.

Nessa última data, quando os alemães tinham atingido o máximo de penetração, caracterizou-se o envolvimento pelas alas, onde aperavam os dois C.C., forçando o celebre Guderian a ordenar a retirada, no dia seguinte. Essa manobra salvou a Rússia, transformando a fulminante ofensiva germânica, na fragorosa derrota, que feriu de morte seu poderoso Exército.

A falta de uma Cavalaria que cobrisse a retirada e que êle, em vão, procurou restabelecer dos destroços de suas antigas e magníficas D.C., importou na perda extensa de um material e de efetivos, de que jamais se recuperou. A Batalha de Moscou foi uma reafirmação do que pode u'a massa de Cavalaria bem equipada e nutrida de um espírito agressivo inquebrantável, na mão de um comando que o empregue judiciosamente.

Contudo, foi a batalha de Estalingrado, apesar das características peculiares dos seus combates de rua, que consagrou o emprego do binário cavalaria-carro e alcançou, novamente, sobre os alemães a vitória perfeita que engaiolou e destruiu o 6.^o Exército de Von Paulus.

E' pena que o segregamento em que a Rússia se tem encastelado, nos tenha privado dos pormenores de que se revestiram

essas brilhantes ações de sua Cavalaria. Do que há transpirado, infere-se que os Soviéticos se impressionaram fundamentalmente com a atuação da Cavalaria americana em uma guerra civil. Como esse emprego se ajustasse à maravilha, à mentalidade turbulenta de seus velhos cossacos, não foi difícil acomodá-lo aos processos táticos, que consolidaram a justa fama da Cavalaria vermelha.

Chegamos, por fim, ao exame do emprego da Cavalaria Sul-americana. Consideramos, apenas, a argentina e a nossa.

A tendência da Cavalaria argentina é para uma organização moderna, elaborada à luz das impressionantes lições da última guerra.

A partir de 1940, após o excelente estudo de um oficial de E.M., professor da Escola Superior Guerra de Buenos Aires, o emprego da Cavalaria de Exército foi encarado sob nova modalidade, influenciado, sem dúvida, pelas lições da primeira guerra mundial e pelos acontecimentos que se desenvolviam de modo tão marcante, nos teatros de operações europeus.

Foi retirada completamente da cobertura das fronteiras, reagrupada e levada mais para o interior do país.

Não é difícil presumir-se que esteja passando por um reajustamento conveniente e preparando-se seriamente para o desempenho certo de seu papel, no futuro. O que é evidente, é que não se esgotará totalmente nos primeiros choques, ficando destinada ao emprego estratégico que o alto Comando lhe atribua, no seu plano de manobra.

E a nossa Cavalaria? A nossa Cavalaria, já vimos, está longe de refletir em sua feição, o emprego que é de esperar tenha a desempenhar em um futuro conflito.

Sua estrutura, defeituosa e fraca, reflete certa vacilação. Sua situação, após o último conflito mundial, não corresponde por obsoleto, às eventuais operações, em que tome parte como Arma combatente.

Ainda hoje, vêmo-la estendida ao longo das nossas fronteiras, em dispositivo filiforme, sem consistência nem profundidade, como no tempo das campanhas cisplatinas, e fossem os princípios e a mentalidade guerreira daquelas épocas remotas que norteassem a sua utilização. Conservamos, assim, a vetusta paisagem dos destacamentos da LINHA DIVISÓRIA, com insignificantes retoques estilizados à moderna.

Do ponto de vista de um sistema defensivo, mesmo despojado do caráter de agressividade contra qualquer país — vizinho, este, precisa, revestir a forma de uma armadura sólida, consis-

tente e capaz
E' o que o Ge
ra Mundial, r
querem-se mu
necessários, ma

De qualqu
defeituosa e in
sem perda de t
mistér cogitar
da manutenção
visas e, até, as

Assim, o g
dade em que se
articulado por
sob a orientaça
da Arma, quand

O aparelhan
so e não é com
com a paz univ
país.

Entre nós, é
so e até solcito,
1/6 do seu total,
nos, então, indag
vor de sua segur
sua finalidade pr
suas atribuições,
forço, a fim de q
corresponda a tão

No que conce
tituida nos seus
ponto de vista de
Essas alteraç
em o nosso dispos
vulto. Como são,
não devem ser pro
diatamente, segun
cício financeiro, e
interesses subalter

tente e capaz de durar, enquanto a Nação passa ao pé de guerra. E' o que o Gen. Mordacq dizia, muito antes da Segunda Guerra Mundial, resumido na expressão: "onde há fortificações, querem-se muitos peitos para ocupá-las; onde não existam, são necessários mais peitos, ainda".

De qualquer forma, não devemos insistir em manter a nossa defeituosa e ineficiente trama defensiva. Devemos dela retirar, sem perda de tempo, o grosso da nossa Cavalaria, para a qual é mistér cogitar de emprego mais eficaz e que justifique sua pesada manutenção. E' o que nos aconselha a geografia de nossas divisas e, até, as lições dos episódios de nossa formação histórica.

Assim, o grosso da Cavalaria, salvo da dispersão sem finalidade em que se encontra, seria da maior conveniência reuni-lo. articulado por G.U., em uma região em que pudesse trabalhar sob a orientação direta, seja do Cmt. do C.C., ou do Inspetor da Arma, quando houvesse mais de um Corpo.

IV

O PREPARO PARA A GUERRA

O aparelhamento militar torna-se, dia a dia, mais dispendioso e não é com boa cara que o contribuinte, sempre sonhando com a paz universal, abre a bolsa aos gastos com a defesa do país.

Entre nós, é de justiça declarar-se que ele tem sido generoso e até solcito, pois, os orçamentos têm consagrado de 1/3 a 1/6 do seu total, às despesas com as forças armadas. Cumpre-nos, então, indagar se êsse evidente sacrificio da Nação em favor de sua segurança, é conveniente e estritamente adequado à sua finalidade precípua, cabendo a cada um de nós, na esfera de suas atribuições, impôr um aproveitamento completo desse esforço, a fim de que se obtenha um instrumento de defesa, que corresponda a tão elevado sentido patriótico.

No que concerne à Cavalaria, precisa ser organizada; substituída nos seus encargos atuais; reagrupada e instruída sob o ponto de vista de um emprego lógico.

Essas alterações deverão acarretar sensíveis modificações em o nosso dispositivo, e, em consequência, despesas de grande vulto. Como são, ao mesmo tempo, essenciais e indispensáveis, não devem ser protelados, mas ao contrário, empreendidas imediatamente, segundo um plano de execução, parcelado por exercício financeiro, e que fosse estabelecido sem a influência de interesses subalternos, patrocinados pela má política.

Para que o aparelhamento assim constituído seja eficiente e de manutenção barata, impõe-se que, respeitadas as exigências da Cobertura, haja um reagrupamento geral da tropa, em condições de atender às imposições estratégicas e ao seu preparo profissional, o qual depende de extensos campos de instrução, como primeira necessidade.

E' nucleando a tropa em Centros de treinamento, com instalações e terreno apropriados a exercícios de qualquer envergadura, como fazem os Estados Unidos, em vez de disseminá-la por cidades e aldeias como nós fazemos, obedecendo ao pernicioso critério político do momento, que se pôde constituir e preparar, para as necessidades da guerra, uma força militar à altura de sua missão e responsabilidades.

Pondo de parte o parecer de alguns burocratas, a opinião geral dos estudiosos dos problemas militares, parece que ainda não se fixou definitivamente, a respeito do preparo da nossa Cavalaria. Na verdade, não formámos, por enquanto, uma opinião segura acerca da instrução desta arma, por que continuam acesos os debates suscitados por sua atual situação e nada há oficialmente que trace o rumo certo a essas discussões.

Parece, nada obstante, que deveríamos enfrentar essas questões mais objetivamente.

O tema, pela sua complexidade, apresenta várias faces e estas para serem tratadas e resolvidas, têm de ser repartidas e seriadas, para que possam ser solucionadas segundo uma ordem de preferência prefixada e em tempo oportuno.

O que importa, antes de mais nada, é iniciar a obra, começando pelos pontos que possam ser atacados, quaisquer que sejam as condições financeiras do momento, em curso.

Fixada por prioridade, e a pauta dos trabalhos a empreender, é urgente que os ataquemos com perseverança e sem perda de um dia, porque as tarefas são árduas, pela sua multiplicidade e concomitância. Sem abandonar o que já possuímos de bom e imprimindo uma intensa objetividade às coisas profissionais, encetemos a revitalização da nossa mentalidade, o revigoramento da nossa estrutura essencialmente militar, dando, ao mesmo tempo, mais vivacidade e caráter exclusivamente profissional às nossas atividades.

Resumindo, eis um programa: reacender o espírito militar, reestruturar o aparelhamento bélico, trabalhar.

A primeira parte, é tarefa da Escola Militar, dos Centros de Aperfeiçoamento e da Lei de Promoção, e nada impede que se

SETEMBRO DE

principie uma
da ação tutela

Não se po
que o estudo
das as Armas
formação têm
ções cotidianas
tendências pes

Mas é acin
de escól, pelo
afastamento in
manter em niv
ços destinados

Essa exalta
nesses estabele
formação, expr
ser as atrações
que os desfigur

O oficial se
peramento mili
gências humana
vida, as condiçõ
respondam as m
votamento ao d
ele está alegre e
para sua pobreza
enfrenta com de
que o anima é a
quanto maiores

Esse deve se
sentem, nos corp
de responsabili
rão maiores, por
terrestres, ainda
transportadas pel

Essa prepara
tarde, já como ca
mais estabelecim
profissionais, ma
tuindo ele també

Aí aperfeiçoa
prego de material

principie uma seleção sincera, inflexível e permanente através da ação tutelar desses institutos.

Não se pode dispensar ao militar a vocação e a mentalidade que o estudo e o trato das coisas militares despertam. Para todas as Armas e, notadamente para a Cavalaria, as escolas de formação têm uma grande influência, por causa das observações cotidianas e da atuação persistente que podem exercer nas tendências pessoais dos jovens candidatos.

Mas é acima de tudo, pela atração inteligente de elementos de escol, pelo fortalecimento da vocação manifestada e pelo afastamento inapelável dos incapazes e frustrados, que se pode manter em nível elevado a imaginação e o entusiasmo dos moços destinados à carreira das Armas.

Essa exaltação vocacional e o exemplo dos que mourejam nesses estabelecimentos, esmaltarão, nos caracteres jovens em formação, expressões tão nítidas e indeléveis, que não hão de ser as atrações materialistas, nem as ideias confusas da época, que os desfigurarão.

O oficial saído dessa fonte virá possuído de um forte temperamento militar. Como homem, ele estará sujeito às contingências humanas: amará o bem-estar material, as facilidades da vida, as condições e o meio em que aos menores esforços, correspondam as melhores vantagens; mas, por educação, pelo devotamento ao dever que o entusiasmo profissional lhe incutiu, ele está alegre e feliz numa má guarnição, não discute nem compara sua pobreza honrada com a vida dos bem aquinhoados e enfrenta com desassombro qualquer situação, porque o espírito que o anima é a consciência de sua vocação que mais se afirma quanto maiores forem as dificuldades a vencer.

Esse deve ser o ânimo com que os jovens oficiais se apresentem, nos corpos: dispostos, vigorosos, ávidos de trabalhos e de responsabilidades. Amanhã, os encargos e as exigências serão maiores, porque além das formações a cavalo e Unidades terrestres, ainda terão de encarar o emprêgo dessas formações transportadas pelo ar, em planadores, do que já se cogita.

Essa preparação exaustiva não está, ainda completa. Mais tarde, já como capitão, deverá voltar à Escola de Cavalaria, não mais estabelecimento isolado dos centros de suas atividades profissionais, mas, anexo a um desses grandes centros, constituindo ele também, elemento ativo de seus trabalhos.

Aí aperfeiçoará seus conhecimentos gerais, examinará o emprego de materiais novos, consolidará, enfim, sua aptidão, estu-

dando a fundo os princípios de emprego e os de combinação das Armas.

Um corpo de oficiais assim formado, possuirá a capacidade necessária para reacender a chama das tradições da Cavalaria e reconduzi-la a novos destinos. Quadros com essa ténpera, serão o fermento capaz de impregnar de entusiasmo a grande massa, que são os nossos Regimentos, imprimindo-lhe novas atividades.

O corpo de tropa é para o cavalarião a insubstituível e melhor de todas as escolas. Além de preservá-lo da tendência à moleza da vida burocrática, é uma fonte de iniciativas, de responsabilidades sempre renovadas, que lhe retempera o ânimo, mantendo-o em forma e apto ao desempenho de suas movimentadas funções.

Mas, é preciso que essa massa exista...

Reajustado o critério de aquartelamento da tropa, as pequenas e grandes unidades estarão estacionadas, sem quebra de dependência e laços táticos, em Centros que constituam, por si mesmos, um grande e completo Campo de Instrução, com aparelhamento moderno, até para as mais ousadas experimentações, como são, entre outras, o transporte aéreo da Cavalaria hipó e mecanizada.

Os Exércitos, mesmo quando organizados com puras intenções defensivas, devem ser instrumentos de agressividade iminente e capazes de ações ofensivas tão fulminantes e velozes, quanto as do raio.

Sob esse ângulo, a tropa já organizada segundo o esquema que esboçamos, estará reunida e articulada sob o cuidado e vigilância permanente de uma direção responsável e atingirá a um teor elevado de homogeneidade, não só quanto ao material do seu equipamento geral, como, notadamente, no que concerne ao padrão da sua instrução e **PREPARAÇÃO PARA A GUERRA**, que é o que mais deve preocupar seus Chefes.

Isso supõe um nível prévio de preparo material. O que significa a escolha de um tipo definitivo de sela regulamentar, que não inutilize uma unidade ao fim de 2 ou 3 dias de marcha; de equipamento para o arreamento e para os homens, que além de comportarem os objetos de uso obrigatório, não se desmanchem com as primeiras intempéries e permitam transportar, com segurança e facilidade, o armamento e a munição; de viaturas apropriadas e rústicas; de cavalos adaptados ao regime militar e bem nutridos. O restante do aparelhamento, tanto o das grandes como o das pequenas unidades, deve responder aos mesmos

questos de u
região, onde s

Todo esse
mentado por
responsabilida
ao padrão, ma
cebimento. A
qualitativo, pa
ção que não te

Para dar e
ta, apenas, ref
A nossa consc
Hermes e post

Em alguns
sistema. Devia
principalmente
duração do serv
ral, variaria po
ano, o serviço
jam os sem esp

O recrutam
mente, nas zona
vessem habituad
mais absurdo, n
montadas, empre
profissionais, de
armas.

De outro la
tensão eficiente
toda, nos Estad
Rio Grande do S
mento e prepara
e à criação do ca
cia, e cujo desap
evidente, gradua

Esboçados o
urgente fixá-los
e puramente, cor
à segurança do P

quesitos de uniformidade e de qualidade, qualquer que seja a região, onde seja utilizado.

Todo esse material deve ser estudado, projetado e experimentado por oficiais das armas interessadas, a fim de que sua responsabilidade profissional fique empenhada, não só quanto ao padrão, mas, igualmente, no que se refere a confecção e recebimento. A tropa receberá assim um material de alto teor qualitativo, para que se exija uma conservação rigorosa e duração que não tenha outro limite, senão o de servibilidade.

V

CONCLUSÃO

Para dar expressão ao quadro que procuramos esboçar, falta, apenas, referirmo-nos ao seu elemento principal: o homem. A nossa conscrição foi instituída pela Organização Marechal Hermes e posta em execução há precisamente trinta anos.

Em alguns pontos ela ainda é falha. Falta flexibilidade ao sistema. Devia comportar a consideração dos casos variáveis principalmente no tempo de duração do serviço. A fixação da duração do serviço, que devia ser de 18 meses, de um modo geral, variaria por critério do E.M.E., podendo reduzir-se a um ano, o serviço de determinada espécie, de conscritos, como sejam os sem especialidade, nem graduação.

O recrutamento para a Cavalaria devia ser feito, exclusivamente, nas zonas rurais e em lugares em que os rapazes já estivessem habituados, desde pequenos, ao trato dos animais. Nada mais absurdo, nem menos frutuoso, de que trazer para as armas montadas, empregados em estrada de ferro, portuários e outros profissionais, de hábitos e tendências opostos à rotina dessas armas.

De outro lado, para facilitar o recrutamento e uma manutenção eficiente, é aconselhável que a Cavalaria exista quase toda, nos Estados de Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde sobram regiões próprias ao seu treinamento e preparação. Condição indispensável à sua existência e à criação do cavalo, que, afinal, é ainda sua principal substância, e cujo desaparecimento em nosso país, é lamentavelmente evidente, gradual e progressivo.

Esboçados os índice de travejamento dessa organização, é urgente fixá-los em um plano criterioso que tenha em vista, só e puramente, construir um instrumento eficiente e apropriado à segurança do País.

Se, por desventura, nenhuma modificação fôr introduzida nas peças e entrosamento da complexa máquina, que é uma Cavalaria moderna, ainda assim, seus Quadros devem permanecer fiéis e ter fé nos seus esforços, que não serão perdidos.

Embora se apregõe levemente que a Cavalaria pura é uma Arma cara, como se porventura as outras não o fossem igualmente, ela deve ser mantida, pois há ainda muitos cenários em que será chamada a cumprir suas missões.

A Rússia, a despeito da abundância excepcional de combustíveis e da sua mecanização em massa, não a abandonou e na hora da crise, de verdadeira angústia nacional, ela saiu a campo para desempenhar, no quadro de suas velhas tradições, o papel que lhe foi destinado, em um emprego certo e oportuno. Ficou, assim, confirmada a necessidade de sua conservação, em alto teor de preparação e em condições de agir, chegado o momento.

Nessa preparação objetiva consiste tudo; nela repousa o êxito dos objetivos planejados. Mas, em última análise, é na confiança que os seus Quadros depositam em si mesmos, e na concepção ousada e refletida de suas ações, que descansa o ser ou não ser de sua permanência, como Arma combatente.

Se a enxamearmos de oficiais entusiastas, com o espírito exaltado pela beleza e ousadia de suas missões; de cavalarianos vigorosos que amam o galope em terreno variado, ou que conduzam com vigor sua tropa aos exercícios de envergadura, então, ela subsistirá à crise e se imporá.

Ao contrário, se a enchermos de homens apáticos, eternos aspirantes aos cargos burocráticos ou técnicos, ou ainda, dos que se preocupam mais com as suas atividades subsidiárias, em lugar das essenciais, nesse caso não precisará sequer ato oficial para extinguir, porque por si mesmo, desaparecerá.

Manda a verdade que reconheçamos e proclamemos a existência dessas duas categorias de profissionais. Uma, mais operante, mais enérgica e verdadeiramente amiga de sua Arma, está em condições de compreender o renascimento que ela necessita, caso lhe oferecemos as ensanchas indispensáveis e a resguardassemos do contágio perturbador da fração indiferente ou falha. A outra, composta de elementos sem vocação, alguns até inadaptados ao meio, precisa ser afastada, para não comprometer a ação dos que trabalham nem retardar o seu acesso.

Ai estão idéias na verdade, um tanto chocantes e estranhas aos nossos hábitos condescendentes, mas, que precisam ser encaradas com seriedade, si porventura, aspiramos a uma organização bem tramada e eficiente. Em questões dessa monta não

podem haver
mais prejudic

Completar
tério e cuida
preparo dos sa
desses gradu
pelos oficiais.

Contudo,
te durante a fo
feioamento d
pressa pela açã

Não se p
COMPLEXO,
pecial à ossatur
boa parte, influ

A transitor
Exército, assim
regulá-la, devia
vido à sua inep
te de escól, ser
o curso normal
pecial da Escol
promoção até c
te na tropa.

Seria um m
excelentes auxili
existente, com a
tamento e seleçã

Resumamos
nossa cavalaria
sua mobilidade,

- a) — Armas
- b) — apôio
- c) — meios
mais e
- d) — formaç
lhor c
- e) — maior
- f) — serviço
- g) — reforço
para a

podem haver meias medidas, pois, é sabido, "elas são sempre mais prejudiciais do que úteis.

Completando a obra dessa trama, urdida com o maior, critério e cuidado, não podemos deixar à margem a formação e preparo dos sargentos. Em grande parte, o nível de preparação desses graduados depende do exemplo e do espírito revelados pelos oficiais.

Contudo, essa atuação direta, exercida mais acentuadamente durante a formação, não dispensa o interesse que o seu aperfeiçoamento deve merecer, dado a influência permanente impressa pela ação desses graduados, no interior das casernas.

Não se pode pensar na constituição de um SISTEMA COMPLEXO, como é um Corpo de Tropa, sem dar atenção especial à ossatura que lhe dá feição peculiar e permanente, e, em boa parte, influi nas suas funções normais.

A transitoriedade ou permanência desses graduados no Exército, assim como o conjunto de garantias e obrigações para regulá-la, devia ser estabelecido em um estatuto particular, devido à sua inegável importância. Aos elementos provavelmente de escol, sem discriminação de posto seria permitida, após o curso normal de aperfeiçoamento, a frequência em curso especial da Escola Militar ou de Cavalaria, que lhes garantisse a promoção até capitão, com exercício em funções exclusivamente na tropa.

Seria um meio prático para recompensar e estimular esses excelentes auxiliares, fixando-os num quadro semelhante ao já existente, com a vantagem de estabelecer um regime de recrutamento e seleção, que não existe.

Resumamos o que havemos dito, reclamando que o que a nossa cavalaria precisa é de maior potência, sem prejuízo de sua mobilidade, proporcionando-se-lhe :

- a) — Armas de ataque e defesa mais potentes;
- b) — apôio de fogos mais poderosos;
- c) — meios de transmissão mais copiosos, mais rápidos e mais eficientes;
- d) — formações de sapadores mais bem aparelhadas e melhor constituídas;
- e) — maior flexibilidade em suas formações;
- f) — serviços motorizados;
- g) — reforço para sua ação com elementos mecânicos, seja para atuarem combinados, ou isoladamente.

Agora resta-nos, ou vêr nossa Cavalaria reestruturada, reunida e preparada conforme as necessidades de nossa estratégia e compromissos internacionais, ou testemunhar, inibidos de opinar, o reinício interminável de debates inoperantes, que se eternizarão, caso não surja para o problema outra solução mais inteligente e mais fecunda.

Para nós, ficará a esperança de vê-lo resolvido brevemente nesses moldes e a certeza de que nossa contribuição não terá tido outro mérito, senão o de provocar, a seu respeito, a formação de uma opinião.

Seguimos modestamente o conselho de James Mackenzie: — "Alguém tem de realizar a tarefa obscura, mas necessária, de colocar os alicerces; e si essa missão tocar por sorte a algum de nós, devemos dar-nos por satisfeitos, com saber que estamos desempenhando um papel imprescindível num grande empreendimento".

Banco do Brasil S. A.

1808 1947

Sede — Rua 1.º de Março, n.º 66, — Ria de Janeiro (DF)

Taxas de depósitos

Depósitos sem limite	2% a.a.
Depósitos populares (limite de Cr\$ 10.000,00)	4 1/2% "
Depósitos limitados { (limite de Cr\$ 50.000,00)	4% "
Depósitos limitados { (limite de Cr\$ 100.000,00)	3% "
Depósitos a prazo fixo:	
Por 6 meses	4% "
Por 12 "	5% "
Com retirada mensal de juros:	
Por 6 meses	3 1/2% "
Por 12 "	4 1/2% "
Depósitos de aviso prévio:	
30 dias	3 1/2% "
60 "	4% "
90 "	4 1/2% "

Letras a prêmio (sêlo proporcional)

O Banco faz todas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, a Rua 1.º de Março, n.º 66, mais as seguintes:

Bandeira, Rua Mariz e Barros, 44 — Botafogo (em instalação) Rua Voluntários da Pátria, 449 — Campo Grande, Rua Campo Grande, n.º 100 — Copacabana (em instalação), Avenida Nossa Senhora de Copacabana, n.º 1.292 — Glória, Praça Duque de Caxias, n.º 23 — Madureira, Rua Carvalho de Souza, n.º 299 — Méier, Av. Amaro Cavalcanti, n.º 95 — Ramos, Rua Leopoldina Rego, n.º 78 — Saúde, Rua Livramento, n.º 63 — Tiradentes, Rua Visconde do Rio Branco, n.º 52 — São Cristóvão, Rua Figueira de Melo, n.º 360 (esquina da Rua S. Cristóvão) Tijuca, (em instalação) Rua Desembargador Isidro, 4 e Vila Isabel, Avenida 28 de Setembro n.º 412.

OR. I

O C

Uma vez
des do combate

— De
— De
— Po

Vamos pro
tratarmos das
mentos retrógr
No decurso
menor, o emprê

— Bar
— Cor
— Cor
— Ele
— Ele
— Des

CART A

São Pa
São Pa

O rio Grand
Vermelho (do N
Os Vermelho
de fronteiras, na f

OR. I. no combate defensivo

Ten. Cel. João B. de Mattos

O COMBATE DEFENSIVO — Continuação.

Uma vez exposto o que compete à Infantaria fazer nas modalidades do combate defensivo denominadas : —

- Defesa sem idéia de recuo
- Defesa em grandes frentes
- Postos avançados

Vamos proceder a aplicação num caso concreto, para em seguida tratarmos das modalidades conhecidas sob a denominação de movimentos retrógrados.

No decurso da exposição do caso concreto estudaremos, em pormenor, o emprego dos diversos elementos do R. I. :

- Batalhão
- Companhia de Obuzes
- Companhia de Canhões anti-carros
- Elementos da Cia. de Comando
- Elementos da Cia. de Serviço
- Destacamento de Saúde.

* * *

QUADRO DO EXERCÍCIO

CARTAS

São Paulo-Minas : — 1/750.000

São Paulo Folhas : — Ribeirão Preto (parte N.)

Orlândia (Parte S.)

1/50.000

SITUAÇÃO GERAL

O rio Grande define a fronteira entre os dois países em guerra — Vermelho (do N) e Azul (do S).

Os Vermelhos exercem pressão sobre os Azuis desde D-6, na linha de fronteiras, na frente Igarapava-Rifaina-Santa Rita de Cássia-Passos,

estando as tropas de cobertura do *Exército Azul* na iminência de iniciarem a manobra em retirada prevista para o Sul.

Em consequência, o *Comando Azul* decide organizar uma nova posição Defensiva no corte do Rio Pardo, tendo em vista acolher as tropas de cobertura e deter o avanço dos Vermelhos, cobrindo a reunião do grosso de suas forças, que se ultima ao S do Rio Mogy-Guassú.

SITUAÇÃO PARTICULAR

Na tarde de D-4, a 2.^a D. I. Azul, do 1.^o C. Ex., após seus desembarques em Ribeirão Preto e Est. Iracema, encontra-se estacionada na região S e SE de Santa Cruz das Posses, no dispositivo constante da carta.

As 19,00 horas, o Gen. Cmt. da 2.^a D. I. recebe do 1.^o C. Ex. a *Ordem Geral de Operações* onde se lê : —

— IDEIA DE MANOBRA

- 1 — O C. Ex. fará o esforço da defesa :
 - quer na direção da garupa W do Rib. Santa Bárbara
 - Santa Cruz das Posses — Est. Iracema;
 - quer, na direção de Est. Cresciúma — Luciano — Santa Cruz das Posses;
 - quer na direção de Jardinópolis — Faz. S. Sebastião
 - Barracão.

Para isso obstará ao inimigo a travessia do Rio Pardo numa posição de resistência cujo limite anterior deve aproveitar no máximo, o rio como obstáculo e num último esforço impedirá o acesso ao planalto de Est. Iracema.

- 2 — Cobrirá o P. R. com elementos nas alturas imediatamente ao N. do Rio Pardo.
- 3 — Retardará a progressão do adversário desde a frente... Est. Georgia — Est. Guayuvira — Sant'Ana.

— DISPOSITIVO

— De W para L : — 3.^a, 2.^a e 1.^a D. I.

— MISSÕES DAS DIVISÕES

3.^a D. I.

2.^a D. I. : —

- a) Impedir que o inimigo transponha o Rio Pardo, no setor compreendido entre Várzea Grande (inclusive) e Zeca Junqueira (exclusive) exercendo o esforço na

— /M

O Rio Par
fundidade.

Suas marg
corredeira de S
da frente são ab

Entre a rep
assim como ao
tanosas.

São obstácu
aluentes do Rio
com aquele rio e

— VIA

As estradas
conservação e em

O eixo Est. I
Tenente Isaias e a
tão — Faz. Maca

A travessia de
madeira com pilar
tadores de cabo gr
de Sítio da Boa V

As estradas a
de sua confluência
de alvenaria, de cên
nas demais partes
600 m. de comprim

na direção Est. Crescuma-Luciano-Santa Cruz das Posses e interditando-lhe o acesso ao planalto de Est. Iracema.

- b) Manter em qualquer eventualidade as alturas que circundam Sta. Cruz das Posses.
- c) Estabelecer sólida ligação com a 1.^a D. I. nas garupas NW da Faz. S. Sebastião (2500 m. NE da Est. do Alto).

A D. I. foi reforçada pelos 201.^o, 202.^o, 203.^o e 204.^o G. O. 105, os quais estão à sua disposição desde às 12,00 horas de D-3, respectivamente em Faz. Conquista e Faz. Monte Alegre.

— INFORMAÇÕES DIVERSAS

O Rio Pardo tem em média 80 ms. de largura e 2 a 4 de profundidade.

Suas margens apresentam rampas suaves e acessíveis entre a corredeira de S. Pedro e a fóz do Ribeirão Preto; nas demais partes da frente são abruptas.

Entre a região de Balsa e a confluência do Rib. das Tabocas, assim como ao Sul de Martinho, as margens apresentam-se pantanosas.

São obstáculos contra carros o rib. S. Pedro e todos os demais afluentes do Rio Pardo, estes nas proximidades de sua confluência com aquele rio e numa extensão de cerca de 2 Km.

— VIAS DE COMUNICAÇÕES

As estradas representadas na carta acham-se em bom estado de conservação e, em geral permitem a circulação de viaturas automóveis.

O eixo Est. Luiz Miranda — Faz. Monte Alegre Est. Iracema — Tenente Isaías e a transversal Sta. Cruz das Posses — Faz. S. Sebastião — Faz. Macahubas são de dupla circulação.

A travessia do Rio Pardo faz-se por intermédio de uma ponte de madeira com pilares de alvenaria, na região de Balsa e de transportadores de cabo guia (balsas) nas regiões 2,5 Km SW e 2 Km. SE de Sítio da Boa Vista.

As estradas atravessam os córregos e ribeiros nas proximidades de sua confluência com o Rio Pardo (2Km da Fóz) em pontilhões de alvenaria, de cerca de 12 m. de comprimento, para cargas até 8 T.; nas demais partes os pontilhões são de madeira e tem, no máximo, 6,00 m. de comprimento.

— *VEGETAÇÃO*

A vegetação existente na zona de ação da D. I. é constituída de cafeais, pontares e densos bosques de eucaliptos.

Nos vales alguma vegetação pouco densa.

— *ESTADO DO TEMPO*

Tempo frio e seco. Ultimamente, têm sido observadas algumas chuvas de pouca duração.

Amanhece às 06,30 e anoitece às 18,00 horas.

— *ESTADO DA TROPA*

A 2.^a D. I. acha-se completa em seus efetivos. É uma G. U. bem instruída e bastante treinada.

* * *

Em consequência da missão recebida o comando da 2.^a D. I. expediu a ordem seguinte :

1.^o C. Ex.

P. C. em Faz. Iracema, D-3 às
16.00 horas.

2.^a D. I.

E. M.

3.^a Secção

N.^o.....

ORDEM GERAL DE OPERAÇÕES N.^o 2
(1.^a Parte)

I — *SITUAÇÃO GERAL*

Os Vermelhos continuam a exercer forte pressão sobre as nossas tropas de cobertura, ao longo do rio Grande.

Sua Aviação mantém-se ativa, particularmente na frente : —
Igarapava-Rifaina.

Contudo, pelo conjunto de informações, caso o inimigo consiga progredir ao Sul do rio Grande, não estará em condições de abordar o rio Pardo antes de D+10, nem de nos atacar em força antes de D+14.

II — *MISSÃO DA D. I.*

1) — *Missão* : —

a) — Impedir que o inimigo transponha o rio Pardo, no setor compreendido entre Várzea Grande (inclusive) e Zêca

b) — M

c) — E

2) — Z

III — *MISS*

A 2.^a D.

IV — *IDÉIA*

1) *Condu*

a) Retard

- Bairro d

b) Barrar

tre a corre

c) Manter

Grande de

Sebastião;

Para isso:

a) Lev

par

te. l

b) Ace

da

Junqueiro (exclusive) exercendo o esforço na direção Est. Cresciúma - Luciano - Sta. Cruz das Posses e interdizer-lhe o acesso ao planalto de Est. Iracema;

- b) — Manter, em qualquer eventualidade, as alturas que circundam Sta. Cruz das Posses;
- c) — Estabelecer sólida ligação com a 1.^a D. I. nas garupas N W da Faz. S. Sebastião (2.500 mts. N E da Est. do Alto).

2) — Zona de Ação

Limitada : —

A L. pela linha Zéca Junqueiro - Faz. Esperança. — A W. pela linha Faz. das Palmeiras — Lagôa do Campinho.

III — MISSÕES DAS UNIDADES VISINHAS

A 2.^a D. I. está enquadrada :

A L. pela 1.^a D. I. que tem por missão barrar ao inimigo a direção Jardinópolis - Ribeirão Preto, cobrindo o Planalto de Cravinhos;

A W. pela 3.^a D. I. cuja missão é resistir na frente compreendida entre Tamboril e Várzea Grande devendo barrar a direção Est. Porangaba - Sertãozinho.

IV — IDÉIA DE MANOBRA

1) Conduta e Zona de Esforço: —

a) Retardar o inimigo a partir da linha Est. Guajuvira - Olaria - Bairro de Sant'Ana;

b) Barrar-lhe a transposição do rio Pardo, particularmente entre a corredeira de S. Pedro e a fóz do Ribeirão Preto;

c) Manter, em qualquer eventualidade, as alturas de Várzea Grande de Santa Cruz das Posses e as garupas L. Faz S. Sebastião;

Para isso:

a) Levar a L P tão próximo quanto possível do Rio Pardo, particularmente entre a Corredeira de S. Pedro e o limite L. da Zona de Ação;

b) Acentuar o esforço da defesa no eixo balizado pela estrada Luciano - Balsa - Est. Iracema.

2) *Definição das Posições* : — (Ver carta)1) — *Posição de resistência*a) *Linha Principal*

Garupas NE da Fóz das Palmeiras — Mamelão da Fóz Vila Maria — alturas imediatamente ao Sul do rio Pardo entre a fóz do rio das Tabocas (inclusive) e a corredeira de Quebra joelho.

b) *Linha de Deter*

Balisada pela crista do Mamelão da Foz das Palmeiras colo 500 m. NE de Colônia — orla N e NE de Sta. Cruz das Posses — Garupas NE da Faz. Bom Retiro — Garupas NW e NE da Foz S. Sebastião — Alturas L. de Joaquim Carvalho.

2) — *Posição dos Postos Avançados Gerais*— *Escalaão de Resistência* : —

Garupas L e W do Rib. Santa Bárbara — Espigão NNE de Corredeira de S. Pedro — alturas ao Sul do Ribeiro de S. Pedro e Cor. do Luciano.

V — *DISPOSITIVO DE CONJUNTO E MISSÕES*1) — *INFANTARIA* : (Escalaão de Combate)A) — *DISPOSITIVO*a) *Divisão em Sub-setores* (Ver carta).

Sub-Setor W (Sta. Cruz das Posses)

Cmt. : Cel. Cmt. do 4.º R. I.

Será mantido pelo 4.º R. I.

Sub-Setor Q — (Rib. Taboãozinho)

Cmt. : — Cel. Cmt. do 5.º R. I.

A cargo do 5.º R. I. (menos 1 Btl.)

Sub-Setor L (Vale do Rib. Preto)

Cmt. : — Cel. Cmt. do 6.º R. I.

Será ocupado e defendido pelo 6.º R. I.

b) *Limites entre os s/ setores* (Ver carta)B) — *MISSÕES DOS SUB/SETORES*1) — *Sub-setor W* (Sta. Cruz das Posses).

a) — Instalar-se na frente compreendida entre o Mamelão de Foz das Palmeiras e o Rib. das Tabocas

- b) — Impedir a travessia do rio Pardo, c/ esforço entre a Corredeira de S. Pedro e o Rib. das Tabocas.
- c) — Manter particularmente os mamelões NE e NW de Várzea Grande.

2) — S/Setor C (Cor. de Taboãozinho)

- a) Impedir que o inimigo transponha o rio Pardo entre o Rib. das Tabocas e a Corredeira da Boa Vista, com esforço no Vale do Taboãozinho;
- b) Manter particularmente a posse das alturas NNW de Faz. S. Sebastião (De SW).
- c) Ligar-se com o 4.º R. I. nas garupas NE de Faz. Bom Retiro e com o 6.º R. I. no mamelão NE do Cor. do Taboãozinho.

3) — S/Setor L (Ribeirão Preto)

- a) Instalar-se na frente compreendida entre a Corredeira de Boa Vista (exclusiva) e as garupas NW de Faz. S. Sebastião (de NE).
- b) Impedir a travessia do rio Pardo, com esforço entre a Corredeira de Boa Vista e a foz do Ribeirão Preto.
- c) Manter particularmente as garupas NW de Faz. Santa Rosa e N de Faz. Sta. Maria.
- d) Estabelecer ligação com a 1.ª D. I. nas garupas de Faz. S. Sebastião (de NE).

2) — ARTILHARIA

A) — MISSÃO : —

A A. D., reforçada pelos 101 e 102 G. O. 105

- a) realizará, a partir da linha Cafesal C — Faz. S. Pedro — Chiquinho Arantes, ações a cargo da A. P. C. Ex. com o valor de 1 Gr;
- b) Contará com o reforço dos fogos de 2 Gr. da A. P. C. Ex. na região Matinha — Serafim Ruas.

B) — ORGANIZAÇÃO : —

Designações e missões dos Agrs.	Comando	Composição	Zona de ação normal
Agr. W	Ten. Cel. Cmt. do 4.º G. O. 105	4.º G. O. 105 5.º G. O. 105 6.º G. O. 105	Sub-setor W
Agr. C	Ten. Cel. Cmt. do 201.º G. O. 105	201.º G. O. 105	Sub-setor C
Agr. L	Ten. Cel. Cmt. do 202.º G. O. 105	202.º G. O. 105 203.º G. O. 105	Sub-setor L
Agrupamento de conjunto	Ten. Cel. Cmt. do 2.º G. O. 155	2.º G. O. 155 204.º G. O. 105	2 Grupos desde o limite W do setor até o Cafetal E e 1 GRUPO daí até o limite W do setor

C) — MUNIÇÃO

Consumo consentido :

— Para as ações preliminares — 1 U F diária.

— Para a defesa da posição — 3 U F

3) — ENGENHARIA

1. — Missões, por ordem de urgência :

a) — Barragens : —

- Preparar uma série mínima de obstáculos contra carros na linha : bosque 5,5 Kms. N. da Corredeira de S. Pedro — Cor. do Luciano.
- Preparar e executar a destruição das obras de arte, entre o Rio Pardo e a linha geral Faz. Santa Fé — Amazonas.
- Preparar e executar a destruição da ponte e dos transportadores de cabo guia sobre o Rio Pardo.

b) — *Comunicações* : —

- Conservar a rede rodoviária com esforço sobre o eixo : Est. Guimarães — Fazenda Conquista — Est. Iracema — Ten. Isaías — Carga 8 T.
- Construir pistas para viaturas ligando os depósitos de material às estradas.

b) — *Fortificação* : —

- Preparar obstáculos contra carros nas regiões L. da Faz. Vila Maria e do Cor. do Taboãozinho.
- Construir abrigos resistentes para P. C., P. O., P. S. da D. I., respectivamente, nas regiões de Faz. Iracema, 1,5 Km. L. de Faz. Monte Irara e de José Parreira.

d) — *Meios* : —

a) — Além dos meios orgânicos :

- 1.^a e 2.^a Cias. do 51.^o B. Sap. e 1.^a Cia. do 51.^o R. P., a partir das 18,00 (dezoito horas) de D-4 na região de Tenente Izaías.
- 1.^a Cia. do 2.^o B. P., desde as 16,00 (dezesseis horas) de D-4 na região de Faz. S. Sebastião.

e) — *Repartição dos Meios* : —

- a) — 2.^o B. E. (— 1 Sec.), reforçado com a 2.^a Cia./2.^o B. P., terá a seu cargo :
 - De D-2 a D+8, preparação e execução dos dispositivos de destruição.
 - De D-2 a D+1, preparação dos obstáculos da série mínima.

4) — *Reservas da D. I.* : —

Após o retraimento dos P. A. :

- III/5.^o R. I. — na região de Faz. Monte Ibarra, em condições de contra atacar, quer no eixo Sta. Cruz das Posses — Mamelão de Vila Maria, quer no de Santa Cruz das Posses — Mamelão de Faz. das Palmeiras.
Excetualmente, terá a missão de intervir em proveito do S/setor C.
- 2.^o Esq. Rec. Mec. — no Vale ao S. de José Parreira em condições de contra-atacar no eixo Faz. S. Sebastião — Mattinha.

VI) — Defesa contra carros : —

A defesa contra os engenhos blindados será escalonada em profundidade e compreenderá : —

A) — Barragens : —

- 1 — Escalão de defesa anti-carro com a finalidade de apresentar uma primeira resistência, particularmente nos eixos : — Serafim Ruas — Luciano e Mattinha — Jardinópolis, devem ser empregados no mínimo 1 Pel. A. C. em cada eixo. A cargo dos 5.º e 6.º R. I.

- 2 — Barragem no interior da P. R. : —

Tendo em vista barrar aos engenhos blindados o acesso ao colo NW de Sta. Cruz das Posses e a progressão dos mesmos pelas garupas NE de Faz. Bom Retiro e de Faz. S. Sebastião (de SE).

- 3 — Barragem anti-carro principal : —

Estabelecida na altura da LD, tendo em vista barrar aos engenhos o acesso ao colo SE de Várzea Grande e à transversal Sta. Cruz das Posses — Faz. Macahubas, com maior densidade nos eixos de Sta. Cruz das Posses — Corredeira de S. Pedro e Faz. S. Sebastião — Mattinha.

B) — Repartição dos Meios : —

- 1 — Meios dos R. I. : —

Serão escalonados entre os P. A. e a Barragem Contra-carros. Principalmente, a Barragem no interior da P. R.

- 2 — Meios divisionários : —

Reforçarão, eventualmente, as Unidades, em particular na Barragem Contra-carro principal, articulando-se do seguinte modo : —

- 2 Pel. — no eixo Faz. S. Sebastião — Mattinha.
- 1 Pel. — em condições de atuar no eixo Sta. Cruz das Posses — Corredeira de S. Pedro.

VII) — Defesa Contra-Aviões : —

- 1 — Cia. Eng. C/Av.

Fará a cobertura a partir da transversal Faz. Monte Ira — Faz. Macahubas, devendo cobrir particularmente o eixo : — José Parreira — Est. Iracema — Est. Luíza Miranda.

- 2 —

SETEMBRO D

VIII) — Seg

- 1 — Se

A
Na
as

- 2 — Po

A
Na
da
Na
No

A) — Mis

Ap

a) — Re

b) — Vi

o i
ao

B) — Ejet

Os

ra

Met

No

de F

Nas

refo

R. I

IX) — Cooperaç

(Cor

X) — Trabalhos.

- 1 — Os tr

2.ª par

terior

- 2 — Ordem

— Limpe

— criação

— constru

sob abr

— excavaç

partes

VIII) — *Segurança* : —

1 — *Segurança afastada* : —

A cargo do 2.º Esq. Rec. Mec.

Na linha Est. Guayuvira — Olaria — Sant'Ana, desde às 12,00 de D—3.

2 — *Postos avançados gerais* : —

A cargo do III/5.º R. I. e 1.ª Cia./5.º R. I..

Nas garupas de Rib. Santa Bárbara e no espigão NNE da Corredeira de S. Pedro.

Nas alturas ao Sul do Rib. de São Pedro.

No planalto ao Sul do Cor. do Luciano.

A) — *Missão*.

Após acolher o 2.º Esq. Rec. Mec.

a) — Resistir no espigão N. E. de Corredeira de São Pedro;

b) — Vigiar no restante de frente devendo retrair-se desde que o inimigo atinja a linha : grande crista imediatamente ao Sul do Rib. São Pedro e Cor. do Luciano.

B) — *Efetivos*.

Os efetivos dos P. A. das garupas de Rib. Santa Bárbara não deverão ultrapassar de 2 Pelotões e 1 Secção de Metralhadoras.

No espigão NNE de Corredeira de São Pedro, 1 Cia.

de Fuz. reforçada com 1 Pel. de Mtr. e 1 Pel. Eng. C.C.

Nas alturas ao Sul do Cor. do Luciano, 1 Cia. de Fuz.

reforçada com 1 Pel. de Mtr. e 1 Pel. Eng. C.C. do 6.º R. I..

IX) — *Cooperação da Aeronáutica*.

(Como lembrança).

X) — *Trabalhos*.

1 — Os trabalhos de organização da posição terão início na 2.ª parte da jornada de D—2, de acôrdo com ordem ulterior de preparação e execução.

2 — *Ordem de urgência* :

— Limpeza de campo de tiro;

— criação de obstáculos contra-carros;

— construção dos locais de tiro das armas, ao ar livre ou sob abrigo (1/3 das mtrs. do s/setor);

— excavação das paralelas à profundidade de 1 metro nas partes ativas;

- construção de rede de arame em 5 ordens de estacas, à frente da L. P..

2.^a Fase : —

- criação dos C. R. e dos Pontos de Apoio essenciais (abrigos para 2/3 dos elementos da defesa, execução de uma normal por C. R., estabelecimento dos obstáculos em profundidade e excavação total das paralelas).

3.^a Fase : —

- organização dos pontos de apoio complementares;
- reforçamento dos obstáculos; em profundidade;
- complemento da organização da posição.

3 — Regime de trabalho : —

Por tarefa; na construção dos obstáculos, por revezamento.

XI) — LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES : —

1) — P.C. : —

- a) — D. I. e A. D. — Faz. Iracema.
- b) — Sub-Setor W. — Sta Cruz das Posses (orla S).
- c) — Sub-Setor L — Retiro.
- d) — " " C — Ten. Izaias.
- e) — Agr. W. — Orla S. de Sta. Cruz das Posses.
- f) — Agr. C. — Região de José Parreira.
- g) — Agr. L. — Região da Faz. Santa Rosa.

2) — LIGAÇÕES : —

- a) — Com a 1.^a D. I. a cargo do 6.^o R. I. : —
— nas garupas N. E. de Faz. São Sebastião.
- b) — Com a 3.^a D. I. a cargo desta, no vale de Faz. das Palmeiras.
- c) — Entre os Sub-Sectores —
A cargo do 5.^o R. I.
— com o 4.^o R. I. nas garupas N. E. de Faz. Bom Retiro;
- com o 6.^o R. I. no mamelão N. E. de Cor. do Taboãozinho.

3) — OBSERVATORIOS.

- Ob. 1 Mamelão W de Faz. Monte Irara.
- Ob. 2 Alturas W de Faz. São Sebastião.

4) —

XII — Realização

O disposto
de Fogos

CONFERE

(a)
CORONEL

É da competência
realizar :

4) — TRANSMISSÕES.

a) — *Telefonia e telegrafia*

- Rêde a construir e explorar — anexo... como lembrança. Essa rêde deverá estar pronta a funcionar
- 06,00 H a D+10.
- A partir do momento acima a rêde deverá ser melhorada. Todos os fonogramas serão cifrados.
- Indicativos — A Cia. utilizará as letras R. V., G. U. na formação de indicativos.

b) — *Radio*

- Rêdes instaladas e prontas a funcionar a partir de 06,00 H de D+12.
- Constituição das rêdes — anexo....
- As autoridades sublinhadas são aquelas servidas por postos explorados pela Cia. as demais autorizadas são servidas por postos das respectivas Unidades.
- Emissões proibidas até 2.ª ordem, exceto para a rêde de segurança e Esq. Rec. Mec. — Avião.
- Emissões de regulação dos aparelhos serão feitas em condições a serem fixadas em "Ordem Técnica".

c) — *Ótica*

- Rêdes instaladas e em funcionamento a partir de 06,00 H de D+2.
- Rêde da D. I. como lembrança.

XII — *Realização do Dispositivo* : —

O dispositivo deverá estar pronto para desencadear o Plano de Fogos desde às 12,00 (doze horas) do dia D.

(a) X
GENERAL DE DIVISÃO COMANDANTE

CONFERE

(a) G.
CORONEL CHEFE DO E. M.

ESTUDO DO 4.º R. I.

É da competência do Comando da U. materializar a defesa a realizar :

- pela escolha da faixa (P R);
- pela organização do sistema de fogos sucessivos (dosagem I-A).

Para os executantes, e em particular para o R. I., esta noção simplifica-se, pois nesse escalão o combate defensivo traduz-se pela missão de : —

"impedir durante um tempo mais ou menos longo que o inimigo ultrapasse uma certa linha do terreno".

ou de : —

"interdizer, em toda a eventualidade a travessia desta linha "caso se trate duma defensiva sem idéia de recuo."

Sob o ponto de vista de fogo, o defensor no escalão R I deve, para cumprir a missão acima : —

"*Crear uma barragem de fogos tendo por base a dita linha : —*

Durante a execução da defesa o comando envidará esforços para manutenção da barragem previamente creada, tendo tido a previsão de substituí-la por outra à retaguarda das brechas.

A atuação pois do R. I., resume-se em 2 atos : —

— um o essencial da execução da defesa — *a manutenção da barragem ou sua substituição por uma outra à retaguarda das brechas.*

É à luz desse duplo aspecto que estudaremos o problema atribuído ao 4.º R. I. na pessoa do seu Cel. Comandante.

De que se trata para o 4.º R. I. ?

Compulsando a O G O dela extraímos : —

1) — Missão do 4.º R. I. — SS/W — (*Sta. Cruz das Posses*)

- a) Instalar-se na frente compreendida entre o mamelão de Faz. das Palmeiras e o Rib. das Tabocas.
- b) Impedir a travessia do rio Pardo, com esforço entre a Corredeira de S. Pedro e o Rib. das Tabocas.
- c) Manter particularmente os mamelões NE e NW de Várzea Grande.

2) — *Idéia da manobra da D. I.*

a) Retardar o inimigo a partir da linha Est. Guayuvira — Olaria — Bairro de Sant'Ana;

b) Barrar-lhe a transposição do rio Pardo, particularmente entre a Corredeira de S. Pedro e a do Ribeirão Preto.

c) Manter, em qualquer eventualidade as alturas da Várzea Grande e de Sta. Cruz das Posses e as garupas L. de Faz. S. Sebastião.

Para isso : —

a) Levar a L P tão próximo quanto possível do rio Pardo, particularmente entre Corredeira de S. Pedro e o limite L da Zona de ação.

b) Acen

Luciano — I

3) — A

Um agru

4) — D

Barragem

Sta. Cruz das

5) — Se

Regulado

6) — Lig

A cargo d

nas garupas N

7) — Atr

Contra-ata

Vila Maria e S

8) — P. c

Sta. Cruz

9) — Tra

O constante

10) — Pla

dia

Em face da

4.º R. I. ?

Realizar um

delimitada pelo t

— "uma ba

— Prescreve

o estabel

que cons

de reserva

das duran

Eis, um resu

Como fazer ?

Ora a barrag

destinam-se a bar

Qual a nature

Não é possível

do inimigo.

Teoricamente

infantaria e aviação

b) Acentuar o esforço da defesa no eixo balizado pela estrada Luciano — Balsa — Est. Itacema.

3) — *Apóio de Artilharia*

Um agrupamento de apoio com 3 Grupos de 105

4) — *D. C. C.*

Barragem continua a cargo do R. I. na região do colo NW de Sta. Cruz das Posses.

5) — *Segurança — Postos Avançados.*

Regulado pela D. I. por se tratar de P A gerais.

6) — *Ligação*

A cargo da 3.^a D. I. no vale de Faz. das Palmeiras e do 5.^o R. I nas garupas NE de Faz. Bom Retiro.

7) — *Atuação da reserva da D. I. : —*

Contra-ataque nos eixos Sta. Cruz das Posses — Mamelão Faz. Vila Maria e Sta. Cruz das Posses — Mamelão Faz. das Palmeiras.

8) — *P. C. : —*

Sta. Cruz das Posses.

9) — *Traçado da P. R. : —*

O constante da carta de operações.

10) — *Plano de fogos pronto a ser desencadeado às 12.00 do dia D.*

Em face da missão acima exposta qual a tarefa a cumprir pelo 4.^o R. I. ?

Realizar uma defesa sem idéia de recuo, cabendo-lhe na zona delimitada pelo traçado preparar : —

— "uma barragem de fogos" sobre o Rio Pardo;

— Prescrever medidas para manutenção da barragem acima, e o estabelecimento de barragem de substituição, manutenção que consiste entre outras medidas em ter órgãos de fogo de reserva ou escalonados de modo a suprir as armas destruídas durante a preparação.

Eis, um resumo do que cabe ao Cel. resolver em face da missão. Como fazer ?

Ora a barragem geral e as de substituição (interior e deter) destinam-se a barrar um inimigo num determinado terreno.

Qual a natureza do inimigo ? O seu valor ?

Não é possível ao Cel. subestimar a priori a natureza e o valor do inimigo.

Teoricamente sabe que ele poderá atuar com carros, artilharia, infantaria e aviação.

E de que modo atuará ?

A aviação e a artilharia agirão por projéteis que cairão na faixa dos fogos e sobre os produtores de fogos para apagá-los, isto é, de longe e no caso essas armas terão emprêgo importante pelo inimigo, em face da situação precária em que atuará a infantaria com a travessia do Rio e o comandamento das elevações da margem S do Rio, o que prejudicará as bases do fogo de infantaria do atacante.

Os carros, em força, só intervirão após a transposição do rio por elementos de infantaria e sua fixação em trechos da L. P.

Para o conjunto da defesa há otimismo porquanto se dispõe de mais de uma dezena de dias para trabalhos, sem possível intervenção do inimigo, e para o R. I. embora não acarrete alterações no sistema de fogos, haverá maior coesão na defesa, pela sua organização em núcleos (CR e P ap), evolução final de toda a defesa, que se inicia com a realização dum dispositivo capaz de realizar barragens densas, profundas e contínuas.

Em síntese a defesa, para o Cel. consiste em antepor seus fogos aos meios do inimigo, sendo mais forte onde ele possa apresentar-se com maior quantidade de meios ou maior perigo para a defesa. Os fogos a apresentar podem ser previamente dispostos ou convergir no momento do perigo.

Dai a necessidade de observatórios que permitam ao comando olhar o terreno.

Como se apresenta ?

Do lado da defesa há um ligeiro comandamento, comandamento esse que nas proximidades de Rio é demarcado pelos mamelões de Faz. Vila Maria e em profundidade ainda na parte W.

Consulta naturalmente, às necessidades do atacante apossar-se em 1.^a urgência do referido mamelão e posteriormente terá maiores lucros se progredir a W.

Isto porém não implica em prejudicar que o inimigo não vá investir em toda a frente, ao contrário numa situação como esta (travessia do rio) há vantagem em atuar na frente mais ampla possível para evitar a concentração de meios facilitado pelo obstáculo e pela observação.

Por outro lado a defesa deve ser sólida.

Conclusão : — com meios terrestres o inimigo deverá atuar em força para num primeiro esforço apossar-se do mamelão retro citado e posteriormente causará maiores prejuízos se forçar a progressão por W (limite entre duas divisões).

Em consequência o 1.^o cuidado para o Cel. Cmt. do 4.^o R. I. : —

— apresentar o esforço da defesa : em profundidade na região de Sta. Cruz das Posses.

— Com os
tendo en
Quais os m

— 3 Btl. — C

Btl. com :

— Destacament

— Cia. de Com

— Cia. de Serviç

— Cia. de Canho

— Cia. de Obuze

Com esses meios
empregar pelo ataca

- 1) Infantaria
- 2) Artilharia
- 3) Carros
- 4) Aviação

1.^o) Vejam

A frente a ba
Btl. em terreno méd
a 1500 metros terem
Mas quando o r
questão fogos e coma
tação do terreno.

No caso há três
— O do vale de

— Com os meios de que dispõe, como o Cel. organizará a defesa, tendo em vista a possível atuação do inimigo e do terreno.
Quais os meios ?

— 3 Btl. — Cada	{	Cia. de Comando	{ Pel. Comando
			{ Pel. Trans.
Btl. com :	{		{ Pel. Remuniciamento e Sap.
		Cia. de Petre-	{ Pel. anti-carros
		chos Pesados	{ 2 Pel. de Mtr. Pes.
	{	3 Cias. de Fuzileiros.	{ Pel. de Mort. 81

— Destacamento de Saúde

— Cia. de Comando	{	Pelotão de Transmissões
		Pelotão de Reconhecimento e Informação

— Cia. de Serviços	{	Pelotão de Comando
		Pelotão de Transporte

— Cia. de Canhões Anti-Carros	{	3 Pelotões anti-carros — 2 peças
		1 Pelotão de minas anti-carros

— Cia. de Obuzes de 105 m/m — 3 Pelotões de Obuzes — 6 peças.

Com esses meios deve o Cel. organizar a defesa contra os meios a empregar pelo atacante.

- 1) Infantaria
- 2) Artilharia
- 3) Carros
- 4) Aviação

1.º) *Vejamos o valor da defesa para a Infantaria*

A frente a barrar estende-se por 4.500 metros e como um Btl. em terreno médio, pode receber para defesa uma frente de 1200 a 1500 metros teremos para o caso a necessidade do efetivo de 3 Btls.

Mas quando o regulamento fixa a frente a bater ele joga com a questão fogos e comando e esta implica na questão da compartimentação do terreno.

No caso há três compartimentos.

— O do vale de Faz. Vila Maria — com cerca de 1.500 metros.

— O da Corredeira de S. Pedro — Vale de Balsa com 2.000 metros.

— O Vale da Faz. Bom Retiro com 1.000 mets.

Para a barragem geral a previsão dos 3 Btls. com todos os seus meios, com exceção quanto ao de Leste, cuja frente permite a economia pelo menos, duma Cia.

Regulamentarmente também a frente a bater presuppõe uma profundidade que é variável com as exigências da frente.

Terreno favorável para os fogos da Infantaria e de frente mínima, permite tirar partido de profundidade, solução esta que mais consulta às necessidades de manutenção de barragem geral.

No caso em estudo como a L. D. está locada a distância que corresponde a profundidade dos Btls. caber-lhes-á estabelecer-se nas duas linhas da P. R..

O que há de interessante a focalizar é que justamente o Btl. que ocupa a faixa onde se exercerá o esforço na L. P., está com frente maior, o que será compensado pelo reforço em fogo de artilharia, conforme será exposto no estudo do agrupamento.

2.º) Antes de abordar a barragem o inimigo utilizará sua artilharia e aviação para destruir alguma coisa da defesa. Cabe a defesa substituir os elementos de que fôr prematuramente desfalcada, sempre tendo em vista recompor o que estiver mais avançado. E nisto consiste a manutenção.

3.º O valor de defesa contra Artilharia

Consiste no disfarce e nos trabalhos de fortificação.

4.º) Valor da defesa contra carros

Esta defesa é organizada para o conjunto da D. I. para o que o respectivo Cmt. prescreve servidões aos R. I..

No caso há apenas a imposição de : — "barragem continua na região do colo NW de Sta. Cruz das Posses".

Esta prescrição exigirá o emprêgo mínimo de 3 canhões contra carros, uma vez que o colo tem 1500 metros e cada arma pode bater 500 m. Para aproveitar o comando e os laços táticos vamos aí empregar um Pelotão.

Para completar a defesa o R. I. pode prescrever que os Btls. empreguem seus meios na defesa em superposição a barragem geral com exceção do Btl. do N que baterá o colo de Sta. Cruz das Posses e flanco. Os demais meios do R. I. superpor-se-ão a barragem de deter.

5.º) Valor da defesa contra avião

As armas serão localizadas nas regiões de maior densidade de meios ou de disfarce deficiente acima citadas.

E assim che
escala R. I..

A dosagem e
nhecimento min
possuem as armas
Morteiros).

Vejam com
sobre o que estabe

1) Segurança

A missã

2) Ligação

Não está

3) Plano de

Pronto a

Concebe-se fã

gem geral bem com

mento, fogos que c

necessário, exigem

do terreno e cuida

em todos os escalõe

concebido com ante

a ser desencadeado

É preciso comp

ou pelo menos que

cuidados que pôde co

cer que muitas hora

dos, isto é, para ada

rar ao máximo a ca

ção reciproca das m

terreno e a de observ

em tempo oportuno,

o código de sinais a

os centros de remuni

A elaboração do

tais condições fora do

Quando se diz q

terreno, isto significa

o tiro preparado e an

a conduta do fogo as

mas também que os ór

gados de frente e de t

É evidente que a

quência do plano de fo

E assim chega-se a um dispositivo simples e conveniente no escalão R. I..

A dosagem exata dos diferentes pontos a manter é fruto do reconhecimento minucioso do terreno, dos Cmts. de Btl., pois só estes possuem as armas de infantaria para a combinação (F. M., Mtrs. e Morteiros).

Vejamos como os demais elementos coletados na ordem refletem sobre o que estabelecemos : —

1) *Segurança*

A missão e o efetivo foram regulados pela D. I.

2) *Ligação de Fogos*

Não está a cargo do R. I.

3) *Plano de fogos*

Pronto a ser desencadeado às 0000 h. do dia D.

Concebe-se facilmente que a criação e manutenção da barragem geral bem como os fogos diversos que *precede o seu desencadeamento*, fogos que compõem ou que substituirão a barragem geral, se necessário, exigem numerosas previsões, reconhecimentos minuciosos do terreno e cuidadosa preparação, comportando conseqüentemente, em todos os escalões do Comando, a elaboração dum *plano de fogos* concebido com antecedência, estudado em seus pormenores e pronto a ser desencadeado imediatamente.

É preciso compreender que um plano de fogos não se improvisa ou pelo menos que seu valor está na razão direta do tempo e dos cuidados que pôde consagrar à sua elaboração. É preciso não esquecer que muitas horas serão necessárias para colocar fogos coordenados, isto é, para adaptar estreitamente esses fogos ao terreno, explorar ao máximo a capacidade das diversas armas e garantir a proteção recíproca das mesmas, para organizar a rede de vigilância do terreno e a de observação indispensáveis ao desencadeamento do fogo em tempo oportuno, para estabelecer as ligações e transmissões e o código de sinais a esse desencadeamento para constituir finalmente os centros de remuniciamento.

A elaboração do plano de fogos só pode, portanto ser feito em tais condições fora do contato inimigo.

Quando se diz que um dispositivo de fogo se acha instalado no terreno, isto significa não somente que as armas estão em posição, o tiro preparado e amarrado, ligações e transmissões indispensáveis à condução do fogo asseguradas, munições necessárias nas posições, mas também que os órgãos de fogo estão, no mínimo enterrados, abrigados de frente e de flanco, com os respectivos paradores.

É evidente que a organização do terreno deve ser uma consequência do plano de fogos; é somente quando o sistema de fogos se

acha pronto que a fortificação intervem para utilmente lhe trazer um acréscimo de potência e segurança, enquanto que concebida *a priori*, se transforma em embaraço em vez de auxílio.

4) — *Emprego da reserva da D. I.*

A previsão de emprego da reserva da D. I. em contra-ataques no s/setor do 4.º R. I., embora nenhuma influência exerça no dispositivo, deixa porém o Cel. tranqüilo quanto ao emprego de seus meios numa instalação *a priori*.

Isto pôsto apreciemos a ordem expedida pelo Cmt. R. I. certamente redigida após o reconhecimento e que apresenta uma solução para o caso.

2.ª D. I.

4.º R. I.

Comando

N.º 2

P. C. em Sta. Cruz das Posses,
dia D—2 às 17,00

ORDEM DE DEFESA N.º 1
(Para o dia D e seguintes)

I — S I T U A Ç Ã O

a) *Amiga*

Nossa D. I. enquadrada a W e a L, vai instalar-se defensivamente.

b) *Inimiga*

- 1) Sua aviação mantém-se ativa ;
- 2) Não parece apto a abordar o rio Pardo com elementos terrestres antes de D+10 e nem de atacar com meios importantes antes de D+14.

II — MISSÃO DO 4.º R. I. (SSW — Sta. Cruz das Posses)

1 — Enquadrado a W pela 2.ª D. I. e a L pelo 5.º R. I.:

- a) Instalar-se na frente compreendida entre o mamelão da Faz. das Palmeiras e o Rib. das Tabocas.
- b) Impedir a travessia do rio Pardo, com esforço entre a Corredeira de S. Pedro e o Rib. das Tabocas.
- c) Manter particularmente os mamelões NE e NW de Várzea Grande.

2 — *Definição da Posição*

Limites entre S/S

P. R.

Sistema de P. A.

Ver croquis (calco 1)

III — IDEIA D

O R. I.

- a) Aprese
- dam V
- b) Manter
- meiras
- c) Estôrço
- Posses.

IV — DISPOSITIVO

1 — Os 3

A W

Ao c

A L

2 — Limite

3 — Missão

Mant

seguir

A) —

V — PLANO DE

- a) Fogos Long
- Limite em p
- bosqu

b) barragem

c) Tiros int

d) Barragem

e) Cooperaç

f) Cia. de O

III — IDEIA DE MANOBRA

O R. I.

- a) Apresentará o esforço da defesa nas alturas que circundam VARZEA GRANDE.
- b) Manterá particularmente os mamelões de Faz. das Palmeiras e da Faz. Vale Maria.
- c) Esforço contra carros no colo NW de Sta. Cruz das Posses.

IV — DISPOSITIVOS E MISSÕES

1 — Os 3 Btls. juxtapostos

A W o I Btl.

Ao centro o II Btl.

A L o III Btl. — menos uma Cia. e dois Pels. de Mtrs.

2 — Limite entre os quarteiros : Ver croquis.

3 — Missão : —

Manter a P. R. em toda a profundidade nas condições seguintes : —

A) — Defesa da P. R.

I Btl :

Organizar, em particular, pontos de apoio nas encostas N e NE do mamelão de Faz. das Palmeiras e NW do mamelão de Faz.

II Btl : —

Organizar, em particular, um C. R. nas encostas L do mamelão da Faz. Vila Maria e um ponto de apoio na garupa ao S para a defesa da L. P.

III Btl : —

Organizar, em particular, um ponto de apoio na garupa da Faz. Bom Retiro.

V — PLANO DE FOGOS

a) Fogos Longinços : —

Limite em profundidade : — orlas do cafezal B — bosque a — bosque c — cafezal D — cafezal E.

b) barragem geral

c) Tiros interiores

d) Barragem de deter

e) Cooperação da artilharia

f) Cia. de Obuzes

de acôrdo com o croquis anexo.

VI — D. C. A.

Um Pel. nos quarteirões de W e Centro
outro na região de Sta. Cruz das Posses.

VII — D. C. C.

a) Minas

Campo de 800 ms. no colo NW de Sta. Cruz das Posses e
o restante no espigão N de Sta. Cruz das Posses.

b) Plano de fogos contra carros

Na frente da L. P a cargo dos Btls.

A Cia. Regimental terá a seu cargo:

- 1) a defesa do ponto de apoio do espigão NNE de S. Pedro — 1 Pel.
- 2) a barragem do colo NW de Sta. Cruz das Posses e espigão N de Sta. Cruz das Posses.

VIII — RESERVA

A 7.ª Cia./2 Pel. Mtrs. do III/Btl. constituirão reserva do R. I.
— inicialmente permanecerão na região de Sta. Cruz das Posses,
orla S.

IX — LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES

A) Ligação

PC D. I. e I. D. — Faz. Iracema

PC 4.º R. I. Sta. Cruz das Posses (orlas SW)

PC I Btl. Bosque r

PC II Btl. — bosque 1 Km. NW de Sta. Cruz das Posses

PC III Btl. — Sta. Cruz das Posses (orla SE)

PC Cia. Engenho — Com o do Cel.

PC Pel. Canhões — " " "

B) Transmissões

1) Telefone

Entre os PC do R. I. e dos Btls. e os respectivos P O a
cargo do R. I.

Os fonogramas deverão ser cifrados desde que o inimigo
tome contato com a P R.

2) Rádio

Serão instalados postos nos P C R. I. Btl.

Funcionamento interdito antes do ataque, salvo para ve-
rificações.

(Demais pormenores serão transcritos da ordem do D. I.)

3) Ótica

A rec
tre os
quanti
ponto
S. Pe

C) OBSERVAÇÃO

Obs/1

Local

Missão

Obs/2

Local

Missão

D) CÓDIGO

Sinal para
de 3 estrel

X — TRABALHO

Serão realizados

XI — REALIZAÇÃO

Pronto às 12,00

DESTINATÁRIO

Cmt. da D. I.

Cmts. de Btls.

Cmt. Cia. Ser

Cmt. Cia. Cmd

Cmt. Cia. C.A.C

Cmt. Cia. Obuze

Cmt. R. I.

visinho

Arquivo

OBSERVAÇÃO

3) *Ótica*

A rede ótica do R. I. além de dobrar as transmissões entre os PC e PO estender-se-á aos PA, cargo do 1 Btl quanto aos pontos de apoio 1 e 2 e do R. I. quanto ao ponto de apoio do espigão NNE da Corredeira de S. Pedro.

C) *OBSERVAÇÃO*

Obs/1

Local — Mamelão de Vila Maria

Missão — Ver croquis

Obs/2

Local — Orlas N de Sta. Cruz das Posses

Missão — ver croquis

D) *CÓDIGO DE SINAIS*

Sinal para desencadeamento de barragem geral — foguete de 3 estrelas vermelhas.

X — *TRABALHOS*

Serão realizados de acordo com o plano a ser estabelecido.

XI — *REALIZAÇÃO DO DISPOSITIVO*

Pronto às 12,00 de D.

a) Cel R...

DESTINATÁRIO : —

Cmt. da D. I.	—	1	exemplar	como	parte.
Cmts. de Btls.	3	"	"	"	"
Cmt. Cia. Ser.	1	"	"	"	"
Cmt. Cia. Cmdo.	1	"	"	"	"
Cmt. Cia. C.A.C.	1	"	"	"	"
Cmt. Cia. Obuzes	1	"	"	"	"
Cmt. R. I.					
visinho	2	"	"	"	"
Arquivo	2	"	"	"	"

12 exemplares.

OBSERVAÇÃO : — O que consta como parte do croquis é para lembrar que não deve ser feito antes do reconhecimento do terreno, no caso constará tudo do calco por ser o trabalho feito na carta.

A 4.^a Seção na Campanha da Itália

Ten. Cel. SENNA CAMPOS
Do E.M. da 1.^a D.I.E.

— VIII —

As operações defensivas, no vale do Reno, e o frio intenso, cujo início foi assinalado pela queda da primeira nevada, na noite 23/24 de dezembro de 1944, tornaram a tropa muito pesada. Os uniformes de inverno, especiais para a luta em clima ingrato, como o dos Apeninos; as barracas próprias à estação, os cobertores em número de cinco por homem, os aquecedores e fogareiros, os capotes e roupas internas, tornaram os homens e as sub unidades sobrecarregados para o reinício das ações ofensivas, em planejamento.

Por outro lado, materiais diversos, de organização do terreno e de camuflagem, estavam em poder da tropa e não poderiam ser deixados nas posições.

A 4.^a Seção, conhecendo, por antecedência, os planos do Comando, tratou de aligeirar os Q. G. e unidades, fazendo recolher aos órgãos fornecedores, o material dispensável às operações. E assim o S. I. iniciou a evacuação das peças de uniforme e equipamento diverso, cujo volume era apreciável.

Si levarmos em conta que a 1.^a D. I. E. tinha um efetivo da ordem de 15.000 homens, vemos logo que só em cobertores, dispunhamos de 75.000. Entre os materiais especializados contávamos skis, sapatos para neve, sacos impermeáveis, travesseiros de inverno, etc, a serem devolvidos oportunamente aos órgãos americanos, por serem artigos próprios ao Teatro.

As medidas foram além, com a ordem de ser revistada minuciosamente a bagagem individual com o fim de ser apreendido tudo que estivesse indevidamente em poder dos homens. Os sacos B, existentes nas unidades tomaram, por sua vez, o rumo da retaguarda.

Essas medidas trariam um grande alívio aos transportes futuros, pois o número de caminhões a serem empregados, no deslocamento das unidades, diminuiria, certamente.

O S. M. B. realizou inspeção geral nas viaturas da Divisão e prescreveu medidas de manutenção rigorosas, para que todos os veículos pudessem suportar o esforço a ser exigido. Providenciou, junto aos órgãos americanos, a reposição de viaturas entregues, por diversas unidades da Divisão, como imprestáveis ao serviço: 31 jeeps 3 caminhões de 3/4 3 caminhões de 1 1/2 2 caminhões de 2 1/2 e 3 reboques.

As unidades mais uma vez foram admoestadas quanto ao extravio de material bélico e ao consumo de munições, levando-se em conta a experiência dos combates anteriores, assim como as tendências para serem organizadas "Caixas Baixas" de munição, que perturbavam os suprimentos e sobrecarregavam os transportes.

Outra advertência, referia-se à violação das "Dotações Orgânicas" (Basic Load) somente utilizadas por ordem ou permissão expressa do Comandante da Grande Unidade, para atender a uma situação de crise.

O S.E. preocupou-se com o material de organização do terreno e de camuflagem, em excesso ou que pudesse ser recuperado.

Dessa forma, antes do reinício do movimento para a frente, foram executados, em larga escala, os deslocamentos de material para a retaguarda.

A estabilização relativa da Divisão foi quebrada com as ações ofensivas que culminaram com a tomada de Monte Castello, Castel Nuovo, La Serra, etc, no fim do mês de fevereiro de 45.

A tropa brasileira, sacudida por esses acontecimentos, depois de longa permanência enterrada na neve e sob a carga de tantas apreensões, aligeirada de equipamento e de maus presságios, não mais se deteve, até o término da campanha.

A 4.^a Seção, como previsão de transporte, fez deslocar o Pelotão de Transporte da Cia de Intendência, à sua disposição, para Penigale de Sotto, Pamperso, Crocciale, Gaggio Montano, numa sequência de lances até Sarretone.

Estabeleceu Postos de Polícia para a regulação do tráfego, em locais mais avançados. Acionou o S.I. para a constituição de estoques de gasolina e de rações de reserva, para atender ao Ponto de Suprimento de Pamperso.

Os Pontos de Coleta do Pelotão de Sepultamento deslocaram-se para Abetaia e Serretone.

O S.S. levou o seu dispositivo mais à frente, para as regiões de Lizzano in Belvedere, Gaggio Montano, Abetaia e

Crocciale, alter
Abetaia, Croc
para apoiar o
cando-se para

O S.E., a
des da ação, p
Castel de Serr

Os R.I. ti
to, as munições
duas unidades
pecializada, com
Foram fixados

para atender à

As sub uni
- 1.^o, 6.^o e 11.^o
ra e I, II, III e
vela e Sila e reg

A 4.^a Seção
Belvedere.

Despregou-s
quatro meses de
dispositivo.

A fase que s
terior, pois os d
conquista de Mo
muralha alemã q
do Pó, constituí
fim da campanha.

Enumerarem
Serviço da 1.^a D.
a sequência de m
de Alessandria.

S.I.

Seção de Suprime

Pamperso, Ca
ra, Piasenza e Vo

Seção de Suprime

Pamperso, Ca
seguentemente à Se

Crociale, alterando o seu eixo de evacuações para Salssomolare, Abetaia, Crocciale e Sila. Uma Cia de Evacuação foi prevista para apoiar o destacamento de aproveitamento do êxito, deslocando-se para Bombiana.

O S. E., articulou os seus meios para atender às necessidades da ação, levando em conta a conservação do eixo-Giulia-Castel de Serravalle.

Os R. I. tiveram ordem de manter prontas para deslocamento, as munições conservadas sob hipoteca à Divisão, no valor de duas unidades de fogo de R. I., assim como certa munição especializada, consumível mediante ordem do Comando Superior. Foram fixados os centros de remuniamento dos Regimentos, para atender à fase ofensiva.

As sub unidades de Serviço deslocaram-se respectivamente — 1.º, 6.º e 11.º R. I. para Gaggio Montano, C. Bizarino e Borra e I, II, III e IV Grupos para Corvela, Sila, região entre Corvela e Sila e região entre Porreta e Castellucio.

A 4.^a Seção em 10 de março, deslocou-se para Lizzano in Belvedere.

Despregou-se, dessa forma, a rede dos Serviços, depois de quatro meses de uma invariabilidade quasi absoluta em seu dispositivo.

A fase que se seguiu contrastou espetacularmente com a anterior, pois os deslocamentos rápidos e profundos, depois da conquista de Montese e de Bolonha e consequente rutura da muralha alemã que impedia o 5.º Exército de penetrar no vale do Pó, constituíram um dos acontecimentos mais notáveis do fim da campanha, no norte da Itália.

Enumeraremos os diversos deslocamentos dos órgãos de Serviço da 1.^a D. I. E., para que se tenha uma idéia do que foi a sequência de mudanças, até a reunião da Divisão, em torno de Alessandria.

S.I.

Seção de Suprimentos de Classes I e III

Pamperso, Ca di Sola, Sassuolo, San Polo, Marano, Fidenza, Piacenza e Voghera.

Seção de Suprimentos de Classes II e IV

Pamperso, Ca di Sola, Sassuolo, Piacenza e Voghera, subsequentemente à Seção anterior.

As distâncias percorridas entre Pamperso e Voghera, em lances seguintes foram da ordem de 270 quilômetros.

O número de rações de Classe I, distribuídas de Pamperso até o primeiro suprimento em Voghera, atingiu a 238.956.

O suprimento médio diário de gasolina, em Pamperso, foi de 6.240 galões e durante a ofensiva, até a distribuição em Voghera, a média diária foi de 12.600 galões.

O número de caminhões empregados pelo Serviço, no transporte de materiais diversos, víveres, mulas e munições, etc., no período final, de 8 a 28 de abril, foi de 356 caminhões de 2 1/2 Ton., pertencentes à Cia. de Intendência.

Em contraposição a esse movimento intenso o número de acidentes foi relativamente pequeno:

Morte de motorista — 1

Caminhões acidentados — 2

Caminhão desaparecido, após acidente — 1

S.S.

Chefia do Serviço

Lizzano in Belvedere, Gaggio Montano, Zocca, Vignola e Alessandria.

P.S.D./ — Lizzano in Belvedere, Abetaia, Osteria, Il Cerro, Vignola, Sassuolo.

P.S.D./2 — Lizzano in Belvedere, Sila de Sopra, Puianello, Corcagnano, Colecchio.

P.S.D./3 — Crocciale, Bombiana, Castel D'Aiano, Lame, Bottazza, Arceto, Quatro Castella, Castelguelfo, S. Giuliano, Alessandria.

P.T.D. — Casetta, La Torre, Maranello, S. Ilario Denza, Fidenza.

S.M.B.

Chefia do Serviço

Lizzano in Belvedere, Gaggio Montano, Zocca, Vignola Montecchio e Alessandria.

Companhia de Manutenção

Casa Franca (estrada Lizzano-Sila), Vignola, Martorano, Alessandria.

Transporte

O movimento depois da conclusão do aproveitamento

Os deslocamentos de tropa a longas distâncias

Os transportes operados, com os elementos succe-

Exército. Os deslocamentos de tropas para os seus materiais, indispensáveis para as viagens foram os acidentes de tráfego

A 4.^a Seção de seus movimentos defensivos.

O esgotamento das forças exaustivo que muitas vezes dos transportes.

A pesar de os trabalhos realizados em tempo da campanha, esgotado, com deslocamentos

A 1.^a D.I.E. simultaneamente o mais em situações das sem que se le-

A própria artilharia de infantaria puxado à frente trabalho em prove-

O material de guerra ao inimigo a travessa sendo empilhada um recolhimento,

Os deslocamentos das etapas, assim o

Transporte

O movimento dos transportes, teve início, para a 4.^a Seção, depois da conquista de Montese, ou mais propriamente com o aproveitamento do êxito.

Os deslocamentos caracterizaram-se pelos transportes de tropa a longas distâncias e em prazos muito curtos.

Os transportes de suprimentos foram, por sua vez, muito onerados, com o reaprovisionamento da tropa, em seus estacionamentos sucessivos, sempre a grande distância dos Órgãos de Exército.

Os deslocamentos rápidos obrigaram as unidades a empregar os seus meios de transporte, na condução do seu próprio material, indispensável à ação e com isso as disponibilidades em viaturas foram diminuindo gradativamente, ainda mais com os acidentes de tráfego e falta de manutenção adequada.

A 4.^a Seção, dessa forma, teve que diminuir a amplitude de seus movimentos de conjunto, ao contrário do que fez durante a defensiva.

O esgotamento dos motoristas e dos mecânicos que trabalharam exaustivamente nesse período, foi também um fator negativo que muito contribuiu para a diminuição de rendimento dos transportes.

Apezar de todas essas dificuldades, os transportes foram realizados em tempo útil e satisfatoriamente. O resultado final da campanha, espetacular e honroso, só poderia ter sido alcançado, com deslocamentos rápidos, profundos e oportunos.

A 1.^a D.I.E. praticamente deslocou os seus elementos simultaneamente obrigando a 4.^a Seção a utilizar artifícios normais em situações como essa. Assim as viaturas foram empregadas sem que se levasse em conta a sua especialidade.

A própria artilharia empregou os seus caminhões em proveito da infantaria deixando para trás o seu material, que só era puxado à frente quando uma folga nos transportes permitia o trabalho em proveito próprio.

O material dispensável à ação em curso, que era a de barrar ao inimigo a travessia do Pó e sua junção ao norte daquele rio, ia sendo empilhado ao longo dos eixos de deslocamento, para um recolhimento, em época oportuna.

Os deslocamentos da Divisão podem ser divididos em 4 longas etapas, assim discriminadas :

Deslocamento de Montecchio para Alessandria — 170 Km.

Deslocamento para a região de Zocca — 45 Km.

Deslocamento de Vignola para Montecchio — 64 Km.

Total 309 Km.

Dentre os deslocamentos particulares às unidades, destaca-se o feito pelo 1.^o R.I., que, em uma só etapa, foi da região de Castel D'Aiano para Fidenza — 138 Km. e quatro horas depois deslocou-se para Piacenza, num total de 170 Km.

Outros deslocamentos foram efetuados, como o do Destacamento Cel. Nelson de Melo, composto de dois batalhões, um grupo de artilharia, o Esquadrão de Reconhecimento e elementos de saúde, da região de Zocca para a de Formigeno, num percurso de 60 Km. e utilizando 70 veículos, além dos orgânicos das unidades. E o do II/11.^o R.I., de Montese para San Polo, numa distância de 120 Km.

A Divisão empregou todas as suas viaturas disponíveis no momento:

606 jeeps,	
233 caminhões de	3/4
107 "	de 1 1/2
336 "	de 2 1/2

Fimda a ação, depois da rendição da 148.^o D.I. alemã, na região — Colecchio-Fornovo, as bagagens individuais, os estoques excessivos de munições, o armamento mais pesado, como os próprios canhões, em sua maioria, que foram balisando, em depósitos sucessivos, a passagem apressada das forças brasileiras pelas tortuosas estradas de marcha, todo esse material foi sendo recuperado pelas unidades, enquanto que o S.M.B. foi entregando, diretamente, aos órgãos americanos, em Modena, a munição que não era mais necessária à 1.^a D.I.E., munição esta creditada à nossa Divisão, para ações futuras.

Não pararam aí os deslocamentos, pois um batalhão do 11.^o R.I. ocupou Turim e tomou contato com tropas francesa em Suza, enquanto o Esquadrão de Reconhecimento agia mais para leste.

O transporte de prisioneiros de guerra exigiu para mais de 60 caminhões que percorreram 3.600 Km, entre a região de Colecchio e Modena.

Rendição da 148.^o D.I. alemã

A 4.^a Seção tomou parte ativa na rendição da tropa inimiga, na região de Colecchio-Fornovo, recolhendo material de toda natureza pertencente à 148.^o, 90.^o Panzer e Divisão Itália.

No dia 28 de setembro, foram tomados e medidas as condições de armamento que se apresentavam, os elementos adversos, a situação de controle, situação onde os homens estavam, a reunião de prisioneiros, os parados e recolhidos.

As conversações foram feitas com o alemão, através dos efetivos e das unidades de regimentos. Os primeiros foram as viaturas de vários tipos.

Foram escolhidos os pontos de reunião do material e a localização ao local para a ação.

Providências foram tomadas para a situação inédita à qual se chegou no momento, e a situação seria ser levado a efeito a reunião e pronta para a reunião, nas condições de reunião.

Depois dos encontros, às 12 e às 15 horas, a reunião do Comando brasileiro foi realizada às 28 e não às 6 horas.

Essa exigência foi, principalmente, a reunião do armamento, viaturas e elementos.

As 17 horas e 30 minutos, surgiu na esplanada de infantaria, a reunião de controle.

Foram dadas as ordens para a tropa. Os oficiais se reuniram na proporção que fosse necessária as suas armas, que passava à margem da reunião em forma mais organizada, aos locais de reunião dos motoristas ou dos elementos de desarmamento, e em reunião de prisioneiros.

No dia 28 de abril de 45, os diversos Serviços foram acionados e medidas foram postas em prática para o grande acontecimento que se aguardava. Estava previsto que os primeiros elementos adversários começariam a passar pelos dois postos de controle, situados, um em Colecchio e outro em Felegarda, onde os homens seriam desarmados e encaminhados aos pontos de reunião de prisioneiros e o armamento e demais material separados e recolhidos para entrega posterior ao 5.^o Ex.

As conversações preliminares entre os Comandos brasileiro e alemão, através dos seus representantes, deram idéia do valor dos efetivos e da quantidade de viaturas e animais a serem entregues. Os primeiros dados referiam-se a 6.000 homens, 1.000 viaturas de vários tipos e 4.000 cavalos.

Foram escolhidas áreas, à margem das estradas, para a arrumação do material. Um contingente da Polícia Militar dirigiu-se ao local para auxiliar o serviço.

Providências rápidas foram tomadas para enfrentar-se uma situação inédita à tropa brasileira. Os efetivos que dispunhamos no momento, eram reduzidos e sem a prática do serviço que iria ser levado a efeito, pois toda a tropa de combate estava empenhada e pronta para agir, no caso de não ser cumprido o assentado, nas conversações iniciais.

Depois dos entendimentos havidos com os parlamentários, às 12 e às 15 horas, a situação tornou-se mais clara e por imposição do Comando brasileiro, a rendição começaria às 18 horas de 28 e não às 6 horas de 29, como desejavam os alemães.

Essa exigência serviu para mais dificultar a ação dos Serviços, principalmente o S.M.B. que teria de arrecadar todo o armamento, viaturas e munições, das tropas vencidas.

As 17 horas e 30 do dia 28 de abril, com o sol ainda no horizonte, surgiu na estrada, que vinha de Fornovo, a primeira coluna de infantaria, que fez alto ao chegar, a sua testa, no ponto de controle.

Foram dadas as primeiras instruções aos comandantes da tropa. Os oficiais separavam-se das suas unidades; os soldados, à proporção que fossem atingindo o ponto de controle, depositariam as suas armas entre os trilhos de uma estrada de ferro que passava à margem da rodovia e depois de revistados, entrariam em forma mais na frente; as viaturas seriam encaminhadas aos locais de reunião, fóra da estrada e conduzidas pelos próprios motoristas ou condutores; os oficiais eram convidados a se desarmar, e em caminhões tomavam o rumo dos pontos de reunião de prisioneiros; os soldados em coluna, tomavam o mes-

mo destino, sob o comando de seus próprios inferiores e depois de dois quilômetros de marcha, passavam ao controle da tropa americana, em campo cercado, fóra da localidade de Colecchio.

E assim teve início a rendição. Mas, a noite não tardou em cair e com ela as cousas modificaram-se por completo.

A disciplina dos primeiros instantes perturbou-se e o trabalho era cada vez mais difícil, pois colunas e mais colunas sucediam-se e os homens ao receberem ordem de se desfazerem do seu armamento, inutilizavam o que podiam e lançavam as armas e munições, pela estrada, numa profundidade de dois a três quilômetros. As viaturas eram abandonadas na estrada, impedindo o trânsito das demais colunas.

Tomou-se, como medida salvadora, a resolução de colocar os jeeps de faróis acêsos na direção da tropa que se entregava e empregar os motoristas disponíveis na condução dos veículos abandonados, quer fossem automóveis, caminhões, carroças de cavalo ou de bois, artilharia, etc. Pode-se avaliar a dificuldade encontrada por todos, oficiais e praças, empenhados em resolver àquela imprevista situação, na escuridão da noite e sem ter uma tropa amiga que zelasse pela sua segurança. Eram poucos os que, acompanhados de sua pistolas apenas, trabalhavam e proviam a sua segurança pessoal, no meio de milhares de homens que horas antes lutavam de armas nas mãos.

Os animais não puderam ser desatrelados, não só pela dificuldade em conservá-los presos como pela inexperiência dos nossos motoristas. As próprias viaturas automóveis constituíram um quebra cabeça, pela novidade que apresentava o seu manejo, desconhecido de quasi todos.

Ao amanhecer, as cousas foram mudando de aspeto, com as medidas postas em prática.

O dia trouxe-nos a realidade da situação: armamento, munições e material de toda a espécie espalhados pela estrada; cavalos amarrados às próprias viaturas e nas árvores e por toda parte, italianos, americanos e brasileiros escolhendo o que de interessante apresentava-se a seus olhos.

Contingentes de nossa tropa vieram guardar a presa de guerra e a reunião do material pode ser feito, inicialmente por brasileiros e posteriormente por tropa americana especializada, do 5.^o Exército.

Durante todo o dia 29, noite de 29/30 e dia 30 o trabalho prosseguiu com pouca interrupção.

As viaturas que chegaram na noite de 29/30 já foram encaminhadas para lugar melhor escolhido e seus animais desatre-

SETEMBRO

lados e so-
boreando e

Para e
ção acusav
pelo posto,
Vê-se porta
entregar-se
que o suce
dade de ser
cidos, ainda
Seções, enca

Além de
vários foram
contrados na
tarefa dos ar
autoridades a
sileira.

A prime
em cumprime
nossas viatura
a coleta de p
cursos adequa

A grande
pada, quando
a penicilina re
ravam o grand
ainda no regim

A 3 de ma
gãos, estava es

Os Serviç
atender à tropa

Cia de Inte
Alessandria.

Seção de S
Pelotão de

Cia de Man

Cia de Tran
Batalhão de

P.S.D./1

P.S.D./2

P.S.D./3

lados e soltos em vasto campo de trigo, onde se regalarão saboreando excepcional forragem, depois de dias amargos.

Para encurtar, na tarde de 30, a contagem feita pela 1.^a Seção acusava um total de mais de 12.000 homens que desfilarão pelo posto, foram revistados e entregaram o seu armamento. Vê-se portanto que, mais do dobro do efetivo previsto resolveu entregar-se à tropa brasileira e o fez dentro de uma ordem tal que o sucedido pôde ser considerado como simples irregularidade de serviço, porque si outra tivesse sido a atitude dos vencidos, ainda mais difícil tornar-se-ia a ação dos Serviços e das Seções, encarregados da grande tarefa.

Além desse material, proveniente da rendição iniciada a 28, vários foram os depósitos de material de diversas espécies encontrados na região de Colecchio. Coube aos vários Serviços a tarefa dos arrolamentos respectivos e, segundo a declaração das autoridades americanas, tal material seria creditado à tropa brasileira.

A primeira medida posta em prática pela tropa brasileira, em cumprimento às cláusulas da rendição, foi a penetração de nossas viaturas de saúde, no interior das linhas adversárias, para a coleta de perto de 150 feridos que já se encontravam sem recursos adequados, alguns atacados de gangrena gasosa.

A grande preocupação do Chefe do S.S. alemão foi dissipada, quando o Chefe do S.S. da tropa brasileira garantiu que a penicilina resolveria cabalmente o assunto. Os alemães ignoravam o grande valor dessa droga maravilhosa, pois estavam ainda no regime das sulfas.

A 3 de maio já o Comando brasileiro, com todos os seus órgãos, estava estacionado na cidade de Alessandria.

Os Serviços reajustaram-se e dispuseram-se para melhor atender à tropa, localizada na região Alessandria-Piacenza.

Cia de Intendência — inicialmente em Voghera e depois em Alessandria.

Seção de Suprimentos em Voghera	
Pelotão de Sepultamento em Alessandria	
Cia de Manutenção	{ Alessandria
Cia de Transmissões	
Batalhão de Engenharia em Valenza	
P.S.D./1 em Piacenza	
P.S.D./2 em Alessandria	
P.S.D./3 em Tortona	

O Pelotão de Sepultamento teve pesado encargo, o de exumar os corpos de brasileiros enterrados em vários cemitérios, em número aproximado de 80, inclusive aviadores nossos, abatidos na região Alessandria-Milão.

O adiantado estado de putrefação dos corpos fez baixar de 50 % o efetivo do Pelotão, apesar das máscaras usadas pelos seus homens.

O Cemitério Brasileiro de Pistoia reuniu assim a totalidade dos combatentes expedicionários, sob as vistas de uma guarda brasileira, até que seus corpos sejam trasladados para solo pátrio.

A permanência da tropa brasileira no norte da Itália foi da ordem de dois meses e alguns dos seus órgãos, em meados de junho, deslocaram-se para a região ao norte de Nápoles, onde novo estacionamento estava sendo preparado para a tropa da 1.^a D.I.E.

Foi resolvido que os brasileiros não seriam empregados como força de ocupação e, com isso, iniciaram-se os planejamentos para o grande deslocamento, numa distância média de 850 Kms. e os preparativos para o regresso ao Brasil, pois a F.E.B. estava colocada em 1.^a urgência, entre as tropas que deveriam abandonar a Itália.

AOS REPRESENTANTES

A DIREÇÃO SOLICITA PROVIDÊNCIAS
JUNTO AOS TESOUREIROS DAS UNIDADES
OU AOS ASSINANTES COM RELAÇÃO
AO PAGAMENTO DAS ASSINATURAS
DO CORRENTE ANO.

Um es
o estac

A) — As
O. Part.

Mogimiri

1a. Está

b. Noss

GIMIRIM an

para o S. a p

2a. A 5.^a

PADUA SAI

ARTHUR NO

ALTA o mais

3a.

(1) —

nará na região

condições de pr

0900 de D+1.

(2) —

crições :

— nenhum

das 1800 e após

— a zona c

SALES e LAZ

2330/D e 0330/

— linha de

BARRAS — S

(3) — U

vossa disposição

estar liberado, en

Um estudo sôbre o deslocamento e o estacionamento no quadro do R. C.

Majores J. Codeceira Lopes e Euro Martins

DOCUMENTO N.º 9

(Conclusão do N.º de Agosto)

I — SITUAÇÃO PARTICULAR N.º 2

A) — Às 12,20 de D o Cmt. 10.º R. C. recebe a seguinte O. Part.
O. Part. 8

5.ª Bda.

Patos

D.1.130.

Mogimirim, Campinas, 1/100.000

1a. Está iminente o rompimento das hostilidades.

b. Nossa D. C. deverá atingir a região PEDERNEIRA-MOGIMIRIM antes do alvorecer de D+1 e em condições de prosseguir para o S. a partir de 0900 de D+1.

2a. A 5.ª Bda. deslocar-se-á pelo eixo TRÊS BARRAS — Est. PADUA SALES — PONTE ALTA — P. DOS CAMPOS — ARTHUR NOGUEIRA, afim de atingir a região S. de PONTE ALTA o mais cedo possível.

3a.

(1) — Vosso R. constituirá o 1.º escalão da Bda. e estacionará na região imediatamente ao N. de ARTHUR NOGUEIRA, em condições de prosseguir para o S., sem perda de tempo, a partir de 0900 de D+1.

(2) — O Deslocamento deve subordinar-se às seguintes prescrições :

— nenhum movimento importante (de tropas e viaturas) antes das 1800 e após as 0530 horas;

— a zona de estacionamento atual e as regiões de Est. PADUA SALES e LAZARO CARVALHO, completamente livres às 2030/D, 2330/D e 0330/D+1 respectivamente;

— linha de luz : transversal Est. ORISSANGA — TRÊS BARRAS — SETE LAGOAS.

(3) — Um reforço de 36 caminhões de 1,5 Ton. estará a vossa disposição na região 2 kms, S. de PATOS às 1800. Deverá estar liberado, em PEDERNEIRAS, às 0530/D+1.

4a.

Classes I e III : ver ordem Serv.

b. P.Rec. em ARTHUR NOGUEIRA a partir de 0600/D+1.

5a. — Meios trns. : estafeta.

b. — P. C. da Bda. em POLUCENA. a partir de 0530/D+1.

a) —————

Cmt. da Bda.

II — ESTUDO A FAZER

Deslocamento do 10.º R. C.

DOCUMENTO N.º 10

ASSUNTOS A TRATAR

A) — Estudo da situação particular n.º 2.

B) — De que se trata para o Cnt. do 10.º R. C. ? (estimativa da situação).

C) — Como o Cmt. do 10.º R. C. resolve o problema.

1) — Definição do P. I., do futuro estacionamento e do P. D.

a) — O exame da zona em que o R. C. estaciona indica para P. I. de um movimento na direção E., a bif. 2,5 Kms. S. de TRÊS BARRAS.

b) — Na carta, a grosso modo, pôde sêr delineada a seguinte repartição da zona de futuro estacionamento :

1 ala na região — imediatamente ao S. de P. de CAMPOS.

1 ala na região — imediatamente ao N. de ARTHUR NOGUEIRA.

Esq. Mtrs. na região — L. de Faz. PALMEIRAS.

Esq. Cmdo. na região — W. de Faz. PALMEIRAS.

c) Para um estacionamento futuro assim repartido, o P.D. indicado é a bif. 0,4 Kms. L. de P. CAMPOS.

2) Distância P. I. — P. D. : 52 kms.

3) Tempo total disponível para o deslocamento do R. = 1800/D até 0530/D+1 = 11hs30'.

4) velocidades dos diferentes meios :

a) hipo (montado) = 6 Kmph

b) " (puxado) = 5 "

c) " (trens) = 4 " (carregados)

d) moto: 16 Kmsph = 10 mph = 5 (aliviados).

5) Tempo a ser gasto pelos diferentes meios, no percurso
P. I. — P. D.

- a) hipo (montado) = $52 \div 6 = 8$ hs. 40'
- b) " (cav. de mão) = $52 \div 5 = 10$ hs. 24'
- c) " (trens) = $52 \div 4 = 13$ hs. (carregados)
 $52 \div 5 = 10$ hs. 24' (aliviados)
 $52 \div 5 = 10$ hs. 24' (aliviados)
- d) moto = $52 = 16 = 3$ hs 15'.

6) **CONCLUSÃO N.º 1**: para que os trens hipo cheguem à zona de estacionamento, nas condições de tempo fixadas, deverão :

- partir o mais cedo possível;
- ser aliviados da carga, para poderem realizar 5 Kmsph.

7) Quanto ao estacionamento

- a) Preparar: 29 estacionadores.
- b) Estabelecer a segurança imediata:
 - 1 oficial por Ala (os da turma estacionadores).
 - 1 sargento por Sub-Unidade (os da turma de estacionadores).
 - 5 Mtrs. cal. 50 (10 homens).
 - 5 Lança Rojão (10 homens).
- c) Guarda de Polícia :
 - 1 G. C. (12 homens)

—x—

8) Reconhecer, balizar e reparar o itinerário :

- 1 oficial (S-1),
- 15 Sapadores,
- 1 sargento do Esq. Cmdo.,
- 1 cabo e
- 12 soldados.

9) Ordem Preparatória (N. 9 do R. C.)

10) Como aproveitar as viat. de reforço.

a) Tempo em que as mesmas estão à disposição do 10.º R. C. : de 1800/D às 0530/D+1, menos os tempos de deslocamentos na zona de estacionamento atual (estimado em 30') e o de percurso da Faz. Palmeiras até Pederneiras (onde as viaturas deverão estar liberadas às 0530/D+1 — calculado em 60 minutos). Praticamente os

caminhões estarão disponíveis durante : $1130 - (30+60') = 1130 - 0130 = 1000$ horas.

b) Percurso máximo que pode ser realizado naquele tempo (1000 hs.), à velocidade de 10 mph (16 kmph) = 100 milhas ou 160 Kms.

c) Distância P. I. — P. D. = 52 Kms. Consequentemente parece possível realizar $160 - 52 = 3$ percursos de ida P. I. — P. R. (sobram 4 Kms.)

— Na realidade não é, porque seriam necessários tempos mortos para :

— 1 desembarque no P. D.	— 10 min.
— 1 virar de frente no P. D.	— 15 min.
— 1 virar de frente no P. I.	— 15 min.
— 1 embarque no P. I.	— 15 min.
— 1 desembarque no P. D.	— 10 min.
— 1 virar de frente no P. D.	— 15 min.

01.20 min.

tudo somando 0120 ou sejam cerca de 22 Kms.

O emprêgo da fórmula $T = 3 \times \frac{D}{V_m} + C$ em que T é o

número de horas necessárias a 2 percursos (ida e volta), da distância a percorrer, V_m a velocidade dos veículos e D a soma dos tempos mortos, permite chegar a tal conclusão rapidamente.

d) **CONCLUSÃO N.º 2** — : É possível realizar uma (1) viagem PI-PD, voltar do P. D. e embarcando meios restantes além $\frac{22 - 4}{2} = 9$ Kms = Faz. Mombrança), levá-los ao P. D.

e) Com êste ponto se define o percurso mínimo a exigir dos elementos a serem transportados na 2.ª viagem (ou o esforço máximo a pedir às viaturas). Tal ponto poderia ser calculado pelo emprêgo de uma das fórmulas :

$D = \frac{t \times R}{2}$ em que D = distância mínima a percorrer pelos

elementos a serem transportados;

t = excesso de tempo, em relação ao disponível;

R = velocidade das viaturas.

f) EF

— Na
precisa-se de h

— no

— em

— no

O Des

— 6

— 14

— 29

— 41

— 2

— 92

O Esq.

(nas viaturas or

CONCLUSÃO

1398 —

g) Viat

717

— Disp

36 +

h) COM

homens e dispor

T. C. hipo.

i) Como

— Cada

= 12000 Kgs. e o

— O R.

+ 7200 = 31200

— Sobran

j) CONC

carga dos trens hi
viaturas.

$T = t + 2 \text{ tm} + C$ em que T = tempo total disponível;
 t = tempo gasto num percurso;
 tm = tempo gasto para fazer o 2.º percurso;
 c = soma dos tempos mortos.

f) Efetivo a transportar.

— Não é possível transportar animais. Nessas condições precisa-se de homens para conduzi-los (sela e carga).

— no Esq. Mtrs. : $256 \div 3 = 86$ homens.

— em cada Ala : $524 \div 3 = 175$ homens.

— no R. C. : $2 \times 175 + 86 = 436$ homens.

O Dest. Prec. levou :

— 6 homens do Esq. Cmdo.

— 14 " do Esq. Mtrs.

— 29 " da 2.ª Ala.

— 41 " da 1.ª Ala.

— 2 " do E. M.

— 92 " do R. C.

O Esq. Cmdo. e o E. M. somam : $142 + 11 = 153$ homens (nas viaturas orgânicas do Esq. Cmdo).

CONCLUSÃO N.º 3 :

$1398 - (436 + 92 + 153) = 717$ homens.

g) Viaturas necessárias para o transporte :

$717 \div 15 = 48$ viat.

— Disponibilidade, fazendo as 2 viagens possíveis :

$36 + 36 = 72$ viat.

h) **CONCLUSÃO N.º 4 :** — É possível transportar os 717 homens e dispor, ainda, de $72 - 48 = 24$ viat. para aliviar os T. C. hipo.

i) Como aliviar os T. C. hipo?

— Cada Ala tem carga máxima igual a 15×800 Kgs = 12000 Kgs, e o Esq. Mtrs. tem $9 \times 800 = 7200$ Kgs.

— O R. C. terá, nos trens hipo, um máximo de $2 \times 1200 + 7200 = 31200$ Kgs. e necessitará de $31200 \div 1500 = 21$ viat.

— Sobram $24 - 21 = 3$ viat. (para alívio das cozinhas).

j) **CONCLUSÃO N.º 5 :** é possível transportar toda a carga dos trens hipo, além do pessoal (nas 2 viagens) e sobram 3 viaturas.

k) Transportando, numa primeira viagem, toda carga do R. C., gastar-se-ão 21 viat. e se disporão de $36 - 21 = 15$ viat. para transporte de $15 \times 15 = 225$ homens ou sejam $225 \div 5 = 45$ por Esq. (faxinas e guardas).

1) CONCLUSÃO N.º 6.

Apresentam-se as seguintes soluções para a 1.ª viagem dos meios de reforço :

— transportar toda a carga dos trens hipo (31.200 Kgs = 21 viat.) um máximo de 225 homens (15 viat.) para guarda e desembarque da carga;

— transportar parte da carga dos trens hipo ($\frac{1}{2}$ p. 31.200
ex. = $\frac{31.200}{2 \times 1500} = 11$ viat.) e mais 375 homens (25 viat. restantes);

— transportar o pessoal de uma Ala (288 homens + 12000 Kgs = 27 viat.), mais carga do Esq. Mtrs (2700 Kgs = 5 viat.) mais 60 homens = 4 viat. (também do Esq. Mtrs.).

O Cmt. do 10.º R. C. decide-se pela primeira solução de vez que :

— as condições de segurança estão totalmente satisfeitas (hostilidades, não iniciadas — cobertura — movimento à noite);

— será aliviada, ao máximo, a carga dos trens hipo.

8) Grupamentos a constituir

Três velocidades diferentes. Em consequência, três grup. a constituir :

— um de vel. de 6 Kmph (elementos montados);

— um de vel. de 5 Kmph (trens aliviados e cavalos de mão);

— um de vel. de 16 Kmph (Esq. Cmdo. e viat. reforço).

9 — Organização dos Grupamentos

a) As 36 viaturas, na 2.ª viagem, só poderão transportar $36 \times 15 = 540$ homens.

— Então o Grup. 3 deve ser constituído por $540 + 270 = 810$ homens montando 810 cavalos.

b) O total de animais de sela e carga, no R. C., é de 1304. Se vão 810 no Grup. 3, sobram $1304 - 810 = 494$ animais. Estes têm que ir no Grup. 1, conduzidos por

$494 \div 3 = 165$, ou melhor, por 170 homens (1 Chefe e 4 Auxiliares).

c) Já estão distribuídos :

- 92 homens no Dest. Precursor
- 93 " nos Trens Hipo
- 153 " nas Viat. Esq. Cmdo.
- 810 " no Grup. n.º 3
- 170 " no Grup. n.º 1

1318 homens.

— Sobram, portanto, $1398 - 1318 = 80$ homens.

— Onde devem ir ? No Grup. n.º 2

d) Não transporto no Grup. 2, os 225 homens que posso transportar, porque a necessidade de conduzir os cavalos de mão do Grup. 1 impõe tal restrição.

— E como aproveitar as 9,5 viaturas restantes, se 80 homens eu transporto em $80 \div 15 = 5,5$ viaturas ?

— Determinando, por exemplo, que 4 viaturas por Ala e 1,5 para o Esq. Mtrs., sejam aproveitadas no alívio do equipamento e arreamento, pelos Esqs.

e) Temos então :

— GRUP. N.º 1

— Composição — Trens hipo (Alas e Esq. Mtrs.)
= 44 viaturas.

— 494 cav. de mão conduzidos por 170 homens.
(cada 3 cavalos conduzidos por 1 homem = 165 hs.
1 chefe e 4 auxiliares = 5 hs.

Soma 170 hs.

— Dispositivo : Cavalos de 1.ª ala, Esq. Mtrs, 2.ª ala.
Trens 1.ª ala, Esq. Mtrs, 2.ª ala.

— Formação : — Cav. de mão : coluna de 1 cavaleiro conduzindo 2 cavalos.

Trens : Grupos de 10 viat. em coluna (distância entre viat. 10 ms., e entre grupos 20 ms.)

— Profundidade : $494 \times 1 + 44 \times 5 = 494 + 660 = 1154$ ms.

— Escoamento : 14 min.

— Comando : Cmt. da 1.ª ala.

— GRUP. N.º 2

— Composição — Esq. Cmdo. e E. M. (31 viaturas).

— 36 viat. de reforço (conduzindo 80 homens, a carga

dos trens hipo e o alívio do equip. e arream. dos Esq.

- Dispositivo : Esq. Cmdo. — Viat. de reforço.
- Formação : coluna cerrada (2 U. M. de 15 viat. + 16 viat. e 2 U. M. de 18 viat. — intervalo de 2' entre as U. M.
- Escoamento : (normógrafo e fórmula) : $5' + 5' = 10'$
- Comando : Cmt. Esq. Cmdo.
- Profundidade : 2500 ms.
- GRUP. N.º 3
- Composição Alas + Esq. Mtrs. (tôda a cavalo até o de embarque — só cavalos de mão a partir dali).
- Dispositivo : 1.ª ala, Esq. Mtrs. 2.ª ala.
- Formação : Coluna por 2.
- Profundidade : $(334 + 142 + 334) \times 1,5 = 810 \times 1,5 = 1215$ ms.
- Escoamento : $(1215 \times 60) \div 6000 = 12'09''$
- Comando : Sub-Cmt. (até 2.º embarque).
- Após reunião com o Grup. 1 ficará sob o comando dêste.

—x—

10) — Hora do início do movimento (passagem das testas no P. I.)

a) Grup. n.º 1 (que deve partir o mais cedo possível) : 1800 hs.

b) Grup. n.º 2 (que também deve partir o mais cedo possível, para aproveitamento máximo do reforço hora que passa à disposição + tempos mortos com aproximação, manobra e embarque $= 1800 + 30' + 15' + 15' = 1900$ hs..

c) Grupo n.º 3 (que terá como única imposição a de liberar a zona de estacionamento às 20,30 hs.) : no máximo, às 20,30 — tempo de escoamento $= 20,30 - 12'09'' = 20.17'2''$ hs.

11) — Cálculo do trecho em que pode ser realizado o embarque de parte do Grup. 3 e escolha de região mais adequada para tal embarque.

a) O ponto mais próximo do P. I., levando em conta apenas os veículos, como já vimos, é Faz. Mombaca. Mas tal ponto talvez tenha de ser abandonado para que se atenda à prescrição de liberar Est. PADUA SALES a partir de 2330/D. E de fato será assim, visto que, saindo do P. D. às 2315 $= (3,15 + 1,00 + 1900)$ hs. não passará em Est. PADUA SALES antes daquela hora. Est. PADUA SALES, portanto, é que deve ser considerado o mais próximo.

b) O ponto das viat. é obtido

$D = \frac{2 \text{ (dist.)}}{Vt + Vm}$

na qual $Vt = v$
na qual $Vm =$
na qual $T = (t$
re

Procurando-o, teri

c) O trecho entre Est. PADUA SALES

d) Esse trecho para embarque à CHAL. Dada as — noite), o Cmt. de Rib. CONCHA Com isso facilitaria

12) — Gráfico do

a) eixo dos

b) eixo da

c) indicar

d) percurso

e) tempos

f) percurso

g) tempos

h) percurso

i) percurso

— sua volta

l) profundid

(=1964

n) prosseguir

o) dissociação

até o pon

13) — Condições de

a) antecipar

b) descanço

barque) C

c) 2 dobram

d) parada de

mento pel

b) O ponto mais afastado, que corresponde ao esforço mínimo da viat. é obtido pelo emprêgo da fórmula :

$$D = \frac{2 \text{ (dist. P. I. — P. R.) } V_t + (V_m \times V_t \times T)}{V_t + V_m}$$

na qual V_t = velocidade da tropa a ser transportada;

na qual V_m = velocidade dos elementos moto;

na qual T = (tempo morto dos moto, para desembarque, virar, reorganizar).

Procurando-o, teríamos, como ponto afastado o Km. 29

c) O trecho para o embarque será, portanto, o compreendido entre Est. PADUA SALES e o Km. 29 (bif, 8 Km SSL de Est. PADUA SALES).

d) Esse trecho apresenta-se, todo êle, como região favorável para embarque à noite, exceto nas proximidades de Rib. CONCHAL. Dada as condições em que se realiza (possibilidades do in. — noite), o Cmt. do 10.^o R. C. escolhe a região do cruzamento S. de Rib. CONCHAL (viatura da retaguarda à altura do cruzamento). Com isso facilitaria a manobra de virar.

12) — Gráfico do deslocamento :

- a) eixo dos tempos (abcissas);
- b) eixo das distâncias (ordenadas);
- c) indicar as restrições (1, 2, 3 e 4);
- d) percurso de 1.^a ida do grup. 2;
- e) tempos mortos do grup. 2, no P. D.;
- f) percurso P. D. ao Km. 2,5 (ponto de 2.^o embarque)
- g) tempos mortos no P. Emb.;
- h) percurso de 2.^a ida do grup. 2;
- i) percurso do grup. 1 até cruzamento com o grup. 2 (em sua volta);
- l) profundidade do grup. 1-3, após a reunião dos mesmos (=1964 ms.)
- n) prosseguimento, até novo encontro com o grup. 2;
- o) dissociação do grup. 1-3 e percurso inverso do grup. 3 até o ponto de embarque.

13) — Condições de execução deduzidas do gráfico

- a) antecipar a partida do grup. 3 para 1922;
- b) descanso do grup. 3 no Km. 27,5 (região de 2.^o embarque) 60 minutos;
- c) 2 dobramentos e 1 cruzamento do grup. 1 pelo grup. 2;
- d) parada do grup. 1 ao Km. 32,4 durante 25', para cruzamento pelo grupo 2 e espera dos cav. de mão do grup. 1.

- 14) — Quadro de execução do movimento :
Ver anexo.
- 15) — Suprimentos (classes I e III).
Para Dia D — distribuição já feita na véspera às 1800 para o R. (menos 2.^a ala) — desde D-2, para a 2.^a ala);
— recebimento na Est. Reap. de CASA BRANCA, de 1400 às 1530.
Para o Dia D+1 — distribuição no dia D antecedida para às 1630;
- 16) — Evacuações :
Homens — P. Rec., Cascavel, até 0530 de D+1;
Animais — pelo S. E. V. D., ao longo do itinerário;
Viaturas — pela Cia. M. Man. ao longo do itinerário;
- 17) — Ordem de movimento.
Ver anexo.
- 18) — O início do movimento
- 19) — O movimento.
- 20) — Chegada e estacionamento.

DOCUMENTO N.º 11

Ordem ao Dest. Precursor

O. Prep. 9

Mogimirim — Campina, 1/100.000

10.º R : C.

J. Lageado

D/1.300

1 — Nosso R. vai deslocar-se a partir de 1800.

2 — Dest. Precursor

a) — Cmt : S1

b) — Composição :

— Estacionadores : normal.

— Segurança :

1 Mtr. 50 por Esq. (guarnição 2 homens)

1 Lança-rojão por Esq. (guarnição 2 homens).

— Sapadores :

Todos do R.

— Reconhecimento e balizamento :

1 Sgt. do Esq. Cmdo. e 1 cabo e 2 sds. por Sub-unidade.

c) —

d) —

e) —

f) —

Conferen

Distribui

QUA

Sub-unidade	Ele
1. ^a	Homens
Ala	Viaturas
	Animais
2. ^a	Homens
Ala	Animais
	Viaturas
Mtra.	Homens
Esq.	Animais
	Viaturas
	Homens
Esq.	Animais
Cmdo.	Viaturas
e E. M.	Moto
SOMA	Homens
R. G.	Animais
	Viaturas

- Guarda de polícia : 1 G. C. do II Esq.
- c) — Transporte :
4 cam. de 2,5 Ton., do Esq. Cmdo.
- d) — Missão : N. G. A. (informações até 1800).
- e) — Reunião : bif. SW de J. Lageado.
- f) — Partida : 1400.

Cmt. do 10.º R. C.

Confere :

S3

Distribuição : normal.

DOCUMENTO N.º 12

QUADRO DE ESTUDO PARA CONSTITUIÇÃO

Sub-unidade	Elementos	Dest. Prec.	Grup. 1		Grup. 2	Grup. 3	Soma
			Trens Hipo	Cav. mão			
1.ª Ala	Homens	41	36	61	32	334	504
	Viaturas	—	17		—	—	17
	Animais	—	68	190	—	334	592
2.ª Ala	Homens	29	36	73	32	334	504
	Animais	—	68	190	—	334	592
	Viaturas	—	17		—	—	17
Mtrs. Esq.	Homens	14	21	36	16	142	229
	Animais	—	40	114	—	142	296
	Viaturas	—	10		—	—	10
Esq. Cmdo. e E. M.	Homens	8	—	—	153	—	161
	Animais	—	—	—	—	—	—
	Viaturas Moto	—	—	—	31	—	31
SOMA R. C.	Homens	92	93	170	233	810	1398
	Animais	—	176	494	—	810	1480
	Viaturas	—	44	—	31		44 hipo e 31 moto

QUADRO DE EXECUÇÃO DO MOVIMENTO

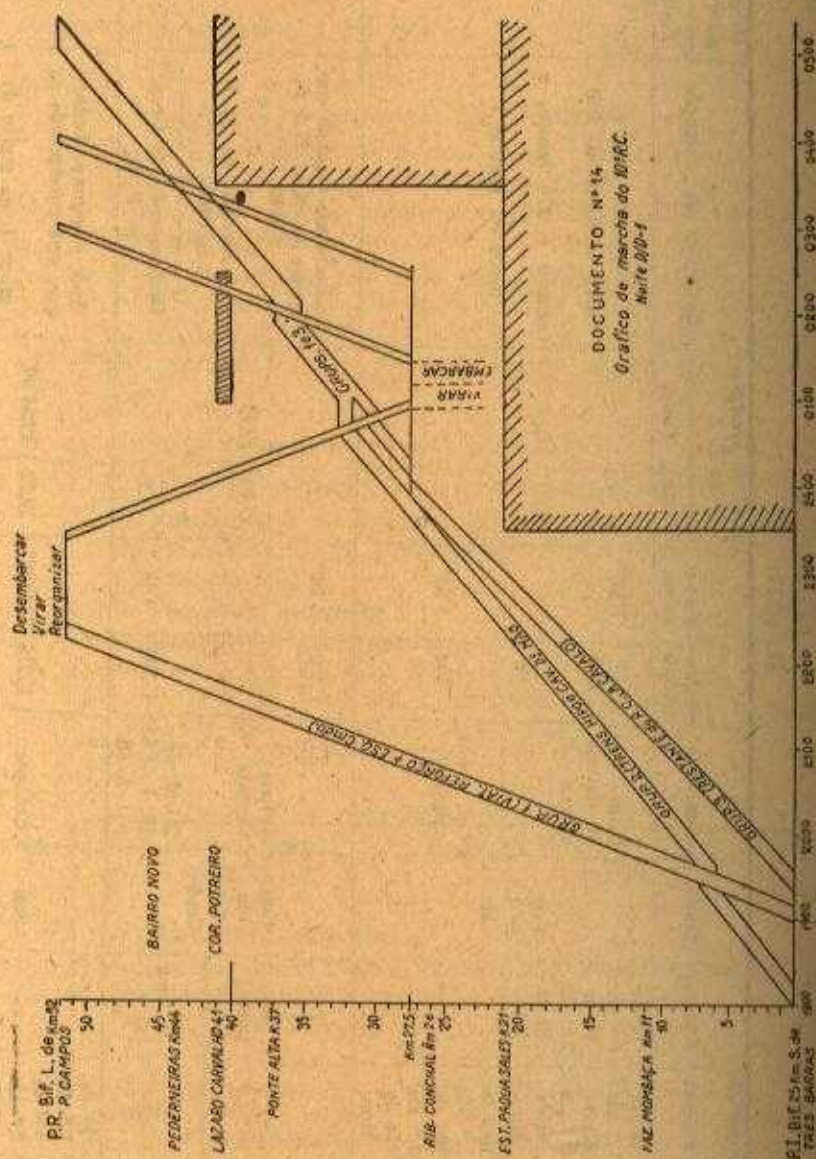
10.° R.C.

I. Lagado

D. 1500

An. à O. Op. 5

Elementos	Composição				Cmto.	Formação	Profundidade	Escoamento	Hora de passagem do P. I.		Condições de execução	Hora de chegada ao P. D.
	Homens	Animais	Viaturas						Testa	Cauda		
Trens	36 da 1. ^a ala 36 da 2. ^a ala 21 da 3. ^a ala Mtrs.	68 da 1. ^a ala 68 da 2. ^a ala 40 da 3. ^a ala Mtrs.	17 da 1. ^a ala 17 da 2. ^a ala 10 da 3. ^a ala Mtrs.		Cmt. da 1. ^a ala	Grupo do 10 visl em coluna	660	7'55"	18,00	18,14	Será acrescido de 810 animais e 270 homens a partir do Km. 27,5	
Cav. mão	61 da 1. ^a ala 71 da 2. ^a ala 36 da 3. ^a ala Mtrs.	190 da 1. ^a ala 190 da 2. ^a ala 114 da 3. ^a ala Mtrs.				Col. por 3 animais	494	5'55"				
Reforço	32 da 1. ^a ala 32 da 2. ^a ala 16 da 3. ^a ala Mtrs.	—	36 (moto)		Cmt. do Esq. Cmto.	Coluna Corrada	1.300	4'88"	19,00	19,10	Realizará um segundo embarque no Km. 27,5 às 0140. Será liberado no P. D. às 0430.	
Esq. Cmto. e E. M.	142 do Cmto. 11 do E. M.	—	31 (moto) e 7 reb.			2 UM. de 18, 1 de 15 e 1 de 16	1.200	4'48"			Desligar-se-ão do Grup. no P. D.	
A cavalo	334 da 1. ^a ala 334 da 2. ^a ala 142 da 3. ^a ala Mtrs.	334 da 1. ^a ala 334 da 2. ^a ala 142 da 3. ^a ala Mtrs.	—		Sub: Cmto.	Col. por 2	1.215	12'09"	19,22	19,34'09"	Após o segundo embarque, será incorporado ao grupo 1, na região do Km. 27,5	



UTI

A) — S

— As 2
em que é fixa
CARVALHO

B) UTI

a. Verific
Grup. 2, nesse
b. Resolv
c. Traçar
rança para libe
hs.);

d. Determ

C) CONS

1. A parti
2. O 2.º
altura do Km

VE

Todo o ofici
pinhos da
deve
Atrazar-se é

Mantenha-se
do Brasil e a
por esta

DOCUMENTO N.º 15

UTILIZAÇÃO DO GRÁFICO, PARA SOLUÇÃO
DE UM INCIDENTE

A) — SITUACÃO PARTICULAR N.º 3

— Às 2430 de D+1, o Cmt. do R. C. recebe uma mensagem em que é fixada a ORDEM de manter livre o trecho LAZARO CARVALHO — bif. 1 Km. W dessa Faz., de 0100 até 0230 hs.

B) UTILIZAÇÃO DO GRÁFICO.

- a. Verificar no GRÁFICO que está prevista a passagem do Grup. 2, nesse trecho, de 0215 até 0225.
- b. Resolver transferir o 2.º embarque para o mais tarde possível.
- c. Traçar o 2.º percurso de ida deixando 6' de margem de segurança para liberar LAZARO CARVALHO. (Testa Grup. 1-3, 0231 hs.).
- d. Determinar que o Grup. 1-3 continue sua marcha.

C) CONSEQUENTEMENTE DECIDIR :

1. A partida do 2.º movimento será às 02.27 hs. (Grup. 2)
2. O 2.º dobramento do Grup. 1-3 pelo Grup. 2 será realizado à altura do Km. 42.

VENDA DE LIVROS

Todo o oficial que não tem outra aspiração que as glórias e os espinhos da carreira que com entusiasmo na juventude abraçou, deve procurar manter-se em dia com a sua evolução.

Atrazar-se é viver desambientado; a desambientação traz o desânimo, a descrença...

Mantenha-se em forma lendo a única revista especialmente militar do Brasil e adquirindo os livros particularmente escolhidos editados por esta Cooperativa e os quais ela lhe oferece com todas as facilidades.

O Pelotão de Minas do Regimento Sampaio na Campanha da Itália

QUATRO MISSÕES SOB A NEVE (1)

Pelo 1.º Ten. JOSÉ DE FREITAS LIMA SERPA

Após o desempenho das tarefas que lhe couberam no âmbito dos 2.º e 3.º Batalhões e um tempo de pausa empregado, como vimos, principalmente para rever a sua instrução e habilitá-lo a operar em campos de neve, passou o nosso Pelotão de Minas à disposição do Batalhão Uzeda. (1.º Batalhão)

Recebida no P.C. (Posto de Comando) do Regimento a ordem respectiva, regressamos logo ao acantonamento de Porreta, de onde, a 9 de Janeiro de 1945 acompanhados do Sargento Velasco, partimos em busca do novo chefe, no jeep do Cabo Moraes. Lutando com as dificuldades habituais para a identificação do terreno coberto de neve, e para quem percorria aqueles caminhos e muleteiras pela primeira vez, em pouco atingimos o sopé de uma elevação, a Torre de Malavita, cuja vertente desce abrupta sobre o terreno, abrigando contra os tiros inimigos a localidade de Docce. Bem protegido e coberto, aí estava comodamente instalado o P.C. Uzeda.

Lá encontramos com satisfação velhos camaradas, Capitães Hildebrando e Varejão, Tenentes Barcelos, Renato, Paiva e Carlão, que não viamos desde nossa chegada à Itália.

Apresentamo-nos ao Major Uzeda. Após entendimentos sobre os trabalhos à executar na frente de seu Batalhão, foi-nos dada ordem escrita na qual se consignavam três missões específicas, a serem desempenhadas combinadamente com o Ten. Carlão, Comandante do Pelotão de Remuniciamento do Batalhão.

Este desenvolvia já grande actividade no lançamento de campos de minas e de obstáculos de arame. Chegara a realizar obra de grande envergadura, evidenciando sua robustez física, grande resistência à fadiga e capacidade de trabalho. Dispondo de reduzido pessoal para o término rápido da tarefa que lhe tenha sido afeta, recebera com agrado o reforço que lhe dava o Regimento com o Pelotão de Minas.

(1). Ver n.ºs: Abril-Maio-Agosto.

Entendemo-nos sob o modo de proceder. Enquanto o Ten. Carlão continuaria a estender as rês de arame, tomaríamos a nosso cargo o lançamento dos campos de minas. O trabalho, assim combinado, começaria no dia seguinte, (10 de Janeiro), à noite, na região cuja característica era uma igrejinha situada na crista de Monte Dell'Oro, em plena linha de frente.

Desejando efetuar um reconhecimento prévio, para lá partimos com o Ten. Paiva, que instalara um dos canhões de seu Pelotão anti-carro, no referido local, e com o qual ia dar alguns tiros numa casa ocupada por tedescos. Em bateria bem na crista da elevação, a peça levava dois dias para lá chegar, e aí fora disposta para dar combate a um tanque alemão, que com seu fogo inquietava aquela parte da frente, principalmente o Pelotão Carlos Augusto.

À noite, guiando-se pelos clarões dos tiros do carro inimigo, a peça respondia. Era tiro por tiro, até que aquele se retirava.

Certa madrugada, calou-se o atrevido inimigo inesperadamente, em meio ao duelo.

Uma patrulha brasileira mandada à região em que ele costumava agir, informou ao regressar estar o tanque fora de combate, estourado por granada.

O jeep não podendo vencer até a crista, deixamo-lo entregue ao Moraes, na localidade de Collina onde estava o P.C. do Pelotão de Morteiros, do Ten. Juarez, e aí entramos no momento em que este preparava, num fogareiro de campanha, aromático chocolate... Após insistentes oferecimentos, resolvemos aceitar um pouquinho... ..

Impaciente para dar os seus tiros, mal sorvêramos os primeiros goles, o Ten. Paiva nos arrancou e ao Ten. Carlão, de junto a chocolateira, que abandonamos com pesar, e nos fez subir por íngreme ladeira cravejada de crateras tedescas, em busca da decantada posição da peça.

Era um canhão de 57 mms., instalado dentro de amplo espaldão e quasi invisível sob a camuflagem de redes e ramagens recobertas de neve.

O Sargento Azevedo preparava-se para atirar, fazendo as manipulações necessárias sob os olhares críticos do Ten. Paiva, trêgua da qual nós utilizamos para dali mesmo, aproveitando a oportunidade e a excelência do observatório, procedermos com o Ten. Carlão ao almejado reconhecimento.

Diante de nossos olhos, estendia-se imaculado lençol de neve, interrompido bruscamente junto à orla de jovem castanhal situado a mais ou menos, uns cem metros à nossa frente. À direita, no limite de nossa zona de ação, uma estrada saía das nossas linhas e internava-se pelos "campos de neve da terra de ninguém", na contra encosta do

SETEMBRO

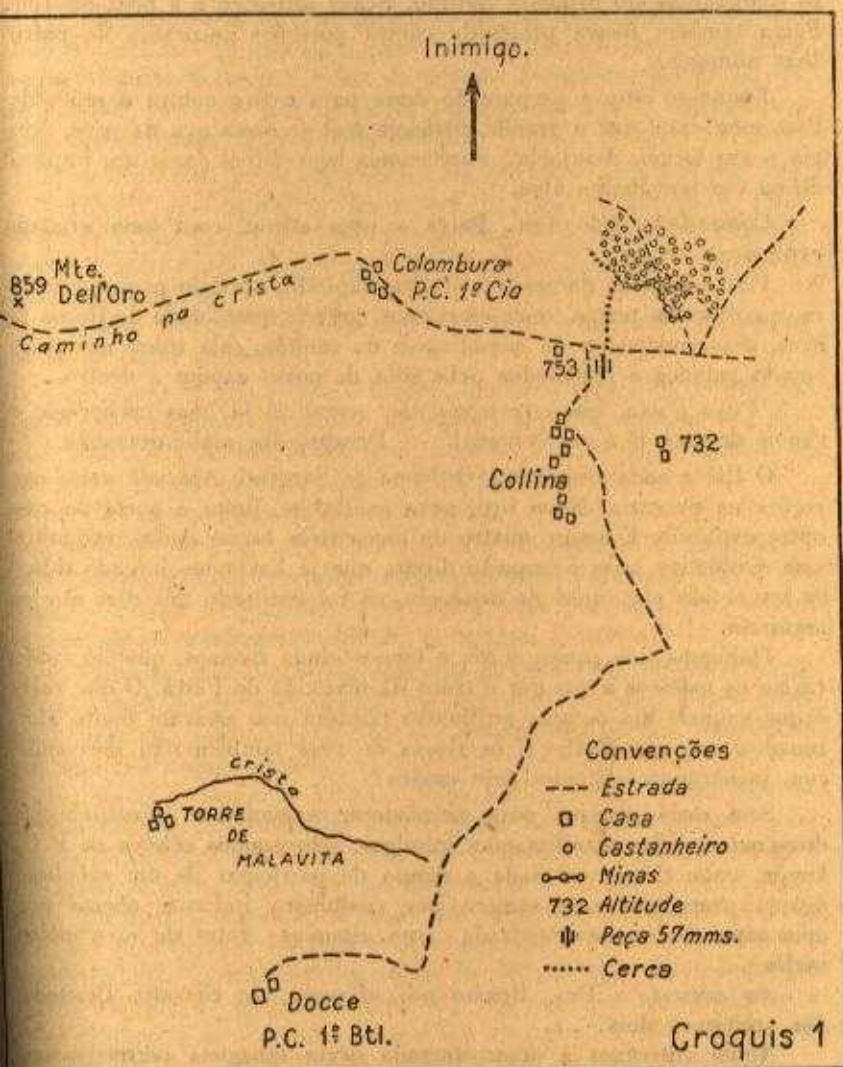
Dell'Oro. A
ta do monte
(Croquis n.º

Mte.
859 Dell'Oro
Caminho

50

Nossa decisão
lançado o campo
tre esta sebe e

Dell'Oro. À esquerda, uma cerca viva e contínua, perpendicular à crista do monte e à orla do castanhal, era outro limite bastante nítido. (Croquis n.º 1).



Nossa decisão apresentava-se assim espontaneamente. Deveria ser lançado o campo de minas contra pessoal na zona compreendida entre esta sebe e a estrada inclusive, envolvendo a rede de arame do

Ten. Carlão, que se estenderia entre o ponto em que estávamos e o campo de minas, paralelamente à frente e semi-oculta pela neve.

Assim o obstáculo combinado, pareceu-nos, tornar-se-ia mais eficiente por mais profundo. Mais eficiente do que se entreneassemos as minas com a rede de arame, o que seria uma outra admissível solução. —

O objetivo principal vizado, interditar o intervalo existente entre as companhias em primeiro escalão, ficava satisfeito e a peça do Ten. Paiva também ficava protegida contra possíveis incursões de patrulhas inimigas.

Enquanto isto, a preparação desta para o tiro contra o seu objetivo, uma casa, que a grande distância mal se destacava na neve, atingia o seu termo. Acertaria? Pareceu-nos bem difícil fazer um impacto direto em semelhante alvo.

Comandada pelo Ten. Paiva a peça atirou, com uma granada explosiva.

Perto e aquem da casa, o projétil explodiu abrindo pequena cratera, e ao mesmo tempo, onde estávamos, grande quantidade de flocos de neve, desprendendo-se da camuflagem do canhão, caía sobre nós penetrando gelados e incômodos pela gola de nosso capote a dentro.

“Puxa Paiva, que este troço não acerte vá lá, mas encher-nos o capote de neve já é má vontade!” — Dissemos-lhe maliciosamente.

O Paiva nada respondeu. Ordenou ao Sargento Azevedo umas correções na pontaria. Novo tiro, nova avalanche, junto à porta da casa outra explosão. E assim, quatro ou cinco tiros foram dados, enquadraram o objetivo, mas o impacto direto, que já havíamos julgado difícil de ser obtido por causa da distância, só foi realizado nos dias que se seguiram.

Tínhamos tido pouca sorte, e menos ainda tivemos, quando começaram os tedescos a nos dar o troco da investida do Paiva. O que valeu é que naquele dia os seus artilheiros também não estavam muito afortunados, ou, quem sabe se os flocos de neve também não lhes andaram penetrando irritantes pelo casaco?

Sem mais motivos para permanecer naquelas e principalmente desagradadas das manifestações inimigas, regressamos céleres ao P.C. Uzeda, onde chegamos ainda a tempo de participar de um succulento ágape, preparado com esmero por cosinheira italiana, aberto por uma sopa de legumes matizada com algumas gotas de raro molho inglês...

Au dessert, o Ten. Renato nos ofereceu um charuto. Descuidados aceitamos dois...

Ainda entregues à desacostumada orgia tabagista regressamos a nosso acantonamento em Porreta. Era noite.

SETEMBRO D

Na manhã o Pelotão estava com os Sargentos a fazer a primeira missão de reconhecimento, saindo em expedição.

Todo o pelotão da “perigosos” tomou conhecimento das instruções individuais e dos detalhes da tarefa.

Nas duas primeiras horas das 17 horas.

Logo após, para a encarnação da missão, os Sargentos não davam a mínima importância às coisas, os rôlos de serviço.

A noite se chegou a fazer a nossa missão, as caixas de munição, as caixas de munição, as caixas de munição.

Em seguida, o Carlão logo depois de quando mais um tempo, as tarefas aos nossos.

Reunindo o pessoal, atribuímos as tarefas, conduzimos um rápido sumário da observação, com suas próprias mãos, superintendendo daquela espécie de virilidade, e a estrada que

Era a parte da Velasco defronte a bacia do perigo de terminadas as tarefas, o mínimo descuido de um dos sen-

Na manhã do dia seguinte tomamos nossas providências para que o Pelotão estivesse pronto para partir às 16 horas e meia e entregamos ao Sargento Velasco a escala do pessoal a trabalhar em nossa primeira missão na neve. Era um novo batismo de fogo... sómente ensaiado em exercícios de instruções recentes.

Todo o pelotão seria empregado, excepto dois soldados que, ainda "perigosos" no manusear das minas, ficariam guardando o acantonamento e bagagens. Em futuros trabalhos e já com mais algumas instruções individuais, seriam revezados na "desagradável" missão de zeladores da tralha.

Nas duas Dodges e no jeep, nós, o Pelotão e as minas, entardecemos às 17 horas em Docce.

Logo após, de jeep e com o Carlão, tomamos a direção de Collina, para aí encaminhando os nossos Pelotões a pé, pois o sendeiro a percorrer não dava acesso às Dodges. Conosco, no jeep, levavamos as minas, os rôlos de arame e as estacas de ferro.

A noite se aproximara rápida e escura.

Chegados ao P.C. do Ten. Juarez, começamos o desempenho das nossas missões, distribuindo o material pelos Pelotões: — aos mineiros, as caixas, de papelão impermeabilizadas por cêra, com as respectivas minas; aos remuniçadores, os arames e estacas.

Em seguida, avançamos em demanda do Dell'Oro, atingido o qual, o Carlão logo iniciou a construção da sua rede de arame e nós, avançando mais um pouco, até a orla dos castanheiros, fomos determinar as tarefas aos nossos homens.

Reunindo o Sargento Velasco, e os Cabos Sobral e Barros, aos quais atribuímos um trecho da orla a minar com as respectivas esquadras, conduzimo-los aos locais onde iam trabalhar, e lembramos-lhes, em rápido sumário, e processo de lançamento a seguir, a conduta pessoal a observar, a execução a exigir dos soldados, e os cuidados a tomar com suas pessoas e as de seus comandados. Deixamos o Velasco superintendendo o trabalho, entregue às dificuldades do lançamento daquela espécie de minas na neve (1) em que nos aprofundávamos até as virilhas, e com o Cabo Sena e sua esquadra de elite, fomos para a estrada que á nossa direita desejavamos barrar.

Era a parte mais, séria da missão, pois além das dificuldades que o Velasco defrontava, com seus homens e também a êles comum ainda havia o perigo do momento de retirada dos soldados lançadores. Esta, terminadas as tarefas, tinha que ser feita com a máxima perfeição, sem o mínimo descuido. Qualquer êrro do Cabo na direção do trabalho, ou de um dos seus homens nas manipulações individuais, podia acar-

(1) M2 Al, mina contra-pessoal americana.

retar a morte de toda a esquadra e também a nossa, que supervisionávamos... com o pescoço esticado e bem de longe...

Sem que o calor das emoções próprias ao lançamento das minas abrandasse o frio intenso que nos enregelava o corpo, tornando-lhe os movimentos menos controlados, lentos e pesados, e as mãos quasi insensíveis com os dedos crispando já dentro das luvas impotentes e também geladas, atravessamos uma cerca de espinhos e enveredamos pela estrada a interditar. No ponto conveniente, deparamo-nos com duas bifurcações e uma encruzilhada. Era necessário o lançamento de cinco minas, para que o bloqueamento das muleteiras que aí convergiam fosse completo e seguro. (*croquis n.º 2*)

Com o Cabo Sena fomos dispondo nossos soldados, um a um, nos locais à minar. Rápidas explicações, lembretes das instruções...

Entregues às suas tarefas, de joelhos na neve iam vencendo... Tudo assistíamos, atentos.

De vez em quando, um parava de trabalhar, punha-se de pé, retirava as incômodas luvas, e metendo as mãos por dentro do uniforme, esfregava-as longamente e com força, no corpo mais quente em busca de sua reserva de calor.

Ao julgá-las suficientemente restabelecidas em sua sensibilidade, repunha as luvas e retomava a posição de trabalho.

Afinal, todos tinham lançado suas minas sem novidade só faltando retirar-lhes os pinos de segurança, (2) o momento mais crítico da missão, e *retrair*, deixando-as entregues ao seu traiçoeiro destino...

Tínhamos, então, que intervir pessoalmente. Seguindo a ordem mais conveniente ao retraimento, fomos com o Cabo Sena à mina n.º 1 (*ver croquis n.º 2*) e assistimos o soldado Jerônimo que a lançara, sem luvas, retirar o pino de segurança.

Depois, dirigimo-nos acompanhados pelo Cabo e este Soldado, por cima da mina n.º 3, para um ponto intermediário entre esta e a n.º 2, e mandamos que os soldados Felix e Papa, que respectivamente as lançaram, retirassem os seus pinos de segurança.

Avançamos para a mina n.º 4, formando já, em retraimento um grupo de cinco homens. Passamos com cuidado por cima dos arames de tropeço da mina em questão e mandamos que os soldados Odir e Dois de Ouros (Belmiro), incumbidos das minas n.ºs. 4 e 5, retirassem os pinos respectivos.

(2) A retirada do pino, momento em que a mina poderia explodir, se as manipulações e a verificação não tivessem sido bem feitas, era empreendida por certos "elementos já nossos conhecidos", com alguma relutância.

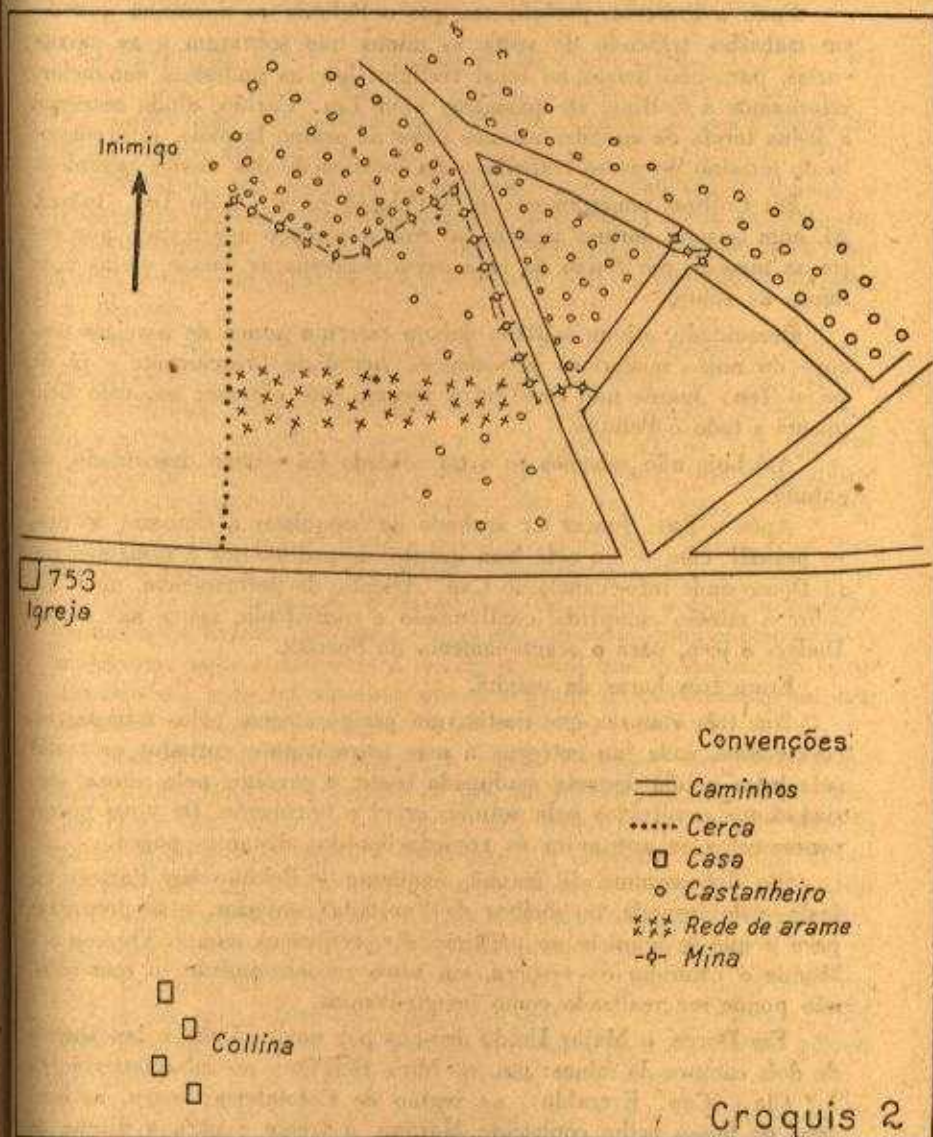
Numa de nossas missões, um soldado do Pelotão, deitando-se na neve, disse-nos estar completamente gelado. Ao perguntarmos o que faltava para terminar de lançar a mina, respondeu: "Retirar o pino..."

Inimigo

753
greja

Collin

Nenhum acidente nas aptas a funcionar dirigimo-nos ao ponto inconfundível, da ne



Nenhum acidente. Estava pronto o "bloqueio" com todas as minas aptas a funcionar. Deixando-as para traz, e seguindo pela estrada, dirigimo-nos ao ponto de reunião, que crista do Dell'Oro, emergia, inconfundível, da neve e se projetava em céu cinza escuro:

Deixamos o pessoal o Sena e fomos em busca do Velasco.

Com o trabalho terminado, êle reunira as esquadras e vinha para o ponto de reunião pre-convencionado.

Fuiz a tira-colo, posição em que o Pelotão os mantinha quando em trabalho, trazendo de volta as minas que sobraram e as caixas vazias, para não deixar no local vestígios que as pudessem denunciar, retornamos à Collina. De passagem pelo Ten. Carlão, ainda entregue à árdua tarefa de estender as suas redes de arame farpado, informámo-lo do término do nosso trabalho e da localização dos nossos engenhos.

Em Collina, penetramos com o Pelotão no P.C. do Ten. Juarez. Ai, num quarto, dormia alguém, só com o pescoço aparecendo por entre as mantas, por baixo de cuja cama puzemos as caixas vazias e as minas de sobra.

Descuidado, algum soldado deixou cair um pouco de neve no pescoço do nosso misterioso personagem. Acordado bruscamente e já de pé, o Ten. Juarez não teve outro recurso que oferecer um café bem quente a todo o Pelotão.

Até hoje não sabemos se o tal soldado foi mesmo descuidado, ou sabido...

Após o Ten. Juarez ter acabado de conquistar a simpatia do nosso pessoal, com o seu café bem quente, despedimo-nos e rumamos para Docce onde informamos ao Cap. Aragão, de permanência, no P.C. sobre a missão cumprida, continuando a caminhada, agora nas nossas Dodges e jeep, para o acantonamento de Porreta.

Eram três horas da manhã.

Nas três viaturas que deslisavam perigosamente pelas estradas es-corregadias, cada um entregue a seus pensamentos, cortados os rostos pela brisa gélida daquela madrugada triste, e envolvidos pela névoa, sentíamos-nos envolvidos pela solidão cruel e oprimente. De novo nossos pensamentos se apegavam às recordações dos distantes pagos...

No dia seguinte de manhã, enquanto o Pelotão em Porreta refazia-se da jornada, ou melhor da "noitada" anterior, e se preparava para a que se seguiria no próximo dia, refizemos com o Velasco e o Moraes o caminho da vespera, em novo reconhecimento, o que aliás, não poudeser realizado como imaginávamos.

Em Docce, o Major Uzeda deu-nos por nova missão o lançamento de dois campos de minas: um, no Mte. Dell'Oro, no sub-quartelão da 1.ª Cia. (Cap. Everaldo), na região de Colombura; outro, às margens de nosso velho conhecido Marano, à frente e para a direita da 3.ª Cia. (Cap. Príncipe), na região de Rocca Pitigliana, ocupada pelos tedescos.

SETEMBRO D

Desde log
acção para o

Nesse dia,
a esquadra Ba
Odir, Jerônimo
timos, levando
do Marano.

Entre os d
do quarteirão
de acidentado
suas íngremes
tavam visões f
perdidas, restar

As especta
cíveis à custa
cipalmente por
da linha de fren
a disparar suas
ximasse por ent
peitas.

Sob forte r
guiada pelo Car
parecidos sob o
pelos declives e
pinhos; caindo d
em ponta nos fer
chegamos finalm

Ao longe, n
atolado na neve,
bém fora surpre
procurava nos le

Na "terra d
lotão Costa Neto
na, de onde par
e em silêncio, o
rificação no terre

O trabalho
lumes a Docce, s
chegada ao P.C.
fícias vagas de al
lombura. Nada de

Desde logo concertamos com o Ten. Carlão, o nosso plano de acção para o dia seguinte.

Nesse dia, 12 de Janeiro, enviamos para o Dell'Oro o Velasco e a esquadra Barros, reforçadas por alguns soldados de escol (Belmiro, Odir, Jerônimo...) Com o Ten. Carlão como guia indispensável, partimos, levando as esquadras Sena e Sobral, para as longínquas margens do Marano.

Entre os dois locais, situados quase nos limites esquerdo e direito do quarteirão Uzeda, medeavam aproximadamente três quilômetros de acidentado terreno. Cobria-se este de espessa camada de neve em suas íngremes subidas e descidas, e em bosques, que ao luar, apresentavam visões fantasmagóricas. Além disto, ocultava traiçoeiras minas perdidas, restantes de um lançamento feito antes da nossa intervenção.

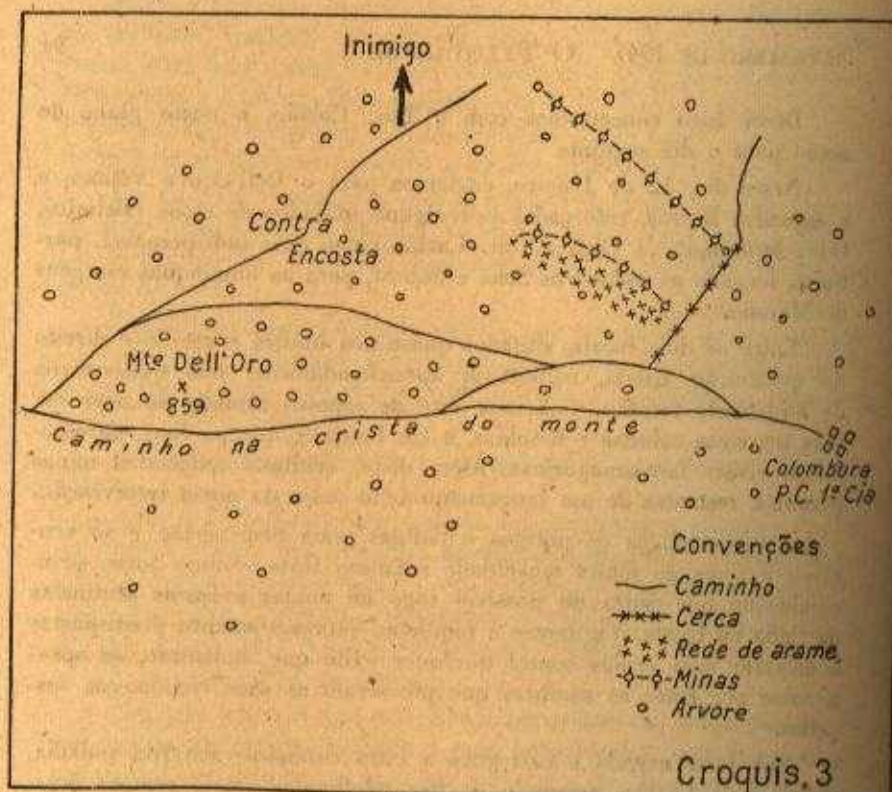
As expectativas de perigos e fadigas eram bem certas, e só vencíveis à custa de muita tenacidade e ânimo forte. Ânimo forte, principalmente por causa do possível fogo de nossas próprias sentinelas da linha de frente. Vigilantes e inquietas, estavam sempre predispostas a disparar suas armas contra qualquer vulto que, indistinto, se aproximasse por entre as sombras que povoavam as suas vizinhanças suspeitas.

Sob forte nevada e entregues a estes cuidados; em fila indiana, guiada pelo Carlão, seguindo os fios telefônicos, quase sempre desaparecidos sob o gelo, e forçados à sua inquietante procura; rolando pelos declives escorregadios, pedregosos e ericados de moitas de espinhos; caindo de surpresa em invisíveis buracos e crateras, cujas pedras em ponta nos feriam as carnes maguadas pela fadiga e doridas de frio, chegamos finalmente, a Podestino completamente exaustos.

Ao longe, na crista do Dell'Oro, estava o Morais, que com o jeep atolado na neve, aguardava, completamente só, o nosso regresso. Também fora surpreendido pela nevada em plena linha de frente, quando procurava nos levar o mais perto possível de Podestino.

Na "terra de ninguém", para diante dos postos avançados do Pelotão Costa Neto, bem aos pés das primeiras casas de Rocca Pitigliana, de onde partia alegre vozerio alemão, minavamos rapidamente e em silêncio, o trecho escolhido na carta, depois da indispensável verificação no terreno. (croquis n.º 3)

O trabalho transcorrendo sem acidentes, pudemos regressar incólumes a Doce, sempre guiados pelo Carlão. De passagem demos uma chegada ao P.C. da 3.ª Cia., onde o Ten. Vilaboin nos forneceu notícias vagas de algum desastre ocorrido com a esquadra Barros em Colmbura. Nada de positivo...



Entregues ao desassodego da dúvida, partimos apressados. Na crista do Dell'Oro, encontramos nosso jeep. Dele, só a parte superior da capota era visível. O resto desaparecera sob a neve...

Com os pés sobre a *capota* do motor e sentado na armação da capota, o abnegado Moraes, meio submerso, estava quasi totalmente gelado. Ali permanecera solitário e aguardando o nosso regresso, durante sete longas horas de forte nevada que paulatinamente fora encobrendo tudo.

Após reanimá-lo, fazendo-o mover-se e friccionando-o com as suas próprias roupas, procuramos por ele auxiliados, safar o jeep. Em vão... No dia seguinte seria puxado por duas juntas de bois, nos prometeu o Carlão...

Assim, esperançados, não porém consolados, deixamos nossa viatura para traz e partimos inquietos para Docce, temendo instintivamente as novidades.

Ao chegar
Sua simp
Uma das

perigo de vid
Barros achava
Hospital.

Refeitos d
um nó na gar
acidente.

Pelas decl
delo daqueles
desenrolado.

Após chega
minar, guiados

Enquanto o
frente às linhas
par cada um três
iam sendo termin

Tudo corria
po estava sendo
de forte espoucar
angústia que se s

Cumprindo a
balhos, quase tod

O soldado O

geral, se agiganta

na bravo ao local

que, tonto e desor

e estar morto o Ca

para o ponto de m

cente porém, de t

ella, e com extrao

umão tombado em

Encontra-o est

(3) Como o Pe
sido, portanto, por
quando noite, era p
de elementos para
m e se as circunst
de reunião preestab
linhada para dentro
diferenciamos resistênc
combater, o que se

Ao chegarmos, o Velasco logo que nos viu veio ao nosso encontro. Sua simples aparência, deu-nos certeza do que temíamos.

Uma das minas explodira, matando o Cabo Barros e ferindo, sem perigo de vida, o nosso ordenança Jerônimo! O corpo do inditoso Barros achava-se na capela de Docce e o Jerônimo seguira para o Hospital.

Refeitos do primeiro choque de tão bruta notícia, e ainda com um nó na garganta, indagamos dos detalhes e das circunstâncias do acidente.

Pelas declarações do Velasco e dos soldados que viveram o peso-delo daqueles momentos, ficamos ao par de como os fatos tinham se desenrolado.

Após chegarem ao P.C. de Colombura, partiram para o local a minar, guiados por um sargento da 1.ª Companhia.

Enquanto o Velasco ia dispondo os soldados em longa fileira frente às linhas inimigas e mostrando-lhes os locais onde deviam lançar cada um três minas, o Barros verificava os trabalhos à medida que iam sendo terminados, mandando activar as minas.

Tudo corria normal, quando de repente, na região onde o campo estava sendo lançado, todos viram e ouviram um clarão seguido de forte espoucar de granada. Em meio ao silêncio de interrogação e angústia que se seguiu, ouviu-se um grito: "Tedesco!"

Cumprindo as ordens dadas em tal previsão, abandonando os trabalhos, quase todos acoorem ao ponto de reunião preestabelecido. (3)

O soldado Odir, calmo em meio daquele corre-corre e inquietação geral, se agiganta. Através a noite cheia de dúvidas e incertezas, acorre bravo ao local da explosão. A caminho depara-se com o Jerônimo, que, tonto e desorientado, lhe informa ter explodido uma das minas e estar morto o Cabo Barros. Após orientar o tasmalhado companheiro para o ponto de reunião, agora certo da inexistência ali de inimigos, ciente porém, de ter pela frente ocultas minas recém-lançadas, não vacila, e com extraordinário sangue frio e coragem, parte em busca do irmão tombado em holocausto à distante Mãe Pátria.

Encontra-o estendido e emborcado sobre pequena cratera.

(3) Como o Pel. de Minas, no cumprimento de uma missão, absorvido, portanto, por seu trabalho, e só armado de fuzis, aliás ineficientes quando noite, era presa fácil ao inimigo e trabalhava sem a proteção de elementos para isto designados, adotamos em caso de ataque inimigo, e se as circunstâncias o permitissem, o retraimento para um ponto de reunião preestabelecido à retaguarda. Dali, ou continuaríamos a resistir para dentro do dispositivo defensivo ou, si fôssemos obrigados, ofereceríamos resistência. A nossa missão porém era lançar minas e não combater, o que se depreende do armamento previsto para o Pelotão.

As suas costas, já os primeiros flocos de neve se acumulavam, tentando cobri-lo de alva mortalha.

Virando com cuidado o corpo do companheiro, viu-lhe o peito do *field jacket* crivado de pequenos buracos, manchados de sangue, e ouviu o estalar de ossos partidos.

Certo de sua morte, toma-o com dificuldade sobre os seus ombros, e caminha em triste regresso em meio à nevada e através a noite.

Ali, naqueles dois vultos, um vivo e outro morto, estavam bem representadas em síntese chocante, a solidariedade humana e o extremo sacrifício em cumprimento do dever.

Como se dera o acidente? Por que explodira a mina?

A estas perguntas, somente o Jerônimo poderia responder.

Ao chegar no ponto de reunião ele encontrou seus companheiros, que o assaltaram com mil perguntas.

Só então notou que seu braço direito inchara, sangrando sob a manga que o apertava. Sentiu também que a perna direita estava ferida.

Amparado pelo Gatão e o Rigor, chegou ao P.C. da 1.ª Cia., onde recebeu os primeiros socorros e donde partiu de jeep para Docce. De lá, numa ambulância, depois de passar pelos Postos de Saúde intermediários, chegou ao Hospital de Pistóia, onde foi internado.

Com duas baixas produzidas pela fatalidade, tributo comum dos que lidam com minas, o Pel. regressou a Porreta, magoado. Fôra ferido. O triste acontecimento atingira a todos.

As manifestações da antiga jovialidade que sempre o caracterizara cederam lugar aos rostos tristonhos, às conversas à meia voz e a as evidências de um pesar profundo.

Tocados também pelos mesmos sentimentos e compreendendo perfeitamente o que se passava com o pessoal, percebemos logo quanto era necessário reagir imediatamente, para elevar o ânimo geral, pelo meio menos hipócrita, e mais eficiente admissível nas circunstâncias, o trabalho.

Isto era tanto mais necessário quanto os perigos de nossa função, agora evidenciados, geravam fortes receios e faziam surgir os primeiros temores.

Na expectativa de recebermos nova missão, circunstância que vinha até a nosso favor naquele transe, resolvemos, para enfrentá-la mais confiantes no sucesso, empregarmo-nos a fundo na instrução.

E assim fizemos nos dois dias que se seguiram, 13 e 14 de Janeiro.

Todavia, a missão esperada, não foi determinada, pelo que, aproveitando a oportunidade nos decidimos a proceder uma revisão no lançamento feito no campo onde se deu o acidente.

A 15, ao se aproximar a noite, com os mesmos elementos que haviam trabalhado com o inditoso Cabo Barros, inclusive o Sargen-

to Velasco, no
Em substituição
vante comand

Já haviam
lhando os ac
ção por bravu
te de 2.ª Cla
to a primeira

Finalment
dimentos neces
o P.C. da 1.
nas condições
inertes, princip
se achava e por
ficás. Decidimo
reno situado pr

Do P.C.
Velasco para o
tíamos estranha
olhos fixos em
quer ordem que
sar no que pode

Receiávamos
originasse novo
dominar. Dois
gravemente o m
de pânico...

Entregues a
comanda em siti
Nossos nervos se
sentimentos, enq
orientava, em bu

Em dado mo
gestão, que julga
da tensão geral,
velava assim qual
nos levou num re
de chefe e a pens
capazes para asse

Recordamo-nos
para o Pelotão,
ai, com esta correr

to Velasco, reforçados por mais dois soldados, partimos para Docce. Em substituição ao Barros tínhamos posto o soldado Odir, que doravante comandaria aquela esquadra.

Já havíamos, na parte de combate enviada ao Regimento, detalhando os acontecimentos da trágica jornada, solicitado a sua promoção por bravura, bem como que lhe fosse conferida a Cruz de Combate de 2.^a Classe. Como veremos mais tarde, só fomos atendidos quanto a primeira parte.

Finalmente, chegados em Docce e após as apresentações e entendimentos necessários, partimos para Colombura, onde se encontrava o P.C. da 1.^a Cia. do Capitão Everaldo. O campo a meio lançado, nas condições em que ficara, com algumas minas ativas e outras inertes, principalmente por não sabermos ao certo em que estado ele se achava e por a neve já o ter encoberto totalmente, era perigoso e ineficaz. Decidimo-nos a abandoná-lo e fazer outro lançamento, no terreno situado para a frente, envolvendo-o.

Do P.C. Everaldo dirigimo-nos então, guiados pelo Sargento Velasco para o local daquelas amargas recordações. Em todos, sentíamos estranha inquietação e sentimentos confusos. Os soldados, de olhos fixos em nós, atendiam mais prontamente do que nunca a qualquer ordem que lhes dessemos; por outro lado, nem ousávamos pensar no que poderia sobrevir caso fraquejassemos...

Receiávamos, outrossim, que algum soldado menos controlado, originasse novo acidente, o que acarretaria consequências difíceis de dominar. Dois golpes rudes e consecutivos, poderiam afetar muito gravemente o moral do Pelotão, levando-o facilmente a manifestações de pânico...

Entregues a estas preocupações absorventes, próprias de quem comanda em situações tais, sentimos, no entanto, benéficas reações. Nossos nervos se acalmaram e olvidamos em parte nossos próprios sentimentos, enquanto íamos avançando rente a uma cerca, que nos orientava, em busca da localização da área minada.

Em dado momento, o Odir, à nossa retaguarda, fez-nos uma sugestão, que julgando boa, aproveitamos. Surpreendeu-nos que, apesar da tensão geral, houvesse ele o raciocínio tão claro e judicioso. Revelava assim qualidades que, aliadas as que já demonstrara possuir, nos levou num relance, a ver nele um soldado com reais qualidades de chefe e a pensar que, num momento crítico, seria ele um dos mais capazes para assegurar a continuidade do comando do Pelotão.

Recordamo-nos então, de quando, ainda no Brasil, o escolhemos para o Pelotão, entre numerosos soldados, chamando-o: — "Você aí, com esta correntezinha..."

Mal podíamos adivinhar que tínhamos naquêlê momento, adquirido um elemento de escol, um tipo de *homem essencial*, como o define Munson...

Muitos leitores poderão pensar que estamos fazendo demasiado "escarcêu" com as qualidades do Odir, pois afinal de contas, êle não matou cem tedescos defendendo sózinho uma determinada posição, não fez dez ou vinte prisioneiros como elemento de alguma patrulha, e "não andou pegando metralhadora a unha", e outros actos de heroísmo retumbantes.

Não, de fato, nada disso êle fez. Era sapador mineiro...

Aparte casos excepcionais, não é este um elemento que tenha muitas oportunidades de praticar actos tão brilhantes, dos que se ouvem, admiram e gravam na imaginação. Trabalha modestamente, em silêncio e em meio à noite, e a sua tarefa, quando cumprida com sucesso, quase passa despercebida. Não lhe faltam porém, riscos certos, perigos de vida, não raro, sem nenhuma defesa possível. E êle sabe disto.

O primeiro êrro tão humano e comum, no lidar com êsse engenheiro o mais perigoso e traiçoeiro até agora inventado, acarreta-lhe geralmente a sanção máxima sem dó em piedade.

"Com minas só se erra uma vez!", alguém o disse...

Não exageramos portanto, o que vale o Odir, apreciando-o por seu airoso procedimento naquelas circunstâncias incomuns, e tanto mais quanto, êle é também possuidor dos dotes que definem o soldado "boa conduta" do tempo de paz... Sob este último aspecto, era caso singular no Pelotão...

Seja como fôr, continuemos, retomemos o fio de nossa narrativa.

Sempre seguindo a cêrca que nos orientava, chegamos ao local onde fomos lançar a primeira mina, junto a uma árvore, nas proximidades da referida cêrca viva. (croquis n.º 3). Afim de melhor caracterizá-la, enrolamos no tronco desde arbusto, ponto inicial do novo lançamento, um pedaço de fita branca, mais ou menos a um metro de altura.

Partindo daí, fomos auxiliados pelo Velasco e o Odir, dispendo em longa fileira perpendicular à direção do inimigo, os homens um a um. Mostrandô-lhes os lugares onde deviam colocar as duas minas que tinham transportado, recomendando-lhes aguardarem nosso regresso para a retirada dos pinos de segurança.

Feito o que, regressamos ao ponto inicial, passando à operação de retirada dos pinos. Tudo transcorreu sem novidades.

A tarefa pronta, reunimos o pessoal e partimos de volta para o P.C. de Colombura, com geral alívio. De lá seguimos para Docco,

de onde após
uma vez par

Dias de
dados, afim
ra, porém,
longe, regres
Em pou
completamen

Pudemos
bre o acidente

Eis como

"Após la
activá-la, o qu
emperrado, nã
minha, pois ti
rei as luvas e
pas. Estava en
to a mim. Infor
o alicate. Conti
tendidos para a
vi que com o a
de segurança, e
recuei a cabeça
falar, quando f
para traz compl
de a esfregar os
guida. Então che
chamando-o: —
hou para o lado
um pulo para un
aber bem o que
ame, encontrei
Bem. o resto

JOAQU

de onde após relatarmos o trabalho ao Major Uzeda, regressamos mais uma vez para Porreta.

Dias depois, arrancamos novamente numa Dodge com alguns soldados, afim de visitarmos o Jerônimo, que julgávamos em Pistoia. Fôra, porém, transferido para outro Hospital em Livorno. Sendo muito longe, regressamos.

Em pouco, tendo alta, o Jerônimo juntou-se novamente a nós, completamente restabelecido.

Pudemos então, ter resposta às perguntas que nos fazíamos sobre o acidente ocorrido com êle e o Barros.

Eis como o narrou.

"Após lançar duas minas, passei à terceira. Pronta, só faltava activá-la, o que tentei, notando porém, que o pino de segurança, meio emperrado, não corria com facilidade. Julgado ser mera impressão minha, pois tinha as mãos geladas e já se crispando, sentei-me, retirei as luvas e comecei a esfregar as mãos no corpo por baixo das roupas. Estava entregue a esta tarefa, quando o Cabo Barros chegou junto a mim. Informado de que se passava e do que tinha feito, pediu-me o alicate. Continuando eu sentado, com a perna e o braço direito estendidos para a frente, e com a cabeça esticada por sobre seu ombro, vi que com o alicate, o Cabo Barros apertou as duas pernas do pino de segurança, e começou a puxá-lo. Levado por uma "coisa" qualquer, recuei a cabeça e disse: "cuidado Cabo Barros!" Mal terminara de falar, quando fortíssimo clarão me saiu bem junto aos olhos e caí para traz completamente cego. Depois, sentado, comecei com ansiedade a esfregar os olhos com as mãos, recuperando a vista logo em seguida. Então cheguei junto ao corpo do Barros e comecei a balançá-lo chamando-o: — "Cabo Barros; Cabo Barros!" Êle fez "Ai" e tombou para o lado. Ouvi então um ruído de ossos se quebrando. Dei um pulo para uma valeta na minha frente e, tonto e desorientado, sem saber bem o que fazia, saí correndo. Chegando junto a uma cerca de arame, encontrei o Odir. Ai..."

Bem, o resto já sabemos...

JOAQUIM S. GONÇALVES

Café e Bar

Rua, 24 de Maio, n.º 581

A atuação do observador avançando na artilharia de apoio direto

1.º Ten. Art. RUBENS RESSEL

APRESENTAÇÃO

O trabalho do 1.º Tenente Rubens Resstel, do 1/2.º R. O. 105, sobre "A atuação do Observador Avançado de Artilharia de Apoio Direto", focaliza precisamente, pontos capitais da observação avançada no apoio direto, onde não bastam os conhecimentos técnicos da Arma para o cumprimento da missão.

Tão importantes são estes quanto aqueles que dizem respeito à manobra da infantaria, no âmbito do Batalhão e da Companhia, que impõem terha o observador avançado, perfeito conhecimento da operação montada e, sobretudo, saiba apreciar o seu desenvolvimento durante a ação, fase esta, na qual, mais se apura e se exige dele a coragem, a iniciativa, a supervisão das ações de combate, o constante contato com o Comandante da Companhia, a permanente ligação com este, quando a observação exige seu deslocamento para parte mais favorável do terreno, o que geralmente acontece, sem falar no trato fraterno para com o infante, sua preocupação de todos os momentos, pois que, o infante, precisa confiar plenamente no Artilheiro, confiança que deve atingir até as culminâncias da estíma.

Perfeitamente credenciado está o Tenente Rubens Resstel, para dizer sobre o assunto da observação avançada de Artilharia, no apoio direto, dado que, durante toda a campanha da Itália, servindo no então III Grupo da Artilharia Expedicionária Brasileira, destacou-se sempre, na sua função efetiva de oficial de reconhecimento, ou seja, de observador avançado, em cujo cumprimento das inúmeras missões falam melhor de sua notável atuação, os elogios, as citações de bravura e, não menos, o testemunho dos nossos bravos e dignos infantes, a quem o Tenente Resstel, corpo e alma do artilheiro, soube bem servir, com entusiasmo e desprendimento.

José de Souza Carvalho

Ten. Cel. Cmt. do 1/2.º R. O. 105

O observador avançado da artilharia de apoio direto é um oficial de artilharia atuando numa companhia de 1.º escalão da infantaria apoiada.

Qual a atuação desse oficial, qual a sua situação durante o combate ofensivo ou defensivo, a quem está diretamente subordinado: ao oficial de ligação, ao comandante da companhia, ao seu Cmt. de bateria ou ao oficial de operações de grupo — tem sido o tema de uma

série de explicações, quasi sempre inadequadas, que traduzem na maioria das vezes opiniões pessoais. Realmente, não há uma ou várias situações esquemáticas para o Obs. av. Tal como aconteceu nessa última guerra, o Ob. av. recebia verbalmente e em poucas palavras, ordem de atuar em determinado Btl. entregue a sua própria iniciativa e habilidade, devendo estar pronto para cumprir as missões de tiro que a situação exigisse.

A maneira de agir do Obs. av., principalmente no combate ofensivo, está condicionada a uma série de fatores, alguns extremamente variáveis, em que aparecem com destaque seus conhecimentos sobre a manobra da Inf., seu espirito de iniciativa, sua coragem pessoal, os meios de que dispõe, o terreno, a missão da Cia., a natureza e intensidade da resistência inimiga, a ação do Cmt. da Cia., a do Of. Lig., a compreensão e colaboração da Central de tiro do Grupo, e outros tantos e de tal modo que não pode haver uma conduta mais ou menos rígida. O Ob. av. que pretender previamente estabelecer itens determinados para sua atuação e se dispuser a cumpri-los no momento do combate, certamente não desempenhará a contento a sua missão. Admitem-se, entretanto, algumas normas gerais de conduta, relativas ao procedimento antes e durante o combate e quanto ao cumprimento de missões de tiro. Essas são aqui manifestadas em consequência de fatos ocorridos, de procedimentos dos quais advieram bons resultados.

OFICIAL DE RECONHECIMENTO

Normalmente, atuam como Obs. av. os oficiais de reconhecimento das Bias. (Cmt. da Seção de Cmdo. na atual organização). Terminados os trabalhos de reconhecimento, escolha das posições, estabelecimento das transmissões, e outros, executados com o Cmt. da Bia. ou de acordo com este, antes da Bia. de Tiro entrar em posição deve o oficial de reconhecimento receber a missão de ir atuar como Obs. av. no Bntl. apoiado, onde já estará um oficial de ligação do Gr. E essa ordem, dada pelo Sub-Cmt. do Gr. ou pelo S-3, quasi sempre diretamente ou pelo telefone, vem acompanhada de todas as indicações indispensáveis, informações sobre a situação e missão do Gr. O Oficial de reconhecimento deve, portanto, estar pronto para recebê-la, com seus auxiliares a postos, a viatura e todo o material necessário já preparados, afim de se deslocar em seguida, de modo a estar em condições de observar tão logo o Gr. esteja em condições de atirar. É muito importante que a ordem chegue em tempo oportuno, como também deve o Oficial de reconhecimento evitar qualquer perda de tempo e se deslocar imediatamente para as posições da Infantaria, afim de que sua atuação não seja deficiente ou mesmo impossível, como aconteceu com alguns Obs. av. que se apresentaram quando o Btl. já havia atingido seus objetivos. Esse atraso teria sido a causa

de desastrosas
P. O. conduzi
Unidade que
fora de sua zo

No P. C.
Of. Lig., inteira
pela Art., da C
são, verificando
essas últimas e
houver tempo,
Btl. com o Of.
mento, desfazen
de vista sobre o
Dirige-se de
com o qual estu
de manobra, mar
apoios de mtrs.
necessários, troc
rentes fases, tan
situação defensiva.

É de muita
Cmt. da Cia., co
missão e cujas di
dem conduzir a r
mente que não de
rio apoio da Art
oportuno e eficien
o quanto pode co
limites. Aexper
av. adquirir conhe
cer as possibilidades
suas principais mi
de intima ligação
Muitos resultados
melhor entendimen
Alguns Obs. a
Cia. apenas para ef
no seu P. O., subor
quais se mantém en
se fossem subaltern
o Cmt. da Cia. ind
ambos os casos, su

de desastrosas conseqüências, evitadas a tempo pelo Of. Lig. que num P. O. conduziu os tiros do Gr., e também por Obs. av. de outra Unidade que realizaram pedidos de tiros sobre objetivos situados fora de sua zona de ação.

NAS POSIÇÕES DA INFANTARIA

No P. C. do Btl., o Obs. av. apresenta-se ao major Cmt. e ao Of. Lig., inteirando-se da situação, da idéia, de manobra, apoio dado pela Art., da Cia. em que vai atuar, e particularidades sobre sua missão, verificando sobre a carta as posições amigas e inimigas, locando essas últimas e colhendo todos os dados que julgar necessário. Se houver tempo, é muito conveniente estudar o terreno, do Obs. do Btl. com o Of. Lig., tendo sempre com o mesmo o maior entendimento, desfazendo qualquer dúvida e conhecendo bem o seu ponto de vista sobre o que se vai realizar.

Dirige-se depois para a Cia., onde se apresentará ao Cap. Cmt. com o qual estudará detalhadamente a missão de sua Cia., sua idéia de manobra, maneira de executá-la, previsões, tempo, planos de fogos, apoios de mtrs. e mtrs., entrando em detalhes sobre todos os pontos necessários, trocando idéias sobre o apoio dado pela Art. nas diferentes fases, tanto se tem em vista uma ação ofensiva como uma situação defensiva ou defensiva-agressiva.

É de muita importância o entendimento entre o Obs. av. e o Cmt. da Cia., constituindo uma das partes mais delicadas de sua missão e cujas dificuldades, se não forem desde logo eliminadas, podem conduzir a resultados lamentáveis. O Obs. av. precisa ter em mente que não deve faltar ao infante, durante o combate, o necessário apoio da Art. esforçando-se sempre para que esse apoio seja oportuno e eficiente. Igualmente, cabe ao Cmt. da Cia. compreender o quanto pode contar com esse apoio, dentro de seus verdadeiros limites. A experiência demonstrou que é tão necessário ao Obs. av. adquirir conhecimentos sobre a Inf. como ao Cmt. da Cia. conhecer as possibilidades dos tiros de Art. As duas armas cumprem as suas principais missões atuando em conjunto, necessitando para isso de íntima ligação e o Obs. av. é o primeiro elemento dessa ligação. Muitos resultados ficaram seriamente comprometidos pela falta de melhor entendimento entre o Obs. av. e o Cmt. da Cia.

Alguns Obs. av. costumam atuar com independência, estando na Cia. apenas para efeito de arranhamento e observação, permanecendo no seu P. O., subordinados unicamente ao Of. Lig. e à C. T., com os quais se mantém em constante comunicação. Outros procedem como se fossem subalternos da Cia., limitando-se a bater os objetivos que o Cmt. da Cia. indicar e permanecem quasi sempre no P. C. Em ambos os casos, sua atuação poderá ser pouco eficiente, seja pela

falta de entendimentos com o Cmt. da Cia., no primeiro, seja pela falta de desenvoltura de ação e iniciativa própria, no segundo caso, tendo em vista que o Cap. Cmt. da Cia. tem muito mais o que fazer além de indicar objetivos para seu Obs. av. Não há, enfim, uma situação estabelecida, que deva ser mantida sistematicamente.

É sempre necessário que o Obs. av. tenha vistas sobre as posições inimigas, que se mantenha em contato com o Cmt. da Cia. e em ligação com o Of. Lig. sempre que possível. Acompanha a progressão da Cia., e solicita imediatamente tiros sobre os objetivos inimigos que surgirem, os que descobrir e os que forem indicados pelo Cmt. da Cia. principalmente os que se manifestarem hostilizando, ou capazes de hostilizar, os pelotões. Desloca-se sem lugar determinado, podendo permanecer com um dos pelotões, porém sempre em condições de Observar e sem perder a ligação com o Cmt. da Cia. É aconselhável, sempre que possível, dar conhecimento ao Cmt. da Cia. dos tiros que for realizar, tendo em mente a idéia de manobra do Cap. e a situação no terreno dos pelotões e das outras Cias.

Mantém-se em constante vigilância e a par da situação no terreno de todos os elementos da Cia., ajusta os tiros e mantém a eficácia até a necessária neutralização. Presta ao Of. Lig. as informações sobre o que se passa na frente, porém muitas vezes as transmite diretamente ao Cap. S-2 do Gr.

CONDUTA DO TIRO

Os pedidos de tiro em geral são feitos diretamente à C. T., ou por intermédio do Of. Lig., o que nem sempre é possível, pois esse oficial é constantemente solicitado pelo Cmt. do Btl. e os pedidos de tiro precisam ser atendidos prontamente. Esses pedidos são feitos anunciando a missão de tiro, esclarecendo a natureza do objetivo (posição de mtrs., Inf. em posição, movimentos, viaturas, etc.), as coordenadas do objetivo se houver carta da região, ou mencionando-o em relação a um ponto base ou a uma concentração feita anteriormente, dando em distâncias o alcance e a direção e tomando o ponto base ou a concentração anterior como início da regulação. Assim, por exemplo: "Missão de tiro — posição de mtrs. — ponto base está 300L 200 D — pronto para observar". Conforme o objetivo, anuncia também a frente e a profundidade. Para se obter a regulação com menor número de tiros e com maior rapidez, os lances iniciais devem ser majorados, para se enquadrar o objetivo e é muito conveniente assegurar primeiramente o alcance ou a direção.

Os lances em direção são feitos em relação ao plano de tiro e como os lances em alcance, dados em distância. Para saber onde passa o plano de tiro, conhecendo a posição da bateria na carta, coloca uma régua ligando a posição da bateria ao objetivo e identificando

no terreno a
nem local a p
tas pedir "ba
três tiros en
terreno, mesm
os diferentes

De qualq
conhecer os p
posições em r
da perda de te

Nas situa
em deslocamen
av. liga-se dire
da C. T., quan
recebendo todo

A conduta
eficácia, repete
neutralização o

Um dos pr
de tiro foi a c
vacilações e den

Como meios
fone, o primeir
telefonistas de
partindo do P. C

Quando a s
ser organizado
papel de croquis
topográfica, lápis
rio à instalação c

Nas situaçõe
cartas contendo
tiro, uma régua
menta de sapa le

Os obs. av. t
do jeep) e um
tornou-se necessá
disso, em várias oc
à Bta. ficando o O
tado foi conseguido

no terreno alguns pontos que balizem essa linha, sem nunca riscar nem locar a posição da bateria. Pode ainda, quando não possui cartas pedir "balizamento do plano de tiro", o qual é executado com três tiros em lances de alcance. Muitas vezes, por um estudo do terreno, mesmo sem carta, o Obs. av. assinala os planos de tiro para os diferentes pontos da posição inimiga.

De qualquer maneira, é necessário que o Obs. av. procure logo conhecer os planos de tiro das baterias, pois serão variáveis as suas posições em relação a esses planos e o pedido de balizamento, além da perda de tempo, nem sempre aconselhável.

Nas situações em que o Gr. acompanha uma unidade de Inf. em deslocamento e as Bias. entram em posição isoladamente, o Obs. av. liga-se diretamente a sua Bia., até que se complete a instalação da C. T., quando esse órgão passa a conduzir a ação do fogo do Gr. recebendo todos os pedidos de tiro.

A conduta de tiro é feita pelo Obs. av. e é ele quem pede a eficácia, repete-a se necessário, anunciando a missão cumprida após a neutralização ou destruição do objetivo.

Um dos principais fatores do bom desempenho de nossas missões de tiro foi a colaboração dos elementos da C. T., executando sem vacilações e demora todos os tiros pedidos.

TRANSMISSÕES E OBSERVAÇÃO

Como meios de transmissões o Obs. av. emprega o rádio e o telefone, o primeiro inicialmente, e logo que possível, uma equipe de telefonistas de sua Bia. deve iniciar a construção de uma linha, partindo do P. O. para onde se encontra o Of. Líg.

Quando a situação está estabilizada, P. O. de um Obs. av. deve ser organizado, tendo uma luneta monocular, bússola, prancheta, papel de croquis, transferidor de alça e deriva, régua de tiro, carta topográfica, lápis de cor, esquadro, régua e todo o material necessário à instalação de um pequeno observatório.

Nas situações de movimento, o Obs. av. leva consigo o porta-cartas contendo uma carta da região, caderneta de notas, tabela de tiro, uma régua e lápis; leva também uma bússola, binóculo e ferramenta de sapa leve.

AUXILIARES

Os obs. av. tinham como auxiliares um cabo (também motorista do jeep) e um soldado rádio-operador. Entretanto, muitas vezes, tornou-se necessário empregar mais um soldado auxiliar. Além disso, em várias ocasiões, a viatura retorna ao P. C. do Btl. ou mesmo à Bia. ficando o Obs. av. sem seu auxiliar graduado. O melhor resultado foi conseguido tendo como auxiliares um cabo, um soldado rádio-

operador e um soldado motorista. Essas praças precisam satisfazer a certas condições imprescindíveis para o desempenho de suas atribuições, tais como vigor físico, coragem, iniciativa e desembaraço. Sua instrução deve ser cuidadosamente conduzida pelo oficial que os vai ter como auxiliares, tornando-os capazes de explorar os meios de transmissões e instrumento de observação empregados, transmitir mensagens, manusear a tabela de tiro, avaliar distâncias, identificar a carta com o terreno, além de serem treinados no Combate de Infantaria e conhecer seu armamento. O Cabo deve ser armado de submtr. e os demais de mosquetão, levando todos ferramenta de sapa leve.

CONCLUSÃO

Tudo o que foi exposto tem um significado geral, uma vez que as situações particulares são dependentes de muitos fatores já por si bastante variáveis. É certo, porém, que não são poucas as condições que deve satisfazer um tenente para desempenhar com eficiência as funções de Obs. av. Entre essas muitas condições, salienta-se o necessário conhecimento do combate da Infantaria. Vários Obs. av. encontraram inicialmente sérias dificuldades por deficiência desse conhecimento. É incrível também, que essas dificuldades são aumentadas quando os Cmt. de Cia. não compreendem a natureza e as possibilidades do tiro de art., solicitando constantemente tiros inexequíveis ou sobre objetivos inadequados, e sem saber explorar oportunamente o efeito do apoio que lhe é dado pela Art. Essas falhas, tanto as do Obs. av. como as do Cmt. da Cia., podem ser eliminadas se houver entre ambos um perfeito entendimento, aumentando assim a probabilidade de sucesso no cumprimento da missão.

É preciso que o Obs. av. se preocupe em manter com o Cmt. da Cia. a necessária colaboração e compreensão. Caso contrário, as conseqüências surgirão evidentemente, e o Cmt. do Gr., então, habilmente, se lembrará de que esse Obs. av. poderá ser um bom Cmt. de linha de fogo.

JOAQUIM DE SOUZA

Café e Bar

Rua, Arnaldo Quintela n.º 37

Síntese Artilharia

O comandante
numa circular de
sobre artilharia de
de Março de 1946.
cito e do Teatro d
expressar as idéias

Em Fort Sill
Guerra, das Forças
Fuzilheiros da Mari
sete Exércitos e de
tres do Exército.

A conferência

- orga
- equip
- técn
- novo

A cada comissão
estudo e proposta c
tadas aos conferenci

RECOM

Os 93 membros
recomendações que
para os artilheiros d
do futuro.

Síntese sobre a Conferência de Artilharia de Campanha

General de Divisão *D. Lewis E. Hibbs*,
do Exército dos Estados Unidos.

Tradução e resumo pelo Major *Heitor
Dulce Lira* da EAO.

* * *

O comandante das Forças Terrestres do Exército determinou, numa circular de 4 de junho de 1945, a reunião de uma conferência, sobre artilharia de campanha, na Escola de Artilharia, entre 18 e 29 de Março de 1946. Solicitou, também, que cada comandante do Exército e do Teatro de Operações, enviasse uma representação capaz de expressar as idéias e pontos de vista dos seus respectivos comandos.

Em Fort Sill reuniram-se, então, 102 oficiais, veteranos da Guerra, das Forças Aéreas do Exército, da Marinha, do Corpo de Fuzilheiros da Marinha, do Estado Maior das Forças Terrestres, de sete Exércitos e de todos os principais elementos das Forças Terrestres do Exército.

A conferência foi organizada em quatro comissões :

- organização
- equipamento
- técnica
- novos estudos

A cada comissão coube uma série de perguntas concretas para estudo e proposta de sugestões, as quais foram em seguida apresentadas aos conferencistas para discussão, sob a forma de questionários.

RECOMENDAÇÕES APRESENTADAS

Os 93 membros da conferência, com direito a voto, fizeram as recomendações que se vêm adiante e que são de interesse especial para os artilheiros de campanha e para os interessados no Exército do futuro.

ORGANIZAÇÃO

Verificou-se a necessidade de mais grupos de calibre médio na artilharia divisionária da D. I. e da D. B.

A maioria julgou o obús 155 auto propulsado como apropriado para a D. B. e que seis deve ser o número de peças para a artilharia leve, enquanto que para a média e pesada ainda deve ser objeto de experiências o número exato.

As especialidades de campanha, anti-aérea e de costa devem ser unificadas.

Todos estavam de acôrdo em modificar a artilharia divisionária, porém sem afetar a flexibilidade que possui atualmente. Sessenta e seis oficiais acham que o comandante da A. D. deve ser um general de divisão.

Houve unanimidade quanto ao acréscimo de uma secção de radar por cia. e mais elementos de reconhecimento para facilitar o levantamento topográfico.

Salvo para a artilharia leve houve divergência quanto ao número de observadores avançados, para esta, foram considerados 9 para cada grupo, sendo um para cada companhia. A tendência é aumentar para todos os grupos.

A maioria foi de opinião que é desnecessária a organização de regimentos, salvo se a artilharia da A. D. for além de oito grupos.

Noventa oficiais recomendaram como de caráter orgânico as unidades de radar contra morteiro.

MATERIAL

A opinião de 2/3 dos conferencistas é que toda a artilharia, exceto a de montanha e a da divisão aéreo-transportada, deve ser 100% auto-propulsada.

Uma grande maioria deseja a permanência dos tipos atuais porém só a metade está de acôrdo com a produção de canhões de 240 mm e obuses de 280 mm.

Oitenta e seis oficiais julgaram que a tração da artilharia média e pesada deve ser de veículos com lagartas. Cerca de 80 recomendaram o melhoramento do projétil incendiário para todos os calibres.

TÉCNICA

A fotografia aérea foi considerada de grande importância e que a A. D. deve ter pessoal e equipamento para tirar, revelar e imprimir as fotografias bem como devem ser adicionados elementos especialistas na sua interpretação.

Unificação
ratura de ins
desenvolvimen
iluminativos.

Foi recom
eliminar as de
cer os requis
projets foguet
ta oficiais dese
A maioria
um corretor de
nova técnica de
jeção e espoleta
e finalmente re

PRIORIDADE

- Os projetos
1. — Melhorar controle dente da
 2. — Estudos localização
 3. — Aumento D. I. e D
 4. — Cargas de tóxicos e cada lote.
 6. — a. — Un b. — a i
 - Exército fotografia
 7. — Inclusão d
 8. — a. — estu b. — aum
 9. — a. — aum da D. I. b. — inve armas se
 10. — a. — fabr lísticas n de lotes.

Unificação da contra-bateria e a inclusão deste assunto na literatura de instrução e noventa e dois membros recomendam maior desenvolvimento da iluminação noturna e regulação com projetis iluminativos.

ESTUDOS RECOMENDADOS

Foi recomendado um programa contínuo de investigação para eliminar as desvantagens atuais das armas sem recuo; para estabelecer os requisitos necessários aos projetis foguetes e dirigidos; aos projetis foguetes de grande alcance, superior a 40000 metros, e oitenta oficiais desejam projetis super pesados de artilharia.

A maioria deseja melhor equipamento para a direção do tiro e um corretor de elementos de tiro, bem como para maior precisão uma nova técnica de calibração, maior aperfeiçoamento nas cargas de projeção e espoletas, inclusive uma possível aplicação da energia atômica e finalmente redução da dispersão.

PRIORIDADE DOS ESTUDOS

Os projetos que receberam a máxima prioridade foram :

1. — Melhoramentos na espoleta electrónica proporcionando um controle ou um artifício para armá-la apenas no ramo descendente da trajetória.
2. — Estudos sobre os meios electrónicos para identificação e localização.
3. — Aumento de observadores avançados nos Grupos leves das D. I. e D. B.
4. — Cargas de projeção sem fumaça, sem clarão, isentas de gases tóxicos e mais uniformes nas suas características balísticas em cada lote.
6. — a. — Um sistema rádio para todas as armas.
b. — a inclusão, escalões artilharia de Corpo de Exército e Exército, de equipamento e pessoal para interpretação de fotografias, nos quadros de organização.
7. — Inclusão de unidades de radar contra morteiro.
8. — a. — estudo de projetis dirigidos para alcance de 230 km.
b. — aumento de oficiais de ligação nos grupos leves da D. I.
9. — a. — aumento de observadores avançados nos grupos leves da D. I.
b. — investigações fundamentais para o desenvolvimento das armas sem recuo.
10. — a. — fabricação de cargas de projeção de características balísticas mais uniformes, tendo em vista diminuir o número de lotes.

- b. — secção de radar de longo alcance para os grupos de observação.
c. — aumento do número de pilotos.

QUESTIONÁRIO ESPECIAL

Certas questões de interesse para as forças terrestres foram tratadas na conferência. Este questionário com os assuntos da agenda da conferência foi submetido a um grupo de oficiais jovens com experiência de combate. Tratava-se de estabelecer um confronto entre estes oficiais e o conjunto dos conferencistas.

P E R G U N T A S	Conferencistas			Oficiais Jovens		
	Sim	Não	Sem res- posta	Sim	Não	Sem res- posta
1. — Com relação ao consumo de um determinado número de projectis é preferível a ação rápida em massa ou neutralização prolongada, sobre as bases de fogos identificadas?	74	6	13	61	16	21
2. — Damos demasiada importância aos observadores avançados?	12	68	11	5	85	8
— à observação lateral?	16	62	13	42	40	16
3. — Deve a Central de Tiro impedir a eficácia quando os observadores avançados pedirem sem que tenham obtido o enquadramento desejado?	35	38	19	28	56	16
4. — Supondo-se que não se tenha outro material de instrução, como considera os regulamentos?						
— Fonte de consulta	62	11	16	81	11	6
— Para fins de instrução nas escolas e corpos de tropa	31	38	19	28	56	16

Houve unanimidade quanto à deficiência do material bibliográfico de instrução sob certos aspectos principalmente:

- exemplos típicos e problemas

— técn
— ins
— est
— emp
Os co
de tiro deve

Uma si

ORGANIZ

As seq
de maior do

Os grup
dados leves
não pertence
dois oficiais

A idéia
vos não foi a

O proble
considerou-se

se a mesma

Recomen
de Exército m

As unida
um oficial esp

estado maior

MATERIAL

Os confe
çados devem s

porte e de pr

No caso

trator, houve a

de rodas e os

prova de estilh

Toda a artilha

mento, dotado

Com relaça

con-se serem in

O estudo

são, quasi unân

- técnica de artilharia de Corpo de Exército e contra-bateria.
- instrução oficial de informações (S-2).
- estudo sôbre suprimentos.
- emprêgo dos grupos de observação.

Os conferencistas estiveram, também, de acôrdo que as tabelas de tiro devem ser melhoradas.

OUTRA RECOMENDAÇÕES

Uma síntese das demais recomendações foi o que veremos adiante.

ORGANIZAÇÃO

As seções de observadores aéreos de todos os escalões necessitam de maior dotação de pessoal.

Os grupos leves devem ter quatro oficiais de ligação, os blindados leves três e o grupo médio da divisão apenas um. Os grupos não pertencentes à A. D. um por unidade. O estado maior da A. D. dois oficiais de ligação e o da artilharia de Corpo de Exército cinco.

A idéia da organização de um centro de informações de objetivos não foi aceita.

O problema das unidades de artilharia anti-aérea foi abordado e considerou-se que pelo menos um grupo deveria ser orgânico da A. D. se a mesma tiver três tipos de artilharia.

Recomendou-se uma nova organização da artilharia de Corpo de Exército na qual a artilharia anti-aérea seja orgânica.

As unidades de destruidores de carros não constituem arma, e um oficial especializado em ação contra carros deve fazer parte do estado maior especial da Divisão e do Corpo de Exército.

MATERIAL

Os conferencistas foram de acôrdo que os observadores avançados devem ser equipados normalmente com o mesmo tipo de transporte e de proteção da unidade apoiada.

No caso da artilharia não ser auto propulsada e ser utilizado o trator, houve acôrdo em que o obús 105 fosse tracionado por veículos de rodas e os demais por veículos com lagartas e que os veículos a prova de estilhaços deviam ser estudados para o transporte do pessoal. Toda a artilharia tracionada deveria ter um veículo, para remuniciamento, dotado de lagarta, pelo menos um por bateria.

Com relação aos veículos especiais de munição e tratores verificou-se serem inconvenientes.

O estudo da unificação de espoletas e projetis levou a conclusão, quasi unânime de que os tipos de munição devem ser concebidos

sôbre a base de características balísticas idênticas, tanto quanto possível sem sacrifício da característica particular de cada um. Para o caso dos projetis iluminativos, fumígenos, etc. foi sugerida a unificação dos mesmos. A diferença de peso deve ser reduzida sem que se aumente a dificuldade de fabricação. A carga de projeção deve ser isenta de fumaça e chama e a variação de velocidade inicial deve ser reduzida.

Foi recomendada a melhoria do equipamento rádio da artilharia procurando-se aperfeiçoamento de um tipo, transportável em mochila, com larga faixa de frequência e com alcance de 20 km. (ou 40 km. no veículo) de fácil manejo e capaz de assegurar o segredo das transmissões. Para os observadores avançados um tipo semelhante (de mochila) com alcance de 15 km. e capaz de comunicar-se com todos os canais dados a artilharia de campanha, apto para instalações em veículos, com pequena unidade geradora à mão, capaz de ser transportado por um só homem e que assegure o segredo das transmissões.

TÉCNICA

Com relação a unidade de fogo recomendou-se que esta unidade arbitrária, calculada face às necessidades de suprimento e táticas seja invariável e aplicável a todos os teatros de operações.

Uma doutrina tipo para o planejamento dos fogos de artilharia até o Corpo de Exército foi também considerada necessária.

O problema do apoio da artilharia naval conduziu a recomendação de que o oficial de artilharia, do escalão competente, seja responsável pelo plano de emprêgo da artilharia naval e outros elementos de apoio. A técnica de regulação da artilharia terrestre e da naval por observadores avançados seja unificada. Os pedidos de tiros devem ser dirigidos, nas operações anfíbias, aos navios que apoiam, até que as centrais de tiro tenham desembarcado e sido instaladas, bem como o uso de oficiais de marinha como oficiais de ligação.

Foi recomendado, ainda, o aperfeiçoamento das transmissões entre os aviões de artilharia e os elementos de terra.

Houve acôrdo que não se deveria adotar nenhuma medida especial de defesa contra as espoletas electrónicas (V. T.) mas que se deve dar maior atenção ao capacete de protecção, distarce, dispersão de elementos, organização do terreno para uso individual, bem como, protecção para os materiais tracionados ou auto propulsados.

Foi recomendado o desenvolvimento do uso da fotografia bem como o acréscimo de pessoal e material especializado para revelação e impressão de fotografias obliquas tiradas pelos elementos orgânicos das unidades de artilharia.

As centrais de tiro devem estar em condições de dirigir as armas pesadas dos regimentos da infantaria e mais ainda que o pessoal de

SETEMBRO

infantaria de
se meios aos

Foi opin
lhorou os co
percentagem
recomendaçõe
tes. Todos o
e que os resul

PE

PE

Escreva o
Quanto
Os pedidos
panheiros
quas. "A
sistema re

Os regula
partes) e
10 % - P
de ped

infantaria deve ser instruído para usar os seus fogos em massa, dando-se meios aos comandos de R. I. para isso.

VALOR DA CONFERÊNCIA

Foi opinião unânime dos participantes de que a conferência melhorou os conhecimentos profissionais de cada um. Uma pequena percentagem admitiu o fracasso da mesma quanto à clareza de suas recomendações e à variação nas experiências dos demais participantes. Todos opinaram na realização de conferências anuais ou bienais e que os resultados deviam ser levados até o escalão grupo.

PEDRO PEREIRA

Café e Bar

AV. Presidente Vargas n.º 3646

PEDIDOS DE LIVROS

Escreva o título da obra e o nome de seu autor; Quantos volumes deseja e o seu nome e endereço; Os pedidos via rádio devem ser feitos pelos companheiros que servirem em guarnições longínquas. "A Defesa Nacional" adquire e remete pelo sistema reembolsável qualquer livro das livrarias ——— desta capital. ———

Os regulamentos RIPQT, R.O.T. (1.^a, 2.^a, 3.^a partes) e I. S. C. remetemos com abatimento de 10 % — Para maior facilidade procure as folhas de pedidos em nossos números anteriores.

PRÁTICA DE ELETRICIDADE

Cap. Cesar Neves

I — MAGNETISMO

1 — *Imans*

Próximo a Magnésia, cidade da Ásia Menor, foi encontrado um minério com a propriedade de atrair o ferro. Este minério é o óxido magnético (Fe^3O_4) ou magnetita, comumente chamado pedra-iman ou *iman*.

Como esses imans naturais são de fraco poder atrativo, não são usados industrialmente. Houve necessidade da criação de imans de maior poder atrativo, o que se conseguiu mediante o emprêgo de barras de aço temperado submetidas à ação magnetizadora de um iman → a tais imans foi dado o nome de *iman artificial*.

2 — *Substâncias magnéticas.* —

Sob uma força magnetizadora todas as substâncias são magnetizáveis.

O ferro e o aço oferecem uma oposição tão pequena à força magnetizadora que são classificados como substâncias magnéticas.

O níquel e o cobalto também são substâncias magnéticas, porém em muito menor grau que os primeiros.

Mesmo assim, o ferro e o aço possuem características diferentes.

O aço, por exemplo, sendo magnetizado com um tratamento adequado, conservará as qualidades magnéticas a ele transmitidas.

Já o ferro recozido, ainda que sofra o mesmo tratamento, perderá as propriedades magnéticas logo que cesse a ação magnetizante, exceto um pequeno resíduo, chamado por esta razão *magnetismo remanescente*.

3 — *Linhas magnéticas.* —

A natureza do magnetismo é a mesma que a de um fluido ou corrente, representada por linhas magnéticas, que saem, fora do iman, do polo Norte para o polo Sul, e dentro do iman do Sul para o Norte, formando deste modo curvas fechadas.

4 — *Circuito Magnético.* —

Circuito magnético é o trajeto das linhas magnéticas.

O circuito compreende não só o percurso externo, através do ar ou outra substância, desde que sai do polo Norte até penetrar no polo Sul, como também o circuito no interior do próprio íman, até sair novamente pelo polo Norte.

5 — *Campo magnético.* —

Denomina-se campo magnético ao espaço externo de um íman, ocupado pelas linhas magnéticas.

6 — *Intensidade magnética.* —

A intensidade magnética é o número de linhas magnéticas por centímetro quadrado.

O Gauss é a unidade prática da intensidade magnética e igual a uma linha por centímetro quadrado. Ela é também chamada força magnetizante.

7 — *Fluxo magnético.* —

Fluxo magnético é o total de linhas magnéticas produzidas pela força magnetizante.

8 — *Isolamento às linhas magnetizantes.* —

Não ha isolamento para as linhas magnéticas e, por conseguinte impossível limitar o fluxo magnético a um caminho definido.

Por esta razão, pode ser muito difícil em muitos casos verificar qual o fluxo em determinada seção do circuito, em vista da dificuldade de definir qual a extensão da seção transversal, com exatidão.

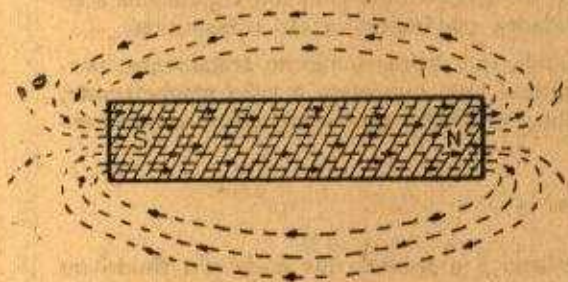


Fig. 1

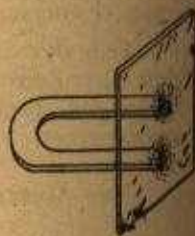


Fig. 2

Si entre o íman (fig. 2) haverá demonstrando que

Para se isolar um íman, é preciso empregando uma nu desviá-lo da zona q

Os marcadores evitar que alguma tismo interno do ma

9 — *Ímans per*

Os ímans pern construção de aparel são feitos de barras que lhes transmite tó

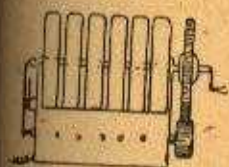


Fig. 3

O processo imanta tada que é fricionada

O outro processo produz ímans muito n se resume em submeter bobina, por alguns inst

Todo o íman depoi tido a um processo de algumas horas em água de intensidade.

10 — *Teoria molec*

Quando se corta u exatamente iguais ao ori se isto quantas vezes se que as moléculas são p

Si entre o iman e a limalha fôr intercalada uma lâmina de vidro (fig 2) haverá de qualquer modo atração da limalha pelo iman, demonstrando que o fluxo magnético penetra perfeitamente no vidro.

Para se isolar ou conseguir uma zona neutra nas imediações de um iman, é preciso oferecer ao fluxo magnético um caminho fácil, empregando uma matéria altamente magnética, tal como o ferro, para desviá-lo da zona que se quer isolar.

Os marcadores de luz são encerrados numa caixa de aço para evitar que alguma fonte magnética externa venha afetar o magnetismo interno do marcador.

9 — *Imans permanentes.* —

Os imans permanentes artificiais, comumente empregados na construção de aparelhos, tais como magnetos (fig. 3), imans (fig. 4), são feitos de barras de aço, submetidas a um processo de imantação que lhes transmite tôdas as qualidades de um perfeito iman.

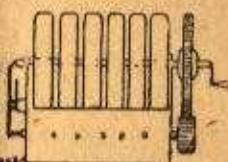


Fig 3



Fig 4

O processo imantador pôde ser feito com uma outra barra imantada que é fricionada sobre a que se quer imantar.

O outro processo mais empregado e que, além de ser mais rápido, produz imans muito mais fortes, é o processo eletro-magnético que se resume em submeter o aço à força magnetizante de uma poderosa bobina, por alguns instantes.

Todo o iman depois de sofrer o processo de imantação é submetido a um processo de depuração, que consiste em o ferver durante algumas horas em água, para que o magnetismo restante não se altere de intensidade.

10 — *Teoria molecular da magnetização.* —

Quando se corta uma barra magnética formam-se dois imans exatamente iguais ao originário, com seu polo Norte e Sul, repetindo-se isto quantas vezes se efetuar a subdivisão; por esta razão se supõe que as moléculas são pequenos imans, (segundo a atual teoria ele-

trônica temos que pensar que os eletrons possuem também as propriedades de um imã). Enquanto sobre elas não houver nenhuma excitação, elas permanecerão dispostas desordenadamente, equilibrando suas ações, e o corpo se apresenta como não magnético, mas com a magnetização orientam-se tôdas no mesmo sentido. No momento que todos os imãs moleculares estiverem orientados no mesmo sentido, alcançar-se-á o máximo de magnetismo, dizendo-se que o ferro está saturado. A disparidade entre os resultados obtidos com o aço e com o ferro doce se explica por uma resistência diferente oposta ao giro das moléculas (força coercitiva). Nas substâncias não magnéticas, as moléculas conservam sempre sua posição.

O principio de imantação é demonstrado pela limalha de aço dentro de um vidro (fig. 5). Depois de submetida ao processo de imantação, a limalha apresenta as características de um perfeito imã, mas si, depois a limalha é sacudida, perde estas características e, como o aço não perde a ação magnética uma vez adquirida, isto prova que o desaparecimento do magnetismo não é devido ao desarranjo da limalha quando foi sacudida.

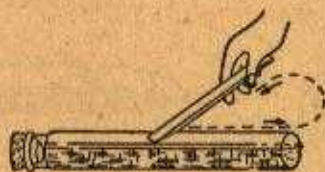


fig 5

11 — Permeabilidade magnética. —

Nos campos suficientemente possantes, todos os corpos podem manifestar propriedades magnéticas, si bem que num grau incomparavelmente mais fraco que o ferro.

O bismuto por exemplo, se imanta também num campo muito intenso, mas uma barra deste metal tende a se orientar normalmente às linhas magnéticas.

Conseqüentemente as linhas magnéticas podem ser aplicadas em qualquer substância porque não ha isolante para ela.

Ha porém substâncias que são mais permeáveis, mais fáceis para o fluxo atravessar.

O ar é a substância escolhida para esta comparação, denominada permeabilidade e cujo símbolo é a letra μ .

Si, com uma determinada intensidade ou força magnetizante, for possível fazer uma linha magnética atravessar um volume de ar de um centimetro cúbico, com esta mesma intensidade será possível

fazer passar
de aço ou de

Permeab
de linhas que
que se pôde
força magneti

12 — Aço

Si, num
ferro doce, ve

As linhas
passar pelo fer



Fig

Explica-se
do fluxo magné

Si introduz
ra etc., veremos
permeabilidade d

13 — Camp

Elettricidade
rente elétrica per
em redor deste c

A prova dist
bússola.

Lançando-se
ta para a esquerd
e entram por cin
por cima do condu

Invertendo-se
linhas magnéticas
agulha ocupará a

fazer passar mais de mil linhas magnéticas através o mesmo volume de aço ou de ferro.

Permeabilidade é, portanto, a comparação ou relação do número de linhas que se pôde fazer atravessar qualquer substância, com as que se pôde fazer atravessar o mesmo volume de ar, sob a mesma força magnetizante que foi usada para as outras substâncias.

12 — Ação de uma barra de ferro num campo magnético. —

Si, num campo magnético uniforme, colocarmos uma barra de ferro doce, verificaremos que o campo se modificará completamente.

As linhas de força que eram retilíneas, curvam-se de modo a passar pelo ferro ou aproximar-se dele.



Fig. 6

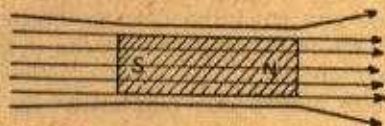


Fig. 7

Explica-se este fato dizendo-se que o ferro é melhor condutor do fluxo magnético que o ar.

Si introduzirmos no campo, corpos tais, como chumbo, madeira etc., veremos que o campo não se modificará, porque têm a mesma permeabilidade do ar.

13 — Campo magnético em volta de um condutor. —

Elettricidade em movimento produz magnetismo. Quando a corrente elétrica percorre um condutor, produz uma corrente magnética em redor deste condutor, que cessa quando a corrente elétrica cessa.

A prova disto é constatada aproximando-se o condutor de uma bússola.

Lançando-se corrente no sentido da seta, na fig. 8, isto é da direita para a esquerda, as linhas magnéticas saem debaixo do condutor e entram por cima dele, obrigando a agulha a pôr o polo Norte por cima do condutor.

Invertendo-se a direção da corrente elétrica no condutor, as linhas magnéticas também mudam de direção, isto é o polo Sul da agulha ocupará a posição do polo Norte (fig 9.).

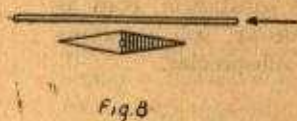


Fig. 8

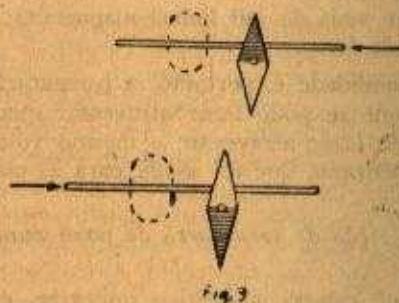


Fig. 9



Fig. 10

Nóta — O sinal em cruz posto no tópo do condutor indica que a corrente elétrica entra, e o ponto no tópo, indica que ela sai do condutor.

Observa-se então que, quando a corrente entra no condutor, o magnetismo gira em torno dele na direção dos ponteiros de um relógio, isto é, da esquerda para a direita e quando sai, ele gira da direita para a esquerda.

Por este motivo cria polaridades no condutor.

14 — Sentido da corrente magnética. —

Regra prática. —

Para se saber a direção do campo magnético em volta de um condutor segura-se o condutor (fig. 10) com a mão direita, fazendo o polegar indicar a direção da corrente elétrica.

Os outros dedos indicarão o sentido da corrente magnética.

15 — Solenóide. —

Um solenóide é constituído por um condutor enrolado sobre si mesmo de modo a formar um certo número de espiras circulares, regularmente dispostas.

A experiência mostra que quando um solenóide é percorrido por uma corrente, ele adquire todas as propriedades de um íman.

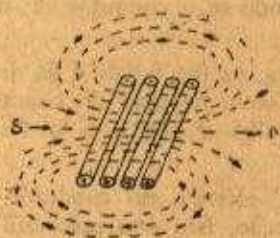


Fig. 12

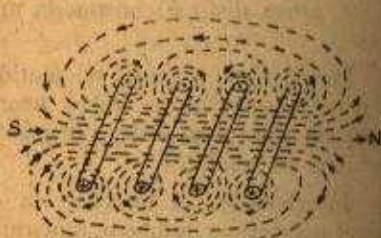


Fig. 11

Ao campo
te, porque tem

A figura
nético de cada

A fig. 12
as outras, sem
nético, muito
néticas como
linhas ficam e
seguinte.

Para se ob
sobre o solenó
etc., indicarão
o polo Norte.

16 — Intensidade.

A intensidade

a) — Do n
parcela de magn
solenóide.

b) — Da c
nida pela corrente
quer aumento na
aumento correspo

17 — Emprego.

O solenóide
automático dos m
funcionamento do
contrôle da voltag
o trabalho das válv

Quasi sempre
para dar a força
mento de um sole
do solenóide produ

Ao campo produzido em cada espira, junta-se o da volta seguinte, porque tem a mesma direção e se atraem entrelaçando-se.

A figura 11 mostra como se opera a combinação do campo magnético de cada volta na formação do campo magnético total.

A fig. 12 mostra que estando as voltas do solenóide unidas umas às outras, sem espaço algum entre elas, produz-se um campo magnético, muito mais forte, porque não ha escapamento de linhas magnéticas como na fig. 11, isto é, havendo entre elas espaço, muitas linhas ficam em volta do condutor sem combinar com as da volta seguinte.

Para se obter a direção do polo Norte, espalma-se a mão direita sobre o solenóide (fig. 13), de maneira que os dedos indicador, médio etc., indicará a direção da corrente no solenóide e o polegar indicará o polo Norte.



Fig 13

16 — Intensidade do campo. —

A intensidade do campo de um solenóide depende :

a) — *Do número de voltas.* Porque cada volta concorre com sua parcela de magnetismo para compôr a intensidade magnética total no solenóide.

b) — *Da corrente elétrica.* Porque sendo a intensidade produzida pela corrente elétrica em circulação, é claro que, existindo qualquer aumento na intensidade da corrente elétrica, haverá também, um aumento correspondente na intensidade magnética.

17 — Emprego do solenóide. —

O solenóide é empregado na prática, para desligar o disjuntor automático dos motores com enrolamento de partida, para iniciar o funcionamento dos motores, para fazer funcionar os aparelhos de controle da voltagem, para regular as lâmpadas de arco, para iniciar o trabalho das válvulas e para outros fins.

Quasi sempre, emprega-se um núcleo de ferro doce (ou aço) para dar a força de atração necessária ao solenóide. O funcionamento de um solenóide com núcleo é indicado na fig. 14. O fluxo do solenóide produz pólos magnéticos no núcleo.

O pólo mais próximo do solenóide terá o sinal dado pela direção das linhas de força e também na direção em que o núcleo entra no solenóide.

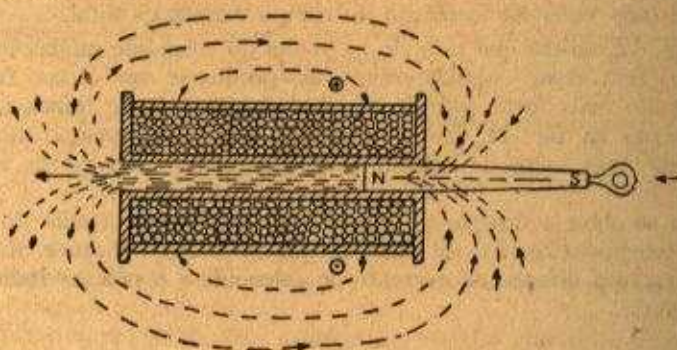


Fig. 14

A posição de equilíbrio será atingida quando a parte média do núcleo atinge o centro do solenóide.

Denomina-se eletroímã ao solenóide com um núcleo de ferro doce contendo um enrolamento de fio isolado, no qual se faz passar uma corrente.

Quando a corrente passa, o ferro se imanta; suprimida a corrente ele perde praticamente a imantação.

Principais formas.

a) — *Eletroímãs retos* — cujo núcleo é uma barra retilínea de ferro doce.

b) — *Eletroímãs em ferradura* — Forma mais empregada porque proporciona eletroímãs mais poderosos. É constituído por um núcleo em forma de ferradura que recebe bobinas magnetizantes per-

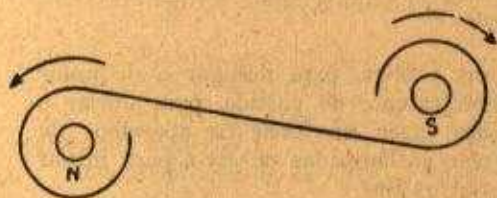


Fig. 15

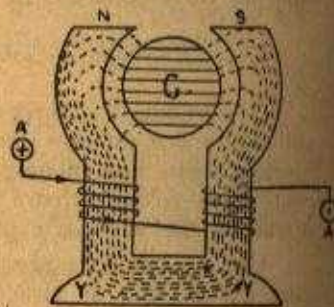


Fig. 16

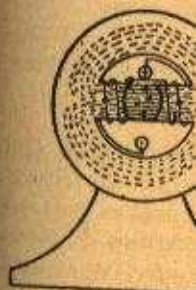


Fig. 17

A culatra de a
rior de modo que
ferro exceto o espa
do induzido també
então é um circuito

19 — Condutor

Quando um cor
em um campo magn

corridas pela corrente de tal forma, que gera em cada extremidade um pólo de nome diferente.

Visto de cima a corrente no pólo Sul, segue o sentido da marcha dos ponteiros do relógio e no pólo Norte o sentido contrário.

c) — *Eletroímans em culatra* — São semelhantes aos em feraduras; as duas hastes que recebem as bobinas são unidas por uma travessa de ferro, denominada *culatra*.

d) — *Eletroíman em anel* — Os induzidos dos ímans aproximam-se deste tipo. A forma e as dimensões dependem do fim a que se destinam.

18 — *Emprêgo dos eletroímans.* —

O emprêgo mais importante dos eletroímans é na construção de geradores e motores, onde são empregados para criar campos magnéticos intensos, necessários à produção econômica de energia elétrica. Na fig. 16 que representa um gerador bipolar, as bobinas são enroladas sobre núcleos de ferro ou de aço apropriado, de modo a dar polaridade diferentes a cada um dos núcleos.

A fig. 17 mostra uma forma mais moderna dum motor bi-polar. A fig. 18 representa um motor com quatro pólos.



Fig 17

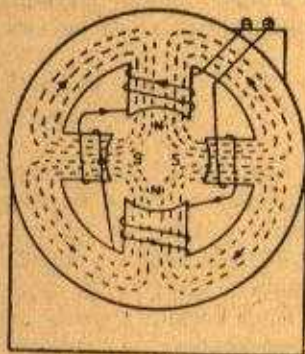


Fig 18

A culatra de aço liga cada um dos núcleos pela extremidade inferior de modo que o circuito magnético é constituído inteiramente de ferro exceto o espaço G onde é colocado o induzido. A maior parte do induzido também é feita de ferro doce. O circuito magnético então é um circuito de ferro quasi fechado na direção indicada.

19 — *Condutor em um campo magnético.* —

Quando um condutor atravessado por uma corrente é colocado, em um campo magnético, perpendicularmente às linhas de força, fica

sob a ação de uma força que é perpendicular ao campo e ao condutor (fig. 19).

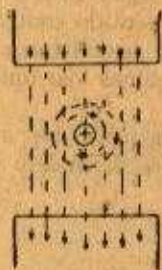


Fig. 19

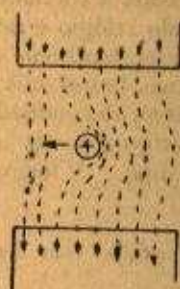


Fig. 20

As linhas de força do mesmo sentido manifestam a existência de uma força repulsiva, e as linhas de força dirigidas em sentidos opostos manifestam a existência de uma força de atração.

Em torno do condutor colocado no campo magnético origina-se o campo representado na fig. 20, onde à direita do condutor, as linhas de força do mesmo sentido juntam-se apresentando uma densidade maior do que as do lado esquerdo que ficam mais afastadas.

20 — Campo magnético de dois condutores paralelos percorridos por uma corrente. —

Na fig. 21 estão representados dois condutores paralelos (perpendicular ao plano do desenho) pelos quais passa uma corrente do mesmo sentido. A maioria das linhas de força resultantes envolvem os dois condutores e tendem a aproximá-los: as correntes do mesmo sentido se atraem. Se as correntes tiverem sentidos opostos, as linhas de força tomam a forma representada na fig. 22 e tendem a separar os condutores: as correntes dirigidas em sentidos opostos se repelem.

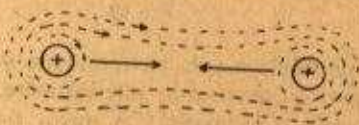


Fig. 21

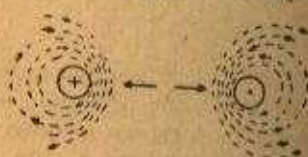


Fig. 22

Bobina não indutiva. —

Desde que a direção do campo magnético em torno de um fio depende da direção da corrente elétrica, é claro que o campo de duas

correntes em
fios estiverem
princípio é en
campo magné
uma só bobina
e a do outro.
magnético per
As bobinas
como também
metros e ampe

EXERCÍCIO

1. Desenhar
de ferro doce.

2. Desenhar
condutor percor
abaixo. Indicar
se deslocará.



3. Colocar os
de polos, de modo
na figura. Colocar
da corrente.

4. Indicar na
na para atrair o n

correntes em direções opostas têm que se opor e se neutralizar, si os fios estiverem bastante próximos e as correntes forem iguais. Este princípio é empregado quando se deseja obter uma corrente com um campo magnético muito fraco. Dois fios são enrolados para formar uma só bobina de maneira que a corrente de um fio tenha uma direção e a do outro uma direção oposta. Esta bobina não apresenta campo magnético perceptível e é chamada de bobina enrolada sem indutância.

As bobinas de resistência empregadas para medir resistência como também todas as bobinas de resistência, empregadas nos voltímetros e amperímetros comerciais são enroladas desta maneira.

IMANS E MAGNETISMO

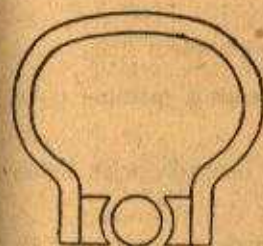
EXERCÍCIO. —

1. Desenhar o campo magnético em torno do imã e do núcleo de ferro doce.

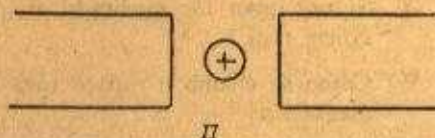
I

2. Desenhar a resultante do campo magnético dos imãs e do condutor percorrido por uma corrente, conforme indica o desenho abaixo. Indicar por meio de uma seta a direção para qual o condutor se deslocará.

II



I



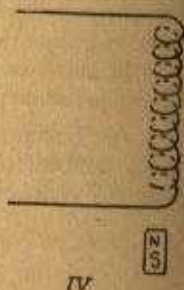
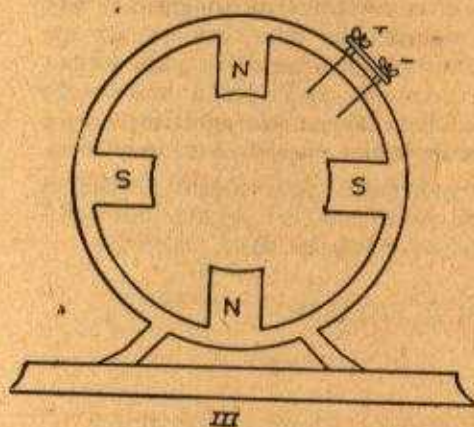
II

3. Colocar os enrolamentos nos núcleos da carcassa do motor de 4 pólos, de modo que os núcleos obtenham as polaridades indicadas na figura. Colocar setas no enrolamento para indicar a direção exata da corrente.

III

4. Indicar na figura, a página 2 a direção da corrente necessária para atrair o imã à bobina.

IV



IMANS E MAGNETISMO

1. Um iman temporário pôde ser feito de
e um iman permanente de
Porque ?
2. A parte do iman de onde vem as linhas de força é chamada de pólo a parte do iman em que entra as linhas de força é chamada de pólo
3. Cada linha magnética forma um circuito completo ?
4. Si um iman fôr quebrado até quatro pedaços quantos pólos Norte terá ?
5. Como se chama o espaço fóra do iman ocupado pelas linhas magnéticas ?
6. As linhas magnéticas representam uma tensão ao longo de todo seu comprimento e tendem encurtar-se, como um elástico esticado.
7. As linhas magnéticas também exercem um efeito de repulsão lateral de umas contra as outras, cada uma tendendo assim a empurrar os conjuntos lateralmente.
Verdadeiro. Falso.
8. Pólos da mesma polaridade atraem-se e de polaridades diferentes repelem-se.
Verdadeiro. Falso.

9. Qua
nética
atra

10. Se u
uma
mesm
búss

11. Uma
faz a

12. O fer
tempe

13. As lin
corren
Espir
culos
fio (3
fuso d

14. Quand
garmos
polegar
indicar

15. Si uma
um can
no inter

16. Si uma
for intro
primen
quer dir
para o i

17. Suponha
lelas entr

9. Quando colocamos um pedaço de ferro doce num campo magnético, este pedaço de ferro torna-se um íman por meio de (1) atração (2) indução (3) repulsão

Verdadeiro. Falso.

10. Se uma bússola for colocada em um campo magnético, tomará uma posição tal que as linhas de força dentro dela circulem na mesma direção como aquelas do campo magnético em que a bússola se achar colocada.

Verdadeiro. Falso.

11. Uma corrente elétrica produz sempre um campo magnético que faz ângulo reto com a corrente elétrica.

Verdadeiro. Falso.

12. O ferro doce retém o magnetismo por mais tempo que o aço temperado.

Verdadeiro. Falso.

13. As linhas magnéticas em volta de um fio percorrido por uma corrente e fora de quaisquer influências externas, formam (1) Espirais em torno do fio e perpendicularmente a ele (2) Círculos concêntricos os quais tem planos perpendiculares ao fio (3) Curvas helicoidais semelhantes aos filetes de um parafuso de mão direita

14. Quando temos um fio reto percorrido por uma corrente, se pegarmos o fio com a nossa mão com o dedo polegar estendido na direção da corrente, o vai indicar a direção do campo magnético.

15. Si uma bobina atravessada por uma corrente for colocada em um campo magnético tende a tomar tal posição que as linhas no interior da bobina ficam perpendiculares às linhas do campo.

Verdadeiro. Falso.

16. Si uma extremidade de uma roda de ferro sem magnetismo, for introduzida na extremidade de uma bobina de grande comprimento em que uma corrente está percorrendo-a em qualquer direção o campo da bobina tende a atrair a roda mais para o interior da bobina.

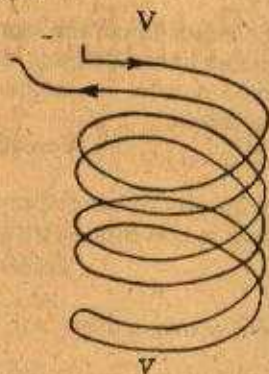
Verdadeiro. Falso.

17. Suponhamos que temos um fio contínuo em duas pernas paralelas entre si, e o enrolamos como se acha indicado no croquis

número 1, assim construímos uma bobina que quasi não tem campo magnético quando percorrida pela corrente.

Verdadeiro. Falso.

Croquis n.º 1



18. Quando correntes da mesma direção percorrem dois condutores paralelos, eles tendem a se separar, devido aos campos magnéticos produzidos.

Verdadeiro. Falso.

18. Si pegarmos um condutor reto com a mão direita, o polegar estendido na direção da corrente, os demais dedos indicarão a direção do campo magnético.

Verdadeiro. Falso.

ARMAZEM CARVALHO COUTINHO

Avenida Lauro Muller
Distrito Federal

Instr
de

III SECC

O Per

16. EXE

a) M
largura qu
conservanc

b) IN

c) TE

d) CO

(AA) (BE

(Visua

e) AÇ
trulhas, as
deixar a últ

O Pelot
portante. Un

O princ
querda e a
mento, de un
diários de po
como mostra

NOTA: —

O Cmt. o
lha princ

Instrução da Patrulha e do Pelotão de Reconhecimento Mecanizado

Tradução e adaptação do *Cap. Arnaldo Calderari*

III SECÇÃO.

O Pelotão de Reconhecimento.

16. EXERCÍCIO N.º 1: *Reconhecimento de uma Zona.*

a) **MISSÃO:** Reconhecer uma zona. (Esta zona é de tal largura que o Pelotão pode reconhecê-la com duas patrulhas, conservando uma em reserva).

b) **INIMIGO:** Contato provável.

c) **TERRENO:** Zona.

d) **COMANDO:** (verbal) Deslocar-se para a linha-fase (AA) (BB) (CC).

(Visual) À frente. (Gesto ou sinal).

e) **AÇÃO:** O Cmt. do Pelotão designa as zonas das patrulhas, as linhas fases e prescreve as horas, para atingir e deixar a última linha.

O Pelotão (menos patrulha) reconhece a zona mais importante. Uma patrulha reconhecerá a outra zona.

O princípio de enviar a "segunda patrulha" para a esquerda e a "terceira" para a direita, é seguido. O deslocamento, de uma linha-fase, a outra, é feito por lanços intermediários de ponto crítico a ponto crítico (de P. O. em P. O.), como mostra o exercício da Patrulha, n.º 10.

NOTA: —

O Cmt. do Pelotão, habitualmente, acompanha a patrulha principal.

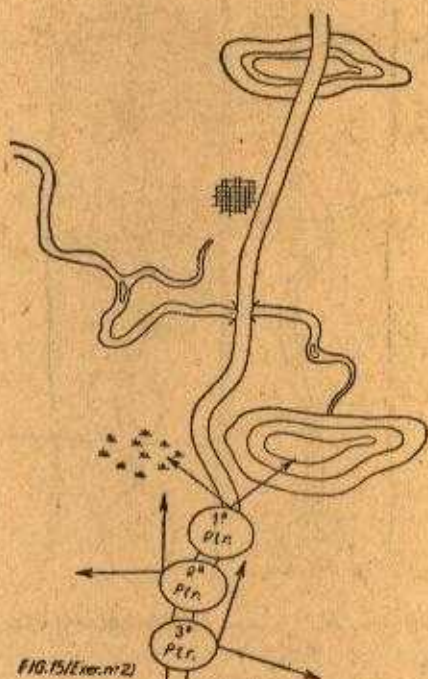


FIG. 15 (Exer. n.º 2)

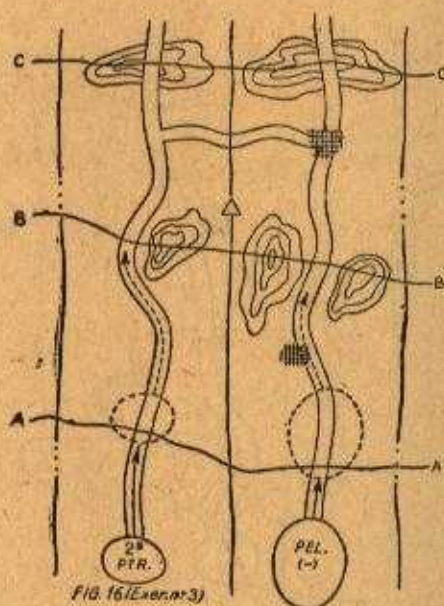
18. EXERCÍCIO N.º 3: Reconhecimento de Zona com 2 Itinerários.

- a) **MISSÃO:** Reconhecer uma zona com 2 eixos.
- b) **INIMIGO:** Contato provável.
- c) **TERRENO:** Zona com 2 eixos.
- d) **COMANDO:** (verbal) Reconhecer a zona com 2 eixos. (Visual) À frente (Gesto ou sinal).
- e) **AÇÃO:** O Cmt. do Pel. designa os eixos das patrulhas, as linhas-fases e prescreve a hora à atingir ou liberar a última linha.

O Pel. (menos uma patrulha) reconhece o eixo mais importante.

O princípio, de se enviar a 2.ª ptr. para a esquerda e a 3.ª para a direita, é mantido.

O deslocamento é feito por lanços, entre as linhas-fases, de P.O. em P.O., como mostra o exercício de patrulha, n.º 1.



19. EXERCÍCIOS — N.º 4 — Reconhecimento de Zona com 3 eixos.

- MISSÃO:** Reconhecer uma zona com 3 eixos.
- INIMIGO:** Contato provável.
- TERRENO:** Zona com 3 eixos.
- COMANDO:** (verbal) Reconhecer a zona com 3 eixos. (Visual) À frente (Gesto ou sinal).
- AÇÃO:** O Cmt. do Pel. designa os eixos das patrulhas, as linhas-fases e prescreve a hora para atingir ou liberar a última.

A 1.ª Patrulha se desloca pelo eixo do centro, a 2.ª pelo da esquerda e a 3.ª pelo da direita.

As três Patrulhas se deslocam por lanços, para as linhas-fases, de P.O. em P.O., como mostra o exercício de patrulha, n.º 1.

NOTA: —

Se a missão, a situação ou o terreno aconselhar que a Patrulha do Cmt. do Pel. deva se deslocar por um eixo que não seja o do centro, o Cmt. do Pel. fará a respectiva troca de eixos.

20. EXERCÍCIOS

- MISSÃO:** Reconhecer uma zona com 3 eixos.
 - INIMIGO:** Contato provável.
 - TERRENO:** Zona com 3 eixos.
 - COMANDO:** (verbal) Reconhecer a zona com 3 eixos. (Visual) À frente (Gesto ou sinal).
 - AÇÃO:** O Cmt. do Pel. designa os eixos das patrulhas, as linhas-fases e prescreve a hora para atingir ou liberar a última.
- O Cmt. do Pel. designa os eixos das patrulhas, as linhas-fases e prescreve a hora para atingir ou liberar a última.
- Se a missão, a situação ou o terreno aconselhar que a Patrulha do Cmt. do Pel. deva se deslocar por um eixo que não seja o do centro, o Cmt. do Pel. fará a respectiva troca de eixos.

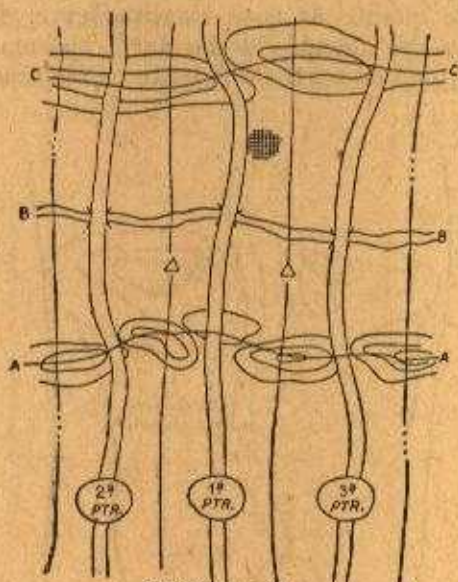


FIG. 17 (Exer. n.º 4)

20. EXERCÍCIO N.º 5: Encontro com o inimigo.

a) **MISSÃO:** Reconhecer uma estrada. A 1.ª Patrulha é recebida no ponto "X", por fogos do inimigo, partidos das proximidades do ponto "Y".

b) **INIMIGO:** Contato tomado.

c) **TERRENO:** Zona com posição inimiga à cavaleiro do eixo de marcha.

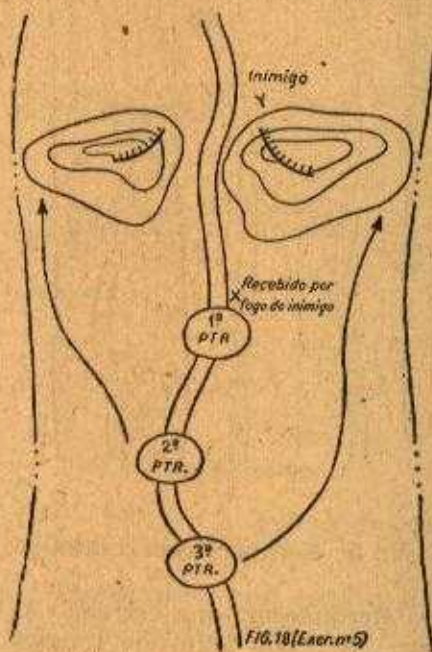
d) **COMANDO:** (verbal) Inimigo à vista; Reconhecer.
(Visual) Inimigo à vista; à frente.
(Gesto ou sinal).

e) **AÇÃO:** A ação da 1.ª Patrulha é como mostra o exercício da Patrulha n.º 7.

O Cmt. do Pel. dá ordem, ou faz sinal convencionado de "Inimigo à vista". "Reconhecê-lo". A 2.ª Patrulha se desloca pela esquerda para determinar o flanco direito do inimigo e localizar uma passagem (desbordamento) pela esquerda. A 3.ª Patrulha se desloca pela direita para determinar o flanco esquerdo do inimigo e localizar uma passagem (des-

bordamento) pela direita. As patrulhas informam breve e freqüentemente quanto às suas localizações e situações.

O Cmt. do Pel. decide "desbordar," "permanecer em observação" com todo ou parte do Pelotão ou finalmente "atacar".



21. EXERCÍCIO N.º 6: Defesa indicada.

- MISSÃO:** Reconhecer uma posição crítica e defendê-la.
- INIMIGO:** Contato provável.
- TERRENO:** Zona com uma posição crítica (importante).
- COMANDO:** (verbal) Preparar a posição defensiva. (Visual) Nenhum.
- AÇÃO:** O Cmt. do Pel. comanda: "Preparar a posição defensiva". As 2.ª e 3.ª Patrulhas preparam a posição como mostra o exercício de patrulha n.º 9.

A 1.ª Patrulha é conservada em reserva móvel à retaguarda da posição defensiva.

A 1.ª Patrulha reconhece e prepara uma posição alternada em cada flanco.

As
mútuo ap

A 1.ª
culos são
mento pa

22. EXERCÍCIO

- MIS**
 - INIM**
 - TER**
 - COM**
 - AÇÃO**
- de marcha.
(Visual)
A 2.ª Pa
localização d
procura deter
do obstáculo.

As armas automáticas são colocadas em posição para mútuo apoio das patrulhas.

A 1.^a é responsável pela proteção da retaguarda. Os veículos são colocados de modo a facilitar a retirada ou o movimento para as posições alternadas.

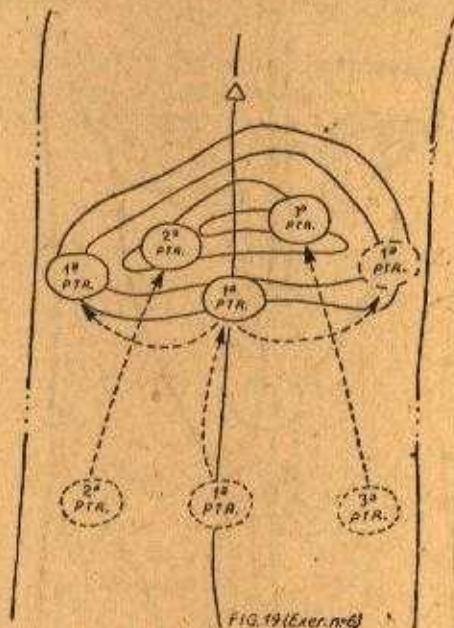


FIG. 19 (Exer. nº 6)

22. EXERCÍCIO N.º 7: Reconhecimento de um Obstáculo.

- a) **MISSÃO:** Reconhecer uma estrada.
- b) **INIMIGO:** Contato provável.
- c) **TERRENO:** Zona com um obstáculo sobre o eixo de marcha.

d) **COMANDO:** (verbal) Reconhecer o obstáculo.

(Visual) Nenhum.

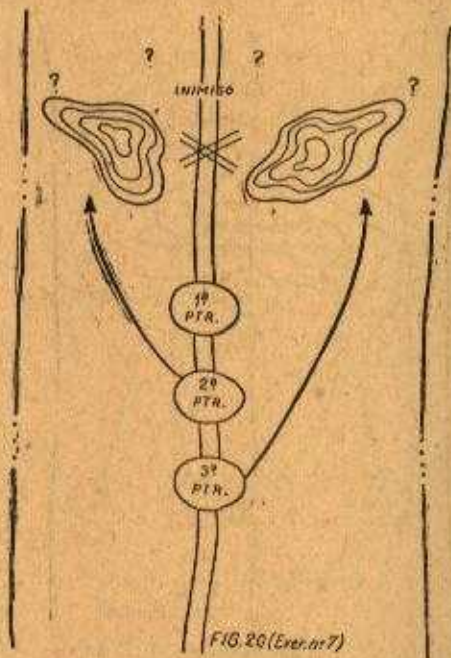
e) **AÇÃO:** O obstáculo está à vista. A ação da 1.^a Patrulha é mostrada no exercício de patrulha n.º 5.

A 2.^a Patrulha se desloca pela esquerda e reconhece a localização da passagem (desbordamento) pela esquerda e procura determinar o efetivo inimigo encarregado da defesa do obstáculo.

A 3.ª Patrulha se desloca pela direita e reconhece a passagem (desbordamento) pela direita, determinando o efetivo inimigo encarregado da defesa do obstáculo.

Tôdas as Patrulhas informam breve e frequentemente sobre suas posições bem como as situações

O Cmt. do Pel. decide desbordar ou remover o obstáculo.



23. EXERCÍCIO N.º 8: Ação em um Desfiladeiro.

- MISSÃO:** Reconhecer um Desfiladeiro.
- INIMIGO:** Contato provável.
- TERRENO:** Zona com um Desfiladeiro.
- COMANDO:** (verbal) Reconhecer o Desfiladeiro.
(Visual) Alto; desembarcar; À frente.
(Gesto ou sinal).
- AÇÃO:** O Pel. está se deslocando em coluna. A 1.ª Patrulha chega ao ponto "X". O Cmt. do Pel. faz o sinal: "Desfiladeiro à frente".

A 1.ª Patrulha, faz alto, desembarca e envia elementos a pé, à frente, através o desfiladeiro.

A
da cor
A
o mo
A
1.ª Pa
Os
de nov
Os
e avan
A

24. EXER

- M
- IN
- tomado.
- TE
- CO
- (ou esquer
- (Visua
- ou sinal).

A Mtr. do transporte pessoal de 1/4 Ton. é transportada com os elementos a pé através do desfiladeiro.

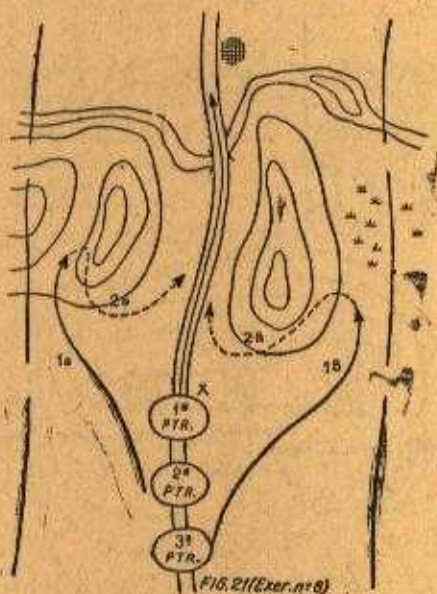
A 2.^a Patrulha se desloca para a esquerda para cobrir o movimento da 1.^a Patrulha através o desfiladeiro.

A 3.^a Patrulha se desloca para a direita para cobrir a 1.^a Patrulha, através o desfiladeiro.

Os elementos à pé da 1.^a Patrulha fazem sinal de: "Nada de novo".

Os veículos da 1.^a Patrulha recuperam os elementos a pé e avançam através o desfiladeiro.

A 2.^a Patrulha e a 3.^a seguem ao sinal da 1.^a.

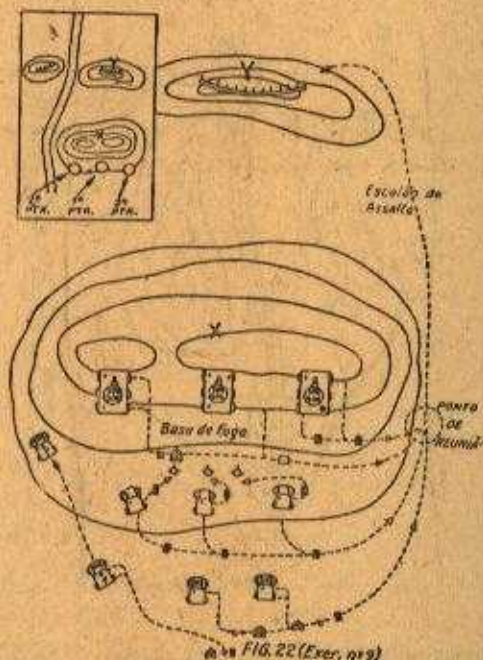


24. EXERCÍCIO N.º 9: Ataque Indicado.

- MISSÃO:** Reconher uma zona.
- INIMIGO:** Efetivo conhecido, em "Y", Contato tomado.
- TERRENO.** Ponto crítico de posse do inimigo.
- COMANDO:** (verbal) Combate a pé. Ação pela direita (ou esquerda); Reunir.
(Visual) Combate a pé (Direção indicada) (Gesto ou sinal).

e) AÇÃO: Tendo reconhecido a posição inimiga e feito a estimativa da situação, o Cmt. do Pel. (em "X") decide atacar, uma vez que seus meios proporcionam fatores seguros de sucesso.

O Cmt. do Pelotão comanda: "Combate a pé, Ação pela direita (ou esquerda)". Os carros blindados são colocados em posições desenfiadas, veículos móveis, com a 1.ª Patrulha no centro, 2.ª à esquerda e a 3.ª à direita. Uma metralhadora de um T/pessoal 1/4 tonelada, é disposta de modo a cobrir o flanco e a retaguarda da posição onde permanecerem os veículos.



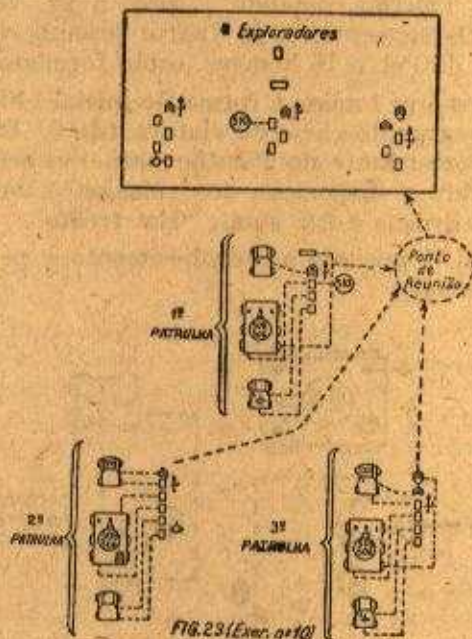
As outras duas Metralhadoras são desembarcadas e transportadas pelo escalão de assalto. O escalão de assalto (elementos à pé) reúne à direita (ou esquerda). Quando esse escalão progride pela direita, o elemento "A" (da 2.ª Patrulha) cobre o flanco esquerdo; quando o escalão de assalto, progride pela esquerda, elemento "A" da 3.ª Patrulha cobre o flanco direito. O Cmt. do Pel. científica que comandará o escalão de assalto, designa a localização da base

de fogos (sob o comando do Sargento do Pelotão), amarra o itinerário de progressão do escalão de assalto para o ponto ou linha de partida, prescreve o sinal* para o apôio do fogo e fixa a hora do ataque.

O Sargento do Pelotão dirige e comanda a base de fogos, no local designado, dá suas ordens e faz o sinal de: "Estou Pronto". O Cmt. do Pel. dá suas ordens ao escalão de assalto, faz o sinal convencionado para a base de fogos desencadear o tiro, e se desloca para o ponto ou linha de partida. A base de fogos suspende o tiro, ao sinal convencionado, do escalão de assalto. O escalão assalta a posição inimiga em "Y" e a base de fogos se reúne ao escalão de assalto. O Pelotão se reorganiza e executa uma perseguição limitada.

NOTA: —

O sinal convencionado pode ser artifício luminoso, fumaça, rádio, tempo (hora) previsto ou número de lanços especificado. Para segurança, o sinal convencionado deve ser variado, de momento para momento.



Problemas médicos nas operações militares na selva, na área do Pacífico

Instruções da "Command and General Staff School"
Leavenworth, Ka. — U. S. A.

Tradução do Cap-Médico Dr. *Astor de Carvalho*

1 — IMPORTANCIA —

A falta de um plano prévio e estudo cuidadoso dos problemas médicos e sanitários pode significar o fracasso para qualquer força em operações na selva. Em virtude da importância cada vez maior, dê-se problema extraiu-se a seguinte informação, parcialmente, do FM 31-20 e de recentes referências feitas a certos Teatros de Operações.

2 — ALTOS PADRÕES FISICOS: —

Os agrupamentos táticos em ação na selva deveriam ser especialmente selecionados sob o ponto de vista da aptidão física e, também ser constituídos por homens jovens que pudessem resistir às agruras dêste serviço exaustivo. Pessoal incapaz, fisicamente fraco e mais velho, deveria ser eliminado antes que estas operações militares especiais fôsseis empreendidas. Nossas tropas em Luzon ficaram assombradas com a aparência extremamente jovem dos prisioneiros japoneses.

3 — TREINAMENTO ESPECIAL PARA A GUERRA NA SELVA: —

Muito importante para tôdas as forças — incluindo as unidades regimentais, especialmente a tropa médica. Poucas semanas são consideradas suficientes para aclimatar as tropas às elevações de temperatura, chuvas, umidade, ruídos peculiares, etc. existentes nos trópicos. Como processo de fortalecimento posterior, algumas semanas de treinamento adicional sob as condições atuais da selva, seria executado antes que as tropas estivessem prontas para tais operações. Os padioleiros também seriam treinados na selva a fim de que fôsseis capazes de carregar as padiolas, a longas distâncias, através de picadas. Esta missão não poderia ser atribuída às tropas combatentes, como muitas vêzes acontece. Os cargueiros seriam treinados com suas cargas, nas trilhas montanhosas da selva, a fim de se adaptarem às mesmas.

4 — VACINAÇÃO : —

Seria executada conforme as prescrições do Regulamento do Exército e Diretivas do Departamento da Guerra e Teatro de Operações, o que deve ser cuidadosamente verificado a fim de que se esteja certo de que toda a tropa a tomou. Isto seria feito pelos oficiais médicos antes da partida do Agrupamento Tático, tendo-se todos os registros de imunização em dia. (Veja TB med. 114).

5 — HIGIENE PESSOAL : —

a — *Nutrição* — Uma nutrição apropriada é problema de especial importância na guerra na selva e na área do Pacífico. Podem ser necessárias rações especiais, accessórias, acondicionadas para períodos relativamente longos. Estas somente se tornarão eficientes si forem consumidas completamente ou o máximo possível. Por sua própria natureza elas não podem ser tão agradáveis ou aceitáveis como os variados artigos da alimentação comum.

Por este motivo é de grande importância insistir muito sobre a necessidade de fazer todo o esforço possível para consumi-la completamente, como meio de preservar a saúde, a força e a eficiência. Além disto, serão feitos esforços para assegurar suprimentos suficientes, afim de renovar as rações mais preferidas tão cedo quanto possível e melhorar a sua preparação, cozinhando e servindo, de modo a aumentar a aceitação e o consumo adequado das mesmas.

Os fracasso repetidos da capacidade nutritiva da ração, conforme é consumida, serviriam para orientar as necessidades, de modo a assegurar a boa nutrição das tropas. *Isto é responsabilidade do comando.* (Veja-se AR 40-250; AR 40-205; Circular WD 149, de 21 de maio de 1945).

b — *Desidratação* — Na selva onde a umidade é elevada, o suor não se evapora mas sim, corre pelo corpo; portanto a refrigeração é menos eficiente e as perdas d'água são maiores. Esta perda através o suor associa-se à perda de sal. Se esta água não for substituída perde-se logo a eficiência física e, mais tarde, desenvolver-se-á a exaustão pelo calor ou a insolação. O sal perdido também deve ser substituído ao mesmo tempo que a água, ou apresentar-se-ão câimbras nos músculos do abdômen e das extremidades. A tropa deveria ser compelida a levar a máxima quantidade de sal possível, juntamente com seu alimento (sob as condições da selva isto não causaria sede porque o sal somente a aumenta quando existe em excesso) e necessitaria levá-lo na água de beber. Uma solução a 1/10 por cento é bem tolerada e, dentro de pouco tempo, o gosto torna-se suportável. Os oficiais da Companhia e seus auxiliares deverão estar aptos a reconhecer logo e tratar a exaustão pelo calor.

c — *Disciplina da água* — Deverá ser sempre exigida uma rigorosa disciplina para a água de beber (TB Méd. 175, de 19 de junho de

à qual
ou dois
deverão
uma gr
o corpo
beber v
(Clorin

d —
rigo do
Quando
a noite,
as meia
dência c
reduzindo
possível
cama de
a estação
na plata
e manter

e —
a lesões
para toda
sível. O
ferência
cante. M
diariamente
pode pro
suor e fo
infecções
todos os

O ba
nhar-se, n
schistosom
Quando a
energica e
o limpará
será usada
água limpa
uma vez q
como causa

de 1945).

6 — MA

Sem o
durante as

1945). Esta disciplina consiste em beber somente água purificada, à qual se tenha juntado 1/10 por cento de sal (1/4 de colher de chá ou dois tabletes de cerca de 6.5 grms. em cada cantil). Os soldados deverão beber tanto quanto o exigir a sua sede. Não será bebida uma grande quantidade de água fria enquanto o soldado estiver com o corpo aquecido, o que poderá causar dores de estômago. É melhor beber vagarosamente, "contando os goles". Dois tabletes de Halazone (Clorina) em um cantil d'água, esterilizá-la-ão em 30 minutos.

d — *Resfriado* — Em algumas áreas da selva pode haver o perigo dos homens se resfriarem à noite, se dormirem no chão úmido. Quando o calor não for suficiente para que o suor continue durante a noite, os homens deverão trocar a roupa por outra, seca, inclusive as meias. Isto prevenirá os resfriados e, deste modo, a baixa incidência de doenças respiratórias. Além disto a pele será mantida seca reduzindo-se, por este meio, as irritações e infecções da pele. Quando possível serão usadas macas para dormir. Caso contrário usa-se uma cama de folhas ou de capim coberta com uma platibanda. Durante a estação chuvosa constrói-se uma tenda, suspensa sobre uma pequena plataforma, a fim de que se possa dormir isolado do chão molhado e manter-se seco. É útil o uso de uma manta.

e — *Pés e pele* — Grande número de infecções pode seguir-se a lesões da pele, em qualquer parte do corpo. O melhor preventivo para todas as infecções dos pés é mantê-los secos, tanto quanto possível. Os pés serão lavados com água e sabão, diariamente, de preferência à noite, bem enxutos e levemente pulverizados com pó secante. Meias limpas deverão ser calçadas todas as vezes, mudando-as diariamente, embora secas. O uso excessivo de pó secante nos pés pode produzir maceração da pele logo que esta se torne úmida pelo suor e formar massas endurecidas entre os dedos. Para reduzir as infecções da pele deve-se instruir os soldados a fim de que tratem todos os pequenos cortes ou mordidas de insetos.

O banho de mar, geralmente, é satisfatório mas é perigoso banhar-se, nadar ou nadear em águas interiores porque podem conter schistosomas, parasita que pode invadir o organismo através da pele. Quando as possibilidades de banho não forem grandes, uma fricção enérgica com uma toalha, enquanto o corpo estiver molhado de suor, o limpará. Uma pequena quantidade de sabão num pano molhado será usada para as axilas e virilhas, seguida de uma lavagem com água limpa. São aconselhadas inspeções freqüentes dos pés e da pele uma vez que as infecções desta são secundadas somente pela malária, como causa de incapacidade (Veja-se Circular WD n.º 146, de maio de 1945).

6 — *MALÁRIA*

Sem os meios adequados para a prevenção e controle da malária durante as operações na selva, a incapacidade dela decorrente pode

resultar numa derrota militar. Ela pode tornar-se a maior causa de incapacidade do pessoal militar, nas operações da selva.

O seguinte é um resumo das medidas preventivas e sanitárias, para o efetivo controle da malária, em um de nossos Teatros de Operações.

a — Antes do movimento de um comando numa área palustre:

(1) — Vigilância sanitária para determinar o efeito provável das condições ou o índice de doença das tropas, bem como a preponderância da malária e outras doenças transmitidas por inseto. Quando a situação militar permitir, pessoal médico especialmente treinado, será mandado adiante das tropas a fim de exercer uma vigilância sanitária da zona e determinar as recomendações necessárias.

(2) — Um oficial médico, especialista em doenças tropicais, será adido ao Estado-Maior do comandante, para aconselhar a respeito dos perigos da malária, nas várias localidades para acampamentos e bivaques que forem propostos e supervisionar a disciplina e o serviço anti-malárico. As unidades de vigilância e controle da malária ficarão adidas quando as operações táticas o permitirem e o malariologista será ouvido o mais possível.

(3) — Os oficiais do comando prepararão e treinarão todos os detalhes para prevenção da malária, em cada Companhia, Bateria, Esquadrão ou nas Unidades menores. Os detalhes serão executados por um sargento e dois soldados em cada Companhia de Infantaria e um número proporcional para cada Pequena Unidade, será executado de acordo com esses detalhes, que serão ampliados quando se tornar necessário. O comandante da Unidade será responsável pelo trabalho anti-malárico, uma vez que este seja aconselhado pelo médico regimental (Circular WD 117, de abril de 1945 e Circular de Treinamento n.º 16, de abril de 1945).

(4) — Todos os militares serão muito bem treinados antes da partida, executando todas as medidas anti-maláricas.

(5) — Cada equipamento individual incluirá os seguintes suprimentos e materiais para prevenção da malária;

Mosquiteiro ou maca completa para uso na selva.

Mosquiteiros para cabeça.

Luvax.

Repelente contra mosquito — garrafa de duas onças (cerca de 56 grms.)

30 tabletes de Atebrina, de 0,1 gm, (cerca de 1 gm. cada um).

(6) — Cada organização será provida do seguinte estoque para um mês :

Mosquiteiro — 25 para cada 100 homens.

Mosquiteiros para cabeça — 10 para cada 100 homens.

Repelente contra mosquito — 400 garrafas de duas onças para cada 100 homens.

Equ

b —

(1) —
execução
trução reg
de outras

(2) —
conselho
das às zon
citado qua
cionarem a
tablete de
à hora das
eficiente. A
causa da
O tratame
de se asse
65, 72 e 1

b —

(1) —

(II) —

Luvax — 10 pares para cada 100 homens.

Tabletes de Atebrina — 0.10 gramas. — (cêrca de 1 grm. cada um) 3.000 para cada 100 homens, para tratamento curativo.

Inseticida aerossolúvel — recipiente de uma libra (cêrca de 450 grms.) 300 para cada 1.000 homens. (Veja-se Circular WD n.º 163, de junho de 1945).

Equipamento :

Pulverizador manual para inseticida — 10 para cada 100 homens.

Pulverizador, tipo mochila — um para cada 200 homens ou menos.

Malariol (ou óleo Diesel n.º 2) — um tambor de 50 galões para cada pulverizador tipo mochila.

Inseticida para ser usado nos pulverizadores manuais — 5 galões para cada 100 homens.

Quantidades suplementares de DDT.

Os suprimentos para as unidades anti-maláricas serão cuidadosamente marcados e carregados em um *lugar prontamente acessível do navio*, a fim de poderem ser utilizados logo após a chegada (Carga de Combate).

b — Medidas anti-maláricas a serem tomadas nas zonas de malária : (TB Méd. 164 e Circular WD 189, de junho de 1945).

(1) — Os comandantes de unidades serão responsáveis pela execução das medidas anti-maláricas. Os oficiais médicos darão instrução regular sobre as medidas de controle da malária bem como de outras referentes a higiene e saúde.

(2) — (a) — O tratamento profilático pode ser iniciado, a conselho do Departamento Médico, quando as tropas forem enviadas às zonas de malária. Em geral o tratamento preventivo será executado quando as medidas para controle dos mosquitos não proporcionarem a proteção adequada contra a malária. A tomada de um tablete de Atebrina (0.1 grm.) uma vez por dia, com um pouco d'água, à hora das refeições, durante os sete dias da semana, se tem revelado eficiente. A pele pode mostrar-se um pouco corada em amarelo, por causa da Atebrina, o que desaparece quando a droga é suspensa. O tratamento profilático será supervisionado por um *oficial* a fim de se assegurar que cada soldado tome a medicação. (TB Méd-nºs. 65, 72 e 136).

b — Método para a Administração da Atebrina às tropas :

(I) — Pessoal por pelotão : um oficial; um sargento e dois soldados.

(II) — Obrigações (Como se especifica abaixo).

(III) — Equipamento :

Suprimento d'água (em saco Lister).

Duas pequenas mesas (ou uma mesa de 12 pés — mais ou menos 3.6 metros).

Pode-se usar qualquer substituto para esta mesa, quando em combate.

Relação alfabética dos homens da Companhia (por pelotões).

Suprimento de Atebrina.

(IV) — Momento para Execução : depois da refeição — de preferência a da tarde.

(V) — Técnica : põe-se os soldados em linha e faz-se a chamada; manda-se-os avançar para o saco de água Lister, com seus respectivos copos na mão. O soldado encarregado da distribuição serve cerca de meia polegada d'água (um gole). Deve-se evitar a confusão.

Com o copo na *mão esquerda*, o soldado encaminha-se para o distribuidor que tem os tabletes de Atebrina (o intervalo do soldado mais próximo não deve ser menor do que um metro) a fim de evitar esforços desnecessários. A dose de Atebrina é posta na *mão direita*, aberta (por um outro soldado). Sob hipótese alguma permite-se que o próprio soldado sirva-se dos tabletes de Atebrina. Sem fechar sua mão direita o soldado, sob as vistas do oficial, põe a Atebrina na boca, bebe todo o conteúdo da água do copo e vira-o, vazio, sobre a mesa — tudo isto sob a supervisão do oficial, do *começo ao fim*.

O próximo soldado encaminha-se para o sargento dando o nome, posto e unidade e espera até que seu nome seja posto na relação mantendo, sempre o intervalo de cerca de um metro do companheiro seguinte. Depois que seu nome seja tirado da relação ele entra, então, e "á vontade", em segunda formação, onde será observado durante cinco minutos para evitar que seja executado qualquer esforço não permitido não prejudicando, assim, a ação da Atebrina.

A disciplina da Atebrina deve ser ótima !!!

(VI) — Resultados : Esta administração supervisionada da Atebrina provoca regularmente a completa cessação dos acessos de malária nas grandes corporações de homens (em todas as situações) que, previamente, tenham estado sujeitos aos acessos desta doença. Esta orientação pode ser modificada a fim de dar combate à doença em quaisquer condições existentes na frente.

(3) — A escolha dos locais para acampamentos e bivaques será feita evitando, se possível :

(a) — proximidade dos acampamentos ou vilas nativas (toque de recolher — não serão permitidos na área do acampamento ou bivaque, os trabalhadores nativos, entre o pôr do sol e a alvorada).

(b) —
tidade de r
malariologis

(4) —
forme se s

(a) —
Tôda a trop
até a madru
nas, das mo
tropicais.

(b) —
Os comandar
los; e, por
usados eficie

(c) —
durante o se
pre que poss
viço não pos
tôdas as sup
repetido a in

(5) —
segue, serão
(a)

mente em cad

(b) — C
rizado diário
tados.

(c) — C
de um raio d
rados ou cob
atenção será
escavações fei
de coco, latas
mandante verif
gem das larvas

(d) — A
é recomendada
doenças.

7 — DENG

Esta febre
o pessoal milita
as gerações dos
aconselhou a re
contra a mordid
ocasião em que

(b) — Áreas nas quais se saiba da existência de grande quantidade de mosquitos transmissores de malária — desaprovadas pelo malariologista.

(4) — Serão tomadas medidas de proteção individual conforme se segue :

(a) — É proibido o uso de calções e camisas sem mangas. Toda a tropa usará camisas de mangas compridas desde o anoitecer até a madrugada. Usará polainas para proteger os tornozelos e pernas, das mordidas dos mosquitos e das lesões originárias de doenças tropicais.

(b) — Exigir-se-á que todo o pessoal durma sob mosquiteiros. Os comandantes de unidades instruirão a tropa sobre o modo de usá-los; e, por inspeções freqüentes, à noite, verificarão se estão sendo usados eficientemente.

(c) — Os mosquiteiros para cabeça e as luvas serão usados durante o serviço de guarda ou qualquer outro serviço noturno, sempre que possível. Os oficiais e os soldados que, em virtude do serviço não possam usar as luvas e os mosquiteiros de cabeça, cobrirão todas as superfícies expostas da pele com o repelente — o que será repetido a intervalos de poucas horas.

(5) — As medidas de proteção contra os mosquitos, como se segue, serão iniciadas logo após a chegada nas zonas de malária.

(a) — A matança à mão, dos mosquitos será feita diariamente em cada barraca e tenda existente dentro da área.

(b) — Cada tenda, barraca ou local para dormir será pulverizado *diariamente* com inseticida a fim de matar os mosquitos infectados.

(c) — Os locais de origem das larvas dos mosquitos, dentro de um raio de meia milha do acampamento, serão drenados, aterrados ou cobertos de óleo pela unidade anti-malária especial. A atenção será particularmente dividida para as águas estagnadas nas escavações feitas pelo homem, marcas de rodas, pedaços de casca de coco, latas vazias e outros depósitos. É responsabilidade do comandante verificar se o programa para a destruição dos locais de origem das larvas é levado a efeito eficientemente.

(d) — A pulverização, por avião, com DDT, de toda a área, é recomendada para o controle de certos insetos transmissores de doenças.

7 — DENGUE : —

Esta febre causou considerável sofrimento e incapacidade entre o pessoal militar. Sua prevenção é feita inteiramente, eliminando-se as gerações dos mosquitos e evitando as suas picadas, conforme se aconselhou a respeito da malária. Tornam-se necessárias precauções contra a mordida dos mosquitos vetores durante o dia, pois é esta a ocasião em que eles são perigosos.

8 — TIFO EXANTEMÁTICO BENIGNO : —

De incidência baixa mas importante em virtude da mortalidade média de, aproximadamente, 5%. A vacina contra o tifo exantemático comum não oferece proteção. O uso de repelentes de insetos, a limpeza da vegetação e o impedimento, quando possível, do seu crescimento nas áreas tropicais, são as únicas medidas conhecidas para evitar a infecção. Toda a tropa deverá ser obrigada a usar roupas impregnadas de Dimetil-ftalato.

9 — DISENTERIA : —

A disenteria prevalece, usualmente, entre os nativos que, muitas vezes, agem como portadores. Eles não deverão ser empregados nas proximidades do rancho. O alimento e a água naturais são perigosos. A água deverá ser purificada e todos os alimentos serão cozidos antes de ingeridos. Se se quiser autorizar o uso de vegetais e frutas deverá ser feita a desinfecção, depois de lavados, pela impregnação de germicida Rinse.

Devem ser reforçadas as disposições sanitárias para a sua completa eliminação. Todos os excrementos humanos serão cobertos para evitar que as moscas tenham acesso a eles. Ensina-se os homens a lavar as mãos antes de comer, usando a água do cantil, se necessário. Quando forem usados, os utensílios para as refeições devem ser esterilizados mergulhando-se-os em água fervente. A breve exposição a desinfetantes químicos, tais como a clorina, não é suficiente para matar todos os germes. A água fervente pode ser usada para desinfetar utensílios para as refeições, pouco antes das mesmas, como medida de segurança adicional. Como todas as outras medidas preventivas a disciplina sanitária deve ser contínua para ser efetiva. Qualquer relaxamento é, seguramente, seguido de um surto da doença.

10 — DOENÇAS VENÉREAS : —

Muito comuns entre os nativos, cujo standard moral pode ser considerado não muito elevado. A troca de cigarros, tabacos, açúcar e barras de chocolate ou outro alimento, um pedaço de sabão ou mesmo tabletes de quinina (muito desejado pelos nativos) pode preparar o soldado para o contágio sexual. Mantenham-se os homens afastados das vilas nativas e tenham-se bem marcados os postos profiláticos a serem utilizados, devendo a sua localização ser conhecida do comando. As instruções para a prevenção das doenças venéreas e a boa disciplina da tropa mostrarão, aqui, os seus resultados.

11 — INSETOS E COBRAS : —

a — Carrapatos, sanguessugas e pulgas serão procurados, uma vez ou mais por dia, sendo removidos cuidadosamente os carrapatos e as sanguessugas. Uma ponta de cigarro molhada ou qualquer gordura farão com que eles se desprendam, tornando fácil e completa a

sua remoção
a ferida com

b — A
palmente su
roupa pode
pulverizado
braços e o
contra as p
será obtido.

Deve-se
secos de ma
ser usados p

c — A
(e leishman
São tão per
comuns, ser
repelente de
de finas mal
usado eficien

d — A
são especial
modo de ev
fim de não
troncos de a
mordidas e
das pernas.
pequeno —

Os hom
dos para ate
cando qualq
a ferida, dan
sário. Mata
sem demora.

12 — VILA

Devem
infectadas co
filariose e ch
e certas áreas
temático. D
evitadas pela
ai sem neces
venientes os
Os acampame
uma milha al
159 e 166).

sua remoção. Podem ser usadas pinças para isto e, depois, toca-se a ferida com tintura de iodo, para desinfetá-la.

b — As pulgas podem produzir extensas lesões na pele, principalmente se as picadas forem coçadas. O Dimetilftalato posto na roupa pode diminuir o número das picadas. O repelente de insetos pulverizado na roupa que cobre as partes inferiores das pernas e dos braços e o pescoço, completa a proteção tanto contra carrapatos como contra as pulgas. Vestindo roupas impregnadas o mesmo resultado será obtido.

Deve-se evitar sentar-se diretamente no chão ou sobre troncos secos de madeira. A pomada de fenol (ou a loção) ou o iodo podem ser usados para melhorar a coceira.

c — As moscas da areia são transmissoras de uma febre própria (e leishmaniose) e são desagradáveis à noite, irritantes e persistentes. São tão pequenas que passam através das malhas dos mosquiteiros comuns, sendo atraídas à noite, pelas luzes. O uso à vontade, do repelente de insetos e o fato de dormir à noite sob um mosquiteiro de finas malhas é um bom processo para evitá-las. O DDT pode ser usado eficientemente sobre os mosquiteiros.

d — As serpentes existentes nos trópicos, as najas e as víboras são especialmente perigosas. Dever-se-á instruir a tropa sobre o modo de evitar suas mordidas e ao mesmo tempo será prevenida, a fim de não andar sem sapatos ou não colocar as mãos sobre lages ou troncos de árvores, onde elas possam ocultar-se. A maior parte das mordidas é nas mãos e antebraços, pés, tornozelos e partes inferiores das pernas. O número atual de pessoas mordidas é relativamente pequeno — as mortes, raras.

Os homens do posto de socorro da Companhia estarão preparados para atender prontamente em caso de mordidas de cobras, aplicando qualquer espécie de torniquete (cordão de sapato), incisando a ferida, dando massagens e chupando-a imediatamente, caso necessário. Matar a cobra para identificação e mandá-la ao oficial médico, sem demora. *Manter o paciente em repouso absoluto.*

12 — VILA NATIVAS : —

Devem ser ocupadas todas as vilas nativas tropicais que estejam infectadas com : doenças venéreas, febre tifóide e disenteria ; dengue, filariose e chistomiose ; malária ; parasitas intestinais (todos os tipos) ; e certas áreas em que, possivelmente, existam peste, cólera e tifo exantemático. Durante a campanha as vilas e barracas dos nativos serão evitadas pela tropa e as patrulhas cuidarão para que ninguém entre aí sem necessidade. É PROIBIDA A ENTRADA ! Não são convenientes os acampamentos na imediata vizinhança das vilas nativas. Os acampamentos (ou bivaques) deverão ficar localizados a mais de uma milha além destas vilas. (Veja-se TB Méd. n.ºs. 124, 138, 142, 159 e 166).

13 — *SERVIÇO EM CAMPANHA NOS TRÓPICOS* : —

A tropa será substituída de 3 em 3 ou 4 em 4 meses para descanso e recuperação, se a situação tática o permitir; de outro modo poderá desenvolver-se uma quantidade apreciável de incapacidades, motivadas por doenças. Deve-se mandá-la a um Campo de Repouso, em lugares altos ou em uma boa praia, para uma boa alimentação, um sono reparador, repouso, diversões, recuperação e reabilitação.

14 — *EVACUAÇÃO E HOSPITALIZAÇÃO* : —

O seguinte plano geral para hospitalização e evacuação foi empregado com sucesso por uma Divisão americana, durante operações de combate ativo sob as condições da selva. Seu sucesso é atribuído à adaptação dos meios encontrados à mão, aos problemas que se apresentaram. Padioleiros do Exército, carregadores nativos, canoas, pequenos botes, barcas de desembarque, ambulâncias, jipes e transportes aéreos foram empregados nos diversos escalões. Os animais — se utilizáveis — poderão prestar grandes auxílios. O serviço médico para cada um dos três agrupamentos táticos regimentais consistiu em destacamentos de saúde regimentais, uma Companhia de Coleta e um Pelotão da Companhia de Evacuação do Batalhão de Saúde da Divisão, mais três hospitais cirúrgicos transportáveis (4 oficiais e 33 soldados cada um). A Companhia de Coleta, organizada com três pelotões iguais, cada um contendo uma secção de enfermeiros, uma secção de padioleiros e uma secção ambulância — tendo, cada Batalhão de Infantaria, um desses pelotões mais um hospital cirúrgico transportável, de apoio, para intervenções cirúrgicas mais demoradas.

O primeiro Escalão de Evacuação era composto de secções de saúde dos Batalhões de Infantaria, com seus Postos de Socorro instalados o mais na frente possível — 180 a 360 metros da frente — ocultos e desenhados em terreno seco.

O segundo escalão de Evacuação era levado pelo pelotão de coleta sendo instalado o seu posto além da linha dos morteiros — cerca de 700 a 1.400 metros à retaguarda, em plena selva — oculto e camuflado, perto de uma picada. Todos os doentes e feridos eram evacuados para o posto de coleta, a pé ou transportados por padioleiros. Os casos de intervenção cirúrgica de urgência eram prontamente levados em padiolas para o hospital cirúrgico mais próximo, onde muitas operações eram efetuadas diariamente. Os feridos menos graves e os doentes que não precisavam ficar retidos, eram mandados para o Posto de Evacuação, usando-se "jeeps", caso fôsse possível. Os doentes que pudessem ser recuperados em dois ou três dias ficavam,

para tr
era, ent
grande

O
localizaç
muitas i
período
lância "
panha (a
de um lo
de hospi
aviões de
tais de G
básicas o

15 — *SU*

As se
as tropas

a — *Pr*

(1) —

TAR TO
DOS DEN

(2) —

fôra da bar

(3) —

ZES ESTI

(4) —

nuir o núm
nas áreas g

(5) —

teria deverá

(a)

de

(b)

tici

se p

(c)

inst

b — *Alto*

(1) —

em abundânc

(2) —

para tratamento, no Posto de Coleta de feridos. Neste, a triagem era, então, feita cuidadosamente. Os carregadores nativos foram de grande utilidade.

O terceiro Escalão de Evacuação começava no Posto de Socorro, localizado, geralmente, de 3.200 a 4.800 metros à retaguarda, onde muitas intervenções cirúrgicas eram praticadas. Depois de um certo período de repouso de vários dias os doentes eram levados em ambulância "jeep", através de pequenas estradas, para o Hospital de Campanha (agindo como Hospital de Evacuação), que era instalado perto de um local de desembarque. Os feridos e doentes que necessitassem de hospitalização e tratamento posteriores eram transportados por aviões de carga ou de ligação a 160 quilômetros ou mais, para hospitais de Guarnição e de Evacuação (sob lonas) localizados em secções básicas ou avançadas, na zona de comunicações.

15 — SUMARIO

As seguintes precauções foram recomendadas pelos médicos para as tropas combatentes, na selva, na área do Pacífico Sudoeste.

a — *Profilaxia da Malária* : —

(1) — Dormir sob mosquiteiro — prendendo-o bem. — MATAR TODOS OS MOSQUITOS QUE FOREM ENCONTRADOS DENTRO DELE.

(2) — Usar mosquiteiros de cabeça e outros protetores, quando fôr da barraca, à noite. Usar o repelente.

(3) — TOMAR ATEBRINA CONFORME AS DIRETRIZES ESTIPULADAS — AJUDA A PREVENIR A MALÁRIA.

(4) — Vestir calças compridas e camisas com manga para diminuir o número de mordidas dos insectos. Usar roupas impregnadas, nas áreas grandemente malarígenas.

(5) — Cada esquadra anti-malárica de uma Companhia ou Bateria deverá :

(a) — Procurar e destruir os locais em que existam fontes de mosquito;

(b) — Desinfetando os arranhões e as mordidas dos insectos com a aerossol. Se ocupados durante vários dias deve-se pulverizar DDT.

(c) — Estar constantemente alerta para evitar a violação das instruções acima.

b — *Alto Stândard de Higiene e Saúde* :

(1) — Observar estritamente a disciplina da água mas, bebê-la em abundância, conforme as diretivas.

(2) — Usar os tablets de sal, conforme as diretivas.

(3) — Evitar os resfriados :

- (a) — Dormindo sêco;
- (b) — Não dormindo em chão úmido;
- (c) — Cobrindo a barriga e o peito, à noite.

(4) — Manter a pele limpa :

- (a) — Banhando-se diariamente, com sabão;
- (b) — Desinfetando os arranhões e as mordidas dos insetos, usando pó nos lugares feridos;
- (c) — Mudando as meias frequentemente.

(5) — Lavar a roupa pelo menos duas vezes por semana e secá-la bem.

(6) — Manter as áreas próximas convenientemente limpas.

(6) — CONSERVAR-SE FORTE COMENDO TÔDA SUA RAÇÃO.

c — Que se deve fazer quando for ferido :

(1) — Tomar os comprimidos de Sulfá, de acôrdo com as instruções.

(2) — Aplicar o curativo à ferida.

(3) — Afastar-se das picadas — para pôr-se fóra do alcance das armas japonesas.

Pedir socorro.

(4) — NÃO PERDER OU ESQUECER SEU EQUIPAMENTO MÉDICO (Medical, M-2).

16 — CONCLUSÃO :

A tropa bem disciplinada, experimentada pelo treinamento na selva, não deverá prestar serviços sob condições prejudiciais à boa saúde, mas deverá ser BEM DISCIPLINADA sob todos os pontos de vista.

ESTUDAI E CONHECEI A SELVA E, ENTÃO, FAZEI DELA VOSSA ALIADA !!!

CENTR

VII — TIRO

(a) — S3 (o

(1) — Receb
Gr. e
tenha
signa
e mur

(2) — Entreg
jetivo
que o

(3) — Em 1
(trans
(majo

(4) — Alerta
ração
fornec

(5) — O S3
desenc
tal A.
mecan
prêgo
ter pa

(6) — Deter
gundo

(b) — C. H.

(1) — Loca
tório.

(2) — Fornec
bias, o
ção ao
tiros i

CENTRALIZAÇÃO DO TIRO

Continuação do Cap. 4

VII — TIROS PREVISTOS — Funcionamento da C. T.

(a) — S3 (ou Adj. S3) —

- (1) — Recebe o "repertório dos tiros previstos do Cmt. do Gr. e completa esse repertório com os dados que não tenham sido ainda fixados — unidade que atira, designação do tiro, dimensões, escalonamento de alças e munição.
- (2) — Entrega o repertório ao CH. para que este loque os objetivos na PR.T.; o CH. lê as coordenadas alto para que o C.V. possa também lançá-los.
- (3) — Em face dessa locação decide o processo de tiro (transporte sobre tal A.A.) e as dimensões a bater (majorações).
- (4) — Alerta então os calculadores para iniciarem a elaboração das "fichas de tiro" com os dados que vão ser fornecidos pelo próprio S3, pelo C. H. e pelo C. V.
- (5) — O S3 fornece: — designação do objetivo, coordenadas, desencadeamento, processo de tiro (transporte sobre tal A.A.), munição projétil, carga e espoleta, feixe, mecanismo de eficácia escalonamento de alça. O emprego do QUADRO DO S3, permite rapidamente obter parte desses dados.
- (6) — Determina aos calculadores a execução dos tiros segundo o horário fixado ou quando pedidos.

(b) — C. H.

- (1) — Loca na Pr.T. os objetivos que constarem no repertório.
- (2) — Fornece aos calculadores, a correção para todas as bias, o transporte e o alcance para cada bia, em relação ao A.A. fixado pelo S3 (semelhantemente aos tiros inopinados).

(c) — C. V.

Quando pedido pelos calculadores, fornece o sítio, já incluídas a correção complementar e altura tipo no caso de tiro de tempo.

(d) — *Calculadores* —

- (1) — Organiza a "ficha de tiro" em duas vias (papel carbono), uma para o C.T. e outra para o C.L.F...
- (2) — Recebe do S3, CH e CV os dados necessários ao preenchimento da "ficha de tiro".
- (3) — Completa essa ficha nas seguintes partes:
 - duração do trajeto (informação para permitir o T.O.).
 - alça (tirada na T.G.T. para o K correspondente ao A.A. fixado pelo S3).
 - contra derivação e centragem do feixe.
 - tempo (si fôr o caso), tirado na T.G.T.
 - vigilância (soma algébrica da correção, c/derivação, transporte e centragem).
 - distribuição (adaptação do feixe).
 - alça (comando).
- (4) — Si posteriormente à elaboração da ficha, fôrem realizadas novas regulações ou sondagens e em consequência achadas novas correções em direção, tempo e alcance, o calculador cancela os valores constantes da ficha e registra em baixo os novos valores, salvo para a direção, cuja nova correção é carregada na casa "correção individual".
- (5) — No momento do desencadeamento de um tiro determinado (ordem do S3), o calculador transmite a ordem ao C.L.F. como no exemplo abaixo:

Concentração 101

Dr. 12 (correção individual a introduzir no comando anterior).

Tempo 18,6 (novo tempo corrigido).

Alça 360 (nova alça corrigida).

TIROS INOPINADOS — EXEMPLOS

I — Situação —

Um Gr. 105 M2 está em posição pronto para executar tiros inopinados na sua zona de ação. A prancheta de tiro é

uma P.T.T. organizada pela turma de levantamento (Pr. 1 anexa). A 2.^a Bia regulou com sua P.D., sôbre o P.V. e sôbre o A.A.2 tendo em vista a preparação experimental. A frente das bias é de:

- 1.^a Bia. — 100 m int. regulares;
- 2.^a Bia. — 100 m int. regulares;
- 3.^a Bia. — 80 m int. regulares.

II — Preparação experimental —

O resultado das regulações nos deu as seguintes correções:

	<i>Ex. 6 I</i>		<i>Ex. 7 I</i>
	<i>Dr. 17</i>		<i>Dr. 14</i>
P. V.	{ 4910	A. A. 2	{ 7270
	{ —		{ —
	{ 262		{ 330

III — Crédito de munição diário — 50 t/p/d.

IV — 1.^a Missão —

- 1) — Mensagem — "Aqui POG. Missão de tiro Polar 270 Dr. 3100, sítio menos 20. Seção obuzes infantaria 100 por 200. Eficácia".
- 2) — Decisões e ordens do S3 — Vide "ficha do S3" anexa.
- 3) — Comandos às bias — Vide "ficha de calculador" anexa. (só da 2.^a Bia.).

V — 2.^a Missão —

- 1) — Mensagem — "Aqui Alma 2. Missão de tiro. Do P. V. "Aqui Alma 2. Missão de tiro. Do P.V., Dr. 200 Ab 10 Alo. 100. Reunião 10 viaturas pessoal. Grupo. Eficácia.
- 2) — Decisões e ordens do S3 — Vide ficha anexa.
- 3) — Comandos às bias. — Idem.

VI — 3.^a Missão —

- 1) — Mensagem — "Aqui PO 1. Missão de tiro. Polar 20 Es. 4000 Sítio menos 5. Ponto forte inimigo 200 por 200. Eficácia.

VII — 4.^a Missão —

- 1) — Mensagem — "Aqui POG. Missão de tiro. Polar 160 Dr. 3200. Sítio — 10. Pel. Morteiros em posição. Grupo. Regularrei.

FICHA DE TIRO DO S3

Origem do pedido: _____ Hora do pedido 7 02 Missão n.º 1
 P. O. G. _____ Hora do desencad.º 7 06 Data 18-5-47

Missão de Tiro

Dr. 270, 3100, — 20
 Seção obuzes infantaria
 100 x 200 Eficácia

Ordem do Cmt. do Grupo:

Bater todos os objetivos designados com a seguinte prioridade: Of. de ligação, obs. avançados, observatórios do Grupo e Bias., outros.

DECISÕES DO S3

	P. V.
Transporte sobre o _____	
Dimensões do obj.º _____	100 X 200
Dimensões majoradas (1) _____	150 X 200
	Grupo
N.º de bias _____	
Quantidade de munição _____	48
	1
Duração da eficácia _____	

MUNIÇÃO

	600
Existente: _____	
	48
Creditada: _____	
Fica existindo: _____	502

ORDEM DO S3

(Aos calculadores e observador do tiro)

	Conc. n.º 1
Nome e n.º da missão _____	
	Grupo
Unid. que atira (m) _____	
Unid. que regula (1) _____	
Quem observa (1) _____	16 Ex. 61
Munição (por bia) _____	
	Conv.
Feixe (2) _____	
	Por 4
Mec.º de eficácia _____	
Escal.º de alça _____	AMC
Desencadeamento (3) _____	
Horário e cadências (4) _____	

Comunicação ao Escalão Superior
 No relatório diário

NOTAS

- (1) — Si fôr o caso.
 (2) — Si "normal", n.º comandar.
 (3) — QP = quando pronto; AMC = ao meu comando.
 TO = tempo no objetivo; H = hora tal;
 (4) — Si tiver horário, não será dado o mecanismo da eficácia.

FICHA DE CALCULADOR

2.ª Bateria

FRENTE DA BIA 100	Hora de Receb.º da Missão	7.03	MISSÃO N.º	1
	Hora que terminou	7.07	DATA	18/5/1947

MISSÃO DE TIRO: Dr. 270, 3100,
— 20, Seção obuzes infantaria
100 x 200. Eficácia.

ORDEM DO S3: Transp. s/o P.V.
C 1, Gr. 16 Ex. 6 I Conv. Q4 AMC.

DIREÇÃO

Corr. Dir. Dr. 17
Transp. Dr. 111
Deriv. Es. 5
Centragem —

ALCANCE

Distância 6100

COMANDO Dr. 123

OBSERVAÇÕES

COMANDO

Unidade Bia atenção
Missão C 1
Munição 16 Expl. 6 I
Direção Vigil. Dr. 125
Distribuição Sobre a 2ª fc. 5
Sítio Sítio 297
Mec. Eficácia Tôda a bia!
Por 4
M.º de desec.º A M C.
Regulação (si
fôr o caso)
Alça Alça 351

Horário

 COMANDOS
SUBSEQUENTES

MUNIÇÃO

Existente 200
Consumida 16
Fica existindo 184

Correção
Relocação

FICHA DE TIRO DO S/3

ORIGEM DO PEDIDO: —: HORA DO PEDIDO 9,00 MISSÃO N.º 2
 A 2 HORA DO DESENCAD.º 9,05 DATA 18/5/47

MISSÃO DE TIRO:

Do PV Dr 200 ab 10 Alo 100. Reunião 10 viat.
 pessoal Grupo. Eficácia

ORDEM DO CMT. DO GRUPO: (1)

Idem 1.ª missão

DECISÕES DO S/3:

Transporte sobre o

P. V.

Dimensões do obj.

x

Dimensões majoradas (1)

200x250

N.º de bias

Grupo

Quantidade de Mun.

72

ORDEM DO S/3

(Aos calculadores e observador do tiro)

Nome e n.º da missão

Conc. n.º 2

Unid. que atira (m)

Grupo

Unid. que regula (1)

—

Quem observa (1)

—

Munição (espécie)

24 Ex. 6 I

Feixe ()

—

Mec.º de eficácia

Por 3

Escal.º de alça

1/2 C

Desencadeamento (3)

A. M. C.

Horário e cadência (4)

—

FRENTE DA BLA 100 HORA DO RECEB.º DA MISSÃO 9.00 DATA 18/5/47
 " QUE TERMINOU 9.07 MISSÃO N.º 2

A 2

MISSÃO DE TIRO:

Do PV Dr 200 ab 10 Alo 100. Reunião 10 viat.
 pessoal. Grupo. Eficácia.

ORDEM DO S3: — Transp, S/ P.V., C 2. Gr.

24 Ex. 6 I. Q3. Esc. 1/2 C. A M C

COMANDO

Unidade Bia atenção!

Missão C 2

Munição 24 Explosivas 6 I

Direção Vigilância Dr. 59

Distribuição

Sítio Sítio 290

Mec. Eficácia Tôda a bia! Por 3!

M.º de desec.º

Regulação (si fôr o caso) A M C

Alça Alça 268

Horário

ALCANCE

DIREÇÃO

Corr. Dir. Dr. 17 Distância 5000

Transporte Dr. 42

Derivação 3

Centragem Dr. 3

COMANDO Dr. 59

FICHA DE CALCULADOR

1.ª Bateria

FRENTE DA BIA 100	HORA DE RECEB.º DA MISSÃO 9.02 " QUE TERMINOU 9.07	MISSÃO N.º 2 DATA 18/5/47
----------------------	---	--

MISSÃO DE TIRO:

Do PV Dr 200 ab 10 Alo 100 Reunião 10 viat.
pessoal. Grupo. Eficácia.

ORDEM DO S3 Transp. s/ P. V. C 2, Gr. 24 Ex.

6 I. Q3 Esc. 1/2 c. A M C

COMANDO

Unidade		Bia atenção!
Missão		C 2
Munição		24 Explosivas 6 I
Direção		Vigilância 64
Distribuição		
Sítio		Sítio 289
Mec. Eficácia		Tôda a bia! Por 3!
M.º de desc.º		
Regulação (si fôr o caso)		
Alça		Alça 264
Horário		

DIREÇÃO

		ALCANCE Distância
Corr. Dir.	Dr. 17	4870 + 50
Transporte	Dr. 47	4920
Derivação	Es. 3	
Centragem	Dr. 3	
COMANDO	Dr. 64	

FICHA DE CALCULADOR
3.ª Bateria

FRENTE DA BIA 80 HORA DO RECEB.º DA MISSÃO 9.02 MISSÃO N.º 2
" QUE TERMINOU 9.07 DATA 18/5/47

MISSÃO DE TIRO:

Do PV Dr 200 ab 10 Alo 100. Reunião 10 viat.
pessoal. Grupo. Eficácia.

ORDEM DO S3 — Transp. s/ P.V. C 2 Gr. 24

Ex. 6 I Q3 1/2c. A M C

COMANDO

Bia atenção!

C 2

24 Explosivas 6 I

Vigilância Dr. 57

Sobre a 2.ª Ab. 1

Sítio 291

Tôda a bia! Por 3!

A M C

Alça 264

ALCANCE

Corr. Dir.	Dr. 17	Distância	4980
			— 50
Transporte	Dr. 40		<u>4930</u>

Derivação Es. 3

Centragem Dr. 3

COMANDO Dr. 57

Unidade

Missão

Munição

Direção

Distribuição

Sítio

Mec. Eficácia

M.º de desec.º

Regulação (si fôr o caso)

Alça

Horário

FICHA DE TIRO DO S/3

ORIGEM DO PEDIDO: —: P. O. 1 HORA DO PEDIDO: 10.05 MISSAO N.º 3
HORA DO DESENCAD.: 10.08 DATA 18/5/47

MISSAO DE TIRO:

20 Es. 4000. sítio menos 5. Ponto forte inimigo.
200 por 200. Eficácia.

OREDEM DO CMT. DO GRUPO: (1)

Bater obj. revelados com a seguinte prioridade:
of. ligação, obs. avançados, obs. do Gr. e bias.

DECISÕES DO S/3:

Transporte sobre o A A 2
Dimensões do obj. 200x200
Dimensões majoradas 200x250
N.º de bias Grupo
Quantidade de Mun. 72

ORDEM DO S/3

(Aos calculadores e observador do tiro)

Nome e n.º da missão Conc. n.º 3
Unid. que atira (m) Grupo
Unid. que regula (1) —
Quem observa (1) —
Munição (espécie) 24 Ex. 7 I
Feixe () —
Mec.º de eficácia Por 3
Escal.º de alça 1/2 C
Desencadeamento (3) A. M. C.
Horário e cadência (4) —

F I C H A D E C A L C U L A D O R
2.ª Bateria

FRENTE DA BIA 100 HORA DO RECEB.º DA MISSÃO 10.05 DATA 18/5/47
" QUE TERMINOU 10.10 MISSÃO N.º 3

P O 1

MISSÃO DO TIROS — Es. 20 4000 — 5. Ponto.
forte in.º 200 x 200. Ef.

ORDEM DO S3: — Transp. s/ o A. A. 2 C 3 Gr.
24 Ex. 7 I. Por 3. Esc. 1/2 C A M C

DIREÇÃO

Corr. Dir. Dr. 14
Transporte Es. 187
Derivação Es. 4
Centragem Dr. 2
COMANDO Es. 175

ALCANCE

Distância 7000

C O M A N D O

Unidade

Bia atenção!

Missão

C 3

Munição

24 Explosivas 7 1

Direção

Vigilância Es. 175

Distribuição

Sítio

Sítio 300

Mec. Eficácia

Tôda a bia! Por 3!

M.º de desec.º

A M C

Regulação (si fôr o caso)

Alça

Alça 311

Horário

FICHA DE CALCULADOR

1.ª Bateria

FRENTE DA BIA 100 HORA DO RECEB.º DA SESSÃO 10.05 18/5/47
 " QUE TERMINOU 10.10 MISSÃO N.º 3

MISSÃO DO TIRO:

Idem da 2.ª

ORDEM DO S3:

Item da 2.ª

COMANDO

Unidade Bia atenção!

Missão C 3

Munição 24 Explosivas 7 I

Direção Vigilância Es 148

Distribuição

Sítio Sítio 299

Mec. Eficácia Tôda a bia! Por 3!

M.º de desec.º A M C

Regulação (si fôr o caso)

Alça Alça 311

Horário

ALCANCE

Corr. Dir.	Dr. 14	Distância	6950
Transporte	Es. 160		+ 50
Derivação	Es. 4		<u>7000</u>
Centragem	Dr. 2		
COMANDO	Es. 148		

FICHA DE CALCULADOR
3.ª Bateria

FRENTE DA BIA 80	HORA DO RECEB.º DA MISSÃO 10.05 " QUE TERMINOU 10.10	MISSÃO N.º 3 DATA 18/5/47
---------------------	---	--

MISSÃO DO TIRO:

Idem da 2.ª

ORDEM DO S3:

Item da 2.ª

DIREÇÃO

Corr. Dir.	Dr. 14
Transporte	Es. 219
Derivação	Es. 4
Centragem	Dr. 2
COMANDO	Es. 207

ALCANCE

Distância	6840
	— 50
	<u>6790</u>

COMANDO

Unidade	Bia atenção!
Missão	C 3
Munição	24 Explosivas 7 I
Direção	Vigilância Es 207
Distribuição	Sobre a 2.ª Ab. 1
Sítio	Sítio 301
Mec. Eficácia	Tôda a bia! Por 3!
M.º de desec.º	A M C
Regulação (si fôr o caso)	
Alça	Alça 297
Horário	

FICHA DE TIRO DO S3

Origem do pedido	Hora do pedido	11,00 Missão n.º 4
P O G	Hora do desencadeamento	11,04 Data 18//47

MISSÃO DE TIRO:

160 Dr. 3200 Sítio — 10. Pel.
Morteiros em pos. Gr. Regula-
rei.

Ordem do Cmt. do Grupo: (1)

DECISÕES DO S3

Transporte sobre o P. V.

Dimensões do objet.º x

Dimen. majoradas (1) 200x200

N.º de Bias. Gr.

Quantidade de munição 60

Duração de eficácia 2

MUNIÇÃO

Existente: 358

Creditada: 68

Fica existindo: 290

ORDEM DO S3

(Aos calculadores e observador
do tiro)

Nome e n.º da missão C n.º 4

Unid. que atira (m) Gr.

Unid. que regula (1) 2.ª Bia.

Quem observa (1) —

Munição (espécie) 20 Ex. 6 I

Feixe ()

Mec.º de eficácia Por 5

Escal.º de alça

Desencadeam.º (3) Q.P.

Horário e

cadência (4)

*Comunicação ao Escalão Superior
Imediata*

NOTAS

- (1) — Si fôr o caso.
(2) — Si "normal", não comandar.
(3) — QP = quando pronto; AMC = ao
meu comando T.O. = tempo no
objetivo; H = hora tel;
(4) — Si tiver horário, não será dado o
mecanismo de eficácia.

FICHA DE CALCULADOR

2.ª Bateria

FRENTE DA BIA Hora do Recb.º da Missão 11,00 MISSÃO N.º 4
 100 " que terminou 11,06 DATA 18/5/47

POG MISSÃO DO TIRO:

160 Dr. 3200 — 10. Pel. mort.
em pos. Gr. Reg.

ORDEM DO S/3:

C 4. Gr. 2.ª Bia 20 Ex. 6 I.
Q. P.

DIREÇÃO

Corr. Dir. Dr. 17

Transporte Dr. 47

Derivação Es. 5

Centragem Dr. 3

COMANDO Dr. 62

Alcance

Distân-
cia 6180

COMANDO

Unidade

Bia atenção!

Missão

C 4

Munição

20 Explosivas 6 I

Direção

Vigilância Dr. 62

Distribuição

Sítio

Sítio 300

Mec. Eficácia

Tôda a bia! Por 5!

M.º de desec.º

Regulação. Só o cen-
tro por 1.

Regulação (si
fôr o caso)

Alça

Alça 358

Horário

OBSERVAÇÕES

COMANDOS SUBSEQUENTES

Es 64

Alo 200

RD

Enc. 100

RD

Eficácia

Alo 50

MUNIÇÃO

Existente: 136

Consumida: 26

Fica existindo: 110

Es 10

A 373

A 365

Eficácia

A 369

Correção:

358

369

Es. 10

A + 11

Relocação:

Dr. 37

6320m

TIROS PREVISTOS — EXERCICIO**I — SITUAÇÃO —**

Um Grupo 105 M2 vai apoiar um ataque na manhã de D, ocupando posição ao anoitecer de D-1/D.

Na tarde de D-1 uma peça do Gr. fará as regulações necessárias, e na manhã de D, durante a preparação, os elementos serão reajustados. Durante a noite de D-1/D, o Gr. fará tiros de proteção.

II — PRANCHETA DE TIRO —

A turma de levantamento forneceu a prancheta de tiro topográfica (Tc. T/Pr.2). A posição a ocupar, é a posição F; observatório do Grupo F.

Constam na Pr. os seguintes pontos na área de objetivos: AA1, AA2, AA3, AA4, AA5, P.V. e T1 (LM 600-600).

Os objetivos do ataque constam n'um mosaico não controlado, e os pontos acima foram identificados no mosaico.

As coordenadas destes pontos no mosaico são:

- AA 1 — (BU — 980 — 280) — Altitude 415
- AA 2 — (AA — S — 730 — 143) — Altitude 389
- AA 3 — (AT — 110 — 397) — Altitude 408
- AA 4 — (BR — 075 — 923) — Altitude 408
- AA 5 — (CU — 620 — 130) — Altitude 428
- PV — (CS — 240 — 237) — Altitude 370.
- T 1 — (BS — 365 — 735) — Altitude 400

Os objetivos do ataque constam d'um mosaico não constituição baseada nesses pontos. A zona de ação é limitada pelos AA2 a esq. e o AA5 a dir.

III — DECISÕES DO S/3 —

- a. O S/3 decidiu regular na tarde de D-1 sobre os seguintes AA: — P.V. AA4 e AA1.

A escolha de dois AA, nas proximidades da linha amiga foi devida ao grande número de tiros nas proximidades dessa linha e particularmente devido as barragens de proteção a serem efetuadas na noite de D-1/D.

- b. *Escolha das cargas.* —

- (1) P.V. — dist. 3680m. somadas os 1500m de validade, nos dá cerca de 5200m. A carga 5 é suficiente.

- (2) AA4 — dist. 3590m. somados os 1500m. temos
cêrca de 5100m.. A carga 5 é suficiente.
- (3) AA1 — dist. 6095. somados os 1500m. temos
cêrca de 7500m. A carga 6 é suficiente.

c. *Escolha das munições.* —

Para os P.V. e AA4 explosiva tempo, para emprêgo em objetivos até cêrca de 5000m. (dispersão em altura aceitável na carga 5).

Para o AA1, explosiva instantânea, por já estar no limite de emprêgo do tiro de tempo.

d. *Ordem para execução das regulações* —

Expede ao Comdo. da 2.^a Bia uma ordem nos seguintes termos:

- (1) Desloque uma peça para a posição F a fim de realizar as regulações entre 17.00 e 18.00 horas sôbre os seguintes AA.:

P.V. (o atual), Vig. 3680m. sítio — 1., exp. 5 tempo.

AA4, (pequeno galpão, mosaico), Vig. Es. 315, 3590m, sítio + 9, exp. 5, tempo.

AA1. (árvore em bola, mosaico), Vig. Es. 161, 6095m, sítio + 7, exp. 6, instant.

- (2) As regulações serão conduzidas do P.O. F, sendo os dados de observação os seguintes:

P.V. — Dist. obs. 2650m; ang. obs. 250;

AA4 — Dist. obs. 2300m; ang. obs. 120;

AA1 — Dist. obs. 4900m; ang. obs. 100;

- e. O S/3 determina a execução da restituição dos objetivos que constam do repertório do Gr. (trabalho dos C.H. e C.V.).

IV — *PREPARAÇÃO EXPERIMENTAL* —

- a. As 18,00 horas, a C.T. recebeu os seguintes resultados das regulações:

P.V. — Ex. 5 T 13,5; Vig. Dr. 15; S 299; A 240.

AA4 — Ex. 5 T 14,0; Vig. Es. 302; S 309; A 230.

AA1 — Ex. 6 I; Vig. Es. 160; S 307; A 350.

- b. Comparando êsses resultados com os da carta (letra d acima), a C.T. achou as seguintes correções e relações de ajustagem das T. G. T. —

P.V. — Dr. 18,	3680m	3680m	, carga 5.
	240	13,5	
	3590m	3590m	
AA4 — Dr. 16,	230	14,0	, carga 5.
	6095m		
	350		
AA1 — Dr. 6, —————, carga 6.			

- c. O S/3 determina ao C.H. o registro das correções em direção acima, na face do T.D.A., dentro das faixas de validade também traçadas.
Determina aos calculadores e ajustagem das réguas.

V — PREPARO DOS TIROS —

- a. O S/3 resolveu preparar os tiros dentro da seguinte ordem de urgência:
- 1) — Tiros de proteção da posição atual:
 - (1) — determinados pelo escalão superior (Inquietação 20).
 - (2) — pedidos pela tropa apoiada (Barragens A, B e C).
 - 2) — Tiros da preparação (n.ºs 121, 122, 123, 141, 144 e 147).
 - 3) — Tiros de apoio ao ataque, a horário (125 a 128).
 - 4) — Tiros de proteção da posição futura (Barragens M e N).
 - 5) — Tiros de apoio ao ataque, a pedido (161 a 163, 200 a 207).
- b. Vai prepará-los em lote de 4, iniciando pela Inquietação 20 e Barragens A, B, C.
- c. Do estudo da locação na Pr. e das prescrições constantes do Repertório, decide o S/3:
- Inquietação 20 (100x100) Transporte sobre o AA1 — 2.ª Bateria 360 Ex. 6 I, das 00.00 às 06.00 horas.*
- Barragem A (perpendicular, 400m) Transporte sobre AA4 — 3.ª Bateria a esq., 2.ª Bateria a direita, 64 Ex. 5 I, feixe normal, por 16, desencadeamento ao foguete branco ou a pedido, cadência. 4.*
- Barragem B — (perpendicular 200m)*
- Barragem C — (obliqua 200m) transporte sobre o P.V.,*

2.ª bateria, 64 Ex. 5 I, feixe 140m, por 16, desencadeamento a pedido, cadência 4. Alças escalonadas entre as peças.

d. *Fichas de tiro* —

Anexo encontra-se a organizada pelo calculador da 2.ª Bia e seguem-se as explicações da sua confecção:
Inquietação 20 —

- 1 — Do Repertório (S/3)
- 2 — Fornecida pelo C.H.
- 3 — Do Repertório (S/3)
- 4 — " " "
- 5 — Desnecessário no caso.
- 6 — Alcance — fornecido pelo C.H.
Alça — lida na T.G.T. face ao índice do AA1.
- 7 — Correção — dada pelo C.H.
C/Dir. — lida na T.G.T. face ao índice do AA1.
- 8 — Transporte — dada pelo C. H.
Centragem — 1/6 da frente do feixe.
- 9 e 10 — Dados pelo C.V.
- 11, 12 e 13 — Fixados pelo S/3.
- 14 — Soma algébrica das casas 7 e 8.
- 15 — 1/3 da frente da bia menos a frente do feixe.
- 16 — Caso os intervalos entre as peças sejam irregulares.
- 17 — Tirado de 10.
- 18 — Fixado pelo S/3.
- 19 — Si fôr o caso.
- 20 — Tirado de 6.
- 21 — Outras decisões do S/3 etc. que não constam em outras casas.

Barragens A — (Perpendicular, 200m)

- 1 — Do Repertório (S/3)
- 2 — Fornecido pelo C.H.
- 3 e 4 — Do Repertório (S/3)
- 5 — Desnecessário.
- 6 — Alcance — fornecido pelo C.H; alça, tirada na T.G.T. face ao índice do AA4.
- 7 — Correção — dada pelo C.H.; c/der — lida na T.G.T face ao AA4;

- 8 — Transp. — dada pelo C.H.; centragem — $1/6$ frente do feixe, mais 50m, devido a ter de bater primeiro os 100m da direita.
- 9 e 10 — Dados pelo C.V.
- 11, 12 e 13 — S/3
- 14 — Soma de 7 e 8.
- 15 — $1/3$ da frente da bia menos a frente do feixe.
- 16 — para intervalos irregulares.
- 17 — vem de 10
- 18 — S/3 (cadência 4, durante 4 minutos)
- 19 —
- 20 — vem de 6.
- 21 — Outras decisões do S/3 que constam nos casos anteriores. Alterações em direção a ser feita de minuto em minuto para bater os 200m de frente atribuídos a 2.^a Bia. (100/D).

Barragem C — (obliqua, 200m)

- 1 — Do Repertório (S/3)
- 2 — C H
- 3 e 4 — Do Repertório (S/3)
- 6 — Alcance — Medido nas extremidades da barragem.
Alças — Tiradas as correspondentes aos alcances acima e o intervalo é repartido igualmente pelas duas outras peças (dividir a diferença das alças extremas por 3 e somar o valor achado sucessivamente).
- 7 — Correção — C H
C/Der. — T.G.T. face ao índice do P.V.
- 8 — Transp. — C. H.
Centragem — $1/6$ da frente do feixe ($1/6 \times 140$).
- 9 e 10 — C. V.
- 11, 12 e 13 — S/3.
- 14 — Soma algébrica dos casos 7 e 8.
- 15 — $1/3$ da frente do feixe menos a frente da bateria.
- 17 — Vem da 10.
- 18 — S/3 (cadência 4 durante 4 minutos)
- 20 — Alças para cada uma das peças.
- 21 — Notas.—

Porque se deve anunciar em "A DEFESA NACIONAL"

- 1 — A vida de um anúncio nesta Revista é maior do que em outra publicação qualquer, porque :
 - a) — Ela circula em todos os Estados do Brasil;
 - b) — Seus exemplares passam por muitas mãos e são lidos, pelo menos, por dez vezes mais do que o número de seus assinantes;
 - c) — Depois de lida, constitui fonte permanente de informações, porque, sendo uma Revista Técnica é colecionada por todos, o que não acontece com as revistas puramente mundanas;
 - d) — Vive num meio de ponderável capacidade aquisitiva, a que o anúncio, muitas vezes, não chega senão através desta Revista.
- 2 — Si sua existência de mais de 33 anos não fôsse bastante como prova de seu sólido prestígio, melhor atestado não haveria que o Aviso de 22 de Janeiro em que o Exmo. Snr. General Ministro da Guerra, recomenda "A Defesa Nacional" ao interesse do Exército em face de sua utilidade incontestável para as classes armadas.

TABELA DE PREÇOS

Capa externa	Cr\$ 3.000,00
Capa interna	Cr\$ 2.500,00
Página inteira	Cr\$ 1.200,00
1/2 página	Cr\$ 650,00
1/4 de página	Cr\$ 350,00

ATENÇÃO : — Os agenciadores de anúncios devem apresentar os respectivos cartões de identidade, mas não têm autorização para efetuar cobranças.

Os anúncios somente serão pagos ao cobrador devidamente credenciado, e mediante a apresentação da fatura acompanhada do exemplar da Revista em que o anúncio for publicado.

ASSUNTOS DE CULTURA GERAL

"Nada vale a vida unicamente contemplativa. Os homens deveriam saber que no teatro da vida só os deuses e os anjos podem ser espectadores".

FRANCIS BACON

"Não procurar a perfeição como nota final, mas o continuo processo de aperfeiçoar, amadurecer, deve constituir o alvo da vida. O homem mau é aquele que, pouco importando o bom que tenha sido, começou a deteriorar-se, a tornar-se menos bom. O homem bom é aquele que pouco importando o moralmente indigno que foi, começa a tornar-se melhor. Esta concepção faz-nos severos ao julgar-nos a nós mesmos e humanos no julgar os outros".

JOHN DEVEY

Plano básico de trabalhos do Conselho Nacional do Petróleo e as suas realizações

General João Carlos Barreto

Presidente do Conselho Nacional do Petróleo

Em abril de 1944 veio ao Brasil, a convite do Governo, o famoso geólogo norte-americano Everette L. DeGolyer, da firma DeGolyer & MacNaughton, mundialmente reconhecida, com o fito de emitir parecer sobre a área do Recôncavo onde já havia sido encontrado o petróleo e sugerir um plano para a pesquisa de petróleo em todo o país.

De fato, em memorável relatório daquela data, traçou esse técnico um plano básico de longa duração, após visitar o Recôncavo Baiano e proceder a devida análise de toda a documentação existente, quer sobre os trabalhos até então realizados pelo Conselho desde 1938, quer sobre os anteriormente efetuados pelo Departamento Nacional da Produção Mineral.

Nesse relatório salientou que "a pesquisa de petróleo é uma aventura geológica" e que "para enfrentar o problema da descoberta do petróleo, de modo inteligente, técnico e científico, é fundamental um bom conhecimento de geologia, inclusive de informações que podem ser obtidas por intermédio da geofísica", acentuando ainda que "mais de 30 milhões de dólares são gastos anualmente pela indústria de petróleo nos Estados Unidos tão somente com os trabalhos geológicos e geofísicos".

Em seguida, mostrando que se devem empenhar em tais trabalhos os geólogos e engenheiros brasileiros, com a assistência de técnicos estrangeiros, onde e quando assim pareça indispensável, notadamente para as operações de perfuração profunda, dada a sua especialização, frizou que "não há garantia de êxito na pesquisa de petróleo; pode ser questão de uma hora ou de um dia, mas pode levar anos", e concluiu pela necessidade de se envidarem esforços no sentido da seleção e do treinamento conveniente de um corpo de técnicos capaz de levar avante a tarefa.

Ao focalizar o referido plano para a pesquisa de petróleo entre nós, o Sr. DeGolyer, em grandes linhas, recomendou que fossem executados :

- 1) Estudos geológicos detalhados :
 - a) na bacia do Baixo Amazonas,
 - b) na bacia do Paraná e
 - c) nas bacias do Alto e Médio Amazonas, dando especial atenção ao Território do Acre.

- 2) Estudos de geofísica nas áreas em que sejam necessárias maiores ou mais exatas informações no tocante à estrutura ou à constituição do subsolo. A perfuração seria empreendida depois de se obterem resultados favoráveis nos estudos geológicos e geofísicos.

- 3) Reconhecimento geológico geral da bacia do Maranhão, que inclui a maior parte dos Estados do Maranhão e Piauí; da pequena bacia sedimentar que se estende de Arica Branca para o interior, nos Estados do Ceará e Rio Grande do Norte; e de quaisquer outras áreas em que haja suspeita de possibilidade de ocorrência de uma espessura considerável de rochas sedimentares.

Quanto ao Recôncavo Baiano, analisados os resultados até então colhidos na "fossa baiana", onde já haviam sido descobertos 4 campos, embora pequenos, cujos arenitos com óleo e gás parecia constituir formação lenticulares, o Sr. DeGolyer, não obstante reconhecer os aspectos desfavoráveis que naquela época apresentavam as pesquisas no Recôncavo, pois que não revelavam importância comercial e deixavam muito a desejar, concluiu pela continuação das pesquisas nessa região, onde deviam ser intensificadas, e na faixa costeira sedimentar contígua, que se estende para o norte por Sergipe e Alagôas, talvez até Recife, e para o sul passando por Marau e até talvez Canavieiras, Vitória e a área isolada de São Tomé.

Sem nos determos em minúcias, podemos lembrar também que, de junho a agosto de 1944, esteve no Brasil o Sr. Lewis MacNaughton, sócio do Sr. DeGolyer, que procedeu a um reconhecimento geral na bacia do Paraná, tendo aí recomendado estudos detalhados, de vez que tal bacia é de interesse para a procura de óleo, ademais da importância de se encontrar próxima do nosso parque industrial.

Com tais planos, que definiam de modo sistemático toda uma sequência de operações para a pesquisa de petróleo no País, entendeu o Conselho Nacional do Petróleo de bom alvitre celebrar contrato com a firma DeGolyer & MacNaughton, como efetivamente o fez, em março de 1945, para tê-la como orientadora dos assuntos referentes não só à geologia de petróleo como a de todos os demais relativos à exploração desse combustível.

Pelo contrato, comprometeu-se a firma a ter um representante em caráter permanente junto à direção do Conselho e a realizar, por intermédio dos seus componentes, viagens periódicas ao Brasil para inspeção dos trabalhos técnicos e para quaisquer providências solicitadas por aqueles órgãos, além de facilitar a aquisição de elementos técnicos especializados para os nossos serviços.

Encontram-se nos arquivos do Conselho todos os relatórios daquela firma, pelos quais se pode acompanhar, particularmente, o desdobramento que vem tendo as pesquisas de petróleo no Recôncavo Baiano, bem como as recomendações que a cada passo são apresentadas, seáa quanto à prospecção de petróleo em outras regiões, seja no que se prende à sua industrialização.

Por seu intermédio, vários geólogos americanos especializados em petróleo foram contratados pelo Conselho para conduzirem as turmas de campo. E, sob a sua inspiração, entre outras medidas, foram introduzidos nas investigações do Recôncavo os métodos Schlumberger, para o traçado de perfis elétricos, através de contrato feito com a empresa Schlumberger Surency, de Caracas, Venezuela, e adotados levantamentos aéreos, com o objetivo de se organizarem bons mapas para o estudo geológico-estrutural completo da área de pesquisa da Bahia, havendo o Conselho em 1945 assinado contrato com a Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda., para o levantamento aerofotográfico de cerca de 30 mil quilômetros quadrados ao Norte do Recôncavo até a cidade de Jeremoabo.

Pelo relatório datado de 12 de novembro de 1945, declara o Sr. MacNaughton que no Brasil há 10 áreas gerais que, pelos dados geológicos disponíveis, podem ser consideradas no desenvolvimento do programa de pesquisa de petróleo. Tais áreas são :

- 1 — Delta do Amazonas
- 2 — Bacia do Baixo Amazonas
- 3 — Bacia do Alto Amazonas
- 4 — Área Andina do Acre
- 5 — Bacia do Maranhão-Piauí
- 6 — Planície Costeira do Nordeste
- 7 — Fossa da Bahia (Bahia Graben)
- 8 — Planície Costeira Oriental
- 9 — Sinclinal do Alto Araguaia
- 10 — Bacia do Paraná.

Além das operações da Bahia, conforme se observou no começo desta exposição, já de algum tempo se tomaram providências para o início da prospecção sísmica no Delta do Amazonas e na bacia do Paraná, na área sedimentar a Oeste de Curitiba, e também dos estudos estratigráficos e estruturais nos Estados do Maranhão e Piauí, agora em realização, e dos estudos geológicos previstos em Sergipe.

Por outro relatório, de 9 de maio do corrente ano, o Sr. MacNaughton, depois de salientar que o Conselho atingiu um estágio do seu desenvolvimento que lhe assegura organização completa, e considerando que é por meio da refinação do petróleo cru para a obtenção de produtos de consumo, que se amortiza o capital invertido na pesquisa e lavra dos campos petrolíferos, apresentou um programa geral de operações, que visa a industrialização do nosso petróleo, recomendando a instalação de uma refinaria com capacidade não superior a 2.500 barris de petróleo cru.

No mesmo documento, declarou que se devia completar o desenvolvimento dos campos de Candeias e Itaparica até o ano de 1948, em que se presume possa estar pronta a refinaria. Ademais, o Sr. MacNaughton insistiu em que se acelerasse a exploração geológica e geofísica, consoante as suas recomendações, porque é essa espécie de trabalho que revela áreas favoráveis, das quais se farão seleções para testes.

Ora, exatamente tais providências têm constituído o plano de ação do Conselho, conforme vimos acentuando.

Passando em revista as realizações do Conselho Nacional do Petróleo, podemos acentuar que as jazidas de petróleo descobertas na Bahia, embora ainda modestas, oferecem capacidade suficiente para justificar o início do seu aproveitamento comercial. É atestado disso a autorização ultimamente dada ao Conselho para organizar uma sociedade mista com o objetivo de explorar uma refinaria para o tratamento de 2.500 barris do nosso petróleo.

Dos dados colhidos até àquela data, calcula-se a reserva total no Recôncavo Baiano em 12.000.000 barris, ou sejam 1.530.000 toneladas, de petróleo cru. No campo de Aratu, a reserva de gás natural mede cerca de 1 bilhão de metros cúbicos, de alta pressão e poder calorífico, em média, de 9.000 calorias por metro cúbico.

Dos 4 campos petrolíferos, o mais interessante é o de Candeias, cujas perfurações foram iniciadas em 1941 e que possui a maior parte daquela reserva de petróleo (cerca de 8.857.000 barris). Aí prosseguem as perfurações, que se estão manifestando de êxito crescente; bastaria citarmos os poços mais recentes C-26, C-28, C-31 e C-49 com a elevada produção potencial, respectivamente, de 1.500, 1.000, 935 e 933 barris diários.

Outra área foi recentemente descoberta em D. João a NE de Candeias e próximamente a 11 km, em linha reta, dessa localidade.

a qual se vem apresentando como muito promissora, em face não só do petróleo colhido a pequena profundidade do solo (cêrca de 300 m) como pela sua melhor qualidade, mais rico em produtos leves.

Avaliar-se-á do trabalho efetivo do Conselho, enumerando, ademais das operações geológicas e geofísicas que mais se vêm intensificando de 3 anos a esta parte, as perfurações praticadas nos diversos campos, ou sejam 17 poços em Lobato-Joanes, dos quais apenas 2 se conservam ativos; 13 poços em Aratu, dos quais 2 são de óleo e 7 de gás natural; 43 poços em Candeias (até hoje, aí incluindo os que estão em perfuração), dos quais 35 são produtores; 27 poços em Itaparica (segundo campo em importância), dos quais 14 são de óleo e 6 de gás; 2 poços em D. João, ambos produtores.

Colhe ponderar-se que, para levar a cabo a pesada tarefa, não são pequenas as dificuldades que tem de enfrentar aquêlê órgão. São bem conhecidas as resistências criadas ao transporte de tôda espécie durante a última guerra. As restrições impostas a remessa do material especializado, como o do petróleo, foram decisivas e retardaram de muito o avanço das operações. Felizmente, começa a haver agora mais facilidade na aquisição dêsse material.

A fim de termos, também, uma impressão de como se têm movimentado as verbas destinadas ao Conselho, balanceemos os gastos expendidos pelo governo brasileiro na exploração do petróleo, incluindo tôdas as despesas durante o período de 26 de novembro de 1938 a 31 de julho de 1946, no qual êsse órgão recebeu do Tesouro Nacional e movimentou a importância de Cr\$ 374.816.100,00.

Tais verbas foram empregadas : na aquisição de material permanente, em despesas com técnicos norte-americanos e contratos celebrados com firmas estrangeiras e nacionais, em viagens e serviços de administração.

Verifica-se que as despesas efetuadas montaram em Cr\$ 232.135.325,70, mas que os resultados alcançados se apresentam grandemente compensadores. Com efeito, cnsiderando, para o aludido período de tempo, a importância de Cr\$ 4.993.904,00 relativa aos recolhimentos efetuados aos cofres públicos de valores classificados como "Renda Ordinária" e provenientes da venda de produtos das refinarias rudimentares existentes nos campos da Bahia; Cr\$ 900,00, como "Renda Extraordinária", proveniente de alugueis de embarcações; Cr\$ 106.635.745,80, valor claculado dos preços produtores de petróleo e gás já completados; e Cr\$ 80.999.748,70, valor potencial, estimado pelos técnicos, das reservas de petróleo e gás nos 4 campos da Bahia, tais parcelas totalizam Cr\$ 192.630.298,50, que pouco diverge daquela despesa global.

CONCLUSÕES FINAIS

Não será fora de propósito um rápido estudo comparativo dos gastos e dos resultados alcançados entre nós com o que há ocorrido em outros países, em demanda do petróleo.

É sabido que tais operações requerem enormes despesas para a pesquisa, produção, armazenamento e meios de transporte, median-do, em geral, longo tempo entre o primeiro investimento e o início da recuperação.

Normalmente, as companhias de óleo têm de construir escritórios e outras instalações, acampamentos e estradas e perfurar poços, após largo período de pesquisa sem nenhuma restituição, e, não raro, muitos empreendimentos jamais conseguem lucros. Outrossim, a recuperação dos grandes gastos que precedem a produção constitui vultosa parcela do custo total de produção de qualquer óleo descoberto.

Como exemplos eloquentes citaremos os seguintes :

A Creole Petroleum Company iniciou a pesquisa de petróleo na Venezuela, fora da bacia do Maracaibo, em 1920, e gastou para mais de 48 milhões de dólares (Cr\$ 960.000.000,00), antes do primeiro óleo levado ao mercado 10 anos mais tarde. Também aí, outra companhia que operou em uma concessão em 1925 gastou 44 milhões de dólares (Cr\$ 880.000.000,00) durante 14 anos, antes de oferecer o seu óleo ao mercado pela primeira vez.

Na Colômbia, a International Petroleum Company fez o seu primeiro investimento em 1916 e perfurou um poço produtor 2 anos depois, mas até conseguir óleo para o mercado, 8 anos mais tarde, gastou, no desenvolvimento do campo, "pipelines" e outras instalações, cerca de 48 milhões e 600 mil dólares (Cr\$ 972.000.000,00). Outra companhia gastou mais de 8 milhões de dólares em 10 anos e não conseguiu um só barril de óleo.

Nas Índias Orientais Holandesas, a Standard Vacuum Oil Company levou 10 anos e gastou um pouco mais de 12 milhões e 500 mil dólares (cerca de Cr\$ 250.000.000,00) para a descoberta do óleo, e dispendeu mais 4 anos e cerca de 9 milhões de dólares (Cr\$ 180.000.000,00) para conduzir ao mercado o primeiro óleo.

Entre outros, numerosos casos poderiam ser apontados de companhias que abandonaram as pesquisas depois de gastarem de 1 a 5 milhões de dólares sem êxito.

Tais exemplos mostram que, de ordinário, qualquer sucesso só lentamente se alcança e que a recuperação exige grande perseverança apoiada em sólidos investimentos.

Em, 26 de agosto de 1947.

A disciplina e seu sentido filosófico

Tenente LUIZ ALMEIDA BARRETO

O sentido psicológico da disciplina é de suma importância na questão humana. Não se fique ao abrigo de palavras ôcas e retóricas inoperante. A singularidade de cada fato, no seu recôndito, nos mostra essa feição essencial à idéia de vida. Fora de coordenação não se pode fixar doutrina no seu sentido mais abstrato. Realidades se precedem e se sucedem e leis são estabelecidas. O ritmo, a harmonia é a própria Beleza de que nos falam os antigos. E, tôda a ansiedade humana é essa sêde de Beleza. E, todo êsse desequilíbrio universal é consequência de indisciplina involuntária ou voluntária. Fala-se com compreensão e tristeza de cáos. E o cáos é a desordem. O espírito humano não precisa rebuscar a visão sintética da natureza. Não precisa inquirir o poeta no seu êxtase; nem demorar-se na contemplação da harmonia creadora do musicista. Acha em si mesmo o sentido da disciplina. Nas suas ascensões e nas suas descidas. No sêgrêdo de seu afã de realizar-se. A alma pode perder-se no vórtice da vida e ofuscar-se no falso brilho das coisas passageiras. Mas, há de parar ou estará perdida. Não é só o sentido de perda no julgamento de outrem, mas, é a realidade dêsse mesmo sentido achada em si mesma. Aqui não se leva a alma com consideração ante religiosidades, mas, se diz alma compreendendo o Homem.

Não se pode compreender ordem sem a idéia de disciplina. A ordem é uma consequência. E' um princípio de ciência.

E' subjetividade. A caserna, cujo apanágio é a ordem refletida na hierarquia, é a cristalização dêsse princípio. Espíritos falsamente instruídos e não experimentados nas realidades da vida, podem se constranger na completa absorção dêsses princípios. Mas, compreenderão o sentido exato da intolância ou estarão condenados a viver sempre a superficialidade das coisas. Não poder entender ou sentir o sabor psicológico dessa harmonia controladora das desencontradas tendências humanas é lamentável e perigoso. Os deuses fôram, aí, avaros e a êsses, não os elegeram senhores de si. Êsses indivíduos marcham a cadência descontrolada de quem não percebe o chão. E, pela incompreensão, chocam-se ao penedio do descontentamento.

Que ninguém fará o homem feliz, disso estamos certos. A dificuldade dêsse problema é que tem dado origem a muita confusão. Pessoal e coletiva. O Homem sofre porque deseja. E quem poderá controlar o desejo? Já não falo no desejo dirigido, mas, generalizo o seu sentido. Quem poderá extingui-lo? Mesmo a solidão não defenderá o Homem da fatalidade dessa lei. Ele ainda estará consigo mesmo. E a ânsia, êsse eliotropismo fatal é o seu clima interior que o convidará sempre a ir mais além, a não parar ali. Êsse centrífugismo eterno não parará nunca. Aí é que a disciplina se nos antolha, educando o Homem. Educa-o para aceitar os fatos da vida na sua sequência, ora mais ora menos harmoniosa, mas, de forma que êle possa modificar a sua marcha e não ser atropelado em seus desencontros. Educa-o para compreendê-los em seu aspecto científico, e sendo científico, produzindo efeitos certos, não tragam o dissabor de desagradáveis surpresas. E' evidente, é claro que a disciplina começa em si mesmo. Essa afirmação vem de lembrar-se aquela observação de William Durant, quando êle comenta que a voracidade é filha da incerteza, assim como a crueldade é filha do medo. Então as faculdades do sentido humano são filhas umas das outras. Fique a com-

preensão da disciplina cingida a êsse fato, de que ela pode ser considerada um ponto de partida. Dá origem a caracteres e a sentimentos. Caracteres, compreendendo-se o sentido morfológico da coisa apresentada. Observemos o Homem desviando seus impulsos, libertando-se de incongruentes dotes atávicos e se conduzindo para viver de acôrdo com o que ficou estabelecido como certo; lembremos a sociedade fixando normas e delineando caminhos, e isso é a disciplina.

Pode ser que essa qualidade frenadora, traga, por vêzes, o perigo da frustração. Mas, já houve quem afirmasse que a frustração é o normal da vida; a satisfação é a exceção, não é o certo. Temos de admitir que não se podem deixar se manifestem êsses resíduos de feições hereditárias que já não podem mais impôr quando variou o ambiente propício, em tempo e espaço.

A impressão que nos fica é de que mais educação e cultura e não restaria a assimilação difícil, na maior parte instintiva, dêsse frenador. Oscar Wilde, êsse irlandez que tão bem soube penetrar as sutilezas da natureza humana e o sentido universal das coisas, diz com muita razão: — tudo que chega à consciência é justo. Então, justificado perante a razão êsse poder frenador, e corrigidos os defeitos próprios de nossa constituição atávica, haveria aceitação salutar e cometimentos realizadores.

Mais educação e cultura para compreender a extensão do sentido da disciplina. E' debalde o esforço de satisfazer o Homem obrigando-o a aceitar fatos que êle, perante si mesmo, conseguiu justificar. Pode haver confusão no considerar o limite entre o erro e a verdade, mas, não há engano em sentirem-se os efeitos da revolta interna. Nenhuma construção, nesse terreno, será sólida. Sendo tôda nossa preocupação, desde que nos unimos em famílias e nações, procuramos o bem estar e felicidade do ser humano, a despeito de tôdas as tortuosidades e paradoxos, não nos fique a ilusão de que alguma

coisa possa sobreviver à indisciplina. E aí está o seu sentido. O sentido da indispensabilidade. A força admirável que sustém e equilibra as intenções mais diversas, na imorredoura esperança de fazer a terra feliz. Essa esperança que encarna o sentido da perpetuação das coisas.

FÁBRICA IPU

Artefatos de Tecidos, Couro e Metal Sociedade Anônima

Av. Rio Branco n.º 10 — 13.º Andar

Rio de Janeiro

NOGUEIRA PINTO & CIA.

Bar e Restaurante

Rua. Candido Góes n.º 205 — Urca — Tel. 26.4575

GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR

"O militar e o político podem ser bons amigos; porém no desempenho de suas funções se repêem, salvo se o segundo tiver e seguir um ideal patriótico."

Cel. Bartolomé Descalzo

"Talvez possamos dizer que o mundo de hoje vive numa espécie de feudalismo internacional. A federação será processo penoso e demorado. Enquanto isso, precisamos conservar a paz e o meio mais seguro para isso é manter efetivos militares adequados."

W. Stuart Symington

Sub-Secretário da Aeronáutica do
Ministério da Guerra americano.

DIA DA PÁTRIA

Cel. Felício Lima

(Do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil)

São decorridos precisamente 125 anos da nossa emancipação política e 14 da consagração da memorável data de 7 de Setembro como o "Dia da Pátria".

A independência do Brasil, podemos afirmar orgulhosamente, foi o produto do esforço dos nossos maiores em prol da santa causa.

Estudando-se a nossa história, no tocante às manifestações nativistas visando a emancipação política dos brasileiros, vemos a abnegação dos que não trepidaram em dar em holocausto a vida pela liberdade pátria. Constitui mesmo um caso impressionante o valor e a coragem com que lutaram, sem sombra de desânimo, aqueles lendários heróis que nos legaram, assim, um indelével exemplo a cultivar perenemente.

Com efeito, como ilação da vitória alcançada aos holandeses, um pugilo de acendrados patriotas pernambucanos se conjurou para fazer vingar na então capitania o sublime ideal de libertação política.

O primeiro evangelizador foi, sem dúvida, João de Freitas Cunha, que pelejara com ardor em várias refregas contra os batavos. Falecendo, continuou-lhe o postulado Bernardo Vieira de Melo. Daí os movimentos libertadores que tiveram início em 1708 e culminaram em 1822, com a vitória empolgante de tão justa conquista democrática.

Comungando com essas avançadas idéias, num grupo de autênticos patriotas, salientava-se José Tavares de Holanda que, interrogado por um conterrâneo sobre a sua atuação revolucionária, respondeu: "Para

que queremos rei? Os pernambucanos, assim como todos os brasileiros, são capazes de se governar a si mesmos".

Datam, pois, dos tempos coloniais as tentativas nativistas para derrubar o regime que nos oprimia.

Foram os primeiros levantes liberais que despertaram a alma nacional, concorrendo, assim, para pôr em terra o jugo português no nosso país, provando, destarte, que a nossa separação da metrópole foi evidentemente o resultado da longa série de atos marcantes, denotadores da energia, perseverança e civismo nada vulgares daqueles heróis.

A guerra dos "Emboabas", que durou em Minas Gerais de 1708 a 1709 e a guerra dos "Mascates", cujos feitos principais ocorreram em 1710 e 1711, na antiga Capitania de Pernambuco, — foram, em suas origens, movimentos nacionais, vinculados a causas diversas, tendo assumido o do Norte uma feição francamente emancipadora, e puzeram em destaque duas personalidades notáveis: Manoel Nunes Viana e Bernardo Vieira de Melo.

Podemos, mesmo, afirmar, sem exagero, que Vieira de Melo teve a glória de ser o primeiro patriota a sonhar com a independência de uma porção do Brasil, sob a forma republicana democrática.

Com a atuação decisiva de Vieira de Melo, as aspirações nacionais foram se revelando e os problemas políticos brasileiros começaram a ter caráter próprio, reclamando situações adequadas ao meio social que os produzia.

Dai os levantes de 1720, com Felipe dos Santos, 1789, com Silva Xavier — o "Tiradentes", e 1817, com Barros Lima — o "Leão Coroador", todos com a finalidade de tornar livre o Brasil.

É certo que o cruel destino fez perecer nos lábios desses varões ilustres o grito da independência brasileira, mas o sangue que jorrou naqueles patéticos espetáculos de dor brotou nos corações dos patriotas o vigor para o prosseguimento da luta emancipadora e resultou no grande progresso das idéias democráticas no Brasil.

Por outro lado, a consciência nacional foi se esclarecendo, graças ao grande empreendimento do Marquês de Pombal atinente às eficazes medidas em favor dos negócios administrativos brasileiros, erguendo o Brasil da insensibilidade profunda em que jazia à época. Referimo-nos aos relevantes serviços prestados pelo estadista lusitano, ao incorporar à corôa as últimas capitanias ainda na posse de particulares, herdeiros de primitivos donatários.

De modo que, assim procedendo, Carvalho e Melo concorreu indiretamente para a unidade nacional, quando o Brasil pôde conquistar a sua soberania política. Porque, quando foi proclamada a nossa independência, não foram encontrados os obstáculos que fatalmente se lhe deparariam, caso a colônia conservasse ainda a antiga divisão, correndo assim o risco de fragmentar-se.

Depois, em 1808, quando D. João VI, acossado pela invasão napoleônica, teve que deixar o seu reino, refugiando-se no Brasil, tal ocorrência como que constituiu tácitamente o preparo da carta de alforria da colônia.

Sabemos que, no começo do século passado, cada núcleo de população do país só conseguira desenvolver certa força atrativa dentro da região que suas vias de comunicação iam abrangendo. Entre algumas, somente havia de comum, sob o ponto de vista político, a dependência da metrópole portuguesa; quase nada as aproximava para auxiliar a fusão desses núcleos num sólido conglomerado nacional.

Nessas condições, a vinda do filho de D. Maria I para o Brasil teve, por assim dizer, o imediato proveito de fortalecer os laços desses núcleos, dando-lhes dentro do país um ponto de convergência e, portanto, uma acentuada força de agregação, visto como estava já a surgir, espontaneamente, um poder político orientado pelos legítimos interesses da região que cada um deles representava.

De fato, porque a aspiração máxima dessas capitânias consistia na sua libertação da metrópole, natural tendência separatista que causaria, em breve, a partilha do Brasil, como já estava a esfacelar-se o império colonial espanhol no continente, dando origem às diversas nações com idêntica finalidade, porém em perene antagonismo.

Entretanto, devemos convir que o processo político a que essas manifestações foram prematuramente sujeitas até sua cristalização numa aspiração nacional de soberania, foi por seus vícios de origem o causador de todas as grandes falhas que ainda apresenta a nossa mentalidade política.

Mais tarde, com a decisão da corte de Lisboa, em 1821, obrigando o Príncipe Regente a abandonar o poder e a recolher-se a Portugal, desenhou-se o grande movimento encabeçado no Rio de Janeiro por Gonçalves Ledo e em São Paulo pelos irmãos Andrada, pois esses propugnadores da nobre causa perceberam que o fim de D. João VI era fazer retrogradar o Brasil ao velho sistema das antigas capitânias. E D. Pedro, insinuado pelos Andrada, reagiu, nascendo assim o célebre "Fico" — 9 de Janeiro de 1821 — primeira demonstração de rebeldia do Príncipe.

Dêsse modo, D. Pedro passou definitivamente a colaborar a favor da nossa independência, organizando, em 16 de Janeiro de 1822, o primeiro gabinete nacional, presidido por José Bonifácio, e daí por diante, sempre inspirado pelo glorioso patriarca, cada vez mais afirmava seu pendor pelos princípios democráticos.

Visitando Minas, impressionou-se de tal forma pelas manifestações de liberdade de seu heróico povo que aceitou, sem hesitação, em 13 de Maio de 1822, o título de "Defensor Perpétuo do Brasil".

Com esse ato, José Bonifácio se capacita de que surgira o momento de solução da crise: organiza a famosa sessão do "Conselho

de Estado", presidida pela Princesa D. Leopoldina — a dileta partidária da nossa causa — e em que Martim Francisco, entrega á Regente a histórica missiva dirigida a D. Pedro, tratando dos fatos desenrolados em prol da independência, dizendo-lhe: "Se se tem de fazer, Senhora, que se faça já".

E a leitura desse documento que passou á posteridade, feita na memorável tarde de 7 de Setembro de 1822, foi, evidentemente, a determinante para que o Príncipe bradasse, nos campos do Ypiranga: "Independência ou Morte!"

Eis porquê o passado deve sempre estar em nossa mente, no âmagô de nossas reminiscências, embalado pelas nossas perenes saúdes, fazendo lembrar a glória dos nossos avoengos, que tinham por lema a estrita obrigação cívica de colocar a Pátria acima de tudo.

Evocando, finalmente, os gloriosos serviços, os fastos mais nobilitantes que inscreveram os heróis de então na história pátria, pela independência, pela igualdade individual, pela liberdade do pensamento, pela democracia, uma pléiade de oficiais do nosso Exército, inspirada nesses postulados de reivindicações políticas, procurando gravar na consciência da geração presente tão dignificantes exemplos, teve a lembrança de consagrar o 7 de Setembro como o "Dia da Pátria".

Bendita lembrança, a traduzir doce reminiscência de um passado glorioso, pleno de nobres acontecimentos da vida brasileira e que é como se fôsse o calor cívico evolado da alma magnânima de um povo num meigo sorriso de gratidão.

AOS NOSSOS REPRESENTANTES

AO SERES TRANSFERIDO PASSA TEUS
ENCARGOS A UM OUTRO COMPA-
NHEIRO E COMUNICA A NOSSA
———— DIREÇÃO. ————

A História Militar e o Preparo Profissional dos Oficiais

Maj. OMAR EMIR CHAVES
Instrutor Adjunto da E.E.M.

III — UM EXEMPLO

Conforme prometemos em nosso último artigo, quando nos referimos ao ensino da História Militar, apresentamos agora um exemplo de como ministrá-lo por meio do Processo Histórico Evolutivo, que preconizamos.

Não daremos aqui uma fórmula rígida e indeformável de como realizar o ensino, senão que à guiza de exemplificação, transcreveremos uma conferência feita no ano de 1946 no decorrer do curso da E.E.M., com muito da nossa personalidade, para o escalão 1.º ano, com a duração de hora e meia, cujo número ocasional de alunos era bem grande (127), influiu portanto no nível médio mental da turma.

Assim sendo, e este é o nosso desejo, o que a seguir exporemos, não é mais que um exemplo de solução que variará certamente, como já referimos, com o conferencista, com o grau do estágio e tempo disponível, e com o nível cultural dos instrutores.

Dentro do mesmo assunto e no intervalo de tempo considerado, muitos outros acontecimentos poderão ser estudados e comparados, tendo em vista afirmar a veracidade e constância de outros princípios e regras de emprêgo, que não foram encarados, ou ainda, pelo estabelecimento de outras relações entre os mesmos fatos exteriorizados, chegarmos a novas conclusões, que completarão os ensinamentos a colher.

Uma condição porém é indispensável e esta reside em que cada estágio da evolução seja perfeitamente caracterizado, para que se possa então estabelecer uma comparação, na sequência evolutiva dos fatos.

Não apresentamos, pois, uma receita ou memento, mas tão somente uma das muitas soluções que existem para o problema, cujos parâmetros podem variar para cada caso.

O intervalo histórico escolhido, é de intensas transformações e por vezes mesmo revoluções que tiveram por sua vez, repercussões acentuadas na Tática e na Estratégia. Pela abundância de fatos ocorridos na faixa de tempo focalizado, fácil será qualquer outro ensaísta estabelecer novas comparações, com os mesmos ou com outros acontecimentos.

Aqui ficamos por hoje e se as páginas da "A Defesa Nacional" nos derem guarida como até agora, brevemente voltaremos, com um novo exemplo relativo ao Processo Histórico Experimental.

EVOLUÇÃO DA TÁTICA E DA ESTRATÉGIA

De GUSTAVO ADOLFO a NAPOLEÃO

Com Gustavo Adolfo, sofreu a "ordem profunda", característica do combate a "arma branca", a sua primeira deformação para, em busca de uma maior amplitude e continuidade de fogo, procurar realizar uma formação em linha, com a profundidade apenas indispensável ao mecanismo para a execução do fogo continuado.

Assim sendo, apresenta Gustavo Adolfo uma "ordem de batalha" sob forma transitiva, mas já acentuadamente caracterizando uma "ordem linear", usada no antiquidade oriental.

Pela disciplina e grau de instrução dos seus exércitos, ensaiou com êxito, na batalha de BREITENFELD em 1631, o emprêgo do canhão em proteção e apoio imediato a INFANTARIA, aliás, em condições de analogia com as idéias atuais desta forma de combinação.

Ainda no combate pela arma de fogo procurou, e dentro das condições do armamento realizou a continuidade do fogo das armas portáteis.

Estabeleceu a necessidade do fogo contínuo e de conjunto; em última análise caracterizou desde então a supremacia do fogo sobre o choque como meios de combate.

Em Estratégia, foi vítima das idéias dominantes da época, apesar de haver demonstrado possuir noção exata da vitória.

Como nos tempos dos Romanos e pela natureza expedicionária de suas forças, a Logística que empregou foi sempre a do aproveitamento dos recursos locais, independentizando-se assim das "linhas de comunicações".

A sua Estratégia, cautelosa em extremo, não tinha por finalidade a Batalha, mas tão somente a ocupação de posições que agissem sobre o inimigo, por forma a assegurar-lhe vantagens convencionais uma vez que ao adversário também convinha não travar a luta decisiva. Jamais porém recusou bater-se quando indispensável.

Os objetivos reduziam-se a interseção da "linha de comunicações" — adversa ou a ocupação de posições geográficas capitais.

Sabia porém que para vencer era necessário destruir o inimigo e nesse sentido agiu quando da sua última batalha em LUTZEN.

Em seguimento a Gustavo Adolfo, surgiram sucessivamente, nos meados do século XVII, o Príncipe de CONDÉ e TURENNE, ambos franceses e que foram na época, expoentes na arte de preparar as batalhas e as marchas.

CONDÉ, general jovem e ardoroso, emprestou a sua ação de comando uma característica tipicamente ofensiva e audaz, em flagrante contraste com o procedimento do suéco.

Na Tática nenhuma inovação introduziu e os mesmos processos metodizados por Gustavo Adolfo prosseguiram em busca da combinação do fogo com o choque para a obtenção da vitória.

Apesar dos progressos do armamento, o combate a arma branca ainda era a finalidade desejada e o fogo servia apenas para que o entreveio se verificasse em condições, as mais favoráveis para a tropa, em benefício da qual operava. Aliás esta idéia, até no século XIX era dominante no combate da INFANTARIA e só o emprêgo sistemático das metralhadoras e a mais íntima cooperação da ARTILHARIA, permitiram modificá-la.

Na Estratégia porém, CONDÉ, retomando os velhos princípios de ALEXANDRE e CEZAR, abandonou os objetivos geográficos para, com

atitude sempre ofensiva, preparar e realizar a Batalha que destruísse o inimigo.

O que definia sobretudo a manobra de CONDÊ, era uma ação vigorosa em combinação com a mobilidade dos seus exercitos.

A Batalha de ROCROY é uma bela afirmação da sua Estratégia, posto que renunciando ao metodico processo de opor-se ao inimigo em linhas sucessivas de praça fortes, tão em voga, lançou-se audaciosamente ao seu encontro, surpreendendo-o e batendo-o.

Nesta brilhante atuação de CONDÊ, a surpresa tática e estratégica foi obtida, permitindo-lhe a vitória, apesar da superioridade numerica dos hespanhois.

Ao atingirmos os meados do século, a evolução da Tática se fazia no sentido do melhor aproveitamento do fogo, que agora, ante as possibilidades do armamento, mostrava-se cada vez mais preponderante no combate em relação ao choque.

A Tática Elementar aperfeiçoava-se, na INFANTARIA, tendo em vista o mecanismo que permitisse obter, sem manobras complicadas, a continuidade do fogo.

Já se fazia sentir a tendência para fazer o fogo coletivo das armas portátil, isto é, o fogo de conjunto, prenunciador, da ideia de "densidade de fogo".

A CAVALARIA, agindo segundo evoluções bem reguladas, realizando cargas em formações densas ao trote e ao galope, manejando a espada e a pistola, era empregada sobretudo em contra-ataques, lançados sobre o inimigo previamente assustado pelo fogo da INFANTARIA.

A este tempo, a prioridade da arma montada havia decrescido sensivelmente para dar lugar, e cada vez mais, a INFANTARIA, que se firmara em definitivo como a Rainha das Armas.

A relação entre os efetivos, que agora atingia a $\frac{1}{2}$ e posteriormente foi de $\frac{1}{5}$, era bem marcante.

A ARTILHARIA, continuava como meio acessório, particularmente empregada nas guerras de sítio.

A "ordem de batalha" que seguia o seu evoluir, apresenta-se ainda sob as características da "ordem linear", com uma modalidade que se denominou de "ordem paralela".

Apesar de tudo, a Batalha constituia um choque brutal e rápido dos dois exercitos que combatiam, como no Tempo Antigo, emagados e estatísticos, recelosos de oferecer qualquer solução de continuidade na sua formação, que pudesse o inimigo transformar em brecha.

O terreno como ao tempo da Falange, deveria ser plano e descoberto, qual um tabuleiro, afim de evitar qualquer dissociação e consequente perda da coesão.

A esta altura, como vemos, a Tática, apesar da predominância do fogo, ainda era como ao tempo dos Gregos e Romanos.

Uma vez tomado o contato, o Combate, mediante mutuo consentimento, desenvolvia-se rápido e mortifero. Os adversários, pelo pequeno alcance do mosquete, iam ao corpo a corpo em muito curto tempo.

As operações que precediam o choque e as que vizavam explorar o êxito, eram morosas, em virtude das formações maciças em que ficavam dispostos os exercitos da época.

A "ordem de batalha paralela" era realizada pela disposição do exercito em duas linhas distantes entre si de duzentos a trezentos passos, com a INFANTARIA ao centro e a CAVALARIA nas alas. Em condições de terreno pouco vantajosas, havia uma reserva a seiscentos passos atrás da segunda linha, formando um terceiro escalão.

A primeira linha na ofensiva intimidava o inimigo e na defensiva detinha o primeiro choque. Fora do alcance eficaz da mosquetaria e em igualdade de força com a primeira, postava-se a segunda linha com a missão de apoiar, reforçar, socorrer e tamponar brechas abertas na frente e até mesmo substituí-la.

As Batalhas continuavam não manobradas e a vitória era obtida pelo desgaste do inimigo, sucessivamente jogado de encontro as linhas e formações, ora recompletadas ora substituídas, para novamente depois de reconstituídas voltarem a primeira linha.

E assim, neste estágio da evolução, atingiu a Tática, o século XVIII, quando o fuzil modificou totalmente os processos de combate, requerendo portanto outros procedimentos.

Na Estratégia, onde o rastro deixado por CONDE fora apenas de um meteoro, a conduta da guerra voltou a ter, em princípio, o mesmo cunho deixado por Gustavo Adolfo.

Turenne, impregnado bastante do espírito rotineiro da época, sem considerar cuidadosamente a atuação de CONDE, de quem discípulo e adversário, passou a realizar manobras bem concebidas e melhormente executadas mas que por não visarem a destruição do inimigo, não conduziam a vitórias decisivas.

O espírito defensivo e cauteloso dos Capitães de então, originado no conservantismo medieval, levou-os a metodização da manobra estratégica, toda ela baseada em sistemas de fortificações que se sucediam em profundidade, segundo as grandes linhas de penetração provável do inimigo.

Os objetivos permaneciam sendo geográficos e as vitórias convencionais dependiam quase sempre da posição ocupada em relação as comunicações do adversário e só excepcionalmente, e mediante mutuo assentimento dos contendores, eram as batalhas travadas.

Pelo seu espírito sistematizador, ponde TURENNE realizar a guerra com um máximo de segurança, obtendo sucessos limitados.

Os efetivos cresceram e as condições de reabastecimento já não puderam ser satisfeitas pelos recursos locais, pelo que TURENNE criou então os "armazens administrativos", aos quais se ligava por um "eixo de comunicações" e que constituía o cordão umbilical dos seus exércitos.

"A organização e o emprêgo sistemático de uma base, assim como dos armazens administrativos, são uma inovação de TURENNE, dando às operações ulteriores um caráter de método e segurança, mas também de prudência exagerada, desconhecida até então. Com tais métodos as derrotas são menos temíveis e os grandes sucessos são, igualmente, mais raros." (Cl. DERVIEU/Ob. Cit.)

A Arte das Batalhas não consistia tão somente em saber preparar o entreveio brutal e mortífero que caracterizava, neste fim de século, o Combate, mas sobretudo em saber evitá-lo, pela escolha de posições estratégicas a ocupar mediante deslocamentos precisos e oportunos.

Colocar-se, cada instante, em condições de tomar a iniciativa vantajosamente, com a liberdade de aceitar ou recusar o combate, dominando sempre o inimigo pela neutralização dos seus movimentos, eis o ideal procurado.

Se porém tornava-se inevitável a batalha, ficar em posição a mais conveniente no terreno, em relação ao adversário e aí esperar o desenvolvimento lento da formação de uma "ordem de batalha". A pequena

flexibilidade da organização militar da época, a complexidade da realização de um dispositivo e o fraco grau de instrução da tropa, eram os principais responsáveis pela morosidade na tomada da formação de combate.

Dadas as condições de preparação da Batalha, a qualquer dos contendores era fácil recusar-se ao combate, retirando-se, sem dificuldades, e sem ser perseguido.

A retirada podia ser feita seja segundo a "linha de comunicações" própria lateralmente, pelo que não raro travavam os exércitos combates com a frente invertida, sem guardar as comunicações diretas com a sua capital, desde que podiam, ao seu talento, escolher uma nova linha de retirada.

As operações, neste último quadrante do século XVII, eram extremamente lentas e raramente decisivas.

A constante hesitação do Chefe em arriscar a Batalha, colocava este ato supremo da guerra em condição acessória, desfigurando-se por tal forma, a ponto de deixar de constituir o objetivo principal da Estratégia.

As marchas e contra-marchas para ocupar determinadas posições visavam sobretudo a retirada do inimigo, posto, embora momentaneamente, em situação desvantajosa, ou a posse de uma praça forte, em consequência de uma guerra de sítio, demorada e monótona.

Ainda como uma modalidade do combate na época, as Batalhas tinham por vezes um desfecho convencional, mediante apenas o esboço da luta e que LLOYD muito bem diz:

"Se acontece o inimigo ser repellido em um ou dois pontos, a batalha deve ser considerada como ganha, embora muitas vezes, não sejam rechassados mais de dois ou três batalhões. Entretanto, se o ataque que se considera principal, malogra ou obriga à retirada, mesmo sem perseguição, a batalha deve ser considerada perdida." (Cf. DERVIEU Ob. Cit.)

Por isso mesmo que a Tática mantinha-se neste marasmo, consequência inevitável da transição que se operava no armamento, é que o quadrado do tempo, depois da sentelha brilhante mas efêmera de ROCROY, manteve-se praticamente vazio de Batalhas notáveis pela concepção e forma, até que, com a prioridade absoluta da arma de fogo sobre a arma de arremesso, nos primórdios do século XVIII, apareceu na Guerra de Secessão da POLÓNIA, o primeiro ensaio da nova Tática dos Corpos Separados, cujos processos de combate e "desdobramentos" foram aprimorados com FREDERICO II.

Como figura principal no fim do século XVII e que já tivemos oportunidade de referir, aparece TURENNE cuja arte consistia numa extrema habilidade em provocar o adversário para que ocupe uma posição desvantajosa e então por meio de deslocamentos precisamente estudados e executados intercalar-se, sobre a "linha de comunicações, separando-o dos comboios e de tal maneira procurando enfraquece-lo até obrigá-lo a abandonar o território cobigado sem combate.

Durante esta época o espaço geográfico adquiriu uma grande importância na concepção e execução das operações, apesar das condições precárias da cartografia, suprida em grande parte pelos conhecimentos e "vaguezas".

Nos albosres do XVIII século não haviam mudado sensivelmente apesar do grande progresso do armamento e a adoção genérica das armas de fogo, agora transformada também em arma de choque.

A Arte da Guerra, na primeira quadra deste século, foi muito bem definida pelo General BASTICO da seguinte maneira:

"... Estratêgia grandioso en sus propósitos pero pobre en la ejecución; táctica casi negativa en lo que a añade a las intenciones y mezquina en los hechos". (La Evolución de Arte de la Guerra).

O problema logístico tornara-se delicado em presença do aumento dos efetivos e das necessidades das operações, pondo em cheque o sistema de armazéns administrativos criados por TURENNE.

Impunha-se voltar ao regime das requisições locais.

Como solucionar porém esta questão uma vez que o sistema de bases de operações apareceu justamente como consequência da insuficiência dos recursos locais para atender à totalidade dos exércitos?

Ainda foi a HISTÓRIA que nos mostrou o caminho!

Rememorando ALEXANDRE, surgiu desde logo a idéia de repartir as forças de maneira que aumentando a área de ocupação, facilitasse o abastecimento.

O sentido da vitória foi tomando aos poucos um aspecto mais definido e a Batalha paulatinamente voltou a ocupar na Estratêgia o seu papel de finalidade.

BROGLIE, o Marechal de SAXE, o Duque de LORENA e o Príncipe de ANHALT, foram as principais figuras que povoaram o cenário europeu neste primeiro terço do século.

Em 1740 aparece FREDERICO II da PRUSSIA, o grande renovador da Tática, particularmente da TÁTICA ELEMENTAR, com a adoção de novos processos de combate, tendo em vista o emprego das armas de fogo.

A Tática da INFANTARIA, sofreu profundas modificações e a prioridade do infante no campo de batalha firma-se definitivamente a ponto de passar a constituir o elemento básico para as combinações no Combate, aquele que servia de argumento decisivo nas mãos do Chefe para a consecução da vitória.

A ARTILHARIA, ainda com subordinação tática e administrativa à INFANTARIA, aumenta grandemente de importância e graças ao Sistema GRIBEAUVAL consegue-se a sua melhor cooperação no Combate. Pela grande mobilidade que adquiriram os seus fogos tornaram-se possíveis as concentrações, o apoio e as preparações.

Nesta quadra nasce finalmente a verdadeira Artilharia de Campanha, cujo progresso e emprego permitiu uma nova técnica que caracterizou a Tática de ARTILHARIA, com a organização da Arma.

A CAVALARIA foi reajustada e aos poucos tomou o seu verdadeiro papel na guerra, informando e cobrindo antes, carregando e desmoralizando durante, perseguindo após a Batalha.

O Combate, pela esplendida disciplina, coesão e instrução das tropas prussianas, preparadas cuidadosamente por ANHALT e aperfeiçoadas meticulosamente por FREDERICO II, tomou um aspecto verdadeiramente novo.

O desenvolvimento das unidades para a luta que se fazia morosamente tornou-se rápido e enérgico por forma a tomar de surpresa o inimigo ainda em vias de completar a sua formação maciça e pesada.

Marchar em coluna e atirar em linha, eis o grande segredo do dispositivo de combate adotado por FREDERICO.

Pela disciplina, precisão e rapidez dos deslocamentos, foi possível, em presença do inimigo, tomar uma "ordem de batalha" sem incorrer no perigo de ser partido e desfeita a articulação do dispositivo.

O fogo tornou-se predominante e urgia obter a sua continuidade no tempo e no espaço, para manter a supremacia sobre o inimigo. Esta continuidade, graças ao progresso do armamento e ao mecanismo da execução do fogo fora conseguida em duração, enquanto que o dispositivo flexível e móvel havia permitido esta segunda necessidade.

Tratava-se portanto de obter a superioridade de fogo sobre o adversário, considerada por FREDERICO como fator preponderante da vitória.

Assim sendo, com plenitude já alcançada, impunha-se levar este fogo ao inimigo, tornando-o eficaz, para abate-lo.

Por esta forma nasceu um novo processo de combate com as armas portáteis, que se traduziu pela combinação do fogo com o movimento, paradigma, ainda hoje, do combate da INFANTARIA.

O Conde GUIBERT, após assistir as manobras do Exército Prussiano em 1773, disse:

"Fogo a pé firme, fogo de carga, marcha em batalha, passagem de linhas, umas através as outras, partir e desfilar diante do rei, tudo isso foi executado com uma precisão assombrosa a perfeita observância da direcção paralela e o movimento de marcha em batalha, repetido muitas vezes, foi sempre de seiscentos passos de distância, sem que o fogo de carga, adiante, ou à retaguarda, prejudicasse sua perfeição." (Journal d'un voyage en Allemagne — Von der GOLTZ, ROSSBACH et IENÁ, pg. 257)

É ainda o General BASTICO que nos conta:

"El fuego se efectuaba tanto de a pie firme como em marcha; a salvos por sección, con la primera fila de rodilla; en marcha se hacia fuego por secciones alternadas, de maneira que mientras algunas de estas se detenián para tirar las demás continuaban el movimiento". (Ob. Cit.)

A frente de batalha ganhou em extensão, saindo do quadro restrito em que até então se desenvolvia e a topografia passou a ter uma ação preponderante no combate.

Já não era possível obter tabuleiros que satisfizessem e a presença dos obstáculos, trazendo soluções de continuidade no fogo e gerando intervalos, exigia um remédio eficaz.

Os "atiradores" ou "caçadores" mais tarde, foram ressuscitados para serem empregados justamente nas partes do terreno onde o modelado ou a vestimenta impunham evitar as infiltrações do inimigo.

Foi assim quebrado o encanto do terreno em relação ao combate e a INFANTARIA prussiana dominando-o, passou a tirar partido das suas características para, modificando a tática, ajustar-se a ele e realizar o combate defensivo.

A idéia dominante então, era de que a Guerra continuava sendo simplesmente uma arte e que por força da sistematização a que chegara, deveria apresentar sempre uma forma geométrica.

A "ordem linear" da antiguidade fora substituída pela "ordem profunda" que por sua vez, em presença da arma de fogo cedera lugar outra vez a "ordem linear", ou "aberta", mas que como consequência do progresso do armamento já não mais satisfazia as necessidades da Batalha e do Combate particularmente, pelo que, os táticos do XVIII século passaram a perseguir uma nova forma, que foi denominada de "ordem mixta".

Na realidade a "ordem mixta", que tinha como fundamento o imperativo de marchar em coluna e combater em linha, nada mais era que a necessidade do Comando de realizar a manobra pelo desenvolvimento de suas forças, combinando direções, esforços, atitudes e armas.

Foi ainda a mentalidade contemporânea que emprestou a FREDERICO, na sua manobra favorita, a idéia de uma forma geométrica para a luta, denominando-a de "ordem oblíqua".

A Batalha que ganhara novamente a posição de finalidade da manobra estratégica, tinha agora de ser conduzida por forma a permitir a vitória, exigindo do Comando intervenções precisas e oportunas no seu desenrolar, de maneira a tirar o maior proveito possível do terreno, do armamento e dos processos de combate.

A topografia do campo de luta passou a influir na decisão de Chefe tendo em vista o emprego dos seus meios, porém ainda considerados isoladamente.

A idéia de precisar o inimigo no terreno, para daí induzir o melhor emprego de suas forças, trouxe os táticos da primeira metade do século XVIII em terrível dobçadoura, para concluir em da necessidade da manobra na batalha, porém ainda de difícil realização pela precariedade da Tática Elementar, em constantes variações com o progresso do armamento, bem como pelo desconhecimento dos métodos de combinação das Armas. Estas duas condições foram realizadas por FREDERICO nos meados do século.

A primeira delas, consistindo em tomar a "ordem de batalha" a vista do inimigo, exigiu medidas de Segurança pelo dispositivo, e que foram representadas pelo emprego da Guarda Avançada, que tinha por fim mascarar o desenvolvimento dos exércitos para a Batalha.

Com a manobra na batalha, além da realização da combinação de esforços e direções para o Combate, surgiu a idéia do ponto de aplicação da resultante dos esforços combinados e com ela a determinação do ponto fraco do inimigo, a priori escolhido por FREDERICO, como sendo as alas da formação adversária, ainda não evoluída, portanto compacta, extensa e sem reservas apreciáveis.

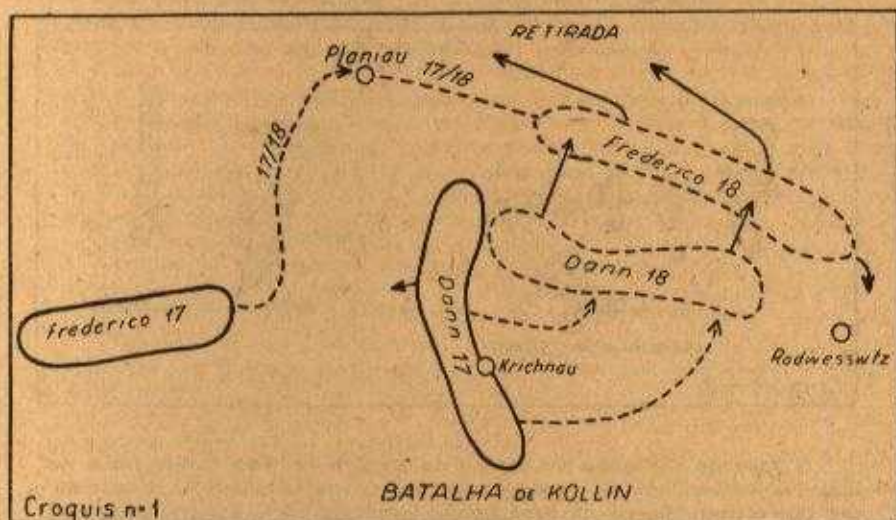
Grças a Tática dos Corpos Separados então em ensaio, pôde FREDERICO realizar combinações verdadeiramente avançadas para a época e solucionar, embora imprecisamente, o problema de combinação das Armas no Combate.

Assim sendo, o inimigo a pouco e pouco passou a ser melhor considerado pelo Chefe que decidia, não só quanto ao número, a "ordem de batalha" adotada e o armamento usado, mas também, e a partir do Rei Soldado, quanto as condições psicológicas do Comando.

FREDERICO usou largamente desta faculdade como fator participante de sua decisão. Por vezes, mesmo dentro do impecável desenvolvimento das forças, sofreu revezes, tão somente por terem falhado os canceltos quanto as possibilidades dos Chefes adversos.

A Batalha de KOLLIN é um frizante exemplo de como considerava aprioristicamente o inimigo, tão somente por considerá-lo prezo a uma forma indeformável de conduzir a Batalha. (croquis n.º 1)

Segundo nos conta BONNAL, à 16 de Junho o General DANN, do Exército Austriaco, estabeleceu-se com suas forças em SAZMUCK, desenvolvido face a NW, enquanto que os prussianos achavam-se instalados em KAMZIN.



A 17, FREDERICO, com um exército de 34.000 homens inicia o desbordamento do flanco direito austríaco, na direção de PLANIAU.

Na noite de 17/18, fazem os austríacos uma conversão da frente para o Norte.

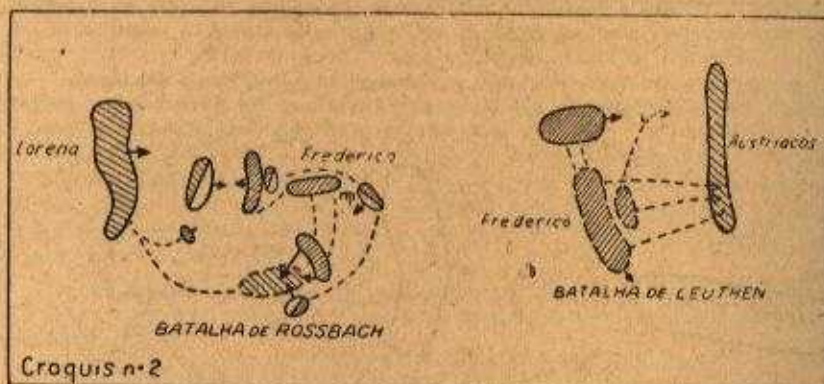
Supondo FREDERICO que DANN não se havia movido como era costume dos generais contemporâneos, pretende completar a sua manobra de flanco marchando sobre KOLLIN, quando é apanhado, na manhã de 18 em pleno "delito de manobra" sendo batido.

Certamente errou Frederico considerando o inimigo de forma apriorística, como também falhou a Segurança da manobra pelo dispositivo, por insuficiente, de tal forma que não permitiu às forças surpreendidas o tempo necessário para tomarem o dispositivo de combate (desenvolvimento). Foi nula também a sua Segurança pela informação, desde que foi surpreendido pela conversão da frente inimiga, cujos ensinamentos nos foram tão bem transmitidos das campanhas de ANIBAL.

Serviu no entanto para o Rei Sargento os ensinamentos colhidos na derrota, mas tão somente sob o ponto de vista da Segurança pelo Dispositivo, posto que jamais deixou, em todas as suas campanhas, de emprestar antecipadamente ao inimigo uma atitude e uma mobilidade quasi nula, subordinando sempre o Chefe contrário a uma "ordem de batalha" geométrica e indeformável, num terreno plano e nu.

Era o Método das Intenções em marcha!

A Batalha de LEUTHEN (5/12/1757), paradigma das batalhas de FREDERICO, é um exemplo frizante de método, disciplina e precisão na execução; perfeição do uso de uma Tática Elementar aprimorada e inovada, mas mecanizada no quadro da Batalha, posto que, apesar de estar a manobra garantida pela Guarda Avançada suficientemente reforçada, contudo ainda foi calcada numa atitude preestabelecida para o inimigo e na presunção da sua quasi imobilidade. (croquis n.º 2)



A ação do Comando no campo de batalha se fazia sentir cada vez mais da necessidade da coordenação dos Corpos Separados, grupamentos táticos-estratégicos de organização eventual para determinada operação, bem como e sobretudo, da combinação das Armas, agora aumentadas com o franco progresso da ARTILHARIA, que no cumprimento de uma mesma missão concorressem ao Combate.

Fortuita ou deliberadamente realizou FREDERICO esta combinação (INFANTARIA-ARTILHARIA-CAVALARIA) na Batalha de ROSSBACH, em que a artilharia prussiana postada em JANUS-HUGEL impede o desenvolvimento das colunas de SOUBISE que numa manobra desconhecida procurava macaquear o tática do Rei da PRUSSIA, enquanto que SEYDLITZ, com a sua CAVALARIA, ameaçando o flanco esquerdo dos aliados por STORHAU, concede o tempo necessário para que INFANTARIA desenvolvida, atacasse pelo centro e flanco esquerdo, desbaratando e vencendo os franceses neste memorável combate.

Constituiu esta passagem histórica um belo exemplo, tanto mais quanto caracterizou-se nitidamente, pela primeira vez, a concorrência definida de cada Arma no combate, tendo em mira o cumprimento da missão.

Aqui a informação desempenhou papel importante na execução da manobra, uma vez que a intervenção foi oportuna e precisa.

Sob o ponto de vista puramente da forma e do mecanismo da execução, a "ordem oblíqua" foi representada, como muito bem descreve DERVIEU "antes do ataque, desfilar em longas colunas, por linhas, executando o que se chamou "movimento processional", de modo a encontrar-se desenvolvido em linha, por um simples movimento de conversão. Essa marcha é coberta por fraca cortina de tropas.

Chegado em presença do inimigo, fazer, cerrar sobre a testa todas as colunas; depois, fazê-las avançar desigualmente, escalonadas para um flanco, num dispositivo análogo ao dos tubos de um órgão.

Com uma fração de suas tropas, atacar, uma parte fraca da ordem de batalha inimiga, uma ala por exemplo, sem

procurar romper as outras partes; esforçar-se para obter o abalo material dessa porção da massa inimiga, na esperança de que isso seja bastante para desorganizar o resto".

A idéia do fracionamento dos exércitos em Corpos Separados, que veio evoluindo desde o princípio do século com as necessidades de vida, de deslocamento e de combate, trouxe para a Tática a quase solução do problema, só superada pela adoção do Princípio Divisionário em mãos de BONAPARTE; na Estratégia, permitindo uma extrema mobilidade e adaptação as situações, em presença da Geografia e do inimigo, facilitou e multiplicou as possibilidades da manobra para a Batalha e sobretudo o primeiro degrau para a realização da concentração das forças, que constituiu o segredo máximo da Arte Napoleônica, concebida por FREDERICO mas somente materializada pelo GRANDE CORSO.

Em contraposição, revelou-se o Princípio dos Corpos Separados uma arma de dois gumes acarretando, para os velhos Chefes rotineiros a completa disseminação de suas forças e dispositivo em "cordão" incapaz de atender as necessidades da luta pela impossibilidade de concentração dos meios no ponto preciso e no tempo útil.

O próprio FREDERICO que por vezes deixou bem patente a noção de concentrar-se para a Batalha, foi vítima mais uma vez do retrocesso a rotina, como se a Batalha não fosse o fim colimado pelas operações.

Na Campanha de 1757 contra a Coligação Austro-Franco-Russa, vemos-lo cobrir-se por um cordão na fronteira, desde SAXE até a SILESIA, repartindo assim o seu exército em quatro corpos de aproximadamente 30.000 homens cada. Ante a inércia dos austríacos e o retardo dos russos e franceses, concebe tomar uma atitude ofensiva e convergindo simultaneamente sobre PRAGA, concentra-se em condições precárias de Segurança para bater LORENA.

A concepção foi realmente grandiosa, posto que procurava bater separadamente o adversário ainda não reunido, por uma manobra que lhe permitiria obter a superioridade de meios, por uma operação convergente.

A necessidade de ganhar tempo e o pequeno conhecimento do Princípio da Segurança, como o tinha NAPOLEÃO, levou-o a pretender fazer a junção de seus Corpos em presença e a vista do inimigo o que acarretou o desastre certo e a derrota inevitável.

Esta manobra que foi uma repetição da que executou em 1756, é medíocre na execução, o que demonstra não haver tirado os necessários ensinamentos, da vitória incerta de LOBOSITZ.

A semente porém fora lançada para que NAPOLEÃO cultivando-a colhesse num futuro próximo, os melhores frutos com que abasteceu os armazens de suas vitórias.

A situação geográfica da PRUSSIA permitiu a FREDERICO a concretização da "batalha em linhas interiores", que sistematizadas mais tarde pelo Grande Mestre, tornou-a sua favorita com a denominação de "manobra em posição central".

Este artifício tinha, sem dúvida, em mira bater sucessivamente o inimigo, de forma a ser o mais forte em cada situação. As campanhas de 1756 e 1757, da Guerra dos Sete Anos, levadas a cabo pela PRUSSIA, são mostras patentes de belíssima concepção e da má execução da manobra.

A rotina a entrar o progresso!

Neste mesmo terceiro quarto do século XVIII, outros Chefes brilharam, tais como o Marechal de BROGLIE, que numa perfeita preciência da Tática Napoleônica, apenas tinha os seus passos tolhidos por uma execução arcaica e pouco flexível.

Aliás ao Marechal de BROGLIE deve a Organização, pela primeira vez, o emprêgo de Corpos Separados permanentes, com efetivos certos e previstos, ao qual, chega-se a afirmar, denominou de DIVISÃO.

No decorrer do século os abastecimentos tiveram solução satisfatória, seja pela exploração dos recursos locais, consequência da organização dos Corpos Separados, seja pela adoção de armazéns sucessivos distanciados cada cinco jornadas, muito uzado por FREDERICO, mas que reduziã a sua liberdade de ação.

Vivia a Arte da Guerra neste quadro transitivo dos fins do século, quando com a Revolução Franceza, novo alento veio tomar para prosseguir velozmente na sua evolução.

A Tática Elementar permanecia inalterada, agora já porém sedimentada quanto às flutuações até então existentes nos processos de combate da INFANTARIA e sucitados pelas longas querelas havidas entre a "ordem delgada" e a "ordem profunda" e consequente aparecimento da "ordem mixta".

A CAVALARIA fortalecida agora nas suas características ofensivas, com a definitiva adoção generalizada do mosquetão, mantinha a prioridade para as missões precursoras e posteriores da Batalha.

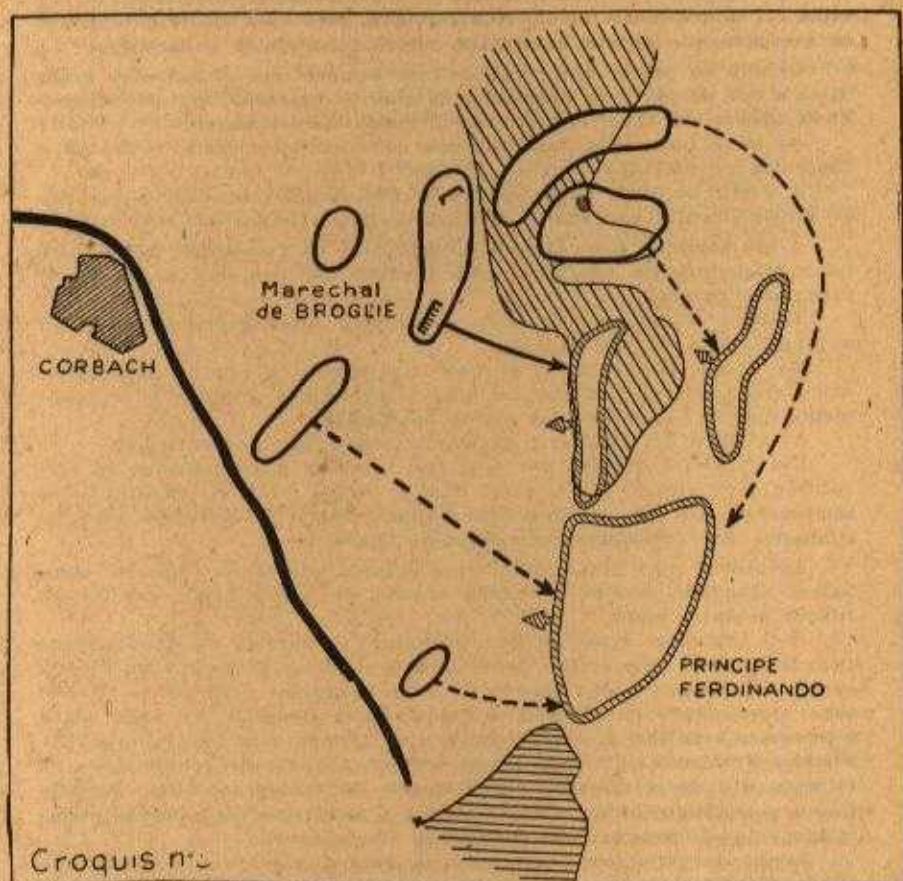
A ARTILHARIA já definitivamente instituída em Arma, firmava o seu verdadeiro conceito no campo da luta, tornando-se desde então a Arma do Chefe, com a qual fazia variar o ponto de aplicação do seu esforço. Melhoradas as condições do material, a sua cooperação no combate foi mais eficaz e já agora o seu objetivo que era exclusivamente o pessoal, como tivemos oportunidades de ver em ROSSBACH, transferia-se concomitantemente para o próprio material de artilharia, com a realização da "contra-bateria" na Batalha de

Na Tática Geral, com a sistematização do emprêgo dos Corpos Separados, surgiu definitivamente a DIVISÃO, com toda a esplêndida de realizar o combate mediante as caprichosas combinações, de mais em mais adaptadas ao terreno, ao inimigo e à missão.

Dentre as consequências acarretadas pelo emprêgo da Divisão no Combate e na Batalha, destaca-se, com particular relevo, a possibilidade de fracionamento dos exércitos por forma a facilitar os estacionamentos, abreviar as marchas, multiplicar as manobras e concentrar-se no ponto desejado e no momento oportuno para a Batalha.

Esta nova Grande Unidade, antes mesmo do seu mágico emprêgo por NAPOLEÃO, permitiu maior amplitude nas manobras de ala e um exemplo expressivo está na Batalha de CORBACH, em que o Marechal de BROGLIE, ainda em 1760, manobrando amplamente contra o exército do Príncipe FERDINANDO toma-o de reves após um completo envolvimento. (croquis n.º 3)

A Divisão como fora criada por BARNOT, comportava elementos das três Armas e tinha antes de mais, uma finalidade estratégica, posto que a tática da combinação das Armas no Combate, ainda não era de uso corrente, menos na concepção do Chefe do que na ação do Comandó.



As características de autonomia da Grande Unidade organizada em presença dos efetivos totais da época, vizavam precisamente obter a mobilidade necessária para a manobra estratégica.

Esta mesma organização permitiu maior liberdade a ação do Comandante que usou-a criteriosamente estabelecesse a sua segurança pelo dispositivo.

A velha Estratégica de ANIBAL pode enfim ser resedada em toda a plenitude.

Com a Revolução e nos primeiros tempos a reação francesa, contra os exércitos da nobreza esteve supervisionada por BARNOT que portador de grande inteligência e belo conhecimento das necessidades militares do momento, legislando e comandando através do Comité de Salvação Pública, organizou o Exército Francês Revolucionário sob moldes os mais perfeitos para a época e sedimentando as idéias táticas transformou-as em regulamentos que serviram de base ao Combate durante todo o Consulado e o Império.

Na Tática Geral porém, quanto a sua realização no campo de batalha foi simplesmente medíocre e rotineira, pelo que jamais obteve com os exércitos que dirigiu de PARIS, vitórias completas e decisivas.

Quanto ao prever as operações, teve sempre uma imaginação grandiosa e rica de preceitos concluídos de guerras passadas, exatamente condicionados a um sábio emprego do Princípio Divisionário.

As suas instruções, maravilhosas na concepção eram rotinadas e timoratas na execução.

A partir de 1794, ainda em pleno Período Revolucionário, projetasse indelevelmente no cenário europeu a figura ímpar de NAPOLEÃO.

A sua aparição como General Comandante na Campanha da ITÁLIA, foi verdadeiramente espantosa pela maneira de conceber e forma de executar a guerra.

Estudar a evolução da Arte da Guerra neste período, é estudar a própria Arte de NAPOLEÃO.

Na Tática Elementar nada produziu, mesmo porque o armamento não sofreu maiores modificações, além de pequenos progressos, especialmente quanto ao alcance das armas de fogo.

A ARTILHARIA a agir sistematicamente por concentrações.

Um fator foi decisivo nos combates travados pelos soldados da Revolução e do Império, e este foi o fator moral do "sans-culottes" que sempre bateu-se com os olhos fitos no Ideal Pátria e Liberdade, além da confiança que depositavam no Supremo Chefe.

Apezar de toda uma técnica especializada que já se exigia do combatente daquelas tempos, a vitória, mesmo, nas ações locais, continuava função do fator moral.

Sem pretender, nem de leve, obumbrar a auréola de glórias deste Grande Capitão, não se lhe deve atribuir nenhum poder divinatório ou genial. Ele mesmo o diz, quando de suas Memórias, referindo-se ao estudo aprofundado da História e dos Grandes Generais, de onde auriu sofregamente as ideias, os princípios e as formas com que levou os Exércitos Franceses a vitória, numa estética perfeita de combinações de esforços, atitudes e direções, perfeitamente adaptadas ao espaço geográfico e ao inimigo no seu valor material e moral, particularmente esclarecido pelo conhecimento psicológico do Chefe adverso.

Longe de metodizar a execução da guerra, metodizou e disciplinou o seu próprio raciocínio, o que lhe permitiu prever e decidir manobras rigorosamente induzidas do estudo realizado.

E assim, com rara acuidade intelectual em presença de um raciocínio disciplinado pela História e pela experiência, pode, estabelecendo princípios e máximas, sistematizar a guerra sempre condicionada a um decisão e a uma missão.

Do seu Método de Raciocínio, surgiu o hoje tão decantado Método das Possibilidades e da sistematização das operações que desenvolveu apareceu o Sistema Napoleônico.

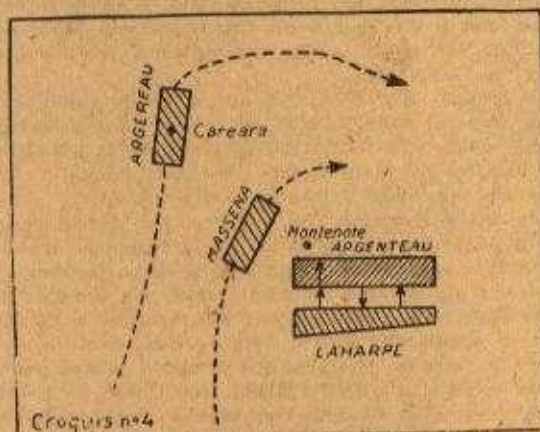
Para que possamos estudar a evolução da Tática e Estratégia nesta quadra verdadeiramente revolucionária do fim do século XVIII e princípio do XIX, o faremos pela exemplificação dos princípios estabelecidos, com os próprios fatos que permitiram a dedução dos mesmos, sem recorrermos a repetição para a comprovação.

Na Batalha sempre procurou agir sobre as comunicações do inimigo, seja para isolá-lo de suas bases por uma operação de desbordamento ou envolvimento, seja ainda evitando ou cortando a ligação de combate en-

tre vizinhos, neste caso a "manobra de posição central", tão sua favorita, pelo simples fato de achar-se quase sempre em inferioridade numérica em presença de seus adversários coligados.

A manobra desbordante, de resultados finais não definitivos em geral, requerendo por isso invariavelmente a retomada das operações e conseqüente perseguição, foi brilhantemente preparada no combate da BICOCA, quando procurava aniquillar as forças sardas na Campanha de 1796.

O envolvimento foi prodigiosamente concebido e realizado na Batalha de MONTENOTTE em que LAHARPE numa ação frontal entretém e pressiona ARGENTEAU, enquanto que MASSENA envolvendo-o derrota-o e aniquila-o. É um exemplo brilhante e realizado dentro de uma execução tática não superada até hoje. (croquis n.º 4).



Ainda é a campanha de 1796 que nos oferece e mostra a realização integral da batalha em posição central, com o lançamento de AUGEREAU sobre CARARA e reunião dos meios nessa região após a vitória de MONTENOTTE, até aos combates de CAIRO e DEGO que visaram ganhar o espaço necessário e suficiente para em Segurança lançar-se contra COLLI e por fim derrotá-lo.

Procurando sempre obter um efeito de massa, homogeneizou estas mesmas massas, criando Divisões de INFANTARIA e CAVALARIA, agrupando para o combate a ARTILHARIA, afim de obter efeito maciço dos seus fogos.

Ao invés de deixar ao divisionário a faculdade de combinar as Armas no ponto decisivo, avocava a si esta qualidade indispensável ao verdadeiro Chefe e muito do seu agrado.

A Campanha de 1800, depois de MARENGO, foi um primeiro ensaio desta maneira de empregar as Armas, mas que somente em 1805 pôde realizar praticamente com a presença do Corpo de Exército autônomo na Batalha.

A criação dos Corpos de Cavalaria, concretiza o emprego em massa de Nobre Arma, que se tornou irresistível na perseguição.

Agir em Segurança, foi sempre norma invariável da sua conduta na guerra. Jamais desculdrou-se de garantir aos seus exércitos o tempo e o espaço suficientes para manter a liberdade de ação necessária. Não se descurou mesmo de realizá-la seja pelo dispositivo seja pela informação, exatamente dentro da concepção atual desta condição.

Pelo dispositivo, com Guardas Avançadas em marcha ou em estação, como podemos concluir da missão recebida por SERRURIER em GARÉSSIO e LAHARPE em SAVONA, antes de 12 de abril de 1796.

Após o combate de MONDOVI, é LAHARPE que seguindo pelo eixo mais a Leste, realiza a Segurança do grosso que rumava para TURIM, contra possíveis investidas austríacas.

O emprêgo porém de tropas em Segurança, não foi criação de BONAPARTE, que apenas, e foi tudo, passou a dar aos destacamentos o valor e a fortaleza necessárias ao cumprimento da missão e assim o vemos empregar Divisões inteiras.

Pela Informação, também sempre manteve-se ao par do inimigo e do terreno por forma a prever o perigo em tempo útil e manter a prioridade de ação.

São numerosos os casos que podemos citar, e assim faremos referência ao reconhecimento do Teatro de Operações em 1805, realizado por MURAT, BERTRAND e SAVARY, particularmente dos eixos que do RENO vão ter ao DANUBIO.

É ainda o próprio BONAPARTE que a 13 de setembro do mesmo ano ordena ao General MARMONT: "... devais envoyer des espions, meme des officiers, à NUREMBERG et dans la FRANCONIE, pour connaitre et surveiller les mouvements des Autrichiens ..."

Realmente são exemplos frizantes e absolutamente conclusivos.

A obtenção fator Surpresa, foi sempre sua constante preocupação e jamais deixou de procurar realizá-lo, para tanto preparando as operações com o máximo segredo e executando-as com rapidez e veemência.

Não é outra a sua intenção quando, após ter decidido fazer a reunião das forças em 12 de setembro de 1805, escreve a FOUCHÉ, Ministro da Polícia, o seguinte: "Faites défense aux gazettes des bords du RHIN de parler de l'armée, pas plus que si elle n'existait pas".

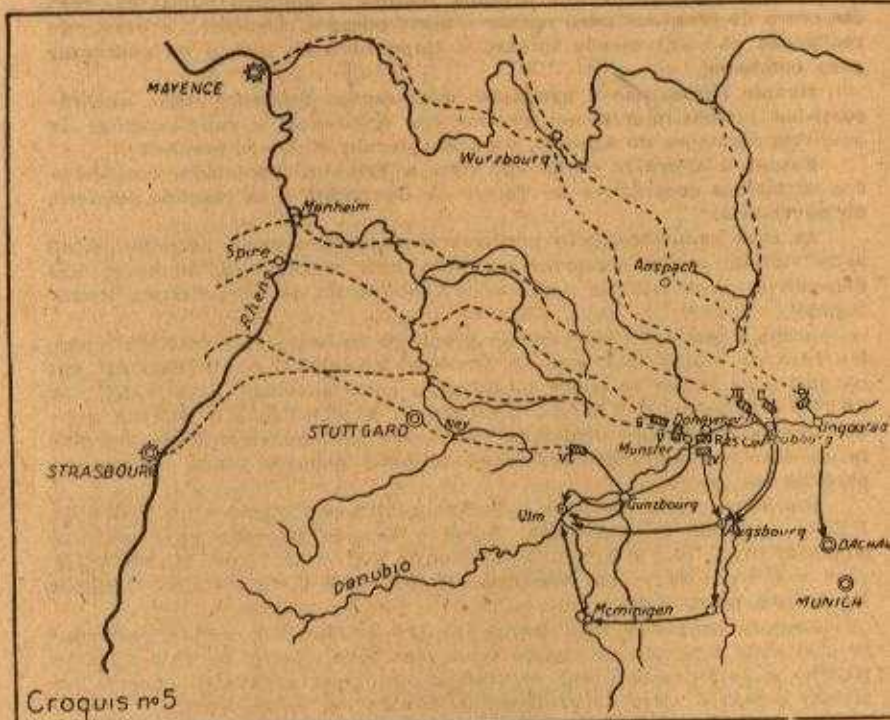
As palavras escritas por BERTHIER, seu Chefe de Estado Maior, a NEY, mostram como não dava a conhecer a sua decisão nem mesmo aqueles que por dever de ofício deveriam saber e ainda mais, ordenava invariavelmente por ordens particulares, não permitindo aos Chefes subordinados o conhecimento do conjunto das operações.

A rapidez e o imprevisto com que tomou a iniciativa das operações em 12 de abril de 1796, o ritmo das operações mantido até a derrota — final dos Sardo e consequente Armistício de TURIM, prova a saciedade, como poderíamos fazer com vários outros exemplos, o seu particular cuidado na realização da SURPREZA.

Concentrar o máximo de meios no lugar desejado e no momento preciso, de forma a ferir forte se necessário ou adaptar-se a uma nova situação constituiu sempre o seu lema de combate. Com este argumento decisivo nas mãos, se propunha impor ao inimigo sua vontade.

Busquemos na Campanha de 1805 dois exemplos interessantes e convincentes do que acabamos de afirmar e que constitui o grande segredo das suas vitórias. (croquis n.º 5)

Nos fins de setembro, não sabendo, pelas contingências do inimigo, se travaria a batalha no LECH ou no ILLER, realiza a concentração dos seus exércitos sobre o DANUBIO na frente compreendida entre INGLOSTADT — DONAUWERTH, partindo de STRASBURGO, MAYANCA e BAMBERG. De um dispositivo em reunião articulado numa frente aproximadamente 200 quilômetros, passou a um disposit em concentração na frente de 70 Km.



É ainda no prosseguimento desta operação que vamos buscar o segundo exemplo: Decidida a batalha no ILLER, cobrindo-se no LECH contra uma eventual intervenção dos russos, adaptando-se concentra mais uma vez a totalidade dos seus meios para a Batalha de ULM, lançando MARMONT e LANNES diretamente sobre ULM; NEY contornará MACK pelo Norte; SOULT envolverá a cidade pelo Sul.

A operação foi realizada com tamanha maestria e beleza que mesmo sem combate, impoz a sua vontade ao inimigo.

Voltou a Batalha e definitivamente a constituir o ato máximo da guerra e o Grande Corso jamais desenvolveu operações senão buscando-a decisivamente.

O seu objetivo não tinha mais, como fôra corrente no século XVIII, um sentido puramente geográfico, mas visava unicamente o inimigo para destruí-lo em qualquer terreno.

A vitória tem agora um novo significado qual o de tornar o adversário militarmente impotente para qualquer reação, só conseguido pelo aniquilamento de suas forças.

É ele próprio que o diz e prática invariavelmente: "Desejo antes de tudo uma batalha" (carta ao Marechal SOULT em 10/X/808) "O fim de minhas combinações é a batalha" (Memórias).

A sua Estratégia foi grandiosa, e coerente sempre com a Tática que praticou, porque jamais operou senão no sentido de preparar a Batalha.

A idéia permanente que presidia sempre o emprêgo inicial das forças era o de reuni-las para operar e neste ponto a intenção o desejo de realização não era menos intenso e imperativo do que o de concentrar para combater.

Reunir porém não é grupá-las num espaço limitado, senão que reparti-las judiciosamente no terreno em segurança e condicionadas às possíveis variações do inimigo, para daí decidir como empregá-las.

Reunir é articular tendo em vista a manobra projetada, considerados os fatores geográficos do Teatro de Operações e as reações possíveis do adversário.

As suas campanhas são prodigas em exemplos desta natureza e jamais vimos-lo iniciar qualquer operação sem articular-se, adotando um dispositivo e uma atitude por muitos denominada de "Espectativa Estratégica".

Assim é que em 1796 vemos-lo reunir-se ao longo da CORNICHA entre LOANO e SAVONA com as Divisões MASSENA e AUGEREAU em condições de lançar-se sobre CARCARA, coberto contra BEAULIEU em SAVONA e contra COLLI em GARÉSSIO. A articulação é perfeita porque atende a manobra projetada no terreno, suficientemente elástica para atender aos pronunciamentos do inimigo, podendo ainda operar em perfeita segurança.

Em 1805, tendo em vista a guerra contra os Coligados no teatro do RENO, partindo da MANCHA, reúne o Grande Exército na região de STRASBURGO (5.º e 6.º C. Ex., Guarda e C. Cav.); em MANNHEIM (3.º e 4.º C. Ex.); em WURZBOURG (1.º e 2.º C. Ex.); Exército Bavarro em BAMBERG.

Embora ocupando uma frente de 200 quilômetros, estava realmente o Grande Exército articulado tendo em vista operar no vale do DANUBIO e perfeitamente em segurança posto que achava-se coberto no RENO e MAIN, além do grupamento bavarro em BAMBERG.

Os exemplos são frizantes e suponho estar suficientemente provada a necessidade de reunir para operar.

Sintetizando porém todos os ensinamentos colhidos nas Guerra Napoleônicas podemos expressá-los num único princípio universal e verdadeiro, o princípio da Economia de Forças.

O Grande General porém, ao atingir o ano de 1815 não era mais o único detentor de sua própria Arte e os inimigos do Império Frances, tinham aprendido as suas manobras e os seus princípios de guerra.

Revidavam agora também com o emprêgo de um sistema de forças variáveis, de intensidade e ponto de aplicação, função do conhecimento que tinham da maneira de agir de BONAPARTE.

Em presença de efetivos enormes e de teatros extensos, os meios de transmissão eram precários e morosos, dificultando a ação do comando e a oportunidade das ordens.

Em 1815, o apressuramento com que foi reorganizado o Grande Exército, consequência da presença quase inesperada do Imperador, não permitiu uma coesão perfeita na tropa e um melhor nível de preparo.

A Grande Estrela não empalideceu, apenas outras aumentando de fulgor diminuíram o contraste.

Assim meus Senhores, chegamos ao ano de 1815 com toda esta bagagem de ensinamentos bebidos naqueles que por seus feitos legaram à posteridade elementos capazes de codificados estabelecer uma verdadeira Ciência da Guerra, apriorística nas decisões, regida por um corpo de doutrina e com processos especiais de investigação.

Em breve voltaremos a este assunto para prosseguir através do tempo, as nossa comparações.

ASSUNTOS DIVERSOS

BOLETIM

I — CONFERÊNCIA DE PETRÓPOLIS

Os acontecimentos marcantes dos últimos tempos foram, sem dúvida, a Conferência Panamericana de Petrópolis e a conseqüente assinatura do Tratado do Rio de Janeiro.

Um elo a mais na já longa e fecunda cadeia de conclaves continentais, a reunião recém-efetuada em Quitandinha, teve méritos assás assinaláveis.

Primeira reunião conjunta das Nações Americanas neste tumultuoso e áspero após-guerra, sua realização vinha sendo de há muito protelada. Justas e ponderáveis razões faziam aguardar com ansiedade o seu desenvolver. E, mesmo os mais otimistas julgadores, não ocultavam certos receios de se ver surgir, já não dizemos um impasse, ao menos uma atmosfera em que fôsse árduo encontrar uma solução aceitável pelo consenso unânime dos Estados dêste Hemisfério.

Todavia, quizeram os fados, para gaudio geral do Continente e para satisfação das esperanças dos homens de boa vontade, que tudo corresse às mil maravilhas. Em um tempo verdadeiramente diminuto, face à magnitude dos problemas estudados e às divergências do modo de ver e sentir que era lícito esperar, removeram-se os óbices e aplainaram-se as asperezas. Está aí, para a História, um exemplo digno de meditação do quanto podem o espírito de sã compreensão da realidade e a cooperação no mais alto sentido.

Democracia em ação eis o que foi a Conferência. Com cordialidade e franqueza expuzeram-se os diversos pontos de vista e com sentimentos idênticos tomaram-se decisões que a todos satisfizeram.

Foi, por todos os participantes, salientado o papel relevante que coube ao nosso ilustre Ministro das Relações Exteriores, o ilustre e eminente Dr. *Raul Fernandes*, presidente da magna assembléia continental. Sua longa experiência, grande bom senso, tato e serenidade, a par de um profundo conhecimento dos problemas diplomáticos e da sutil arte das relações humanas, serviram de sólido fundamento ao majestoso edifício de solidariedade e mútua amizade que representa o Tratado do Rio de Janeiro.

Não podemos deixar de nos referirmos à simpática personalidade do chanceler cubano, o Dr. *Guilherme Belt*, que com tanto patriotismo, inteligência e desassombro defendeu a tese da "agressão econômica". Capítulo oportuno e de realce inegável nas relações internacionais, foi magnificamente focalizado pelo diplomata da nossa irmã

antilhana. E deve-se registrar, análogamente, a elegância e distinção com que o mesmo acolheu a resolução da maioria, de incluir a análise de tal capítulo na agenda da Conferência de Bogotá a realizar-se próximamente.



Coincidindo com a Conferência de Petrópolis, e a ela ligada intimamente, registamos as visitas do Presidente *Harry S. Truman* e do Secretário General *George Marshall*, figuras exponenciais dos Estados Unidos da América e a quem devemos uma grande soma de boa vontade e cooperação.

Marshall, cuja modéstia e esplêndido caráter, têm impedido de se tornar amplamente conhecido, como o verdadeiro construtor da vitória das armas aliadas na guerra que findou, veio chefiando a delegação de seu país à Conferência. E nesta, mais que exuberância de oratória ou atitudes espetaculares, desenvolveu uma atividade intensa e superiormente orientada, revelando, nos mínimos pormenores, o grande conhecimento que possui dos melindres e da psicologia dos diferentes povos latino-americanos. Acostumado, desde 1917, ao heroísmo silencioso do labor insano de oficial de Estado-Maior, em que apenas valem os resultados e não as pessoas ou as idéias esboçadas e não concretizadas, seguiu suas normas de trabalho metódico e primou pela discreção antes de ver chegar a bom termo os diversos projetos em estudo. Seus assessores — representando não só o pensamento das repartições do Governo mas igualmente as várias correntes partidárias de real expressão no cenário da política de Tio Sam — cooperaram numa equipe harmônica e eficiente.

Tornou-se assim viável, graças aos promissores resultados preliminares, concretizar-se a concórdia e uniformidade de vistas da família americana.

E ao encerrar-se a reunião solene pôde o Presidente *Truman* dizer, de viva voz, aos delegados de 19 países do hemisfério :

“Ao levar a efeito a nossa política, estamos decididos a permanecermos fortes. Isto não é, de forma alguma, uma ameaça. O exemplo do passado fala por nós. Nenhuma das grandes nações tem sido mais relutante ao uso da força armada do que a nossa. Não acreditamos que as presentes divergências internacionais terão que ser resolvidas por conflito armado. Entretanto, queremos esclarecer que nossa aversão à violência não deve ser erroneamente interpretada como uma falta de determinação de nossa parte no cumprimento das obrigações da Carta das Nações Unidas, nem como um convite a outrem para tomar liberdades com os fundamentos da paz internacional. Nossa potência militar será mantida, como evidência da seriedade com que encaramos as nossas obrigações”.

E, mais adiante, desfazendo possíveis mal-entendidos e rebatendo acusações repetidas por diferentes órgãos da imprensa latino-americana, acrescentou :

"Não é preciso dizer-vos quão importante é para o nosso sucesso a vossa compreensão, o vosso apôio e o vosso conselho. O problema é, em sua profunda significação, comum a todo este hemisfério. Não há aspecto importante que não nos atinja a todos nós. Não poderá haver uma solução completamente satisfatória sem a cooperação de todos nós".

"O Hemisfério Ocidental não poderá, sozinho, assegurar a paz ao mundo, mas sem o Hemisfério Ocidental não se conseguirá paz. O nosso hemisfério não poderá, sozinho, dar prosperidade ao mundo, mas sem o nosso hemisfério não se conseguirá prosperidade no mundo.

Quanto aos problemas econômicos comuns às nações das Américas do Norte e do Sul, sabemos, há tempo, que muito está ainda por fazer. Ao procurar alcançar uma solução, há muitos assuntos para serem discutidos entre nós. Temos sido obrigados, ao considerar essas questões, a fazer uma diferença entre a necessidade urgente para reabilitação de zonas abatidas pela guerra e os problemas de desenvolvimento em outras partes. Os problemas de países deste hemisfério são de natureza diversa e não podem ser solucionados pelos mesmos meios e entendimentos que os problemas da Europa. Aqui, a necessidade é de uma colaboração econômica de longo curso. É este um tipo de colaboração no qual uma parte muito maior recai sobre cidadãos e grupos particulares do que no caso do programa delineado para ajudar os países europeus a se refazerem da destruição da guerra. Eu vos asseguro, solenemente, que em Washington não estamos alheios às necessidades de uma colaboração econômica mais estreita dentro da família das nações americanas e que estes problemas serão por nós abordados, com a máxima boa fé e com vigor intenso, em futuro próximo.

Se soluções aceitáveis para esses problemas econômicos puderem ser alcançadas e se nós continuarmos a trabalhar com mútua confiança e coragem na construção daquele grande edifício de segurança política, para o qual esta Conferência trouxe uma tão relevante contribuição, ou acredito, então, que poderemos olhar, com grande esperança, para o futuro desenvolvimento da nossa vida comum neste hemisfério".

—X—

As palavras objetivas, serenas e confiantes, acima transcritas, pronunciadas em tão excepcionais circunstâncias pela autoridade máxima dos Estados Unidos, são de molde a encher-nos de coragem e fé para enfrentarmos o porvir de nossa Pátria e de nosso Continente.

Devemos reconhecer que a herança recebida dos estadistas a quem cabe a responsabilidade de nortear os povos nesta hora difícil da história da civilização, é prenhe de dificuldades. E que, consideradas as condições atuais da vida das comunidades, não podem mais os simples cidadãos alijar de seus ombros a parcela de deveres e atribuições que toca a todos e a cada um de per si.

Na era da energia atômica já não é mais possível atribuir a um só homem, dentro das fronteiras de um país, e a só uma Nação, no âmbito mundial, a tarefa de manter a Paz ou de ganhar a Guerra, de aumentar o Progresso ou de incentivar a Anarquia. Esse é um magno papel em que, no teatro da vida, todo homem de valor deve e pode representar a sua parte.

II — OS SERVIÇOS ASSISTENCIAIS DO EXÉRCITO

São de todos os dias as observações que se vêm feitas, através a imprensa e palestras, sobre as crescentes dificuldades de vida, mormente nas grandes capitais em que a inflação e a ganância caminham par e passo.

Infelizmente há ainda os que querem ver em novos "reajustamentos" dos vencimentos daqueles que os têm fixos, a solução para os espinhosos problemas do pagar muito com o pouco que se ganha.

Para os militares, entretanto, parece-nos que já é do consenso geral, tal medida nada adianta. Opinamos, isso sim, por uma organização prática e eficiente dos Serviços das próprias Forças Armadas, no sentido de diminuir tais dificuldades.

No Distrito Federal, por exemplo, não se compreende mais a atual localização do Armazem Reembolsável do Serviço de Subsistência: — ou mude para um ponto mais central ou organize filiais. Do contrário continuará fugindo completamente à sua finalidade de "facilitar" a vida dos militares e suas famílias... Isso sem falar na imperiosa necessidade de reorganizar sua orientação e sua burocracia: — não se concebe que qualquer cidadão possa comprar a crédito em qualquer casa comercial e que um militar não o possa fazer no Armazém de Benfica; não se concebe que pagando à vista os artigos adquiridos tenha o militar de lutar com inúmeros entraves para ver satisfeita uma reclamação sobre a qualidade ou a quantidade dos artigos recebidos; não se concebe, tampouco, que frequentemente seja essa qualidade inferior à dos armazens civis e sem diferenças de preços sensíveis.

Quanto à parte de alfaiataria do Estabelecimento de Intendência vem despertando clamores gerais. Pois além de oscilar frequentemente os preços — exige dos seus freguezes uma paciência verdadeiramente oriental para aguardar provas sucessivas e para receber a encomenda em condição de uso.

A Policlínica Militar e o Instituto Biológico, que inegavelmente representam serviços valiosos, não fogem aos entraves burocráticos, exigindo demoras acima das limitadas possibilidades de tempo do militar, sobretudo do arregimentado.

Enfim, são estes apenas alguns estabelecimentos que, uma vez reestruturados de forma racional e prática, poderiam, em grande parte, ajudar o militar a enfrentar as duras condições do momento.

Aqui ficam algumas sugestões.

III — CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NO CÍRCULO DOS OFICIAIS REFORMADOS DO EXÉRCITO E ARMADA, PELO GEN. MIGUEL DE CASTRO AYRES, COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO GEN. DIONISIO EVANGELISTA DE CASTRO CERQUEIRA

O Círculo dos Oficiais Reformados, tem por norma cultivar a memória dos brasileiros que prestaram relevantes serviços ao Brasil, especialmente daqueles que adotaram a profissão das armas, cabendo-me a grande honra de falar sobre a vida do Gen. Dionisio Cerqueira, cujo centenário comemoramos na data de hoje, 2 de Abril de 1947.

O Gen. Dionisio nasceu na então Província da Bahia, no dia 2 de Abril de 1847, sendo filho legítimo de Antonio de Cerqueira Pinto e D. Ana Fausta Cerqueira Pinto.

O jovem Dionisio educou-se na cidade de Salvador, onde concluiu seu Curso Preparatório, e cursava na Capital do Império o 2.º ano da Escola Central quando no dia 11 de Novembro de 1864 é aprisionado pouco além de Assunção pelo navio de guerra Paraguaio Taquary, o vapor brasileiro Marquês de Olinda, a cujo bordo viajava o Coronel Carneiro de Campos, governador nomeado para a Província de Mato Grosso, seguindo-se em Dezembro a invasão desta Província. Era a guerra.

Dionisio abandona seus estudos, assenta praça voluntariamente a 2 de Janeiro de 1865 no Batalhão de Engenheiros, com destino ao 1.º Batalhão de Artilharia. Ainda não tínhamos terminado a campanha do Uruguai.

O soldado Dionisio, declarado 1.º cadete, embarca para Montevideo a 5 de Fevereiro e ali desembarca a 15, reunindo-se ao seu Batalhão que fazia parte do Exército que sitiava aquela praça, assistindo assim a sua rendição a 20 de Março.

Achava-se terminada a campanha do Uruguai.

O cadete Dionisio, transferido a 14 de Março para o 1.º Regimento de Artilharia, parte integrante do 1.º Corpo de Exército, transpõe o rio Paraná no Passo da Pátria, a 18 de Abril de 1866, pisando assim o território da República do Paraguai.

No dia 2 de Maio, ao meio dia, diz Dionisio, corremos às nossas peças ao toque de alarme e aos tiros repetidos que ouviamos para as bandas da vanguarda. Pegamos na palamenta e nos preparamos num instante para entrar em ação. Nada víamos.

Os paraguaios caíram de surpresa sobre as forças do Exército Uruguaio do General Flores, desbaratando-as.

Vimos nossos batalhões, que passavam em marche-mache de armas suspensas e baioneta armada, lançando-nos olhares de superioridade, diziam: Vocês do "Boi de botas", não podem partilhar da nossa glória.

Ouvíamos gritos de entusiasmo e os oficiais montados galopavam para acompanhar os batalhões, que avançavam ardentes.

O sangue parecia ferver-me nas veias, protestando contra aquela imobilidade, a que me via condenado na conreira de um reparo.

Comecei a ruminar, então, a idéia de passar para a Infantaria.

A 15 de Maio, o cadete Dionisio é nomeado Alferes em comissão para a arma de infantaria, sendo classificado no 4.º Batalhão.

Realisava-se o grande desejo de Dionisio; arranja com os companheiros, Galões com um, Banda com outro e um espadagão com outro.

Na tarde daquele dia, apresenta-se ao bravo Gen. Sampaio, Cmt. da 3.ª D.I., congominada "Divisão encouraçada", da qual fazia parte o 4.º Batalhão.

O dia 24 de Maio de 1866, amanheceu claro e sereno, o sol brilhava em seu pleno esplendor, cortado ao meio por uma cinta esbranquiçada e fina de *stratus*, como uma ágata imensa, onde as armas do Brasil gravariam naquele dia, uma data das mais memoráveis de sua história.

O 4.º Batalhão como toda tropa, formou para o *alarme* ao romper do dia; em seguida saí numa faxina sob o comando do Alferes Dionisio, para fazer lenha na mata da esquerda.

A tropa ensarilha armas e começa a faina de cortar lenha.

Eram 10 horas; Dionisio achava-se junto ao sarilho, quando fez alto em sua frente, perfilado, mãos na pala do bonet, o soldado João de Barros, disse em voz clara bent timbrada, com o sotaque de sertanejo: — Saiba vossa senhoria, sô alferes, que o mato está *vermelhando* de cabôclos. Diz Dionisio: Encarei-o, não parecia assustado. Fui vêr se era verdade, penetrei no bosque por uma das tortuosas trilhas, e esguardei a espessura sombria e longe, meio ocultos pelas árvores, vultos vermelhos apareciam cobertos por grandes barretinas de sóla; eram os paraguaios.

Os homens já voltavam ao sarilho com os feixes de lenha ao ombros. Mandeí chamar os outros; formei-os e segui para o acampamento.

Ao chegar ao acampamento, quando Dionisio comunicava o que vira, uma granada detonou sobre o mesmo.

Era o sinal de ataque, levado a efeito com formidável impeto.

A 3.^a D.I. — Divisão Sampaio — estende-se em linha de mais de 1.600 m. com seu chefe, o bravo General Sampaio à sua frente, brilhando ao sol seus bordados de General.

O 4.^o Btl. 1. ali achava-se e o Alferes Dionisio à frente do seu pelotão, onde porta-se com denodo.

Em Novembro passou Dionisio a servir no 16.^o Batalhão de Infantaria. Corpo formado de baianos.

Em Maio de 1867 é nomeado Ajt. de Ordem da 6.^a Bda. I., fazendo a marcha de flanco de Tuiuty para Tuijucû, em Julho volta ao 16.^o Batalhão.

Em Janeiro de 1868, foi promovido a Alferes para o 17.^o Btl. I., continuando adido ao 16.^o Btl.. Em Fevereiro distinguiu-se no assalto e tomada do reduto do Estabelecimento e ocupação do Forte de Laurellles. Em 29 de Abril, foi nomeado Ajudante interino no 16.^o Btl. I..

Em Julho tomou parte no reconhecimento ao reduto do Potrero e ao sítio e rendição da Fortaleza de Humaitá; em Outubro no reconhecimento às fortificações de Angustura, onde portou-se com denodo e bravura.

Dezembro de 1868 representou para o Alferes Dionisio a época dos seus maiores feitos.

Toma parte na passagem da ponte de Itororó a 6 e na batalha de Avahy a II, onde praticou novos atos de bravura.

Nos tempos modernos as operações militares são estudadas à minúcia, nenhum ataque em grande escala é feito sem uma preparação maciça de artilharia e aviação; na época da guerra do Paraguai, os ataques não tiveram preparação de artilharia, porque, enquanto os Exércitos de campanha tinham algumas dezenas de canhões de pequeno calibre, as fortificações possuíam centenas de canhões de pequeno, médio e grosso calibre.

O Exército brasileiro ia atacar as últimas posições do Exército paraguaiense, concentrado nas fortes posições de Pikiciry, Angustura e Lomas Valentinas.

No dia 20, ao toque de Ajudante do 16.^o, Dionisio monta a cavalo, e foi receber a ordem na brigada: — O Btl. devia formar à meia-marcha, de uniforme pardo, sem faltar praça alguma, na madrugada seguinte. Missão: — que foi dada ao Cmt. do 16.^o — Marcha com o Btl. estendido — em atiradores, contra as trincheiras inimigas em Lomas — Valentinas; avançar de baioneta armada, a marche-marche,

até à contra escarpa do fôssco e dali alvejar os artilheiros, preparando a avançada das colunas de ataque.

Em vez de preparação de artilharia, eram os infantes do 16.º, que iam possibilitar o ataque!

O 16.º marcha com 28 oficiais e 368 praças; os oficiais do seu estado maior a cavalo, entre estes o Alferes Dionisio Cerqueira, seu ajudante.

Antes do inicio de sua missão, uma granada Withworth 32, de um canhão que nos fora tomado em 3 de Novembro de 1867, põe fora de combate, oficiais e praças; o 16.º lança-se à sua missão e a cumpre galhardamente; as fortificações de Lomas Valentinas são tomadas, mas em sua frente jaziam no terreno, mortos ou feridos 22 oficiais e 209 praças de heroicos batalhão.

Entre os feridos achava-se Dionisio, atingido gravemente na cabeça, por um estilhaço de granada paraguáia. Dionisio já ao escurecer volta à vida, seu cavalo pastava próximo, quer falar e não consegue coordenar as palavras; dirige-se vacilante para a retaguarda, seguido do seu cavalo manco e sangrando; vê luz, era uma barraca, posto de socorro médico, aí recebe o primeiro curativo; parte da abobada craneana tinha sido arrancada.

Dionisio é encaminhado a um hospital, onde se restabelece.

Em 13 de Março de 1869, tem alta do hospital, ficando adido ao Bil. de Engenharia, em Assunção.

Dionisio tomou parte em seguida em operações de guerra dirigidas pelo Marechal Conde d'Eu, sendo elogiado pela intrepidez e bravura, praticadas no combate — de Tupyuna.

Foi promovido a Tenente, por atos de bravura, com antiguidade de 18 de Agosto.

Em Março de 1870, embarcou com licença para a Bahia, não regressando mais ao Paraguái.

Dionisio, possuidor de invejável inteligência, procurou aumentar os seus conhecimentos militares e científicos.

Em Março de 1870 matriculou-se no curso superior da Escola Militar da Corte, concluiu o curso de infantaria e cavalaria, com aprovações plenas e distintas nas diversas cadeiras do mesmo curso. Em Abril de 1872 obteve licença para completar o curso de artilharia, completando-o em Dezembro e em Março de 1874, concluiu o curso de engenharia militar.

Para ajuisar do destemor de Dionisio, citemos um episódio de sua vida na guerra do Paraguái.

O Exército achava-se em frente às Linhas Negras por longo tempo, sendo misterio o que se passava atrás delas.

Dionisio disse: "A primeira vez que entrar de piquete, neste posto, lá irei."

Seus companheiros duvidaram.

No dia em que assumiu aquele comando, ao meio dia mandou cessar fogo, atou um lenço branco em um sabre baioneta e levantou-o da crista da trincheira; subiu ao parapeito, viu uma vedeta paraguáia e gritou em um espanhol que Cervantes não aplaudiria: Puedo ir alá? O homem voltou-se, apareceram outros, entre elles um alto, muito trigueiro, de grandes bigodes grisalhos. Era o Comandante, e respondeu: — Si, puedes venir...

Antes de partir, Dionisio disse ao Sargento: — Esteja atento, não me deixe cair vivo nas mãos daquela gente.

— Pode contar, Snr. Alferes — foi a resposta.

Transpôs a trincheira; ao aproximar-se da guarda inimiga, seu Cmt. disse: — Deja tu sable... Dionisio desembainha sua espada e finca-a no chão, saúda-o e segue adiante.

Penetrando no terrapleno, um velho chefe paraguáio, passando a mão pelo seu ombro, perguntou — Que veniste a hacer aqui? Nada — respondeu Dionisio — Vine a visitar-te —

— Sientale pues.

Dionisio procura convencer o bravo chefe paraguáio de passar-se para o nosso lado; o velho chefe, com voz grave e melancólica, respondeu: — Nós outros somos soldados, como tu, y nuestro honor nos manda morir por la patria. Eres mui jovem, retira-te... Dionisio retirou-se deixando-lhe como lembrança, um grande lenço de seda amarela e um cachimbo deescuma, muito *quilotado*.

Dionisio Cerqueira, teve as seguintes promoções: Capitão por estudos, em Maio de 1872; Major em 21 de Fervreiro de 1880; ten. Cel. em 8 de novembro de 1885 e Coronel em 7 de Janeiro de 1890, sendo todas estas promoções por merecimento.

Pelos serviços prestados ao Brasil, recebeu as seguintes condecorações: Cavalheiro da Ordem da Rosa; Oficial da mesma Ordem; medalha da campanha do Urugái; medalha geral da campanha do Paraguái, com passador de prata e n.º 5; Comendador da Ordem de Cristo; Cavalheiro da Ordem de São Bento, Oficial da mesma Ordem; medalha da República Argentina, comemorativa da guerra do Paraguái; medalha de ouro, por contar mais de 30 anos de bons serviços; medalha da República de Venezuela, de 4.ª classe, com o busto do Libertador Bolivar.

Não limitaram-se os seus serviços ao meio militar, onde entre outras comissões exerceu a de Cmt. da E. Militar do Rio Grande do Sul, em Março de 1890.

Em Setembro de 1876 foi posto à disposição do Ministério da Agricultura, para encarregar-se do abastecimento d'água à cidade do Rio de Janeiro.

Em Novembro de 1878, foi nomeado para servir — na Comissão de limites entre o Brasil e a República da — Venezuela, onde serviu até Abril de 1884, quando terminou esta Comissão.

Adoecendo diversas vezes, voltou sempre ao extremo Norte no cumprimento do dever.

Em Julho de 1886 foi nomeado Commissário da Comissão Brasileira, para reconhecer o território e rios — em litígio com a República Argentina, sendo exonerado, a pedido, desta comissão em Outubro de 1891.

A injustiça feita ao grande homem, fê-lo requerer sua reforma do serviço ativo do Exército, que lhe — foi concedida por Dec. de 5 de Novembro de 1891.

Dionisio Cerqueira, representou o Estado da Bahia no Congresso Constituinte de 1890-1891, por eleição dos seus coestaduanos.

Exerceu o cargo de Ministro das Relações Exteriores, no Governo de Prudente de Moraes, nos anos de — 1896 a 1898.

Nesta época, o longínquo Acre, hoje Território, pertencente então à Bolívia, fôra invadido pelos cearenses a procura da borracha, e como nenhum sinal de posse pela Bolívia era encontrado, penetravam êles profundamente no território boliviano.

Ao Governo boliviano chegavam as notícias do — desenvolvimento da extração da borracha no Acre; apressou-se o mesmo em estabelecer marco de sua soberania e, ao Brasil, por seu Ministro do Exterior, Dionisio Cerqueira, foi pedida permissão para o transporte pelo rio Amazonas, de uma delegação boliviana e o estabelecimento de uma alfandega de fronteira.

O Ministro Dionisio Cerqueira, zelando as tradições da política exterior do Brasil, de respeito aos — direitos territoriais dos seus vizinhos, concedeu a permissão, pois o Acre era boliviano e o Brasil, possuidor de um território de 8.300.000 km². de fraca densidade demográfica, não precisava de aumentar seu território.

O Ministro Dionisio Cerqueira, foi acusado de entregar à Bolívia, território brasileiro!

Em 1899, desbravada a brenha virgem, em uma extensão de uns 200.000 KI. produzindo 2.000.000 de KI. de borracha, pelo esforço único dos brasileiros, chegou ao Acre o Ministro Don José Paravicine, chefiando a Delegação boliviana.

Estabeleceu-se 5 milhas acima de Caquetá; denominando o lugar do seu estabelecimento, e onde fundou a alfandega de fronteira, de Puerto Alonso e hoje Porto Acre.

O esbulho e as violências contra os brasileiros começaram e até uma força, Paravicine mandou erguer em — Puerto Alonso!

Uma junta Revolucionária organizou-se em Caquetá, em Maio de 1902 e resolveu agir pelas armas.

Uma força do Exército Boliviano, vinda de La Paz chega ao Acre; os brasileiros sob o comando de Plácido de Castro bate-a e aprisiona-a.

Não tinha o Governo boliviano meios de fazer valer sua soberania e ao Governo brasileiro cumpria defender os interesses dos seus concidadãos.

O Barão do Rio Branco, o Homem Exército, então Ministro do Exterior, faz ocupar militarmente por numerosas forças do Exército — o Acre e estabelece um acôrdo com o Governo boliviano, pelo qual o Acre com seus 211.000 Km² passou a pertencer ao Brasil, mediante uma indenização de 2.000.000 de libras esterlinas e a nossa obrigação de construirmos a E.F. Madeira Mamoré.

Temos aqui a prova que o Acre não era brasileiro e que injusta era a acusação ao Ministro Dionísio Cerqueira.

Dionísio Cerqueira, então Major, consorciou-se em 6 de Junho de 1881, com a Exma. Sra. D. Antonieta Braga Torres, filha do bravo Brigadeiro Francisco Xavier Torres.

Dêste matrimonio nasceram: Antonio Dionísio de Castro Cerqueira, distinto médico e Cap. da Res. do Exército, que consorciou-se com a Exma. Sra. D. Hortencia de Mello, filha do destacado e brilhante oficial d'Armada, Almirante Custodio José de Mello; a Exma Sra. D. Maria Antonietta de Castro Cerqueira, consorciada com o distinto oficial d'Armada Cmt. Raul de Taunay; as Exmas. Sras. D.D. Ana Constança de Castro Cerqueira e Dionisia de — Castro Cerqueira Ross consorciada com o Dr. Jan J. Ross. O claro deixando nas fileiras do Exército, com a reforma do Cel. Dionísio Cerqueira, não fôra preenchido; por iniciativa de Deputados ao Congresso Nacional, um — projeto de Lei apresentado e aprovado, revertendo-o.

Por Dec. de 16 de Julho de 1908, reverteu ao — serviço ativo do Exército, no posto de Gen. de Bgda, independente de vaga e sem prejuizo das que posteriormente se abrissem.

Voltou o Gen. Dionísio ao seio do Exército ativo, sendo nomeado Sub-Chefe do E.M.E., por Dec. de 5 de Novembro do mesmo ano.

Em 1909, muito moço ainda, trazendo aos punhos os galões e estrêlas do posto de Alferes-aluno, fui ao E.M. a serviço, exercendo no momento o Gen. Dionísio o cargo interino de Chefe do E.M.E.

Fui à sua presença e parece-me neste momento — revê-lo com o seu uniforme de tunica azul e calça garance; de estatura mediana e compleição robusta.

Conversamos algum tempo. Indagando o Gen. Dionisio de minha filiação, sabendo então ser filho do seu companheiro de lutas e de arma do Paraguai o falecido — Gen. Ref. Ayres do Nascimento, também como ele promovido por atos de bravura praticados nos mesmos combates de Iitororó e Avahy.

Sua fisionomia denotava grande energia e coragem; sua fronte, a inteligência privilegiada de — que era possuidor; seu olhar franco e sereno, exprimia a bondade de seu grande coração.

Os bravos são sempre bons e compassivos.

Em Setembro de 1909, o Gen. Dionisio foi nomeado Chefe da Comissão Militar de Estudos na Europa, embarcando para o cumprimento de sua missão, em Paris, a 17 — de Novembro.

Em Fevereiro de 1910, o Gen. Dionisio, em companhia de pessoas de sua família, vai assistir a um espetáculo na Ópera de Paris; ao retirar-se para o Hotel em — que residia começou a sentir-se mal; o homem de aço, o bravo, que tinha arrostado as balas nos campos de batalha e o inhospito clima das regiões fronteiriças do Brasil com a Venezuela, baqueou vítima de uma pneumonia, no dia 14 do mesmo mês.

O que representou para o Brasil e seu Exército, o desaparecimento dentre os vivos do Gen. Dionisio, que continua a viver subjetivamente na nossa memória e eternamente no Mundo Espiritual, diz bem o Boletim do Exército que noticiou o seu falecimento: 1910-Fevereiro-*Por comunicação telegráfica de Paris foi comunicado o seu falecimento naquela Capital a 14.*

Ao dar-se publicidade em Boletim do Exército — desse telegrama lutuoso, o Snr. Gen. Chefe do Departamento da Guerra assim se exprimiu: “O saudoso camarada que estava na Europa no desempenho de importante comissão do Governo da República, ou o conheci nos campos do Paraguai, lutando ele com bravura inextinguível pelos brios da — Pátria. Depois vi-o sempre digno, abnegado, correto, ora nos seus grandes labores de eminente geógrafo, ora nos — seus delicados afazeres de estadista, valoroso e experimentado, que estudava os assuntos da profissão das armas e sabia que a arte da guerra, não se reduzia a formas — rígidas e invariáveis desta ou daquela campanha. Desarte bem avalio a grande perda do Exército Nacional, com a morte inesperada do ilustre militar, que deixa o seu — lar, toda a sua família mergulhada em abundantes lágrimas e o Exército e a Pátria golpeados, com fundas saudades, cumprindo-me o doloroso dever de dar pesames à Pátria, ao Exército e à Família do grande morto.

E de ordem do Snr. Ministro da Guerra, determino que os Estabelecimentos Militares e Fortalezas, deverão hastear a bandeira nacional a meio pau durante três dias, em sinal do pesar pela morte de tão distinto General.”

NOTÍCIAS MILITARES

O exército deve tornar-se o centro de correntes de idéias largas e livres, discutidas sem preconceitos e sem a intervenção de injunções hierárquicas, porque a imaginação criadora não é monopólio de nenhum escalão. — General DE LATTRE DE TASSIGNY.

ABRIGOS E REFUGIOS ANTI-AÉREOS

Um interessante estudo sobre construção de abrigos e refúgios anti-aéreos, para edificações civis, incluindo detalhes e planificação de diferentes tipos, está publicado no n.º 4 de TÉCNICA, revista equatoriana.

ALFABETISAÇÃO DO SOLDADO

A Revista de Infanteria, n.º 199, (Chile), noticia uma solução particular encontrada pelo Cmt do Regimento Esmeralda, para o problema de alfabetização do soldado. Entrando em entendimentos com o Diretor de uma Escola Normal próxima, conseguiu alfabetização, naquele estabelecimento, de 55% de seus soldados, e ponde registrar as seguintes observações: os soldados assistiam as aulas com interesse e alegria, em ambiente adequado e sob a orientação de especialistas; os normalistas tiveram oportunidade de praticar o ensino; o reduzido número de oficiais ficou aliviado de tarefa que lhes é ardua, e o professorado teve, assim, oportunidade de estreitar seus vínculos com o Exército.

ANTARTIDA

O volume 88 de Revista militar traz a público uma informação da chancelaria argentina sobre a questão da Antartida, na qual se definem o continente antártico, os primeiros atos de soberania e de intervenção argentina no mesmo, e se apontam as reclamações do chanceler chileno Raul Juflet e a posição da Grã-Bretanha naquela questão.

APOIO AÉREO ÀS FORÇAS TERRESTRES

"No que concerne à cooperação direta com as forças terrestre, a influência da potência aérea já era definida com autoridade pelo E. M. de Montgomery, desde 1944. Não se trata de uma eficácia ilimitada e absoluta das forças aéreas, mas, sim, de uma dosagem apropriada das forças terrestres, navais e aéreas. É o princípio da superioridade é reiterado sob outra forma: a batalha aérea deve ser travada e ganha, antes da batalha terrestre".

ARMAMENTO E MATERIAL

— Em fins de 1946, no polígono de ensaio de Aberdeen, foram apresentados novas armas do Exército Norte Americano, das quais se destacaram: o T-28, carro de combate super pesado, de 38 Ton., com largura dupla e armado de canhão de 105mm.; o T-26 E-4, nova versão do carro Pershing, dispondo de canhão de 90mm.; o Locust M-22, carro leve que se destina às tropas aero-transportadas; novos dispositivos de flutuação, para possibilitarem os carros de combate e à Art. atingirem as praias com seus próprios meios; o T-19, canhão de 105mm., sem recuo, montado sobre reparo auto-rebocado de duas rodas e divisível em fardos, para transporte a dorso; o M-20, lança foguete de 3.5, pol., que

pode ser disparado com apoio no ombro ou em tripé; a mtr. M-3, calibre 59, para avião, com cadência de 1200 tiros por min. e, finalmente, o M-19 e M-21, novas versões dos morteiros de 60 e 81 mm.

— Duas armas sem recuo, simples rústicas, leves e potentes foram adotadas pelo Departamento de Material de Guerra do E.U.A.: as peças M-18 e M-20, de 57 e 75 mm. respectivamente. A primeira pesa 45 libras, pode ser disparada por atirador de pé, é empregada sobre tripé de mtr. comum, utiliza munição semelhante à da Art. 75 e tem alcance de 4 milhas. Ambas possuem grande precisão e foram empregadas, em primeira mão, pela 17.^a Divisão de Paraquedistas, na Europa.

O JB-3 e o JBI-A são dois novos projetos lançados de avião. O primeiro é acionado por um reator adaptado à asa de um Douglas A-26 e controlado, inicialmente, de bordo do avião, e posteriormente, mediante dispositivo especial instalado na ogiva. O segundo não possui motor e é controlado do ar ou de terra, até ao objetivo, por meio do equipamento de televisão instalado no corpo.

A bomba norte americana, JBI-A derivada da V-1 alemã, é mais rápida que esta e possui um dispositivo de direção e procura do objetivo. Substituirá, em certos casos, a aviação tática, nas ações de neutralização maciça. Já se antevê seu emprego em missões particulares, como o transporte de suprimentos destinados a tropas aero-transportadas, quando aterrisadas em território inimigo.

AVIAÇÃO

— "Quasi todos os fabricantes ingleses se dedicam exclusivamente a produção de aviões a reação. É evidente que as doutrinas do Cmt. White se impuseram e que os futuros transportes ingleses serão de retropropulsão."

— "Os americanos fazem esforços por emparelharem-se aos ingleses no que diz respeito a motores a reação. A General Electric, em particular, emprega mais de 100 engenheiros especialistas, para desenvolvimento e produção de turbo-reatores, capazes de funcionar nas altitudes de 18000 a 24000 metros, com velocidades superiores a 2400 kms/h."

— O FD-1, mais conhecido como FANTASMA MAC-DOWELL, avião a jacto, pousou com êxito, cinco vezes, no convés do porta-aviões FRANKLIN D. ROOSEVELT. Foi a primeira aeronave sem hélice, com velocidade superior a 800 kms./h., a pousar em porta-aviões norte americano.

— O mais moderno avião a jacto da Army Air Force é o XP-84, capaz de desenvolver velocidade superior a 950 kms/h., com tecto de 12000 ms. e raio de acção de 1600 kms.

— Um tipo de asa voadora, bi-posto, com envergadura de 14,30 ms. e 1590 kgs. de peso, está sendo submetido a prova, em Ottawa. Servirá de base para a construção de uma asa voadora 4 vezes maior e acionada por motor.

— Tratando do problema da aterrissagem em nevoeiro, os técnicos da Marinha norte-americana procuram solução com o emprego de transmissores ultra-sonicos, emitindo ondas de tão alta frequência que se tornam imperceptíveis à audição animal. Visam, assim, substituir os dispendiosos processos térmicos de Haigill e Elmer.

— Um avião de passageiros, Douglas DC-3, equipado com propulsores a reação, levantou voo 4 vezes consecutivas, de pistas rodeadas de selva, na Nicarágua. Até então, nessas pistas só podiam operar pequenos aviões monomotores.

— Oito aviões de combate Lockheed P-80, da 13.^a Forças Aérea dos E.U.A., efetuaram um voo de Loag a Okinawa (1200 kms.) em hora e meia, exatamente.

— Calcula-se que a Argentina, ao concluir o plano quinquenal, contará com 2000 aviões, inclusive planadores, 138 clubes de voo a motor e 100 a vela.

— Está sendo organizada nos E.U.A. a Bda. Bmb. Atômica, equipada com o B-36, que é o maior aparelho até agora construído.

— Os aviões de bombardeio de grande raio de ação levarão, no futuro, seus próprios caças. Nos B-36, os aviões de caça, a jacto, com 4 ms. de comprimento, ficarão alojados no compartimento das bombas, o qual mede 25 ms. de comprimento. Cada B-36 transportará, assim, 4 caças cujo armamento é, ainda, segredo militar.

— O engenheiro-chefe da General Electric prevê que os tubor-reatores de alta velocidade substituirão quasi todos os motores de aviões, nestes próximos 10 anos.

— Notifica-se o aparecimento de catapultas elétricas que lançam aviões em grande velocidade, de pistas curtas. Surgem como precursoras de aeroportos pequenos, para os aparelhos do futuro.

BANDEIRA DAS AMÉRICAS

— O Cap. ANGEL CAMBLOR, do Exército Uruguaia, assim idealizou uma Bandeira da Raça: branca, com três cruces concavas lembrando as caravelas de Colombo, e um sol incaico, para recordar todas as raças aborígenes do continente. Içada em Espanha e em muitas Repúblicas hispano-americanas, a 12 de Outubro de 1935, foi a mesma aceita pela 7.^a Conferência Internacional Americana, em Dezembro de 1933, como Bandeira das Américas.

CAVALARIA NOS EXÉRCITOS MODERNOS.

O Major WASHINGTON BUSCONI apresenta, no n.º 17 da revista uruguaia Orientacion, um interessante estudo sobre os meios hipo e motomecanizados que devem constituir a Cavalaria, em Exército de países cuja história, costumes, tradições e possibilidades, contra-indicam motomecanização integral.

COLONIZAÇÃO MILITAR

Tratando do recrutamento de camponos para o Serviço Militar, e após expor pontos de vista pessoais que nos parecem muito sugestivos, o Major GUSTAVO SIERRA OCHOA notifica, em Memorial del Estado Mayor, n.º 11 (COLOMBIA); "a 2.^a Bda. está empenhada em importantes programas de colonização, dando cumprimento aos Planos Agrícolas fixados para os Corpos de Tropa".

COMBATE EM TEMPERATURAS EXTRAMAMENTE BAIXAS.

Até 30 de Abril último, dois destacamentos do Exército Norte Americano foram submetidos a intenso treinamento no Alasca, em regiões onde são comuns as nevadas de 1,50 ms. de profundidade, e, em tempo de inverno, as tempestades de neve. Visou-se não só comprovar o valor do material, como determinar dados para fabricação de melhores armas para combate sob tais condições de clima.

IMPRENSA MILITAR

Além de numerosas folhas editadas pelas diferentes R.M. e diversas Unidades, e de revistas particulares das Armas e Serviços do Exér-

cito Armada e Aeronáutica, a imprensa militar russa compreende, ainda, os seguintes órgãos.

VOIENNAIA MYSL (Pensamento militar), periódico mensal com uma tiragem de 15000 exemplares, destinado aos comandos e estado-maiores de G.U., inclusive Divisão.

VOIENNY VIESTNIK (Mensageiro Militar), quinzenário com tiragem de 50000 exemplares e destinado aos oficiais até o posto de coronel.

KRASNAIA ZNIEZADA (Estrela Vermelha), mensário de largas dimensões em todas as forças militares. Em cada número, traz um editorial de caráter oficial, em geral relativo à preparação para a guerra, e artigos sobre instrução, incluindo formação política.

KRASNOARMEIETS (Soldado do Exército Vermelho, publicado pelo Órgão Político Central das Forças Armadas.

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

A inseminação artificial tem sido objeto de particulares atenções, na Argentina, onde a Sociedade Rural exorta seus associados a exporem um número cada vez de produtos, enquanto judiciosas observações são realizadas no haras Gen. Lavalle.

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÕES

Na Argentina, o Instituto Lanus foi constituído para investigações e conselhos de toda espécie de problemas técnicos, econômicos e legais, com uma seção especial para assuntos de aviação.

PAPEL DOS EXÉRCITOS NAS FUTURAS GUERRAS

O Cap. PEDRO PEREZ RUIZ, em brilhante artigo sobre evolução da guerra, observa em Ejercito, n.º 23 (Espanha): "Os Exércitos atuais no sentido atual de Nação, nada mais serão que peças de um determinado Grupo de Nações. Assim, as futuras guerras serão com um imenso tabuleiro de xadrez, com umas Nações como peões, outras como torres, etc. Tal qual no jogo, todas as peças terão seu valor, sem que seja prudente desprezar um peão que pode ser causa de vitória ou derrota".

PAPEL DO MÉDICO NAS GUERRILHAS

Apontamos como muito interessante o artigo de GEORGE PARKER, sobre o papel desempenhado pelo médico, na luta de guerrilhas ocorrida na França, na última guerra. Está transcrito em EJERCITO Y ARMADA, n.º 73 (Argentina).

RESERVA ORGANIZADA, NOS E.U.A.

"Acha-se em formação, em todo o país, a maior reserva organizada já registrada em toda a história de nosso Exército. O total de seus componentes atingirá 63 Divisões, todas prontas para qualquer tipo de luta, em qualquer parte do mundo, um ano após o dia de mobilização ou após a declaração do estado de emergência". Cinco dessas G.U. serão aereo-transportadas.

SERVIÇO DE INTENDÊNCIA

— Apesar de reconhecer que "de modo geral, o Exército Norte Americano foi o mais bem alimentado desta guerra", nossos vizinhos do norte preocupam-se ainda com uma alimentação adequada para os seus soldados, de vez que "a comida distribuída deixou muito a desejar". O Ministério da Guerra expediu, sobre o assunto, uma circular cujos parágrafos estão transcritos em Military Review, n.º 9.

— Do artigo o S.I. NO BRASIL, publicado em REVISTA DE INTENDÊNCIA, n.º 31; "Afigura-se-nos que melhor seria deixar o comandante do Corpo livre da responsabilidade da administração; a instrução ganharia muito com tal sistema. A administração, embora subordinada ao comandante do Corpo, devia ser mantida por uma formação administrativa cujos chefes e agentes poderiam ser responsáveis, disciplinarmente, perante o comandante do Corpo e criminal e pecuniariamente, perante o Estado, pelos atos praticados na gestão dos bens nacionais distribuídos à Unidade".

TRANSCRIÇÃO DE ARTIGOS DE OFICIAIS BRASILEIROS.

— Consequência da evolução das armas de fogo, para a Cavalaria" do Gen. VALENTIM BENICIO DA SILVA, em Revista del Sub-oficial, n.º 334 (Argentina).

— "A foto-informação no escalão D.I." do Major HUGO DE MATTOS MOURA, em Military Review, n.º 9 (E.U.A.)

— "Doutrina de guerra e processos de ação" do Cel. J.B. MAGALHÃES, em Military Review, n.º 10 (E.U.A.)

— "A doutrina de guerra francesa e a campanha de 1940", do Maj. HEITOR A. HERRERA, em Military Review, n.º 11 (E.U.A.)

— "A luta individual contra o tanque" traduzido pelo Cmt. JOSÉ ARTERO SOTERAS e, Revista del Sub-oficial n.º 334 (Argentina)

— "Descrição e emprego dos botes de borracha do Exército Brasileiro" traduzido pela Cap. GRIBE ALVES, em Revista Militar e Naval, complemento de 1946 (Uruguai).

— "A 2.ª Batalha aero-terrestre da Holanda" do Maj. GERALDO MENEZES CORTES, em Military Review, n.º 12. (E.U.A.)

— "As guerrilhas conduzem à vitória" do Maj. JAYME RIBEIRO DA GRAÇA, em Military Review, n.º 1. 1947 (E.U.A.).

— "O canhão sem recôto" do Maj. ANTONIO MENDONÇA MOLINA, em Revista del Sub-oficial, n.º 337 (Argentina).

A INVASÃO DA EUROPA

Relatório oficial do Marechal Visconde MONTGOMERY DE ALAMEIN

Tradução, adaptação e notas do Capitão OCTÁVIO ALVES VELHO

ERRATA

Mês	Página	Linha	Onde se lê	Lê-se
ABRIL	767	18	Comandante-Chefe	Comandante-Chefe
	768	18	12.º Grupo de Exércitos	21.º Grupo de Exércitos
	768	32	Carentam	Carentan
	770	12	12.º Grupo de Exércitos	Grupo de Exércitos "B"
	770	20	7.º Grupo de Exércitos	Grupo de Exércitos "G"

	772	4	artilharia de costa longa	artilharia longa de costa
	773	40	noite de D-1	noite de D-1/D
	775	6	Vieville	Vierville
	776	6	Força Alemã	Força Aérea Alemã
	777	12	abarcavam	Incluíram
	778	2	Oulsterham	Oulstreham
	778	29	posse as saídas	posse das saídas
	780	37	a dar um mínimo de tempo	a reduzir ao mínimo o tempo
	782	5	rede de serviço	rede rádio
	782	40	Algumas	Alguns
	783	9	era impossível	é impossível
	783	10	de nossa ofensiva	da ofensiva
	783	15	"Controle da	"Controle da Concentração"
	783	18	e em o órgão	e era o órgão
	785	14	completamentares	complementares
	785	30	várias armas.	várias Armas.
	786	11	como objectivos:	como escopo:
MAIO	992	14	(160 Km)	(160 m)
	993	7	(16000 m)	(1600 m)
	993	42	entrelaçadas	soldadas
	994	20	desenvolvimento	desenrolar
	995	35	sobrevivorem	sobrevivorem
	997	38	e 7.º C. Ex. mais para	e 7.º C. Ex. Mais para
	998	8	tático	operacional
	998	32	que na 30.º C. Ex.	que na do 30.º C. Ex.
	998	33	Rio Souleore	Rio Souleuvre
	1000	21	Alemães	Alemães
	1000	26	entrei com	instei com
	1002	7	as balsas	os "ferry-boats"
JUNHO	196	19	razoáveis	favoráveis
	200	11	tático	operacional
	200	32	libertadas	liberadas
	201 18 e 19	19	superiores a onze divisões	superiores ao equivalente a onze divisões
JULHO	162	32	(640 K))	(640 Km)
	163	11	sob o porto de	sob o ponto de
	164 17 e 18	18	carres do combate	carros de combate
	164	28	magnificante	magnificamente
	164 31 e 32	32	desembarcar desde o início e rapidamente concentrar os blindados	desembarcar os blindados desde o início e rapidamente concentrá-los
	164	42	a perseguição,	a perseguição,
	167	4	petróleo (35).	petróleo (33).
	168	1	se desloca	se deslocava
	170	11	sua moral	seu moral
	172	2	história	histórica
	172	4	tribudo	tributo
	173 16 e 17	17	recomplemento	recompletamento
	174	7	Acrescentar: GU...	Grande Unidade
	174	16	Acrescentar: PB....	Posições de bateria

AOS COLABORADORES

Mais um apêlo.

Apezar dos esforços e boa vontade de todos no sentido de vencer as dificuldades que se nos deparam para a expedição em dia dos números da Revista, apartadas outras muitas da Administração, o atrazo se vem tornando já sistemático, o que muito preocupa a Redação impossibilitada, por motivos superiores, de removê-las tôdas.

Dentre outros sobreleva o das oficinas de impressão, assoberbadas com o vulto dos assuntos programados.

Mas, não obstante, cabe-nos uma parcela de responsabilidade nessas dificuldades e que está em nós corrigir para atenuá-las.

Os trabalhos a publicar que comportam clichês para serem impressos reclamam o concurso de 2 repartições diferentes : o dos linotipistas e o dos desenhistas para a confecção dos clichês ; daí a necessidade de serem elaborados em condições de permitir que aquelas 2 repartições possam trabalhar simultâneamente para ganhar tempo.

Por isso, pedimos aos nossos brilhantes colaboradores que na elaboração de seus trabalhos observem as seguintes instruções, com o que muito nos facilitarão :

- a) Remeter seus trabalhos datilografados e com as folhas de papel escritas de um só lado.
- b) As figuras, desenhos, esboços ou fotografias ilustrativos do texto, devem ser amarrados a ele e poderem facilmente ser destacadas para permitir o trabalho das 2 oficinas referidas, independentemente uma da outra.
- c) Sempre que possível os desenhos devem ser feitos a nanquin e em papel vegetal o que muito facilitará o serviço de "clicherie". As legendas devem estar referidas ao título e autor do artigo para maior facilidade de identificação pelos paginadores.
- d) O título do trabalho deve ser destacado em letras maiúsculas, seguido do texto e nome do autor. No caso de tradução, deve ser indicado autor e a fonte de onde foi extraído.
- e) Deve ser observada rigorosamente a ortografia oficial.
- f) Rogamos também, que os nossos colaboradores se esforcem para serem mais sintéticos na exposição de seus trabalhos por-

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A "DEFESA NACIONAL" recebeu no período de 20 de Julho a 20 de Agosto de 1947, as seguintes publicações :

- 1 — Revista Orientacion — N.º 17 — Maio a Junho de 1947 — Uruguai.
- 2 — Revista de Infantaria — N.º 201 a 202 — Março a Junho de 1947 — Chile.
- 3 — Revista Aérea N.º 4 — Julho de 1947 — Latino Americana.
- 4 — Revista Fuerzas Armadas Nacionales — N.º 11 e 12 de Maio a Junho de 1947 — Venezuela.
- 5 — Revista Cior — de Abril de 1947 — Uruguai.
- 6 — Revista Militar Del Peru N.º 2 — Fevereiro de 1947 — Peru.
- 7 — Revista Del Suboficial N.º 340 a 341 de Junho e Julho de 1947 — Argentina.
- 8 — Revista Militar Y Naval — N.º 279 — de Maio de 1947 — Uruguai.
- 9 — Revista Brasil Açucareiro N.º 1 — de Junho de 1947 — Rio.
- 10 — Revista Ejercito — N.º 89 a 90 — de Junho a Julho de 1947 — Espanha.

que concorrerão para economizar espaço que poderá ser aproveitado com u'a maior variedade de assuntos.

g) Todos os trabalhos, além do cabeçalho, devem ser assinados e trazer o endereço do autor para facilitar as comunicações que lhes devemos, inclusive telefone se residirem nesta capital.

h) *Rever os originais.* Grande parte dos erros tipográficos vem dos originais.

Com a observância dessas normas a Redação conta poder repartir a tarefa da revisão e elaboração das provas nas oficinas impressoras, com o que ganharemos tempo. Cientes da boa acolhida e atenção do nosso pedido, antecipamos nossos agradecimentos e transmitimos a todos nossa gratidão pelo esforço de cooperação já realizado em bem do prestígio e aperfeiçoamento da nossa querida Revista.

LIVROS NOVOS

1

A. F. E. B. PELO SEU COMANDANTE

Marechal J. B. Mascarenhas de Moraes

Eis um livro ansiosamente esperado por todos quantos, profissionais ou não, se interessavam por um relato da ação desenvolvida pelas nossas forças armadas no formidável prêmio mundial travado em defesa dos direitos e liberdades dos homens e dos povos. Seu eminente autor bem o compreendeu e soube corresponder às expectativas gerais escrevendo um livro em que narra tudo quanto é susceptível de divulgação, em linguagem clara, simples, franca e honesta.

Não é, como ele próprio adverte, um relatório técnico e completo de todas as atividades do Comando e das tropas, documentado e completado com os elementos comprovantes da ação e da direção dos chefes de todos os graus da hierarquia, traduzida nas instruções e ordens expedidas, e mais as partes e relatórios dos comandos subordinados, o que equivale dizer — concepção e execução. Esse relato foi feito, mas, é facilmente compreensível que um documento dessa natureza, no qual devem necessariamente aparecer principalmente as falhas, os erros, as deficiências, as incompreensões, as dificuldades e os atritos que se costumam revelar em todos os exércitos, mórmente nos não preparados e aguerridos, tudo isto só deve interessar como lições da experiência, fonte de ensinamentos e também como advertências, aos altos chefes responsáveis pela segurança militar e civil da nação, aos quais incumbe o dever de assentar as providências necessárias a fim de evitar que tais falhas e insuficiências possam reproduzir-se no futuro.

O Marechal refere, de início, as inumeráveis dificuldades que tanto retardaram a preparação das tropas para o combate, nos seus três aspectos principais: organização, apetrechamento e instrução.

E diz: — “Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada “escola francesa”. De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem, e no quadro da doutrina gaulesa, surgia a tarefa de construir uma Divisão de Infantaria, com a organização norte-americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios americanos.

"Sómente quem nunca se viu a braços com problemas análogos pode ignorar as dificuldades, as incompreensões e choques daí decorrentes.

"A nova organização exigia a criação de órgãos absolutamente novos e a revisão quase revolucionária de princípios, há muito firmados em nosso meio militar.

"O problema consistiu em fazer sair, de um maquinismo montado à francesa, uma Força Expedicionária que funcionasse à americana".

Judiciosas e honestas considerações, facilmente compreensíveis por todos que possuam o bom senso trivial, e conhecidas até pelo "gaúcho" dos pampas, quando adverte no seu conselho: "não é no meio do banhado que se muda de montaria"...

Mas, porque, então, "mudamos de montaria"? Porque os princípios da doutrina francesa, assimilados e adaptados ao nosso caso particular se revelassem inadequados para conquistar a vitória na guerra nova? Evidentemente, não. Em primeiro lugar, porque aí está a prova da ação insuperável dos Exércitos franceses combatendo ao lado dos Exércitos ingleses e americanos, sem se ter metamorfoseado; em segundo, porque a doutrina francesa se funda no raciocínio lógico, no bom senso e no sentimento das realidades. Ora, nem a lógica, nem o bom senso, nem a faculdade de "ver", têm pátria; são patrimônio intelectual de todos os povos, em todos os tempos e lugares.

Se tivéssemos, no momento em que íamos entrar na guerra, duas ou três Divisões integralmente preparadas para combater e alimentar o combate, elas não teriam necessidade de metamorfoses, porque estariam aptas a receber e executar as missões que lhes fossem impostas pelo comando superior, com sua doutrina, sua organização, sua instrução, seu armamento, sua munição, seus serviços e reaprovisionamento de toda a espécie, enfim, como um instrumento de combate perfeito que deveriam ser.

Este é, sem dúvida, o ensinamento máximo a tirar do livro do Comandante da F. E. B., o qual, por isso mesmo, lhe deu o maior destaque, gravando-o nas primeiras páginas de seu livro.

Para essa advertência, portanto, toda a atenção e meditação dos responsáveis pela segurança nacional. Para todos os que exercem uma função de mando, nos estados-maiores ou na tropa, inúmeros e não menos relevantes são outras lições da experiência de que são fartos todos os capítulos do livro, as quais, um profissional pode ler em suas linhas, e, notadamente, *em suas entre-linhas*.

Em suma, "A F. E. B. pelo seu Comandante", é um desses livros que devem ser lidos e meditados por todos quantos tenham uma parcela de responsabilidade na preparação da nação para a guerra,

sejam eles militares, homens de governo ou simplesmente civis de função social definida.

O Instituto Progresso Editorial, S. A., de S. Paulo, apresentou o livro numa esmerada edição, digna dos aplausos e dos louvores que aqui lhe endereçamos sem favor.

II

A INSTRUÇÃO MILITAR MODERNA, Pelo Ten. Cel. M. Poppe de Figueiredo.

A DEFESA NACIONAL tem, repetidamente, solicitado a atenção das autoridades competentes para uma falha inexplicável do plano de ensino das nossas escolas de formação de oficiais que, presentemente, e mais do que nunca, se evidencia e exige uma correção : — é a ausência, nos respectivos programas, das indispensáveis noções fundamentais e práticas de psicologia e pedagogia.

A variedade e a complexidade crescentes da instrução militar moderna a par do escasso tempo de permanência do soldado nas fileiras, exigem do instrutor o aproveitamento máximo desse tempo como fator essencial do maior rendimento do ensino que lhe compete incutir no subconsciente de seus instruendos. Ora, sem os conhecimentos que o habilitem a perceber as características fisiológicas e psicológicas dos homens das mais variadas procedências que tem de educar e instruir, e sem a base indispensável constituída pela pedagogia e pela didática práticas, como poderá ele escolher e empregar os meios e os processos mais adequados às diferentes classes de indivíduos, capazes de dar à sua obra educativa e instrutiva o máximo rendimento exigido pelas circunstâncias especiais em que deve ser ministrada a instrução militar ?

E quanto lhe serão úteis e indispensáveis os conhecimentos de psicologia quando tiver, não mais de instruir, mas de conduzir os homens ao combate ?

O livro do Ten. Cel. Poppe de Figueiredo veio, em parte, e no que se refere à instrução, corrigir essa anomalia. É um livro que precisa ser lido, relido e assimilado por todos quantos exerçam a nobilitante e árdua tarefa de instruir os homens. São, portanto, justos e merecidos os francos louvores que aqui consignamos à sua providente e proveitosa iniciativa.

É pena, entretanto, que o custo relativamente alto do livro não lhe permita a ampla divulgação que merece e precisava ter entre oficiais, sargentos e alunos das escolas de formação.

Ao I. P. E., Instituto Progresso Editorial, S. A., de São Paulo, endereçamos também nossos aplausos pela esmerada apresentação gráfica de "A Instrução Militar Moderna", o que constitui, sem dúvida, um atrativo decisivo à leitura de um bom livro.

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

Atos oficiais do Ministério da Guerra, publicados no "Diário Oficial", no período de 20 de Junho a 20 de Julho de 1947

CREAÇÃO DE MAIS UM POSTO DE IDENTIFICAÇÃO.

1.º É criado o Posto de Identificação n.º 24, anexo ao 4.º Batalhão de Engenharia, em Itajubá, com o efetivo de um 3.º Sargento identificador.

2.º O referido Posto terá a seu cargo a identificação do pessoal do Batalhão supra mencionado, da Fábrica de Itajubá, da Rede Elétrica Piquete Itajubá e da Comissão de Melhoramentos da mesma Rede.

Aviso n.º 894 de 18 — D.O. de 20-8-47.

EFETIVO DE BANDA MÚSICA

Fica o efetivo da Banda de Música do 6.º Regimento de Infantaria elevado ao da Categoria B, alterando-se assim o disposto no Aviso n.º 1.540, de 14-12-1946 que classifica as Bandas de Música do Exército.

Aviso n.º 895 de 18 — D.O. de 20-8-47.

FORNECIMENTO DE PEÇAS DE UNIFORMES

Ficam os Comandantes de unidades autorizados a mandar fornecer aos oficiais, subtenentes e sargentos, as peças de uniforme de que necessitarem, retirando-as dos 10% que forem recebidos além das quantidades destinadas ao provimento dos seus efetivos.

A indenização de tais fornecimentos será feita integralmente, no primeiro pagamento, calculados os preços pela última Portaria de Fornecimento recebida pela unidade devendo as importâncias arrecadadas ser enviadas imediatamente ao estabelecimento provedor, que as escriturará no título "Reposição, de Estoque". Da guia de remessa deverá constar o n.º e a data do Boletim interno em que houver sido publicada a ordem de fornecimento.

Aviso n.º 877 de 12 — D.O. 14-8-47

SERVIÇOS REGIONAIS DE ENGENHARIA — (Aprovação)

O Diário Oficial N.º 181 de 7-8-47 (página N.º 10.603 publicou o aviso N.º 184.

Aprovando o quadro efetivo de Oficiais dos Serviços Regionais de Engenharia

O EFETIVO DO CONTINGENTE DA FÁBRICA DE REALENGO

Aviso — De conformidade com o parecer do Estado-Maior do Exército fica o efetivo do Contingente da Fábrica de Realengo reduzido de um cabo de fileira e aumentado de um cabo de saúde, alterando-se assim o quadro de efetivo denominado B-12-5, aprovado pela Portaria n.º 9.504, de 22-7-1946.

Aviso — N.º 844 de 5 — D.O. de 7-Agosto 1947

SERVIÇO DE OBRAS E FORTIFICAÇÃO DO EXÉRCITO (Aprovação)

O Diário Oficial n.º 187 de 14-8-1947 — (página n.º 10959) publica o aviso n.º 881, Aprovando o Regulamento do Serviço de Obras e Fortificações do Exército.

UNIFORMES — (Apresentação)

A Secretaria Geral deste Ministério, pelo Aviso n.º 2.911, de 23 de outubro de 1945, foi cometida a fixação dos uniformes com que devem se apresentar os oficiais do Exército às solenidades, reuniões, atos públicos ou particulares, de caráter civil ou militar, quando convidados pessoalmente ou designados representantes de autoridade, Corpos de Tropas, Estabelecimentos ou Repartições.

Para o fiel cumprimento do previsto acima, devem os interessados indagar previamente daquela Secretaria o uniforme marcado para os atos previstos, quando não for ele estabelecido no convite ou não for fixado publicamente, conforme está determinado.

Aviso N.º 871 de 11 — D.O. de 18-8-47

SOLUÇÃO DE CONSULTA

1.º Consulta o Comandante do 3.º Batalhão de Carros de Combate do N.º Divisão Blindada como proceder com relação a uma praça mobilizável, com o seu tempo de serviço terminado, que se acha presa preventivamente, por ordem do Juiz do Tribunal do Juri, com a solicitação de que a prisão seja cumprida no xadrez da Unidade.

2.º Em solução, declaro que, nos termos do art. 54, § 1.º, letras a e b, do Estatuto dos Militares (Decreto-lei n.º 9.638, de 2 de setembro de 1946), não podem ser transferidos para a reserva nem licenciados, embora satisfaçam todas as exigências legais, os militares sujeitos à inquérito militar ou comum e os submetidos a processo no foro militar ou civil, bem como os que estiverem no cumprimento de pena de qualquer natureza.

Aviso N.º 827 de 30 D.O. 1-8-1947

A SITUAÇÃO MILITAR DO CIDADÃO MATRICULADO NO C.P.O.R.

Havendo dúvida quanto à situação militar do cidadão matriculado em C.P.O.R. ou N.P.O.R., para fins do disposto no art. 140 da Lei do Serviço Militar (Decreto-lei n.º 9.500, de 23 de julho de 1946) e tendo em vista o que preceitua o § 3.º do art. 181 da Constituição da República, declaro que constitui prova de ter-se alistado para o serviço militar o certificado de matrícula anual for-

necidos pelos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva ou Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva.

Aviso N.º 328 de 20 — D.O. 1-8-1947

6 MINISTRO DA GUERRA RESOLVE

Aprova as seguintes insígnias da Escola de Moto-Mecanização, cujos modelos a esta acompanham:

De comando de Cia. de Comando e Serviço.

De Comando de Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado;

De comando de Cia. de Carros de Combate.

Avisos das Portarias

O Diário Oficial de 1-8-1947, n.º 176 — (página 10342,) publica o aviso n.º 314.

Aprovando o quadro efetivos de Oficiais dos Serviços Regionais de Engenharia.

LEI DO SERVIÇO MILITAR

Tendo em vista que o art. 74, § 2.º, da Lei do Serviço Militar determina sejam matriculados nos Tiros de Guerra os cidadãos residentes nas zonas urbanas e suburbanas dos municípios que lhes servem de sede e convindo definir, para os fins do serviço militar, o que seja zona suburbana, em virtude da exigência de frequência à instrução nos Tiros de Guerra, declaro:

a) compete aos Comandantes de Regiões Militares definir a área municipal que compreende a zona urbana e suburbana, para os fins de matrícula nos Tiros de Guerra;

b) essa área deverá ser referenciada à sede do Tiro de Guerra, levando-se em conta:

1 — a distância e meio de transporte normal;

2 — as exigências de frequência e horário às instruções.

Aviso N.º 785 de 21 — D.O. 23-7-1947

De conformidade com o parecer da Diretoria de Saúde do Exército, é concedida à Junta Militar de Saúde da Escola de Educação Física do Exército atribuições para inspecionar o seu pessoal (oficiais e praças) quando por força dos regulamentos, tenha de ser submetido à essa exigência.

Aviso N.º 804 de 24 — D.O. 26-7-1947

SOLUÇÃO DE CONSULTA:

1.º O Diretor de Recrutamento, em ofício número 632-D/3-S/2, de 7 de maio do corrente ano, consulta se aos oficiais da Reserva, Diretores de Tiros de Guerra, é permitido o uso de uniformes, quando no desempenho de suas funções.

2.º Em solução, declaro que é facultado aos oficiais da Reserva, quando no desempenho das funções de Diretor de Tiro de Guerra o uso de seus uniformes, com distintivos correspondentes à sua situação militar.

Aviso N.º 802 de 24 — D.O. 26-7-1947

EFETIVOS DE OFICIAIS DA POLICLÍNICA MILITAR

Fica o quadro de efetivo em oficiais da Policlínica Militar (quadro 2 aprovado pelo aviso n.º 964 de 7-3-44) aumentado de um 1.º ou 2.º tenente, de qualquer arma, do Quadro Auxiliar de Oficiais, para o desempenho das funções de Ajudante Secretário e Comandante do Contingente do referido Estabelecimento.

Aviso N.º 803 de 24 — D.O. 26-7-1947

CIRCUNSCRIÇÕES DE RECRUTAMENTO — (Alterações).

Não constando nos certificados de reservista de modelo provisório mandado adotar pelo Aviso n.º 135, de 30 de janeiro do corrente ano, alterações de comportamento, determino:

a) nas certidões passadas pelos Chefes de Circunscrições de Recrutamento para fazer prova de quitação com o Serviço Militar em substituição a certificados e cadernetas extraviados ou inutilizados, não devem constar alterações de comportamento;

b) ficam os Chefes de Circunscrições de Recrutamento autorizados, mediante requerimento dos interessados, a substituir certidões antigas, por outras, de acordo com a letra anterior do presente aviso.

Aviso N.º 924 de 2 — D.O. 4-9-47

O Diário Oficial n.º 292 de 2 de 9-47, (página N.º 1172) publica o aviso N.º 791, de 21-7-47 do Ministro da Guerra.

Sobre as Instruções para matrícula de praças do Exército na Escola Técnica de Aviação de São Paulo.

AUTORIZAÇÃO PARA O USO DAS CALÇAS DE BRIM V.O. NAS UNIDADES.

Atendendo ao que propõe a Subdiretoria de Material de Intendência fica autorizado o uso da calça de brim v.o. escuro, exclusivamente na instrução da tropa, até o esgotamento dos estoques e de brim destinado à sua confecção, observando-se o seguinte:

a) a confecção obedecerá ao modelo da calça de instrução.

b) a distribuição será feita de maneira a manter rigorosa uniformidade dentro de cada unidade ou, pelo menos, dentro de cada sub-unidade.

Aviso N.º 934 de 3 — D.O. 5-9-47.

INSTITUIÇÃO PARA OS PRAÇAS DAS UNIDADES DE SAÚDE INTENDÊNCIA.

De acordo com o parecer do Estado Maior do Exército, sobre a necessidade de ser a instrução de todas as praças de fileiras pertencentes às unidades de Saúde e Intendência, ministrada pelos seus próprios oficiais, fica revogado o Aviso n.º 1.259, de 11 de outubro de 1946, publicado no Boletim do Exército número 41, de 12 do mesmo mês e ano.

Aviso N.º 935 de 3 — D.O. 5-9-47.

COMISSÃO DE PROMOÇÕES.

A fim de cumprir o que estabelece o final da letra "C" do art. 72 do Decreto-lei n.º 5526 28 de junho de 1943, recomendando o encaminhamento de documentos à Comissão de Promoções só poderá ser feito por meu intermédio.

Aviso N.º 936 — de 3 — D.O. 5-9-47.

FICOU APROVADA A NOSSA DIVISÃO TERRITORIAL DAS 4.ª, 5.ª, 7.ª e 14.ª C.R.

1 — De acordo com a letra b, do art. 13 do Decreto-lei n.º 9.500, de 28 de julho de 1946, Lei do Serviço Militar — aprovo caráter provisório, a nova divisão territorial das 4.ª, 5.ª, 7.ª e 14.ª Circunscrições de Recrutamento para efeito de jurisdição das Delegacias de Recrutamento e Juntas de alistamento Militar da 2.ª Região Militar, constante dos quadros anexos. No D.O. de 1-9-47.

Aviso N.º 752 de 17-7 — D.O. 1-9-47.

O Diário Oficial n.º 209 de 10-9-47 (página n.º 12961) publica o aviso N.º 943, de 5-9-47.

DO MINIST. DA GUERRA

Sobre as execuções das ndmp exigidos pelo Regulamento Geral de Contabilidade Pública.

PLANO GERAL DE CONVOCAÇÃO

Aviso n.º 951 — Em 8-9-1947. Considerando a necessidade de amparo e cooperação com o serviço público de forma a não prejudicar a eficiência do recebimento e distribuição de correspondência pelo Departamento dos Correios e Telégrafos e tendo em vista o n.º 9 do Plano Geral de Convocação baixado pela Portaria número 158, de 16 de Julho do corrente ano, encareço aos Exmos. Srs. Generais Comandantes de Regiões Militares, a conveniência de serem incluídos no excesso de contingente anual a incorporar, os funcionários efetivos ou não dos Correios e Telégrafos que exerçam suas atividades como estafetas e que provarem essa condição mediante documento das Diretoria Regionais do mencionado Departamento quando convocados.

Aviso N.º 951 de 5 — D.O. 10-9-47.

AUTERAÇÕES NAS OFICINAS REGIONAIS DE MATERIAL BÉLICO

As Oficinas Regionais de Material Bélico em vista da nova estruturação do Exército, deixaram de funcionar de acordo com as primitivas atribuições, para preencherem as que estão previstas na Regulamento do Serviço de Material Bélico aprovado pelo Decreto n.º 22.574, de 7 de abril de 1947. (letra a, do n.º 2 do art. 46 e art. 51).

Tendo em vista o que está disposto naquele Regulamento, as Oficinas em questão passam a denominar-se Parque Regionais de Material Bélico.

Aviso N.º 901 de 22 — D.O. 25-8-47.

EXCLUSÃO E DESLIGAMENTO DE OFICIAES

Considerando que os dispositivo legais relativos à exclusão e desligamento dos oficiais movimentados não estão sendo aplicados com a devida uniformidade, recomendo aos Comandantes, Chefes e Diretores a rigorosa e fiel observância do disposto no artigo 19 e seus parágrafos da Lei de Movimento de Quadros (Decreto-lei 7.039, de 10 de novembro de 1944 e no Aviso n.º 310, de 6 de fevereiro de 1945).

Aviso N.º 902 de 27 — D.O. 29-8-47

O NÚMERO DE OFICIAES DO QUADRO AUXILIAR EM CADA CORPO DE TROPAS

O número de tenentes do Quadro Auxiliar de Oficiais em cada corpo de tropa, não deverá ultrapassar o limite de 46% do número de oficiais subalternos previstos nos respectivos quadros efetivos calculado esse número de acordo com as percentagens estabelecidas, pelo Aviso n.º 1.466 de 27 de novembro de 1946.

Aviso N.º 916 de 28 D.O. 30-8-47

FOI CRIADA A COMISSÃO DE PREÇOS DE MATERIAL BÉLICO. (C.P.M.)

1. É criada na Diretoria de Material Bélico, a Comissão de Preços de Material Bélico (C.P.M.B.) com a finalidade de fixar e manter atualizados os preços dos diferentes artigos distribuídos por aquele órgão, na forma sugerida pela mesma Diretoria, em Ofício n.º 32, de 28 de abril último.

2) Os resultados dos trabalhos da aludida Comissão serão, periodicamente, sujeitos à aprovação do Chefe do D.G. A. e, logo, publicados em Boletim do Exército.

3) Integrará a Comissão de Preços, como representante do D.T.P.E., um oficial T.A. engenheiro de armamento.

Aviso N.º 963 de 12 — D.O. 15-9 47.

SECRETÁRIO JUNTO O ALISTAMENTO MILITAR

Considerando que os encargos atribuídos aos oficiais de registro civil acham-se acrescido pela lei Eleitoral, tendo em vista que as funções de Secretário da Junta de Alistamento Militar podem ser exercidas, de acordo com o Decreto número 15.934 de 22 de janeiro de 1923, por pessoa idônea quando não puderem ser por aqueles serventuários, encareço aos Comandantes de Regiões Militares e Chefes de Circunscrições de Recrutamento, a conveniência de darem preferência a nomeação para aqueles cargos a funcionários das Prefeituras, indicados pelos respectivos Prefeitos.

Aviso N.º 967 de 12 — D.O. 15-9-47

DEPARTAMENTO GERAL DE ADMINISTRAÇÃO (Alterações)

As atribuições previstas no art. 144 do R. 3. da competência do Ministro da Guerra, ficam delegadas às autoridades abaixo, na seguinte conformidade:

a) vendas — quaisquer que sejam os artigos — e trocas por outro material com entidades estranhas ao Ministério da Guerra — ao Chefe do Departamento Geral de Administração;

b) transferências ou trocas de material entre unidades, diversas:

1 — Subordinadas aos Comandos de Grandes Unidades, Regiões, Chefias do Estado Maior do Exército, Departamento Técnico e da Produção, Diretorias e Secretaria Geral do Ministério da Guerra, aos respectivos Comandantes, Diretores ou Chefes;

2 — Chefiadas ou dirigidas pelas autoridades acima e as subordinadas às mesmas, passando, porém, o material da responsabilidade de um para outro setor — ao Chefe do Departamento Geral de Administração.

Aviso 968 de 27 — D.O. 29-8-47

SERVIÇO MILITAR (Convocação)

Em aditamento ao Aviso n.º 128, de 29 de janeiro de 1946 declaro:

a) que aos militares que foram convocados durante o período de 7 de março de 1943 a 2 de julho de 1945 vigência do decreto-lei n.º 5.208, de 20 de janeiro de 1943, se deverá averbar na respectiva Fê de Offício ou assentamentos o novo tempo de serviço prestado;

b) quando o cômputo de tempo de serviço da inatividade anterior somado ao de convocação ultrapassar 25 anos, deve-se atribuir às praças os postos ou graduações previstos pelo Decreto-lei número 3.940, de 18 de Dezembro de 1941, consistindo as vantagens nas que já percebiam na inatividade acrescidas de novas, sendo estas calculadas sobre o tempo de convocação no novo posto ou graduação, e na conformidade da tabela em vigor na data do licenciamento, até o limite máximo permitido por Lei.

(*) Reproduzido por ter sido publicado com incorreções no D.O. de 15-IV-1947.

Aviso N.º 375 de 12-4-47. — D.O. 30-8-47

REPRESENTANTES

ESTABELECIMENTOS, REPARTIÇÕES MILITARES E QUARTEIS
GERAIS

Gab. Mil. da Presid. da República

Gab. Min. Guerra

S.G.M.G.

E.M.E.

D.Trans.

D.E.Ex.

D.M.M.

D.A.

D.G.A.

D.R.

D.I.E.

D. Saúde

Q.G. da 1.ª R.M.

Q.G. da 2.ª R.M.

Q.G. da 3.ª R.M.

Q.G. da 4.ª R.M.

Q.G. da 5.ª R.M.

Q.G. da 6.ª R.M.

Q.G. da 7.ª R.M.

Q.G. da 8.ª R.M.

Q.G. da 9.ª R.M.

Q.G. da 10.ª R.M.

Q.G. da 2.ª Bda. Mx.

Q.G. da 1.ª D.I.

Q.G. da 2.ª D.I.

Q.G. da 3.ª D.I.

Q.G. da 4.ª D.I.

C.A.E.R.

E.E.M.

E.A.O.

C.I.E.

E.M. de Rezende

E. Te. E.

E.E.F.E.

E. Trans.

E.P. de S. Paulo

E.P.P.A.

E.P. de Fortaleza

E.M.M.

C.I.D.A.Aé.

C.M. do Rio de Janeiro

C.P.O.R. do R.J.

C.O.R.

C.P.O.R. de S. Paulo

C.P.O.R. de Porto Alegre

C.P.O.R. de B. Horizonte

C.P.O.R. de Curitiba

C.P.O.R. de Salvador

Cap. Fernando Menescal Villar

Ten. Cel. Pedro da Costa Leite

Ten. Ullases Oliveira Santos

Cap. Ovidio Abrantes

.....

.....

Maj. Cyro Perdigão de Souza Silveira

Ten. Diomedes Osório Latari

Cap. Fernando Lowande

Ten. Mario Vergueiro Silveira

Cap. Saulo T. Pereira de Melo

Cap. Benjamim C. Corrêa

Maj. Manoel Stoll Nogueira

Maj. Casal Martins Brum

.....

Ten. João Celestino da Cruz

Cap. Alípio Ayres de Carvalho

Cap. Agenor Sales

.....

Cap. Manoel Inácio de Souza Junior

Ten. Marcolino Rangel Borges

Maj. Pedro Paulo de Moura

Ten. Dorival Menezes

.....

Cap. Dátaro Di Lorenzi Maciel

Maj. José Livio Leste

.....

Maj. Eduardo Domingues de Oliveira

Ten. Evaldo Leal Leonil

Maj. José Soledade Neves

Ten. José de Sá Martins

Cap. Newton Muller Rangel

.....

Ten. Gustavo Nilo Bandeira de Melo

Maj. Lauro de Menezes

Ten. Leonidas de Carvalho Lopes

Cap. Helder Setubal Pessoa

Cap. Paulo Prado Pereira

.....

Cap. Antonio da Fonseca Sobrinho

Ten. Jackson Pitombo Cavalcante

Cap. Haroldo Paulo Ebeckem

Cap. Flavio Dias de Castro

.....

Cap. Nelson C. Ponce de Azevedo

Ten. Gilberto Lopes Barbosa

A DEFESA NACIONAL

C.P.O.R. de Recife
 C.P.O.R. de Belem
 C.P.O.R. de C. Grande
 C.P.O.R. de Fortaleza
 N.F.T. de Paraquedista
 E. Saúde
 C.E.Eq.
 E.E.M.Aé.
 E.S.A.
 E.A.C.
 G.U.E.

.....
 Ten. Florival de Carvalho Sodre
 Cap. Moura Neto
 Ten. Antonio Vicente de Oliveira
 Ten. Retumba

 Cap. Mario Oswaldo de Magalhães
 Cel. Godofredo Vidal
 Ten. Ivan de Souza Mendes

 Ten. Aldolino Rodrigues

INFANTARIA

Btl. Gda.
 Reg. Esc. Inf.
 1.º R.I.
 2.º R.I.
 3.º R.I.
 4.º R.I.
 5.º R.I.
 6.º R.I.
 II/6.º R.I.
 7.º R.I.
 III/7.º R.I.
 8.º R.I.
 III/8.º R.I.
 9.º R.I.
 10.º R.I.
 11.º R.I.
 12.º R.I.
 13.º R.I.
 III/13.º R.I.
 14.º R.I.
 15.º R.I.
 16.º R.I.
 18.º R.I.
 20.º R.I.
 1.º B.C.
 2.º B.C.
 3.º B.C.
 4.º B.C.
 5.º B.C.
 6.º B.C.
 7.º B.C.
 8.º B.C.
 9.º B.C.
 10.º B.C.
 13.º B.C.
 14.º B.C.
 15.º B.C.
 16.º B.C.
 17.º B.C.
 18.º B.C.
 19.º B.C.
 20.º B.C.

Ten. Ismael da Rocha Teixeira
 Ten. Vitorino Carneiro Monteiro
 Ten. Raymundo Cavalcante da Silva
 Ten. Johnson de Andrade
 Ten. João Brito Jorge
 Ten. Henrique A. Telles
 Cap. Pedro José da Silva Neto
 Ten. Sinesio Rafael de Araujo
 Ten. Hermogenes A. Encarnação
 Cap. Geraldo S. Pereira Bezerra
 Ten. Paulo B. Medeiros
 Cap. Kival Saldanha da Cunha
 Ten. Luiz de Souza Vignolo
 Ten. Mario Costa Pereira
 Ten. Edgard Luiz Guedes
 Ten. Oswaldo Lopes
 Ten. Josmar Silva
 Cap. Osmario S. Niemeyer
 Ten. Antonio Leal do Vale
 Cap. José Monteiro Pinheiro

 Ten. Zofiel Gouvêa de Mattos

 Ten. Martiniano C. Parolin
 Cap. Thiago C. Beyllaqua

 Ten. José Pereira dos Santos
 Ten. Francisco Calle Junior
 Ten. José Pinto de Siqueira
 Ten. José Moraes de Oliveira
 Ten. Francisco de França Guimarães
 Ten. José Lopes Teixeira
 Ten. Luiz O. Diniz Campos

 Ten. Waldyr de Paula
 Ten. Henrique Klappoth Junior

 Ten. Joathan Silva Jardim
 Cap. Olavo Loureiro de Oliveira

 Ten. Luiz Arthur de Carvalho
 Ten. Sostenes Almeida Montenegro

A DEFESA NACIONAL

21.º B.C.

23.º B.C.

24.º B.C.

25.º B.C.

26.º B.C.

27.º B.C.

28.º B.C.

32.º B.C.

33.º B.C.

37.º B.C.

40.º B.C.

1.º B.I.B.

2.º B.I.B.

1.º B.C.C.L.

2.º B.C.C.L.

3.º B.C.C.L.

1.º Cia. de Gda.

2.º Cia. de Gda.

Cia. de Gda do M.G.

Cia. de Gda. Azilo I. da Pátria.

Cia. de Gda de F. Noronha

1.º Btl. Front.

2.º Btl. Front.

2.º Cia. I. Front.

Q.G. da 1.ª D.C.

Q.G. da 2.ª D.C.

Q.G. da 3.ª D.C.

R.E.C. (Reg. A. Neves)

R.C.G.

1.º R.C.

2.º R.C.

3.º R.C.

4.º R.C.

5.º R.C.

6.º R.C.

7.º R.C.

8.º R.C.

9.º R.C.

10.º R.C.

11.º R.C.

12.º R.C.

13.º R.C.

14.º R.C.

15.º R.C.

17.º R.C.

18.º R.C.

20.º R.C.

II/20.º R.C.

1.º R.C. Mec.

2.º R.C. Mec.

3.º R.C. Mec.

1.º R.C. Mot.

Ten. Américo Vespúcio dos Santos

Ten. José Ednizar de Almeida

Cap. Arthur Teixeira de Carvalho

Ten. Cecil Waj B. de Carvalho

Ten. Pedro E. Bastos

Cap. José Euripedes F. Gomes

Cap. Lindomar de Freitas Dutra

.....

.....

Ten. Joaquim Carvalho

Ten. José Francisco do A. Botelho

Ten. Jorge S. de Seixas

.....

Cap. Alcides C. Castro e Silva

Ten. George Tenorio de Noronha

Maj. Felicissimo de Azevedo Aveline

Ten. Marcilio Siqueira

Ten. Mario Melo Costa

Ten. Nilton Ferreira de Freitas

Ten. René Chamusca

Ten. Antonio Ferrari

.....

Ten. Hélio Vilanova Torres

Ten. Arlindo Maciel M Barreto

CAVALARIA

.....

.....

Ten. Avatar Fontout Rangel

Ten. Diogo de Oliveira Figueiredo

Ten. Teófilo Lopes de Siqueira

Ten. Daleth Mello

Ten. Anaurelino Cunha D'Avila

Ten. Antonio E. de Oliveira

.....

.....

Ten. Luiz Pires Jurubhy Neto

Cap. Mareu Euro de Abreu Ferreira

.....

.....

Ten. Arthur Guimarães Prado

Ten. Ivan Cav

Cap. Alfredo da Cunha Garcia

Ten. Virisio Pires Bacellar

Ten. Hermo Gomes da Silva

.....

.....

Ten. Decio Castro Chagas Telles

Ten. Caetano Pinto Rocha

Ten. Haíton N. Viana

.....

.....

Ten. Jo Wilson Vaz

Cap. Jo Lemos de Avelar

A DEFESA NACIONAL

2.º R.C.Mot.
3.º R.C.Mot
1.º B.C.C.
2.º B.C.C.
3.º B.C.C.
Gr. Rec. Rec.

Ten. Dr. Arno Schiffschitte
Ten. Elvidio Pinto de Moraes
Cap. Luiz Soares dos Santos Neto
.....
.....

ARTILHARIA

R.E.A.

1.º G.O.155
2.º G.O.155
1.º R.O.105
III/1.º R.O.105
2.º R.O.105
I/2.º R.O.105
I/3.º R.O.105
I/4.º R.O.105
I/7.º R.O.105
1.º G.O.75
3.º G.O.75
6.º G.O.75
3.º R.A.M.75
5.º R.A.M.75
6.º R.A.M.75
8.º R.A.M.75
3.º R.A.Cav.75
1.º G.A.Cav.75
5.º G.A.C. (Fort. de Itaipá)
Fort. Coimbra
Fort. dos Andradas
Fort. Duque de Caxias
1.º G.A.C.M.
2.º G.A.C.M.
3.º G.A.C.M.
4.º G.A.C.M.
5.º G.A.C.M.
6.º G.A.C.M.
7.º G.A.C.M.
8.º G.A.C.M.
12.º G.A.C.M.
1.º G.A.C.Ferroviário
I/1.º R.A.A.Aé.
I/2.º R.A.A.Aé.
I/3.º R.A.A.Aé.

.....
Ten. Lúcio Alvito
Ten. Gustavo Stock Filho
.....
Cap. Hermes Guimarães
Ten. Noredin Braga
Ten. Carlos Gomes
Ten. Adalberto Gomes Macedo
.....
Ten. Geraldo Rego Campelo
Ten. Decio Barbosa Machado
Ten. Nero França Ribeiro
Ten. Gercy Teles de Menezes
Ten. Paulo Afonso F. Viana
Ten. Heli Amaral
Ten. Carlos Alberto Gama Miranda
.....
Ten. José Moraes Corrêa Neto
.....
Maj. Americo Ferreira da Silva
Ten. Walter S. de Azevedo
Ten. Miguel Moreira Pedreira
Ten. Luiz de Alencar Araripê
Ten. José de Sá Ferreira
Ten. Ruy Aires Lobo
Ten. C. Pereira de Almeida
Ten. José Thomaz de Barros
.....
.....
Ten. Dario Othon
Ten. Waldir Amorim
Ten. Confúcio Pamplona
.....
Cap. Ismar Gonzaga Roland
.....
Ten. José Francisco de Oliveira

ENGENHARIA

B.E.Eng.º
1.º B.E. (Btl. V. Cabrita)
2.º B.E.
3.º B.E.
4.º B.E.
7.º B.E.
2.º B.F.V.
2.º Cla.Trans.

Ten. Luiz de Almeida Barreto
Ten. Lourival Ribeiro do Rosário
.....
Ten. C. Celso de Araujo
Ten. Herbert José Consenza
Cap. Veridiano Porto
Maj. Ari Saldanha da Costa
Ten. Murilo C. Andrade Fraenkel

A DEFESA NACIONAL

3.º Cia. Trans.
5.º Cia. Trans.
9.º Cia. Trans.

Ten. Heitor Miranda Calmon
Ten. José Geraldo Barroso
Ten. Tesla de Medeiros

FORÇAS POLICIAIS

Polícia Militar do D.F.
Força Pol. do Amazonas
Forças Pol. do Pará
Força Pol. do Maranhão
Força Pol. do Piauí
Força Pol. do Ceará
Força Pol. do R.G. do Norte
Força Pol. da Paraíba
Força Pol. de Pernambuco
Força Pol. de Alagoas
Força Pol. de Sergipe
Força Pol. da Bahia
Força Pol. do Esp. Santo
Força Pol. do Est. do Rio de Janeiro
Força Pol. do Paraná
Força Pol. de Santa Catarina
Força Pol. de Minas
Forças Pol. de Goiás
Força Pol. de Mato Grosso
Força Pub. de S. Paulo
Bda. Militar do Rio Grande do Sul

Ten. Armando Dezemone
Cap. Antonio A. Pará Bittencourt
Ten. Durval Nogueira de Souza Filho
Cel. Carlos Moscoso
Ten. Santiago Vasques Filho
Ten. Geraldo Faria de Paiva
.....
Cap. José Jardim de Sá
.....
.....
Ten. Antenor O. Plotheger
.....
.....
Ten. Antonio da Costa Dias Filho
.....
.....
Cel. Cristovão de Oliveira e Silva
Ten. Salvador Telxeira Sofia

OSORIO

Coronel J. B. Magalhães

AGIR EDITORA

A MAIS COMPLETA OBRA SOBRE A PERSONALIDADE
E A AÇÃO DO CHEFE LENDARIO

Algumas opiniões :

Jornal do Comércio : — "livro com que o Cel. J. B. Magalhães enriquece, de maneira benemerita e não vulgar, a nossa história contemporânea".

Gondim da Fonseca : — "Uma obra imorredoura, definitiva que permanecerá na historiografia brasileira".

João Luso : — "Induz-nos, ao geral dos leitores, a recordar ainda com mais veneração aquela figura portentosa".

Jornal do Brasil : — "Para o povo brasileiro, o livro do Cel. J. B. Magalhães foi um serviço de patriotismo, contribuindo para sublimar o culto que já tem a memória do General Osório".

Umberto Peregrino : — "De tudo isso (o que o livro contém) ressaltam novos riquíssimos ângulos da personalidade de Osório, essa culminante figura, grande e valorosa, em todos os planos nos quais se projetou : como soldado, como político, como homem".

A Noite : — "Ha livros que valem pela afirmação da cultura de um povo. Está neste caso o volume que o cel. J. B. Magalhães acaba de publicar sobre a personalidade marcante de Manoel Luiz Osório".

Roberto Seidl : — "A vida do General Osório narrada pelo Cel. J. B. Magalhães deve estar nas mãos da nossa juventude, principalmente daquela que está aprendendo a amar e a servir o Brasil em nossas escolas militares, como modelo a imitar, como exemplo a seguir".

Eloy Pontes : — "Biografia excelente, que constitui capítulo magnífico de história e há de se impor a quantos tenham de reconstituir um dia os quadros completos da formação nacional".

Folha de Minas : — É um dos grandes livros de nossa bibliografia militar, o do Cel. J. B. Magalhães".

A Capital (S. Paulo) : — "Assim como a Bíblia nos Estados Unidos, pensamos que a Biografia do Marechal Osório pelo Coronel Magalhães deve ser a Bíblia da nossa nacionalidade e o A B C da formação do cidadão".

General Teodoro Barbosa : — "Será um livro indispensável à biblioteca de todo homem de cultura".

"É tarefa difícil pretender dar à figura de Osório proporções maiores às que já alcançou no conceito popular e da História.

Contudo, quem lê o Osório do Coronel Magalhães, ha de sentir que acrescentou alguma coisa de substancial e proveitoso, aos conhecimentos porventura havidos a respeito do grande vulto nacional, principalmente encarando o lado moral do cidadão, muitas vezes ofuscado pelas glórias do guerreiro".

A venda em "A DEFESA NACIONAL" Ministério da Guerra
— 4.º andar — Rua Marcellio Dias.

Pedidos à gerência por vale ou reembolso postal —

Preço Cr\$ 100,00

Colaboram neste número:

Gen. Teodureto Barbosa
Ten.-Cel. J. B. Mattos
Ten.-Cel. A. Sena Campos
Maj. Codeceira Lopes
Cap. Freitas Lima Serpa
1.º Ten. Rubens Nessel
Maj. Heitor Lyra
Cap. Cesar Neves
Cap. Arnaldo Calderari
Cap. Dr. Astor de Carvalho
Gen. J. Carlos Barreto
Ten. Luiz Almeida Barreto
Maj. Omar Emir Chaves



Cr\$ 8,00